



MARIA MARGARIDA TEIXEIRA BARRADAS CALADO

ARTE E SOCIEDADE NA ÉPOCA DE D. JOÃO V

6º Volume

Lisboa, 1995

2.4. Construções e melhoramentos a nível de Igrejas paroquiais, Misericórdias, Ermidas e Santuários de peregrinação.

O Século XVIII é em Portugal uma época de intensa religiosidade, em que a vida das comunidades se reflecte nos edifícios que constrói e esses são ainda as suas igrejas. Se elas existem e o número de habitantes do núcleo populacional não justifica a construção de um novo edifício ou a ampliação do já existente, então fazem-se obras de embelezamento, em que os retábulos de talha dos altares ou os revestimentos azulejares ocupam o primeiro lugar. Embora não exista um inventário sistemático do país, os já existentes assim como as monografias locais ou os dicionários corográficos tão em moda no final do século XIX e inícios do nosso demonstram que poucos terão sido os lugares onde alguma obra não foi feita.

Não devemos esquecer que o número de freguesias calculado, aproximadamente, para 1820, era de cerca de 4085. Sabendo-se que a freguesia era, no Antigo Regime, uma divisão eclesiástica, a cada uma devia corresponder uma igreja paroquial, não mencionando capelas, públicas ou privadas, e outro tipo de edifícios religiosos (santuários, Misericórdias, etc). Muitas dessas igrejas terão sido abandonadas e posteriormente destruídas, enquanto outras eram de dimensão muito modesta, pelo que é praticamente impossível

o seu inventário a nível artístico, até porque o administrativo é também aproximado.¹ Elas constituíram, no entanto, a forma de expressão mais evidente da vida das comunidades locais, pelo que os melhoramentos nelas realizados dependeriam certamente das possibilidades dos habitantes do respectivo núcleo urbano, ou de ajudas externas - do rei, do donatário, de irmandades. Importante é acentuar que a densidade das freguesias é maior no Minho e mínima na Estremadura e Algarve.²

Por outro lado, se a crença no milagre faz parte do quotidiano da população, de repente, a descoberta de uma velha imagem ou um suposto milagre realizado por outra, pode desencadear uma onda de fé que, curiosamente se traduz do ponto de vista material na oferta de esmolas para que a referida imagem seja colocada em situação mais condigna da sua força milagrosa. O local, normalmente fora das povoações, torna-se ponto de peregrinação intensamente procurado, e onde menos seria de esperar surgem edifícios de grandes dimensões. Está neste caso a já referida igreja do Senhor da Pedra, em Óbidos, para a qual contribuíram não só o Patriarca de Lisboa, mas o próprio rei D. João V, e que, afinal, acabou por ficar incompleta; e também a igreja das Barrocas, em Aveiro, a que nos referiremos neste capítulo.

As manifestações de religiosidade popular estão também presentes nas habituais procissões feitas em honra de santos patronos de igrejas locais ou nas épocas obrigatórias

apontadas pelo calendário religioso, como a Páscoa ou o Corpo de Deus. Embora sem as possibilidades de atingir a magnificência que estas festas alcançavam na capital, a verdade é que sempre um patrono local lhes proporcionava a dignidade possível e ruas limpas, atapetadas ou não de flores, colchas nas janelas, figuras a pé ou a cavalo, assim como as iluminações nocturnas e fogos de artifício eram constantes que aliás hoje ainda se mantêm em tais comemorações.³

No fundo, o modelo seguido, quer nas artes perenes quer nas efémeras acaba por ser ditado pela capital. Os pedreiros locais, assim como os entalhadores, traduzem na pedra ou na madeira, os modelos da arte erudita, de forma mais elaborada ou mais ingénua, marcando ainda alguns regionalismos certas das produções artísticas da época. Assim, no Alentejo tiveram grande popularidade as pinturas a fresco de carácter decorativo; no Algarve, usou-se desde muito cedo a talha policroma que, no Norte, surge apenas no período rococó. É ainda significativo o impacto de algumas obras arquitectónicas, como a Igreja de Mafra cujas torres influenciaram as das igrejas paroquiais da região saloia ou mesmo os retábulos de altar⁴, ou da influência que a obra de Nasoni teve na arquitectura do Norte do país.

Algumas destas construções religiosas alcançaram, no entanto, maior destaque, sobretudo devido às possibilidades económicas dos seus patrocinadores. Estão neste caso os

edifícios das paróquias mais ricas, aqueles cuja construção, como dissémos, foi desencadeada por qualquer facto miraculoso que originou a multiplicação de escolas, ou as Misericórdias, custeadas pelas respectivas irmandades.

As Misericórdias são instituições de assistência aos necessitados, cuja origem remonta ao século XV. O seu primeiro Hospital foi precisamente o das Caldas da Rainha, fundado pela Rainha D. Leonor, e que, como referimos, sofreu importantes obras patrocinadas pelo rei D. João V, um dos doentes que procurou cura nas águas termais das Caldas, a partir de 1742.

Este Hospital tinha sido fundado em 1435 e começara a funcionar em 1488. Precisamente dez anos depois, era instituída "uma confraria e irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia" numa das capelas do claustro da Sé de Lisboa. Uma história de conjunto das Misericórdias portuguesas, desde então até ao presente, está por escrever, embora existam diversas monografias locais. O certo é que, pelo que se conhece, os seus provedores se recrutaram entre as pessoas mais prestigiadas de cada localidade, tendo-se as mesmas espalhado por todo o espaço português, embora nem todas possuíssem hospital.

Um aspecto importante, que mais interessa à nossa perspectiva de abordagem, é que a maioria das Misericórdias possui importante acervo de obras de arte (pintura,

escultura, etc.), além de edifícios próprios, entre os quais várias igrejas.⁵

No período joanino, algumas Misericórdias construíram novos edifícios, enquanto outros sofreram melhoramentos, de que se destacam os revestimentos azulejares, representando as Obras de Misericórdia, pinturas alusivas ao mesmo tema, e altares de talha dourada.

Entre todos estes edifícios - paroquiais, de peregrinação e das Misericórdias - referiremos a maior parte, dando especial destaque aos que nos pareceram exemplos paradigmáticos de um determinado tipo de arquitectura ou decoração, e atendendo sobretudo aos já inventariados.

Hesitámos quanto à melhor forma de abordar todos estes edifícios, em relação aos quais os dados são dispersos e pouco homogêneos. Pensámos na hipótese de fichas informatizadas, mas logo a pusémos de parte, pois tal opção, embora prática e rápida, obrigaria à eliminação de dados úteis e de comentários ocorrentes. Por outro lado, tivémos de pôr de parte a opção por um discurso articulado, de maior cuidado literário, porque também ele nos obrigaria a repetições desnecessárias ou a eliminar informações pontuais. Assim, para a análise das diferentes espécies, escolhemos a forma intermédia da notícia, que apesar de menor qualidade literária, permite a sóbria utilização das informações disponíveis.

IGREJAS PAROQUIAIS E OUTRAS CONSTRUÍDAS NA ÁREA DAS
FREGUESIAS

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Igreja Matriz de Viana do Castelo

O edifício medieval, que data do século XV, sofreu várias destruições durante as guerras da Restauração, vindo as obras de reconstrução a terminar somente em 1713, pelo que na parede norte da sacristia aparece o brasão de D. Rodrigo de Moura Teles com esta data. No entanto, a Matriz ainda sofreria um incêndio em 1806, pelo que sofreu várias reconstruções ao longo do século XIX⁶.

Capela de S. Francisco Xavier, Perre, Viana do Castelo

No pavimento está uma pedra brasonada com a data de 1749, sem mais inscrições.

As paredes laterais são revestidas com painéis de azulejos, representando o «Milagre do Caranguejo» e «S. Francisco Xavier pregando aos índios». Na parede do fundo, sob as frestas, ainda se vêem dois painéis com emblemas florais⁷.

Igreja Paroquial de S. Lourenço, Montaria, Viana do
Castelo

A capela-mor desta igreja é decorada com dois painéis de azulejo, tal como o intradorso do arco cruzeiro. Foram datados de

cerca de 1720-25, por Santos Simões⁸, e de 1714 por Robert C. Smith, que também os atribuiu ao mogramista P.M.P.⁹, atribuição que tem sido confirmada.

Muito curiosos são estes azulejos, num dos quais se representa uma cena do Brasil colonial, talvez os doadores, vendo-se o cavalheiro, vestido à moda do início do século XVIII, aguardando a dama, transportada numa rede por vários negros, enquanto, ao fundo, no rio, se caça o jacaré¹⁰.

Igreja Matriz de S. João Baptista, Ponte da Barca

Trata-se de uma igreja mais antiga, a cujo corpo se agregaram capelas a partir do século XVI. Em Junho de 1714, Manuel Pinto Vilalobos entregou o projecto do novo templo, pelo que cobrou 19200\$000 réis, mas só em 1717 se iniciaram as obras.¹¹

Em 1718, contratou-se o emadeiramento e para satisfazer o Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, estudam-se as empreitadas da capela-mor¹².

No entanto, em 1723, a igreja não tinha ainda as torres laterais e o frontão da fachada não estava também concluído, o que só viria a acontecer em 1738. A torre norte, da responsabilidade dos pedreiros Manuel Luis, Manuel da Costa e Estêvão Moreira, estava acabada em 1728, mas a outra só estaria terminada em 1746¹³.

A fachada barroca é precedida por uma escadaria com vários lanços. No interior, há que referir os altares de talha dourada: o principal é ainda de "estilo Nacional", embora tivesse sido realizado em 1727 por Miguel Coelho. Os restantes são de "estilo joanino", com excepção do dedicado a Nossa Senhora das Dores, que é "rocaille"¹⁴.

Igreja Matriz de Ponte de Lima

O retábulo do altar de Cristo e Senhora das Dores é obra do entalhador Miguel Coelho, realizada em 1729¹⁵.

Capela de S. João Baptista, Ponte de Lima

Por notícia da «Gazeta de Lisboa» sabe-se que esta Capela, situada numa das torres das muralhas da vila, tinha sido reedificada, encontrando-se pronta a 23 de Junho de 1735, altura em que foi celebrada a festa do santo¹⁶.

DISTRITO DE BRAGA

Igreja da Senhora Branca, Braga

É uma igreja medieval, reedificada no século XVI por D. Diogo de Sousa e, de novo, na segunda metade do século XVIII por D. Gaspar de Bragança. O retábulo da capela-mor é de Jerónimo da Costa Maia e data de 1745, mas o sacrário e outros elementos, já de 1751, são obra de André Soares.¹⁷

Igreja de Santa Cruz, Braga

Embora seja um edifício construído no século XVII, a frontaria barroca foi terminada em 1737. O retábulo do altar-mor é obra de Frei José de Santo António Vilaça, de 1775, mas os altares laterais são obra do mestre entalhador, Francisco Machado, de Landim¹⁸, que vamos encontrar na Matriz de Azurara, em Vila do Conde¹⁹. A obra de talha do coro, mais tardia, de 1742, é do escultor António Marques.²⁰

Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, Braga

Edifício do final do século XVI (1596), reedificado na segunda metade do século XVIII, conserva azulejos do período joanino, que cobrem as paredes da capela-mor, a nave e as capelas laterais. Os revestimentos figurativos da Capela de Santa Apolónia, representando o martírio da santa, estão assinados, *Antonius aboliva inventor*, e os da Capela de Santa Mónica, com passos da vida da santa, são atribuídos²¹. Existem ainda os da capela de Santa Rita, talvez do mesmo artista²²; os da capela da Santíssima Trindade, com a «Verónica» e «Moisés e a serpente de bronze»; e os da «Vida de Santo Agostinho», de cerca de 1730.

Igreja de S. Vicente, Braga

Esta igreja, de 1691²³, marca os inícios da arquitectura barroca na cidade de Braga, distinguindo-se pela sua fachada, cujos ornamentos barrocos em pedra, parecem

reproduzir a talha dourada dos altares. A decoração do interior prolongou-se pelo século XVIII, sendo o retábulo da capela-mor obra do entalhador de Barcelos, Miguel Coelho, de 1721²⁴. O interior é revestido com azulejos azuis e brancos, mas do século XVIII, são os da capela-mor, com passos da vida de S. Vicente. São painéis de cabeceiras lisas, separados por pilastras ornamentais e anjos, fabricação lisbonense, de cerca de 1730-40²⁵.

Capela dos Coimbras (ou do Senhor Morto), Braga

O interior desta capela é totalmente revestido de azulejos. No painel da frente está a vista de um porto de mar. Do lado direito, anjos e raios azuis envolvem a figura de Cristo em pedra. Na parede de entrada está a «Criação de Adão e Eva»; abaixo, e ladeando a porta, estão painéis com a «Criação do Mundo». Na parede em frente, a «Expulsão do Paraíso». Do lado esquerdo, um painel representa a «Tentação de Eva», enquanto do lado direito, os azulejos imitam a grade de uma janela e uma porta. Todo este conjunto é datável de 1710-20²⁶ e atribuível ao monogramista P.M.P.²⁷.

Igreja Matriz de Santa Maria de Barcelos

(Antiga Colegiada)

Edifício medieval, sofreu grandes transformações no século XV e inícios do século XVI. No lado sul da fachada,

existe uma torre sineira, resultante de uma remodelação feita em 1708²⁸.

O altar da Capela do Santíssimo Sacramento é de talha dourada, de "estilo nacional", datável dos primeiros anos do século XVIII. Nesta capela foi colocado o antigo cadeiral do coro dos cônegos, em pau preto, com pequenos relevos nos espaldares, tem cronologia próxima do altar²⁹.

Uma das imagens da padroeira, Nossa Senhora da Assunção, data de meados do século XVIII e parece inspirada num modelo pictórico.

O antigo órgão, hoje muito diminuído por ter sido adaptado ao local onde se encontra, foi fabricado pelo organeiro Frei Manuel de São Bento, e a caixa é obra do entalhador Miguel Coelho, de 1727³⁰.

Uma das transformações mais importantes que esta igreja sofreu durante o período joanino, foi o revestimento azulejar. Sabe-se por documentos que em 1709, e, mais tarde, em 1721, foram pagas as despesas de deslocação a mestres do Porto, que vieram "tomar medidas para o azulejo"³¹. Devem ter existido, portanto, duas fases nesse revestimento. A maior encomenda corresponde aos azulejos que revestem o corpo da Igreja e representam episódios da vida de Nossa Senhora, com enquadramento de arquitecturas em perspectiva, e é de 1721. Não há confirmação de que sejam obra de Policarpo de Oliveira Bernardes, como Santos Simões sugeriu³².

Na capela hoje dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, no alisar da sacristia e nos arcos formeiros do coro alto, existem azulejos que se podem integrar na encomenda de 1709.

Em 1728 foi ainda feita uma porta lateral, que abria para a praça, obra que orçou em 67000\$00 réis, que deve ser um portal entaipado mais a nascente, pois a porta actual enquadra-se no século XVII³³.

Igreja Matriz de Palme, Barcelos

A fachada apresenta um nicho com uma imagem de pedra onde se vê, gravada, a data de 1725.

Também no interior existe uma capela dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Santo António, que foi fundada em 1743, por António Sá Palma, conforme consta de uma inscrição³⁴.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Azurém,

Guimarães

É um edifício de fins do século XVII, com azulejos da centúria seguinte.

Na capela-mor, existe um painel contínuo, com cenas marianas, datável de cerca de 1740 e atribuível à oficina de Bartolomeu Antunes. Na nave, os azulejos são anteriores, de cerca de 1720, representam cenas do «Cântico dos Cânticos» e são obra do monogramista P.M.P.³⁵.

Igreja de S. Dâmaso, Guimarães

A capela-mor possui painéis de azulejos, com cenas da vida do orago. São atribuíveis ao monogramista P.M.P. e datáveis de cerca de 1720³⁶.

DISTRITO DO PORTO

Igreja de S. Pedro, Amarante

É uma igreja de fachada barroca, de que se destaca uma torre sineira, com dois andares, datada de 1727³⁷.

Igreja Matriz de Santa Maria a Nova de Azurara,

Vila do Conde

A igreja data do século XVI, mas em 1722, os oficiais da Confraria do Senhor decidiram fazer um retábulo novo para a capela-mor, tendo encarregado da obra o mestre entalhador Francisco Machado³⁸. Este retábulo seria feito à imitação do da Capela dos Terceiros do Porto, provavelmente do dedicado a Nossa Senhora da Conceição, que fora executado em 1717 pelo entalhador António Gomes, amigo do referido Francisco Machado³⁹. Existem as condições da obra, devendo, de acordo com estas, o retábulo ter quatro colunas salomónicas e os pedestais com cartelas com figuras; o frontal seria também de talha e o sacrário teria quatro colunas e não deveria estorvar a vista da peanha. A tribuna seria toda entalhada e o trono teria cinco degraus, sendo ornamentado com anjos que

no terceiro ou quarto degrau sustentariam uma glória que enquadrasse a imagem da Senhora da Conceição. A obra deveria estar concluída em Julho de 1723⁴⁰.

Alguns anos mais tarde, em 8 de Novembro de 1737, foi feito outro contrato para o revestimento azulejar da capela-mor, com António Vital Rifarto, pintor de azulejo da cidade do Porto. Segundo o contrato - já que os azulejos ficaram parcialmente mutilados quando do restauro da igreja - estes deveriam representar passos da Sagrada Escritura: do lado da Epístola, o «Lava-pés» e uma porta em "trompe l'oeil" e, do lado do Evangelho, a «Ceia»; na parte superior, ao lado das frestas, estariam os quatro Evangelistas, dois de cada lado, e do lado do Evangelho, também uma fresta fingida. A obra, feita nas oficinas de Coimbra, deveria estar pronta em 1738. Toda a parte superior, e também os passos da Sagrada Escritura desapareceram, restando apenas a porta falsa e cartelas com anjos e flores⁴¹.

Igreja Matriz, Vila do Conde

É um edifício iniciado ainda nos finais do século XV e concluído no período manuelino, por João de Castilho. Sendo uma igreja de três naves, conserva algumas capelas decoradas com talha dourada. É o caso do retábulo da capela de Nossa Senhora da Assunção, datável de fins do século XVII ou inícios do século XVIII⁴²; dos retábulos da nave do Evangelho, executados em 1734-35 pelo entalhador João Gomes

de Carvalho, que tinha oficina na zona de Vila Nova de Famalicão⁴³. O púlpito é datável de cerca de 1725⁴⁴ e a talha, relevos e imagens da Capela do Santíssimo Sacramento são já de cerca de 1750⁴⁵. Todos estes elementos transformam esta igreja num exemplo da evolução da talha no período joanino, desde o "estilo nacional" ao rococó.

Capela de Nossa Senhora da Guia, Vila do Conde

A capela-mor foi revestida, em meados do século XVIII, com azulejos de fabrico coimbrão, representando o «Pentecostes» e «Aparecimento de Nossa Senhora da Guia a um navio»⁴⁶. Da mesma época, será o retábulo de talha dourada com colunas salomónicas, que enquadra uma imagem de S. Marçal⁴⁷.

Capela de Nossa Senhora do Pilar (ou de S. Roque),

Vila do Conde

Data de 1580, mas foi revestida de azulejos no século XVIII, de que subsiste o paramento do lado do Evangelho, alusivo a Nossa Senhora do Pilar, com a inscrição: "ESTA OBRA DE AZULEIO / MANDARA FAZER OS DEV/OTOS de N. S. DO PILAR / NO ANNO DE 1746"⁴⁸.

Capela de Nossa Senhora do Socorro, Vila do Conde,

Data de 1603, mas foi revestida no século XVIII, por um painel contínuo de azulejos historiados com cenas da

vida da Virgem e infância de Jesus, atribuíveis ao monogramista P.M.P.⁴⁹.

Igreja paroquial de S. Simão, Junqueira, Vila do

Conde

Trata-se da antiga igreja do mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, dos fins do século XVII, mas decorada com talha do século XVIII⁵⁰. Nesta igreja, o retábulo de Nossa Senhora do Rosário é datável de cerca de 1740⁵¹. Na capela-mor, encontram-se painéis de azulejos recortados, representando passos da «Vida de Jesus», intervalados por outros rectos, que ficam sob as janelas, com os «Quatro Evangelistas». São azuis, com rodapé marmoreado roxo, e datáveis de cerca de 1750⁵².

Capela de Nossa Senhora da Graça, Junqueira, Vila do

Conde

A talha da ábside desta capela é de "estilo nacional", de cerca de 1715. Numa das paredes, destaca-se um relevo policromado, representando «A Anunciação»⁵³.

Igreja Paroquial de Mosteirô, Vila do Conde

Nesta igreja existe um retábulo colateral do lado do Evangelho, proveniente da demolida igreja do antigo convento das Carmelitas do Porto, e datável de cerca de 1740⁵⁴.

Igreja Paroquial de S. Lourenço, Lousada, Pias

Esta igreja foi iniciada em 1699, mas em 1710 ainda não estava completa, pelo que foi pedido um real sobre o vinho e azeite, a carne e o sal, para contribuirem para a dita obra. O seu architecto foi o engenheiro Manuel Pinto Vilalobos, activo no Norte, e a quem já nos referimos noutros pontos deste trabalho.

É um edificio característico do barroco joanino, com fachada enquadrada por torres laterais e portal simples com duas pilastras. A moldura de enrolamentos, de motivos túrgidos, e o desaparecimento de referências às ordens clássicas, representam um progresso em relação a outras obras deste architecto⁵⁵. A capela-mor é decorada com talha e azulejo, sendo este fabricado no Porto, e representando um milagre ligado a tentações do demónio⁵⁶.

Igreja Paroquial de Santa Maria, Silva Escura, Maia

A reedificação desta igreja foi talvez concluída cerca de 1721, data inscrita na verga da porta lateral do lado da epístola⁵⁷.

A capela-mor da igreja tem tecto fragmentado em caixotões rectangulares, com moldura de acantos dourados, e pinturas vegetalistas de cor sombria. O retábulo é arcaizante, tendo as colunas com o terço inferior cilíndrico, revestido de elementos vegetais, conchas e querubins, e a

zona superior torsa, com decoração de rosas nos sulcos. A talha ultrapassa os limites do retábulo para as sanefas das janelas e das portas, apresentando características que o aproximam do final da década de trinta⁵⁸.

Nesta mesma igreja, existem já sinais da transição do barroco para o rococó, nomeadamente no retábulo do altar de S. José, em que a ornamentação não só é desarticulada da estrutura, como apresenta conchas de silhueta *rocaille*⁵⁹.

A capela-mor da igreja tem um revestimento azulejar, que mostra, do lado da epístola, «Adoração dos Pastores», «Adoração dos Magos» e «Descanso na fuga para o Egipto»; e, do lado do Evangelho, «Apresentação da Virgem no Templo», «Assunção» e «Visitação». São da oficina dos Oliveira Bernardes e datáveis de 1720-25. A parte superior e inferior é rematada por um friso de três azulejos, com cartelas de emblemas marianos, que Santos Simões considera mais tardios, de cerca de 1740⁶⁰, provavelmente mais próximos da execução do retábulo.

Igreja Paroquial de Noqueira da Maia, Porto

Restaurada no século XIX, esta igreja tem na verga da porta a data de 1737, que se deve referir à reedificação do edifício medieval.

É desta época o retábulo do altar-mor, em "estilo joanino", de ornamentação requintada, em que, no entanto, uma

grinalda de rosas preenche os sulcos das colunas da base ao capitel⁶¹.

Igreja Paroquial de Barreiros, Maia

Esta igreja já existia no reinado de Afonso III, mas foi reedificada nos meados do segundo quartel de setecentos.

Na capela-mor da igreja, está uma sepultura com a inscrição "*He dos Gramaxos / 1738*", família que possuía uma quinta na freguesia. Deve pertencer a Fr. Vicente Gramaxo que cedeu parte do terreno para ampliação da igreja e para se fazer a residência do pároco, o abade Luis de Oliveira Alvim, pároco da freguesia de 1729 a 1746⁶².

A talha do altar-mor já apresenta motivos rococó, juntamente com profusão de anjos e meninos, nas mísulas das colunas e no coroamento, segurando a sanefa, e sentando-se nas volutas dos extremos.

Também na nave a talha é *rocaille*, nas sanefas e molduras das janelas e portas, no púlpito, no arco cruzeiro, onde surgem cartelas, concheados, volutas e anjos reclinados ainda característicos do "joanino".

Os altares do cruzeiro ainda apresentam estrutura joanina, mas as colunas foram substituídas por pilastras fragmentadas. No remate, aparece uma sanefa, coroada por frontão recortado. Por todo o retábulo se difundem acantos, plumas, querubins, vasos de flores numa exuberância que tende a dissolver a estrutura arquitectónica⁶³.

Igreja Paroquial de Soalhães, Marco de Canaveses

Esta igreja apresenta um revestimento azulejar com cenas da vida de Moisés - «Moisés e a serpente de bronze» e «Moisés fazendo brotar a água da fonte» - e da vida de Cristo - «Jesus e a Samaritana», «Jesus falando aos discípulos», etc.. Nas capelas, está «S. Miguel e o demónio» e «S. Miguel salvando as almas do Purgatório».

A varanda do coro tem a data de 1733 e o revestimento azulejar deve ser posterior, de 1740-50.

Na sacristia existe um silhar de azulejos de figura avulsa, do tipo "estrelinha", com moldura de acantos⁶⁴.

Igreja de Santa Maria, Vila Boa do Bispo, Marco de
Canaveses

Esta igreja sofreu alterações nos séculos XVII e XVIII, que abrangeram os retábulos de talha dos altares, do coro e do órgão. Da mesma época, cerca de 1740, é o revestimento da capela-mor com azulejos de figura avulsa, tipo "estrelinha", com silhar de vasos e golfinhos⁶⁵.

Igreja de S. Pedro de Miragaia, Porto

Esta igreja remonta ao século XIII, mas foi reconstruída depois de 1717, datando desta época as transformações interiores, nomeadamente o retábulo do altar-mor, que estava terminado antes de 1730, pois nesta data o

pintor Francisco Barbosa e Monteiro contratou o douramento do retábulo e arco da capela-mor.

Este apresenta duas colunas e uma pilastra colocadas diagonalmente e mostra algumas inovações que caracterizam, a partir de então, o Porto e toda a região Norte: uma é a alta base de madeira; a outra é o tipo de fuste das colunas, caneladas, mas envolvidas por festões e fitas, entre as quais brincam pássaros e meninos, característicos do "estilo nacional", mas que se podem também relacionar com um retábulo desenhado por Joaquim de Churriquera, nos inícios do século XVIII⁶⁶.

De grande originalidade é também o tecto, em talha dourada, mas imitando os tectos de alfarge mouriscos, com uma abóbada geométrica, decorada com almofadas e pendentives, do tipo que iremos encontrar no Convento de Jesus em Aveiro⁶⁷.

Os altares colaterais, desdobrando-se em dois andares de nichos com imagens, sendo o inferior ladeado por colunas salomónicas e o superior coroado por sanefas, assim como toda a talha que reveste o arco triunfal, enquadrado por dois anjos assentes em volutas, tudo terminando numa enorme sanefa acima da qual ainda se vêem, entre volutas, as insígnias episcopais, mostram uma fase que corresponde à "talha joanina", sendo portanto posterior.

A fachada é coroada por frontão triangular, tendo uma torre do lado esquerdo. A porta é encimada por frontão triangular interrompido, que se liga à janela superior, de

formato irregular, coroada por frontão borrominesco. De cada lado da porta estão dois elementos ornamentais, terminados em ramagens, assentes em mísulas. O coroamento da fachada é feito por quatro urnas com uma cruz ao centro.

Igreja de S. João Novo, Porto

Na Capela de Santa Rita existem dois painéis de azulejo da oficina de Bartolomeu Antunes, de 1744, um representando o Êxtase em que Santa Rita recebe um espinho na testa, outro a Entrada da Santa para o Convento⁶⁸. Na parte superior, está a legenda: *B.^{meu} Antunes / a fes em Lxã nas / olarias no anno de 1744.*⁶⁹ Estes azulejos combinam-se com a talha dourada, também joanina.

Igreja de Campanhã, Porto

Foi construída em 1714, mas sofreu muito com as invasões francesas, em 1809.

A fachada apresenta uma torre à direita, ligeiramente recuada. É coroada por frontão triangular, encimado por urnas com fogaréus (uma de cada lado) e a cruz ao centro.

A porta é rectangular, encimada por cornija saliente e tem dois óculos quadrilobados de cada lado, que se repetem na torre. Ao centro, um óculo circular, com moldura de folhagem, e, de cada lado, dois janelões com frontões segmentares.

Interiormente, a igreja é revestida com azulejos geométricos, azuis e brancos, formando degraus, ornamentados com flores na parte branca. São provavelmente da época de construção da igreja, de 1714⁷⁰.

Igreja Paroquial de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia

Data do século XVI, mas foi restaurada, em 1745, sob risco de Nicolau Nasoni, obra que só terminou em 1765. A grande novidade foi a forma poligonal das torres, de que apenas uma foi terminada no final do século XIX⁷¹.

Nesta época foi a capela-mor revestida de azulejos de moldura *rocaille*, representando os Evangelistas, a «Queda do Maná» e a «Prisão de Cristo», de fabrico lisbonense, de cerca de 1750⁷².

Igreja de S. Mateus, Arnelas, Vila Nova de Gaia

Esta aldeia fica junto à confluência do rio Sousa com o Douro. A construção da igreja, situada num alto, foi iniciada em 1723⁷³.

DISTRITO DE VILA REAL

Igreja Matriz de Santa Maria Maior, Chaves

É um templo de origem românica. A capela do Santíssimo é, no entanto do século XVIII, abrindo por dois

arcos sobrepostos, de volta perfeita, com cobertura abobadada e lanternim visível exteriormente⁷⁴.

Ladeando a capela, estão azulejos com figuras alegóricas em nichos, representando a «Justiça» e a «Caridade», de oficina lisbonense de cerca de 1740, tipo Bartolomeu Antunes⁷⁵.

Capela de S. Pedro Novo (ou dos Clérigos), Vila Real

É um edifício de meados do século XVIII, com manifesta influência de Nicolau Nasoni, ou do seu discípulo, Figueiredo Seixas. A fachada é dividida em duas secções por entablamento saliente. O portal é ladeado por dois pares de colunas toscanas assentes em pedestais elevados. Sobre a moldura abre-se o óculo encimado por uma cartela, numa acentuação decorativa do eixo central, de tradição nasoniana. Sobre o entablamento, uma imagem de S. Pedro é ladeada por dois arcanjos.

O interior é de nave única, tendo os altares laterais retábulos de talha dourada. Nas paredes da nave, painéis de azulejos de cercadura concheada, representam passos da vida de S. Pedro e de S. Paulo. São de oficina lisbonense, de cerca de 1750⁷⁶.

Igreja da Oliveira, Vila Marim, Mesão Frio

Arquitectonicamente de várias épocas, conserva no interior talha dourada que a torna "o mais sumptuoso templo joanino do concelho"⁷⁷.

Igreja matriz de Murça

Esta igreja foi construída entre 1707 e 1734⁷⁸, conservando alguns altares de talha da época, recentemente repintados.

Igreja Matriz de S. Faustino, Peso da Régua

Esta igreja foi consagrada em 1738, sob protecção de D. João V.

Capela do Cruzeiro, Peso da Régua

É uma capela de meados do século XVIII, em cujo interior se destacam alguns altares de talha dourada.⁷⁹

DISTRITO DE BRAGANÇA

Igreja de Gimonde

Data de 1733, mas o nome da povoação parece remontar a época anterior à formação da nacionalidade⁸⁰.

DISTRITO DE VISEU

Igreja de S. Miguel do Fetal, Viseu

O edifício actual é uma reconstrução, feita entre 1720 e 1740, durante o período de vacância da Sé, de grande simplicidade, nada apresentando de notável.⁸¹

Igreja Matriz de Ovoa, Santa Comba Dão

Situada numa povoação de solares e com pelourinho, que testemunha a sua autonomia concelhia, esta igreja data de 1725⁸².

DISTRITO DA GUARDA

Igreja Matriz de S. Luis, Pinhel

É um templo do final do século XVI, que pertenceu a um convento de franciscanas. A decoração com talha dourada e azulejos azuis e brancos, é característica do período barroco.⁸³

Igreja de Santa Maria, Açores, Celorico da Beira

Edifício de origens muito antigas, talvez pré-românicas, foi reconstruído nos inícios do século XVIII.

A fachada tem portal com volutas, encimado por janelão, cunhais salientes e cornija encimada por pináculos.

No interior, destaca-se o tecto pintado da nave, com data de 1719. As paredes da nave são decoradas com azulejos de figura avulsa, do tipo "estrelinha", limitados por barras de folhas contorcidas. São datáveis de cerca de 1740 e provavelmente de oficina coimbrã⁸⁴.

Igreja paroquial de Santa Eulália, Seia

A capela-mor conserva um retábulo de talha do século XVIII. O tecto é de caixotões pintados.

Nas paredes laterais, existiram painéis de azulejos recortados, de cerca de 1730-40, de fabricação coimbrã, de que ainda restam, do lado da epístola, o «Escárnio» e «Jesus orando»⁸⁵.

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

Capela de Nossa Senhora da Piedade, Castelo Branco

É um templo antigo, reedificado no século XVIII. Interiormente possui um notável revestimento azulejar, do pavimento até à sanca, que compreende duas épocas. A mais antiga está assinalada por uma inscrição, constante de uma cartela, na parte inferior da parede do lado da epístola, onde se lê: "ESTA OBRA DE AZULEIRO E / PAVIMENTO SEFES COMO O / DINHEIRO DO DOCTOR FRANCIS= / CO RAFEIRO IA DEFVNTO P= / E DESE HVM P.^e N.^o A. ma pla SVA ALMA / 1739".

Desta época devem ser os azulejos da parte inferior do revestimento e os da capela-mor, até à 16ª fiada, no

parecer de Santos Simões. Os restantes são mais recentes, de cerca de 1745-46.

Os mais antigos reportam-se à «Vida da Virgem» e são enquadrados por molduras arquitectónicas. Sobre esta série e imitando nichos, cada um com letreiro no pedestal, estão os doze Apóstolos e ainda «Santo António» e «S. Francisco».

Na capela-mor, os azulejos são referentes à Paixão de Cristo, em três painéis, com enquadramentos de pilastras e anjos atlantes: «Calvário», «Nossa Senhora do Pé da Cruz» e, num único painel, «Nossa Senhora das Dores» e «Nossa Senhora orando»⁸⁶.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição,

Oleiros, Castelo Branco

É um templo do século XVI, de três naves, com decorações do período barroco, nomeadamente a talha dourada dos altares e o revestimento azulejar da capela-mor. Esta tem as paredes laterais e os vãos das janelas inteiramente revestidos de azulejos, de oficina lisbonense, de cerca de 1745, com figurações do «Cântico dos Cânticos»⁸⁷.

Igreja Paroquial de S. Sebastião, Cernache do

Bonjardim, Sertão

É um templo do século XVI, com altares de talha e revestimento azulejar na capela-mor, que hoje se limitam ao lado da epístola, já que os outros foram retirados para

colocação de um órgão. Representam passos da Vida de S. Sebastião e na parte ornamental têm emblemas evocativos do santo. O rodapé é de três azulejos marmoreados, a azul e manganês. Datam de cerca de 1750, de fabrico lisbonense⁸⁸.

DISTRITO DE AVEIRO

Capela de Santo António, Arouca

É um pequeno templo da primeira metade do século XVIII, com nave, capela-mor e sacristia, com frontaria com envasamento e cunhais de cantaria. Ao centro, a porta rectangular é coroada por frontão curvo interrompido que liga ao janelão superior, em arco de volta perfeita. No enfiamento das pilastras, estão pináculos e, acentro no vértice, a sineira⁸⁹.

Igreja Paroquial de S. Salvador, Burgo, Arouca

Originariamente do século XV, esta igreja sofreu ampliações no século XVIII, época da fachada e torre. Na porta da sacristia, está uma pedra com data de 1734, que se deve referir ao início das obras⁹⁰.

A fachada, com a torre do lado esquerdo, tem ao centro a porta com arco abatido e por cima um janelão com moldura de cantaria trabalhada e, no cimo, uma sanefa que evoca a talha. O recorte superior associa um remate em meia

circunferência que se apoia em aletas, ganhando um recorte barroco.

Capela do Espírito Santo e S. Frutuoso, Burgo, Arouca

Deve datar da primeira metade do século XVIII. De planta rectangular, tem fachada com portal coroadado por frontão interrompido, ladeada de postigos e encimada por um pequeno óculo⁹¹.

Igreja Paroquial de S. Miguel, Urrô, Arouca

É tradição que foi reconstruída em 1728 e, de facto, apresenta características deste época.

Arquitectonicamente é muito modesta, com um átrio mal integrado na construção. No interior, tem retábulos de talha, sendo o da capela-mor ainda do tipo "nacional".

São "joaninos" os dois retábulos da nave, reentrantes, com quatro colunas torsas, com grinaldas, rematadas por dossel e anjos trombeteiros metidos na tarja envolvente⁹².

Igreja Paroquial de S. Salvador, Várzea, Arouca

Original dos séculos XV-XVI, a capela-mor foi acrescentada no século XVIII, tendo a data de 1729 gravada numa janela. Juntaram-lhe também a sacristia.

O púlpito, de bacia de pedra sobre mísula, data de 1732⁹³.

Capela de Nossa Senhora da Laje, Urrô, Arouca

Situada longe da sede da freguesia, num sítio elevado, mostra diversas épocas, sendo as datas mais antigas do século XVII. Outra, de 1717, está gravada na rocha externa, à esquerda e em frente da capela, fazendo parte de uma cruz e de um pequeno nicho aí cavados.

No topo da capela-mor, está uma pedra saliente, com a seguinte inscrição: BEMDITO E LOUVA/DO SEIA O SANTI/SSIMO SACRAM/ENTO PELLAS A/LMAS PADRE NO/SSO AVE M 1730.⁹⁴

Igreja Paroquial de S. Pedro, Paraíso, Castelo de

Paiva

Embora já do século XIX, a verga da porta principal foi reaproveitada, tendo a data de 1735. O mesmo acontece com a porta da sacristia, que tem a data de 1724.

Ainda no adro, em frente, está um cruzeiro, também datado de 1735⁹⁵.

Igreja Paroquial de S. João Baptista, Raiva, Castelo

de Paiva

O corpo e a parte inferior da torre estão datados de 1723, na verga da porta principal. A capela-mor é um pouco posterior, do segundo terço do século XVIII.

No interior, o púlpito com bacia sobre mísula de pedra, tem parapeito de talha dourada; na face esquerda está a data de 1741.

A talha do altar-mor é de meados do século, com colunas torsas, com o terço inferior indicado por um anel. Nos intercolúnios estão esculturas, sobre as quais estão sanefas, donde normalmente caem panos. Por cima do camarim, também está uma sanefa simples⁹⁶.

Capela de Nossa Senhora das Amoras, Raiva, Castelo de
Paiva

Esta capela data da primeira metade do século XVIII, tendo pilastras nos cunhais, terminando em pináculos, e cruz no coroamento. As janelas da capela-mor como os postigos da entrada, mostram um traçado em linhas curvas, mas de carácter popular, obra de artifices.

Interiormente, os retábulos são do primeiro terço do século XVIII, tendo o principal colunas torsas, com parras e aves. Os intercolúnios laterais enquadram telas, uma de «S. José», outra de «S. Joaquim».

Nos dois retábulos laterais as colunas torsas são reduzidas, sendo valorizadas pilastras, frisos e tarjas de acantos⁹⁷.

Igreja Paroquial de Santa Marinha, Real, Castelo de

Paiva

É um conjunto setecentista, que terá sido terminado em 1776. É o corpo da igreja que data do período joanino, remontando ao segundo quartel do século, sendo obra sóbria, custeada pelo povo, enquanto a capela-mor, mais tardia e mais rica era custeada pelo padroeiro.

Na fachada tem porta principal e duas janelas rectangulares, óculo na empena, cunhais com pilastras toscanas coroados de pináculos, típicos da primeira metade do século. A torre, colocada à esquerda, é mais tardia.

No interior, os púlpitos têm bacia de pedra assente em mísulas. Os retábulos, assim como as pinturas do tecto da igreja e da sacristia são já da segunda metade do século⁹⁸.

Igreja Paroquial de Santa Maria (actualmente de
Nossa Senhora da Assunção), Sardoura, Castelo de

Paiva

É uma construção de meados do século XVIII, com fachada limitada por cunhais em pilastra toscana, coroados por pináculos, e cruz na empena. A porta principal é coroada por frontão cortado no vértice, para servir de base a elevada fresta. Mais original é o campanário, colocado à direita, e datado de 1749. Tem acesso por escada exterior e compõe-se de três ventanas, a central em arco e as laterais angulares, dispostas em três panos, como se fossem parte de um polígono.

A decoração interior é essencialmente da segunda metade do século⁹⁹.

Igreja Paroquial de Santo Estêvão, Couto de Esteves,

Sever do Vouga

Esta igreja foi recentemente alargada. A parte mais antiga da nave era do século XVII e no princípio do século XVIII foi aumentada e construiu-se nova capela-mor, obra de mestre Tomás Fernandes. A torre é da mesma época ou pouco posterior; situa-se à esquerda da frontaria e apresenta pilastras nos cunhais.

No cunhal do topo da capela-mor, abaixo do capitel, está a inscrição: ESTA CAPLA / A MANDO/ARAM FAZ/ER AO MEST/RE THOMA/S. FRZ ANN/O DE 1726¹⁰⁰.

Igreja Paroquial de S. Martinho, Bispo, Pessegueiro,

Sever do Vouga

A parte fundamental da igreja data de fins do século XVII ou inícios do século XVIII, mas foi reconstruída no século XIX.

Os dois retábulos colaterais são de estilo "nacional", tipo plano, tendo o da direita duas colunas de caneluras espiraladas, nos extremos, e duas pilastras misuladas, ao centro; o da esquerda é enquadrado por dois pares de colunas pseudo-salomónicas.

O lavabo da sacristia está datado de 1714¹⁰¹.

Igreja Paroquial de S. João Baptista. Rocas, Sever do

Vouga

Embora remodelada, tem na sacristia a data de 1733, que deve ser a da reconstrução geral, e a de 1776, que deve respeitar a pequenas reformas.

Tem torre à direita da fachada, e pilastras de cantaria nos cunhais, coroadas por pináculos. A porta principal liga-se à janela do coro, sendo ambas rectangulares, embora a última seja rematada por frontão interrompido donde sai uma cruz.

Só os retábulos colaterais são de princípios do século XVIII, com colunas torsas e pilastras com acantos, mas foram rematados por dossel já na segunda metade do século.

Os dois laterais são de final do século XVII, de tipo plano, com quatro colunas espiraladas, com parras¹⁰².

Igreja Paroquial de S. Mamede, Talhadas, Sever do

Vouga

Templo mais antigo, foi reconstruído nos primeiros anos do século XVIII, já que a primeira visitaçāo data de 1707.

A fachada tem a torre colocada à esquerda e pilastras toscanas nos cunhais. O portal é mais complexo, ladeado por fortes pilastras toscanas, encimadas por pináculos e contendo outras duas que suportam o lintel. Entre os pináculos, está

um óculo circular, no qual se apoia um pequeno nicho, e de cada lado duas frestas.

No interior há cinco retábulos de talha, sendo o principal e os colaterais dos começos do século XVIII, de estilo "nacional", totalmente dourados. Os outros dois são do segundo quartel do século XVIII, do estilo "joanino" final, dourados e policromados, com marmoreados. Têm colunas salomónicas, com o terço inferior diferenciado, com fiadas de folhas e capitel compósito. Pilastras laterais sustentam o entablamento, que tem um dossel rectangular ao centro. Por cima deste, está uma glória solar, e de cada lado, sobre arranques de frontão, dois anjos¹⁰³.

Capela de Nossa Senhora da Piedade, Macinhata,

Castelões, Vale de Cambra

Deve datar dos inícios do século XVIII. Tem cunhais em forma de pilastra, porta rectangular, postiguitos e sineira assente na parede direita.

O cruzeiro do terreiro tem no pedestal a data de 1715¹⁰⁴.

Igreja Paroquial de S. Tiago, Codal, Vale de Cambra

É um edifício dos começos do século XVIII, remodelado nos finais do mesmo. Fachada com torre lateral esquerda, cunhais de cantaria com pináculos no coroamento, porta

rectangular com janelão associado, sendo este coroado por frontão que penetra no tímpano do frontão do coroamento.

O retábulo principal é de finais do século XVII, do tipo "nacional", com duas colunas torsas, com parras.

Os dois altares colaterais são do segundo quartel do século XVIII e têm certa qualidade. Não seguem os esquemas habituais, mas são envolvidos por larga tarja, em que surgem rótulos com relevos figurativos. Ao centro, está o nicho do titular e aos lados mísulas com imagens. Também nos ângulos, em vez de colunas, surgem mísulas com figuras alegóricas. O que é dedicado a «Nossa Senhora do Rosário», tem representados, em cada rótulo, os quinze mistérios do Rosário. O outro, dedicado a «S. Sebastião», tem emblemas militares, nos rótulos, outros inspirados em motivos clássicos ou imaginados pelo artifice¹⁰⁵.

Igreja Paroquial de S. Salvador, Rode, Vale de Cambra

Data da primeira metade do século XVIII e compreende a igreja e o cruzeiro fronteiro.

É original pela decoração da fachada, que transpõe elementos da talha dos altares, o que não é muito vulgar no nosso país, embora apareçam outros exemplos na zona de Aveiro. A torre está à direita da fachada, sendo ambas limitadas por pilastras toscanas, no enfiamento das quais se vêem pináculos espiralados.

A porta e o janelão superior são rectangulares, mas de cada lado da porta estão colunas torsas com decoração nos sulcos e capitéis tipo coríntio, que suportam cornija saliente, sobre a qual assenta o janelão. No enfiamento das colunas, pedestais suportam os mesmos pináculos espiralados.

A janela, embora com moldura de cantaria lisa, tem um querubim no lintel e dois meninos trombeteiros a meio das molduras laterais.

No coroamento, acima da cornija, destaca-se o frontão curvo, formado por aletas contrapostas, tendo ao centro um pedestal com a esfera e a cruz. Sobre a linha curva do frontão assentam ornatos vigorosos enrolados. A meio dessa linha, de pé, estão duas esculturas, de pé, representando meninos fidalgos. Na parte central do tímpano, está o escudo nacional sustentado por dois meninos-tritões, com a coroa real e uma águia de duas cabeças, alusiva à casa do infantado.

Curiosa é também a torre, independente da fachada, com o andar das ventanas delimitado por pilastras toscanas, sobre as quais se destacam, nos ângulos, cabeças de leões, à maneira de gárgulas. A cobertura é hemisférica, com falso lanternim, e na parte frontal destaca-se um relógio envolvido também por coroamento curvilíneo e duas aletas.

Interiormente, destaca-se a cimalha saliente, apoiada em mísulas. Sobre o arco triunfal, a mesma cimalha suporta um retábulo de madeira.

O tecto é de madeira, semicircular, dividido em caixotões, na nave e capela-mor, sendo os do corpo pintados em policromia, com rótulos de tipo concheado, de carácter popular.

A pia baptismal tem o pé torso e é da mesma época.

As bacias do púlpito apoiam-se em mísulas.

O cruzeiro é da mesma época da fachada, tendo uma coluna coríntia, assente em pedestal suportado por quatro atlantes. Sobre o capitel, um soco com a esfera onde assenta a cruz, como no remate da igreja. O conjunto assenta em quatro degraus oitavados.

Como na talha a coluna tem o terço inferior diferenciado, com uma composição floral, em que se inserem aves e meninos. Os outros dois terços são decorados com losangos, cada um com botão floral ao centro.¹⁰⁶

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação,

Vale de Cambra - Vila Chã

Data do início do século XVIII, apresentando as características comuns na fachada, limitada por pilastras terminadas em pináculos; porta e janela rectangulares, associadas, sendo a última ladeada por pináculos. A torre situa-se à direita.

O altar-mor é de talha, de final do século XVII, inícios do XVIII, do tipo "nacional", com colunas torsas envolvidas de parras e pequenos relevos figurativos nos

basamentos. O púlpito tem bacia de pedra assente em mísula¹⁰⁷.

Igreja Paroquial de S. João Baptista, Vila Cova de

Perrinho, Vale de Cambra

Deve datar do início do século XVIII.

A frontaria tem pilastras nos ângulos, coroadas por pináculos, porta rectangular, com cornija saliente. Destaca-se o campanário de uma só ventana, mas coroados por pináculos e cruz, que animam a fachada.

O retábulo do altar-mor é do primeiro terço do século XVIII e insere-se no "estilo joanino". A tribuna é de abertura oval, ladeada por duas colunas tipo salomónico, com o terço inferior estriado, embora atarracadas. Entre as colunas, imagens, sobre mísulas e protegidas por baldaquinos. O coroamento é feito por grossos motivos em "c", colocados nas extremidades à maneira de arranques de frontão e, ao centro, como um frontão curvo. O frontal com motivos floridos pintados, imita os tecidos do tempo.

Ao lado do altar colateral esquerdo, está um ex-voto pintado, em que se conta que António Silvestre, homem de negócios, foi assaltado nos montes da Cadoeira e livrando-se por intercessão da Senhora do Rosário, ofereceu 20000 réis para o douramento do seu retábulo. Data de 1721.¹⁰⁸

Igreja Matriz de Santa Marinha, Avanca

A sua construção iniciou-se a 15 de Outubro de 1727, mas só foi inaugurada a 24 de Fevereiro de 1749, por impulso do pároco António de Oliveira Fraião.

É uma igreja de uma só nave, com capela-mor do século XIX. A fachada é enquadrada por duas torres sineiras. A porta dá acesso a um átrio sobre o qual assenta o coro. Pilastras toscanas definem os três panos da fachada, correspondendo os extremos às duas torres sineiras, em cujo corpo inferior apenas se abre um pequeno óculo quadrangular. O segundo corpo tem uma ventana em arco de volta perfeita, pilastras nos cunhais, encimadas por pináculos, e cobertura hemisférica.

O pano central da fachada é notável pela composição em cantaria recortada, que liga o portal rectangular ao grande rótulo oval sem legenda, terminado numa pequena arquitrave, sobre o qual assenta um nicho enquadrado por pilastrazinhas e culminando num óculo quadrilobado. A altura do nicho, situam-se duas janelas ovais e independentes, mas que se integram na composição.

Entre as duas torres, está uma varanda em arco, com grade de balaústres, envolvida por frontão curvilíneo, sobre o qual assentam dois pináculos.

O interior é iluminado por largas janelas e, de cada lado, existe um altar, um púlpito e uma porta. O arco cruzeiro é profusamente decorado e ladeado por dois pequenos

altares colaterais. O tecto da capela-mor é de madeira, dividida em caixotões pintados¹⁰⁹.

Capela de S. Francisco, Avanca

Foi mandada fazer em 1736 pelo Padre Manuel de S. João Baptista, cónego secular loio, que fora abade de S. João de Ver. É um cubo coroado por cúpula, com pináculos nos ângulos e vértice. O retábulo desapareceu¹¹⁰.

Capela de Nossa Senhora dos Remédios, Pardilhô,
Aveiro

Foi mandada fazer em 1717.

Tem uma porta coroada por frontão curvo interrompido e dois postigos de cantaria¹¹¹.

Capela de Santo António, Vendas de Grijó, Feira

Segundo inscrição na fachada, foi mandada fazer por João Pereira, no ano de 1715.

A fachada é enquadrada por pilastras toscanas, coroadas por pináculos. No vértice está uma sineira encimada por uma cruz e dois pináculos, que assentam na cornija.

A porta e os dois postigos laterais são coroados por frontões triangulares. Sobre os postigos, está, de cada lado, uma pedra rectangular, onde se diz que o patrono é Santo António e a data e responsável pela fundação¹¹².

Igreja Paroquial de S. Martinho, Escapães, Feira

Data da primeira metade do século XVIII, mas foi reformada em 1771. A fachada tem uma torre do lado direito, com pilastras nos cunhais, coroadas por pináculos. A porta é rectangular, ladeada por pilastras, igualmente terminadas em pináculos, e ligada ao janelão superior, com frontão triangular e cantaria recortada, óculo em estrela de quatro pontas (das quais três são modernas e de massa)¹¹³.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Fiães, Feira

Em 1734 foi demolida a anterior e construída a actual. A torre é mais recente. Na fachada, as aberturas são rectangulares. No interior, apenas se destaca o púlpito de pedra sobre mísula¹¹⁴.

Igreja Paroquial de S. Salvador, Fornos, Feira

Data de 1739 e, pelas suas características, integra-se na arquitectura rural da primeira metade do século XVIII.

O portal é rectangular, com janelão por cima e nicho com sineira no frontão triangular. A fachada tem a torre à esquerda, com pináculos e remate hemisférico e pilastras nos cunhais.

No interior, apenas há a notar os púlpitos de bacia de pedra, suportada por mísula¹¹⁵.

Capela de Santo António, Lage, Feira

Este edifício data da primeira metade do século XVIII.

A fachada é enquadrada por pilastras de cantaria, encimadas por pináculos. A porta central, rectangular, é coroada pelo brasão dos Tavares Pinto, que ocupa quase 2/3 da altura da porta, e, no mesmo eixo, está a sineira. De cada lado da porta, abrem-se janelas, encimadas por frontões triangulares¹¹⁶.

Igreja de S. Mamede, Guisande, Feira

É um edifício do século XVII, mas cuja pia baptismal está datada de 1712.

A data de 1737 no arco cruzeiro corresponde à decoração em talha do mesmo. Este, assente em pilastras toscanas, é decorado com pinturas ornamentais, representando um vaso de jardim, donde sai um ramo policromo de flores¹¹⁷.

Igreja primitiva de Santa Maria de Lamas, Feira

118

O retábulo principal desta igreja veio da Ordem 3ª de S. Domingos do Porto e datava de 1701. A 20 de Fevereiro de 1713, foi lançada a primeira pedra do segundo templo, que veio a ser benzido a 11 de Abril de 1723. O referido retábulo foi vendido a 11 de Maio de 1718 ao abade de Lamas, por

425000 réis. O seu autor era Filipe da Silva, que também colaborou no coro do Mosteiro de Arouca. É um retábulo de "estilo nacional", enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas de cada lado.

Os dois retábulos laterais foram adquiridos na Sé do Porto. O contrato, feito com os entalhadores António Caetano da Silva Pinto e Garcia Fernandes de Oliveira, data de 3 de Março de 1726 e os altares foram vendidos quando das reformas da sé¹¹⁹.

O púlpito é de talha dourada, também do século XVIII.

As janelas da frontaria são decoradas com sanefas de talha, mas já de fim do século XVIII¹²⁰.

Igreja Matriz de S. Miguel, Oliveira de Azeméis

Foi construída entre 1719 e 1729, mas sofreu reparações no século XIX.

A fachada é enquadrada por torres, demarcadas por pilastras, mas unidas pela mesma cornija. Abaixo da cornija, dividem-se em dois andares de janelões, com frontões interrompidos (segmentares e triangulares). Acima da cornija, as torres têm na base um óculo à esquerda e um relógio à direita, separada da sineira por outra cornija; uma ventana por lado, com pilastras nos cunhais, terminadas em pináculos e coroamento hemisférico completam o conjunto.

A parte central da fachada é coroada por frontão com óculo no tímpano, pináculos e cruz nos vértices. A porta

rectangular é ladeada por pilastras, também terminadas em pináculos, com cornija na qual assenta um nicho com imagem, coroado por frontão triangular interrompido. De cada lado, dois janelões, encimados por frontão segmentar, também interrompido.

Interiormente, tem nave única, com altar-mor e dois colaterais, dois altares laterais a seguir às primeiras janelas e dois púlpitos a seguir às portas laterais.

O retábulo principal foi contratado a 27 de Agosto de 1731 com o entalhador portuense Luis Pereira da Costa e é de "estilo joanino", com colunas salomónicas e coroamento em sanefa, sob influência da Sé do Porto, onde este artista trabalhou. O camarim tem uma tela do século XIX. Nas mísulas dos intercolúnios estão imagens de S. Miguel e S. Pedro.

Os retábulos colaterais são do tipo nacional e anteriores (o do lado esquerdo é do final do reinado de D. Pedro II). Por cima das aberturas, há sanefas já da segunda metade do século XVIII¹²¹.

Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, Nogueira do

Cravo, Oliveira de Azeméis

É uma capela rural, toda construída em cantaria, com porta rectangular e sineira ao centro.

Na verga da porta, lê-se:

OBRA D[O] ABB[AD]E MIGUEL VALENTE

1747¹²².

Igreja Paroquial de Santo André, Macinhata de Seixa,

Oliveira de Azeméis

Esta igreja tem na fachada um letreiro eucarístico e a data de 1716, que corresponde ao conjunto.

A fachada, de coroamento triangular, sem frontão, tem uma torre à direita, com sineira e pilastras nos cunhais.

A porta é rectangular, com janelão superior, a ela ligado pela cornija; o janelão é enquadrado por duas aletas em forma de voluta e frontão triangular. De cada lado, abrem-se duas janelas rectangulares.

No interior, há a notar o retábulo principal e os dois colaterais, ainda do tipo nacional, com colunas pseudo-salomónicas reentrantes, ladeando a tribuna com tela; duas colunas fazem o enquadramento exterior e nos intercolúnios estão imagens.

Os altares colaterais são de dois andares, com colunas e pilastras envolvendo o arco cruzeiro.¹²³

Igreja Paroquial de S. Cristóvão, Nogueira do Cravo,

Oliveira de Azeméis

Data da primeira metade do século XVIII, mas tem reformas posteriores (1887).

A fachada é coroadada por frontão e ladeada por pilastras de cantaria, terminadas em pináculos, com a torre sineira à direita.

No frontão abre-se um óculo, inscrito noutro frontão de cantaria, que se liga à cruz do coroamento.

O portal é rectangular, enquadrado por pilastras e encimado por frontão segmentar interrompido, com pináculos. Ao centro, rasga-se o janelão, por sua vez coroado por frontão idêntico, com uma urna ao centro.

Interiormente, tem uma só nave, altar-mor e dois altares colaterais; a nave tem dois altares, sendo todos envolvidos por pilastras e arcos de cantaria.

O retábulo principal é já da segunda metade do século XVIII.¹²⁴

Igreja Paroquial de S. Vicente, Louredo, Feira

O retábulo principal é da época de D. João V, com duas colunas salomónicas ladeando o camarim¹²⁵.

Igreja Paroquial de S. Cipriano, Paços de Brandão,

Feira

Este edifício data do segundo quartel do século XVIII e enquadra-se no estilo regional. A fachada tem pilastras nos cunhais, terminando em pináculos. A torre situa-se à direita. A porta é rectangular, também ladeada por pilastras com pináculos e liga-se ao janelão superior por arranques de frontão formando volutas. No eixo central, acima da cornija, está um nicho com imagem. No vértice cortado do coroamento da fachada, assenta a cruz.

No interior, há apenas a notar os púlpitos de pedra sobre cachorrada¹²⁶.

Igreja Paroquial de S. Jorge, Feira

A construção desta igreja foi iniciada em 1732 e terminada em 1735, sendo pároco António Julião Botelho (1730-1752).

O edifício actual corresponde a uma remodelação de fim do século XVIII ou já do século XIX¹²⁷.

Igreja Paroquial de S. Mateus, Bunheiro, Murtosa

Esta igreja foi reedificada no segundo terço do século XVIII, sendo a obra arrematada por Manuel Francisco da Silva. A provisão régia que a autoriza data de 23 de Dezembro de 1740 e a 7 de Janeiro de 1741 foi lançada a primeira pedra. Em 1755 já estava pronta.

A torre situa-se à direita da fachada; esta é limitada por pilastras e coroada por frontão com óculo. Sobre a porta, abre-se um janelão rectangular, encimado por um nicho, enquadrado por duas janelas.¹²⁸

Igreja Paroquial de Santa Maria, Murtosa

Este edifício foi construído na primeira metade do século XVIII. A fachada tem o portal encimado por lintel triangular e janelão com frontão também triangular.

Enquadrada por pilastras e pináculos, a fachada tem remate mistilíneo. A torre situa-se à esquerda.

No interior, destaca-se o retábulo principal, de "estilo nacional", proveniente do sul.¹²⁹

Capela de Nossa Senhora das Febres, Bustelo, Ovar

Está datada de 1711, na verga da porta, que é coroada por lintel e cornija.¹³⁰

Igreja Paroquial de Santa Maria, Valega, Ovar

O terreno para a construção desta igreja foi adquirido em 1746 e a primeira pedra lançada a 20 de Novembro, sendo pároco Vicente José de Freitas. Em 1749, uma provisão régia permitiu o lançamento de um adicional. A 24 de Agosto de 1752, as obras iam adiantadas, mas faltava a capela-mor, que ainda não tinha sido principiada em 1779.

A igreja tem uma porta central e duas laterais, todas rectangulares, com cornijas. É iluminada por três janelas de cada lado, também rectangulares. A fachada integra a torre pelas pilastras e entablamento, sendo coroada por pináculos e cruz. Sobre o entablamento, um frontão com óculo em losango, inscrito em cantaria. O nicho central é enquadrado por janelões com frontão. A torre tem dois andares, o do relógio e a sineira; na parte inferior, abrem-se duas janelas, como na fachada.¹³¹

Igreja Paroquial de S. Vicente de Pereira, Ovar

A primeira pedra da actual igreja foi lançada em 1756.

No entanto, a capela-mor da anterior tinha sofrido um incêndio em 1739 e fora reedificada em 1741, sendo possível que houvesse um reaproveitamento. Mas o retábulo do altar-mor que se encontra na igreja actual apresenta características da segunda metade do século XVIII e o da nova capela tinha sido executado em 1743, pelo que a dúvida permanece quanto ao reaproveitamento da mesma capela.¹³²

Capela de S. Miguel, Ovar

Foi edificada entre 1711 e cerca de 1725, ano em que se diz que estava em construção, no alvará de 23 de Maio, em que D. João V autoriza a realização de uma feira mensal no largo.

O retábulo do altar é feito com aproveitamento de talhas do século XVII.¹³³

Igreja Paroquial de São Paio, Arcos de Anadia, Águeda

Esta igreja possui, na capela-mor, um revestimento azulejar, em quatro painéis, separados por pilastras de massa. Os painéis têm na parte superior uma guarnição recortada pintada sobre fundo branco, manchado de azul. Os quadros azulejares são delimitados por cercaduras

arquitecturais e representam cenas alegóricas referentes à Eucaristia, com legendas. Estes azulejos foram mandados fazer por Aires de Sá e Melo, entre 1741(?) e 1747, conforme inscrições nos próprios azulejos. Assim, no painel «Jesus em casa de Marta e Maria», do lado do evangelho, lê-se: "ESTE OBRA DE A/ZULEIO MAND/OV FAZER O S^{ro} / AIRIS DE SA E MELO /no anno de 1741". Mas num outro painel com camponeses junto a uma mesa, do mesmo lado, está a legenda: "POR DEVOSAM= Q TEM AO SS/ANTISIMO SA/CRAMENTO / no anno de 1747", o que parece fazer crer que todos os painéis são desta data, que também se lê nos painéis do lado da epístola: "ESTE OBRA DE A/ZULEIO MAND=/ DOV FAZER O S^{ro} / AIRIS DE SA E MELO / no anno de 1747" e, no da «Arca da Aliança», repete-se: "POR DEVOSA/M Q TEM O SA/NTISIMO SACA/RAMENTO /no anno de 1747"¹³⁴.

Capela de S. Gonçalo, Aveiro

Esta capela, dedicada a S. Gonçalo de Amarante, deve ter sido construída entre 1712 - data de uma lápide comemorativa do falecimento de um operário - e 1714 - data inscrita no portal.

A planta desta capela integra-se no gosto pelas plantas poligonais que vamos encontrar no final do século XVII e inícios do XVIII, sobretudo na faixa litoral. Assim, a planta é hexagonal, sem capela-mor, que se limita a ocupar o lado do hexágono oposto à porta, e a sacristia, de planta rectangular, tem planta trapezoidal, que se adapta

perfeitamente ao lado do hexágono atrás da capela-mor, com a qual comunica. Exteriormente, os ângulos são sublinhados por pilastras com pedestais e entablamento. Um corpo recuado corresponde à cúpula, coroada por falso lanternim.

Interiormente, a cada uma das faces do hexágono corresponde um arco assente em pés direitos dóricos. A cúpula é dividida em sectores, com lunetas. Aos lados da capela-mor, estão altares colaterais. Os retábulos são modestos, em madeira, com colunas torsas, sem ornamentos, e apenas os capitéis são dourados.

As duas outras faces do hexágono, de cada lado da porta, destinavam-se a largas janelas, para que em dias de culto, a multidão pudesse seguir as cerimónias do exterior da capela.

A sacristia é coberta por abóbada de gomos de base octogonal, porque os lados do quadrado são cortados.

Nos altares, vêm-se algumas imagens do século XVIII, como «S. Gonçalo», «Ecce Homo» e «S. Nicolau»¹³⁵.

Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, Aveiro¹³⁶

Os retábulos de talha dourada da nave, correspondentes aos dois altares colaterais e a dois laterais, são dos inícios do século XVIII, embora, pelas suas características ainda se integrem no "estilo nacional".

Os dois colaterais desdobram-se em dois níveis, o inferior ladeado por colunas pseudo-salomónicas, e o superior

por pilastras misuladas, com grande relevo central, o da esquerda representando «Cristo ressuscitado» e o da direita a «Apresentação da Virgem». Neste se encontra uma escultura da época, representando a «Virgem da Apresentação»¹³⁷.

DISTRITO DE COIMBRA

Igreja Paroquial de S. Miguel, Celavisa, Arganil

Esta igreja foi reedificada na segunda metade do século XVIII. No entanto, na capela lateral do lado da Epístola, conserva-se um silhar recortado de azulejos de fabrico coimbrão, de cerca de 1740. Na cabeceira, os azulejos acompanham as frestas que iluminam a capela. Representam passos da «Parábola do Filho Pródigo» e nas sobreportas, medalhões com «S. Pedro» e «S. Paulo»¹³⁸.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Atocha, Tocha,

Cantanhede

Esta igreja data do século XVII, mas foi reformada na centúria seguinte. Os azulejos da nave são mais antigos do que os da capela-mor e provenientes de oficinas lisboetas, datando de 1750, segundo Santos Simões, embora Vergílio Correia os tenha considerado do estilo dos Oliveira Bernardes¹³⁹. Representam heroínas do Antigo Testamento, que a Igreja considera prefigurações da Virgem.

Capela de Nossa Senhora da Alegria, Almalaguês

A capela-mor deste edifício possui um silhar de azulejos recortados, de emolduramento barroco de transição para o rococó, datáveis de cerca de 1750 e de fabrico coimbrão. Representam cenas da infância de Jesus e, à ilharga do altar, uma «Nossa Senhora da Conceição». Em frente à porta da sacristia, está ainda uma porta fingida, também em azulejo.¹⁴⁰

Igreja Paroquial de S. Miquel, Castelo Viegas

A capela lateral do lado da epístola tem, na parede lateral e na do fundo, frente ao retábulo, dois painéis de azulejos recortados, com vasos nos extremos, de fabrico coimbrão, de cerca de 1750. Representam a «Sagrada Família» e «Aparição do Espírito Santo à Virgem» e revelam influência do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes-Nicolau de Freitas, mas de inferior qualidade¹⁴¹.

Igreja de S. Salvador, Coimbra

Embora de origem românica, a fachada foi bastante alterada no século XVIII, com o acrescentamento de dois portais laterais; na parede do lado da epístola, está uma porta rectangular e um nicho gradeado, também do século XVIII, com o «Senhor dos Passos».

A capela-mor tem retábulo de madeira dourada e marmoreada, com quatro colunas compósitas, da mesma época. A

capela colateral do lado da epístola tem um retábulo do mesmo tipo. A Capela de S. Brás, a meio da nave, do lado oposto, também foi modificada, com a abertura de janelas, rodapé de azulejos e retábulo de talha dourada e marmoreada, enquadrado por dois pares de colunas.

A sacristia tem um lavabo de pedra do século XVIII, com a pia em concha e dois mascarões que lançam a água.

Este templo possui revestimento de azulejos do século XVIII, de fabrico coimbrão, nas paredes da igreja, capela-mor, e colateral do lado da epístola. Os da nave organizam-se em função das aberturas, tendo na zona correspondente às portas uma zona de apainelados e de aletas com atlantes; a seguir a base das composições, com rótulos concheados e amparados por dois anjos, com letreiros alusivos às cenas. Estas representam passos da vida do Salvador, sendo os da capela-mor reservados ao período da infância. Assim, na capela do topo da nave, do lado da epístola, estão dois painéis azuis, de desenho grosseiro, que representam «Jesus no Horto» e «Flagelação». Na parte superior há uma epígrafe em que ainda é visível a data: "...STA OBRA .../E AZVLEIO.../...../..ITISIMO S../CRAMEN.../ na era de 1747"¹⁴². Acima dos arcos das capelas colaterais, ainda há azulejos com cenas da vida do Salvador.

Igreja de Santa Justa, Coimbra

Foi construída nos primeiros anos do século XVIII, depois das inundações de 1708, que afectaram a igreja velha. A primeira pedra do actual edifício foi lançada a 24 de Agosto de 1710, pelo bispo-conde, D. António de Vasconcelos e Sousa.

Encontra-se em plano superior ao da rua, com acesso por dupla rampa, que conduz a uma parte plana, donde parte uma escadaria de dois lanços. A fachada é enquadrada por torres, tendo cunhais, cornija e vãos de cantaria. O portal tem pilastras dóricas sustentando o entablamento; de cada lado estão duas frestas rectangulares. As torres são ligadas por um corpo médio de três janelas, encimado por remate de duas aletas e uma oval, com emblemas da Paixão, coroada por frontão curvo. As janelas do coro são encimadas por pequenos nichos com imagens antigas, provenientes certamente da igreja velha. Na parte inferior das torres estão duas lápides, uma sobre o fim da outra igreja, outra sobre a fundação da actual.

O interior é de uma só nave e cinco tramos, de que o primeiro é ocupado pelo coro alto.

As portas laterais são encimadas por molduras de talha dourada, do primeiro terço do século XVIII, com duas telas: «Baptismo de Cristo» e «Nossa Senhora com o Menino».

A capela-mor tem retábulo de talha dourada, do primeiro terço do século XVIII, com colunas torsas, com

acantos, flores, crianças e aves. O sacrário tem quadro colunas salomónicas e, por cima, está uma escultura do «Padre Eterno», ladeada de anjos. De cada lado, estão as imagens das titulares, «Santa Justa» e «Santa Rufina». Acima desta composição, está o trono, com crucifixo.

Os seis altares laterais não são todos da mesma época. Os quatro primeiros (do lado da porta) são de meados do século, de talha pintada e marmoreada, com douragens nos ornatos, colunas lisas com grinaldas envolventes e o terço inferior canelado em espiral, com ornatos.

Os dois últimos são mais antigos, sendo o do evangelho ainda ao gosto do final do século XVII, de colunas pseudo-salomónicas; o outro é do primeiro terço do século XVIII, com colunas torsas, com grinaldas nos sulcos.

Na sacristia, sobre o arcaz, estão duas telas do século XVIII, representando «Nossa Senhora da Conceição» e um martírio e tendo nas partes laterais duas, estreitas, com «S. Pedro» e «S. Paulo».

No coro alto, encontra-se um pequeno trono do primeiro terço do século XVIII, com quatro colunas salomónicas de talha dourada. Aqui se encontra também uma tela com o «Lava-pés», da mesma série das da igreja. 143

Igreja de Nossa Senhora da Visitação, Pedrulha,

Coimbra

O escudo de armas que tem na fachada mostra que é construção do bispo-conde D. Miguel da Anunciação (1739-1779).

A fachada é enquadrada pelos cunhais e tem na empena um corpo central, definido por pilastras, que suportam a cimalha curva enquadrando o brasão.

No interior, estão três retábulos de duas colunas compósitas, tendo dois anjos no começo do frontão; são dourados e marmoreados, de meados do século, como a igreja. No altar do evangelho, está a «Piedade» e no outro a «Senhora da Visitação», imagens do século XVIII¹⁴⁴.

Igreja Paroquial de S. Martinho do Bispo, Coimbra

Embora anterior, esta igreja sofreu várias reformas no século XVIII, tendo a torre datada de 1733.

No interior, o retábulo do altar-mor é do século XVIII, de tipo "joanino", com colunas torsas com grinaldas nos sulcos, mas enquadra tela posterior¹⁴⁵.

Na capela-mor, estão dois grandes painéis recortados, de azulejo azul e branco, de fabrico coimbrão, de cerca de 1750. As molduras combinam elementos barrocos, com cabecinhas de querubins e concheados, já típicos do rococó. Representam «Aparição de Cristo a S. Martinho» e «Missa de S. Martinho», ilustrados com legendas em latim. Do lado da epístola, está

também uma porta fingida em azulejo, com o madeiramento a manganês¹⁴⁶.

Igreja Paroquial de S. João Evangelista, Vil de Matos

Coimbra

Na capela-mor encontram-se dois painéis de azulejos, lisos, com rodapé marmoreado a manganês, de fabrico coimbrão de cerca de 1750. Representam «Ceia» e «Milagre da Mula», entre enquadramentos concheados com pilastras¹⁴⁷.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Buarcos,

Figueira da Foz

A capela remonta ao final do século XVI, mas no seu interior possui decoração azulejar de oficina coimbrã, de carácter essencialmente ornamental, com vasos floridos entre balaústres, acima dos quais estão azulejos de figura avulsa, com grandes flores azuis. Sobre o arco triunfal, está um painel com uma «Nossa Senhora da Conceição», onde se lê a data e o nome do encomendador: "ESTA O/BRA MAN/DOV...ZER O /DOVTOR /DVA... DE BRI/TOERADE /1714"¹⁴⁸.

Igreja de S. João Baptista, Seixo de Gatões,

Montemor-o-Velho

No exterior, existem oito cruzeiros de azulejo, assinalando as estações da Via Sacra. Interiormente, é notável o revestimento total da capela-mor, enquadrando

portas e janelas, tendo na parte inferior cartelas com emblemas marianos. São de oficina coimbrã e de cerca de 1740¹⁴⁹.

Igreja Matriz de Santa Maria, Arrifana, Penacova

Esta igreja pertenceu a Santa Cruz de Coimbra, tendo passado depois para a Universidade. É joanina¹⁵⁰.

Igreja Paroquial do Espírito Santo, Tapéus, Soure

É um edifício antigo, provavelmente do século XVI, mas com reconstrução de 1683, data que se lê na verga da porta. Na capela lateral do lado da epístola tem um silhar de azulejos recortados, de fabrico coimbrão, de fraca qualidade. Representam cenas da «Paixão» e devem datar de 1750, data pintada na cornija da abóbada¹⁵¹.

DISTRITO DE LEIRIA

Capela de S. Lourenço, Alcobaça

Esta capela foi fundada no século XVI, mas foi decorada no século XVIII com azulejos do Juncal, já com elementos rococó.

No entanto, no corpo da capela está um silhar com passos da vida de Santo António - «Pregação aos peixes» e «Aparição do Menino Jesus ao santo» - que deve ter sido transferido de outro local, já que os painéis são de cerca de 1720 e as cercaduras ainda do século XVII¹⁵².

Igreja Paroquial de S. Pedro de Finisterrae,

Carvalhal

Tem um sino datado de 1737.¹⁵³

Ermida de Nossa Senhora do Socorro, Carvalhal

Desconhece-se a data da fundação deste templo.

No entanto, a capela-mor é revestida de azulejos de albarradas e de figura avulsa, do século XVIII, e na parte superior tem dois painéis relativos à vida de Nossa Senhora e mais dois com figuras de anjos. Este revestimento cerâmico foi feito em 1733, à custa do povo do Carvalhal e sendo Juiz da Irmandade António Gambino, conforme consta de duas inscrições.

Todo o tecto da ermida é pintado com ornatos largos, a azul e vermelho, em 75 caixotões.

No coro, existem outros dois painéis de azulejos, também azuis e brancos, representando «S. Francisco recebendo os Estigmas» e «Santo Agostinho»¹⁵⁴. Os painéis de 1733 são atribuídos a Bartolomeu Antunes¹⁵⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, Roliça

Bombarral

O altar-mor tem um retábulo de talha dourada, de "estilo Nacional", dos inícios do século XVIII. A escultura de madeira que se encontra numa mísula do lado direito, representando a padroeira, é da mesma época.¹⁵⁶

Ermida de Nossa Senhora da Silveira, Azambujeira dos

Carros, Roliça, Bombarral

Sobre a porta tem um registo de azulejo, representando a padroeira, a azul, e na parte inferior tem a legenda: "Esta ermida de N. S. da Silveira foi feita pelos devotos deste lugar e pelos devotos de Lix.ª que mandaram dizer a 1ª missa com toda a solenidade em 23-12-1742"¹⁵⁷.

Igreja Matriz de S. João Baptista, Figueiró dos

Vinhos

A capela-mor apresenta a combinação da talha dourada com o azulejo, característica do barroco português. O

retábulo é do "estilo nacional", com colunas pseudo-salomónicas enquadrando a tribuna. As paredes são revestidas até à sanca de azulejos azuis e brancos, em cinco painéis, de cada lado, distribuídos em duas ordens, que representam cenas da vida de S. João Baptista, além de portas e janelas fingidas. Sobre uma das portas está "ANNO" e sobre a outra "1716". Dada a época e a qualidade dos azulejos é possível atribuí-los à oficina dos Oliveira Bernardes,¹⁵⁸ mas Santos Simões considerou-os do mesmo autor que os da sacristia da Igreja de Santa Cruz, em Santarém, e entende que houve mais de um artífice a executar o trabalho¹⁵⁹.

Ermida do Bom Jesus da Sobreira (Sobreda?), Figueiró
dos Vinhos

No seu interior, combina a talha dourada com o azulejo. Parece ter sido acrescentada em comprimento durante o século XVIII. O interior é totalmente revestido de azulejos azuis e brancos, historiados, representando «S. Simão, apóstolo» e «S. Cristóvão» e o frontal do altar é também de azulejos azuis e brancos, tendo ao centro o escudo carmelita (ou franciscano?) rodeado de azulejos de figura avulsa¹⁶⁰. O retábulo do altar-mor é de talha policromada.¹⁶¹

Igreja Matriz de S. Pedro e S. Paulo, Amor, Leiria

A fachada principal coroada por frontão triangular, acompanhado por ornatos curvilíneos e uma torre lateral, à

esquerda, apresenta nas aberturas, elementos de cantaria característicos da segunda metade do século XVIII.

No baptistério, destaca-se um painel de azulejos azuis e brancos, representando o «Baptismo de Cristo». ¹⁶² Santos Simões considera-os trabalho do Juncal ou de Coimbra ¹⁶³.

Igreja Paroquial de Santa Catarina, Azoia, Leiria

Embora sendo um templo de características vulgares, tem na fachada a data de 1722. No entanto, a imagem do orago é do século XVI. ¹⁶⁴

Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário,

Parceiros, Leiria

Embora a igreja remonte ao século XVII, esta freguesia foi criada em 1713, pelo Bispo D. Álvaro de Abranches e Noronha ¹⁶⁵.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Desterro, Pousos

Leiria

A ermida foi edificada entre 1636 e 1641, mas a freguesia foi igualmente criada em 1713, pelo Bispo D. Álvaro de Abranches e Noronha ¹⁶⁶.

Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, Nazaré, Leiria

Segundo o «Arquivo da Real Casa de Nossa Senhora da Nazaré», Livro III, Fol. 70, o azulejador Manuel Borges forneceu os azulejos para o corredor e sacristia desta igreja, em 1714. Estes azulejos são, para Santos Simões, obra de António de Oliveira Bernardes, que na abóbada do corredor, pintou uma «Assunção de Nossa Senhora» baseado numa gravura de um quadro de Rubens¹⁶⁷.

Entre as peças conservadas nesta igreja, contam-se as lâmpadas oferecidas por D. João V¹⁶⁸.

Oratório de Nossa Senhora da Graça, Porta da Vila,

Óbidos

Este oratório é circundado de azulejos historiados, com enquadramento de pilastras e anjinhos, característicos de 1740. Representam a «Prisão de Jesus e S. Pedro acutilando Judas» e mais três painéis, com anjos de tamanho natural, apresentando os instrumentos da Paixão¹⁶⁹.

Igreja de Santa Maria, Óbidos

A entrada, sob o coro, está um silhar ornamental de vasos floridos, entre anjinhos, do segundo quartel do século XVIII. No corpo do templo, as paredes são também totalmente revestidas com azulejos ornamentais tendo na parte inferior, um silhar de atlantes, entre grinaldas, a que se segue uma barra de três azulejos. Frestas e quadros são também

contornados por barra de dois azulejos de folhagem. Sob as frestas, em medalhões, estão bustos de santas. Uma das maiores curiosidades deste revestimento é a combinação entre azulejo e pintura, já que naquele se encontram legendas elucidativas dos quadros que estão por cima¹⁷⁰.

Igreja Paroquial de Santa Catarina, Caldas da Rainha

Esta igreja possui um retrato a óleo do bispo de Bragança e Miranda, D. José António da Silva Rebelo, natural desta freguesia e falecido em 1732¹⁷¹.

Igreja Matriz de Pedrógão Grande, Leiria

Trata-se de um templo do século XVI, que foi renovado em 1736.

Ermida de S. Sebastião, Pedrógão Grande

Característica do século XVIII, tem a sineira no alto da fachada e cunhais de granito terminados em fogaréus. O portal barroco rasga-se entre duas janelas baixas; é coroado por frontão com volutas e pináculos. No interior destaca-se o altar de talha dourada, com nicho central, onde se encontra a imagem do padroeiro¹⁷².

Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Amparo, Mira

Daire, Porto de Mós

A igreja foi erguida em 1720, ampliando-se uma ermida da mesma invocação que existia no local. De referir, apenas o altar-mor e os dois colaterais, em talha¹⁷³.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Ajuda, Peniche

O interior é totalmente revestido por azulejos historiados do século XVIII, representando, na parte superior, cenas da vida da Virgem e tendo, na parte inferior, um silhar de assuntos profanos. Do lado do Evangelho, vêem-se ainda duas janelas fingidas, simétricas com as janelas verdadeiras do lado da Epístola. Sob o coro, estão cenas do «Cântico dos Cânticos». Estes azulejos foram atribuídos por Santos Simões a Bartolomeu Antunes, com data de cerca de 1740¹⁷⁴, e, mais recentemente, com reservas, a Valentim de Almeida, e datáveis de 1722-23¹⁷⁵. No baptistério, também se encontram azulejos historiados, com o «Baptismo de Cristo».

Nesta igreja, existem ainda algumas esculturas em madeira do século XVIII, como uma «Virgem» e um grupo escultórico da «Sagrada Família». ¹⁷⁶

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição,

Peniche

O seu interior é um magnífico exemplo do gosto barroco pela combinação do azulejo com a talha dourada, a pintura sobre tela e a pintura de ornatos no tecto.

O retábulo principal, os altares colaterais e os laterais são de talha dourada ainda de "estilo nacional", sendo os colaterais enquadrados por colunas pseudo-salomónicas rematadas por cornija, e o principal e laterais coroados por arquivoltas, como é usual. O púlpito com caixa de talha e dossel curvo parece mais tardio. O tecto, imitando abóbada, é pintado com volutas, anjos e flores, enquadrando um medalhão central onde está representada Nossa Senhora da Conceição, pintura dos finais do século XVII ou já dos inícios do XVIII.

Os azulejos revestem as paredes até à sanca, com cenas da Vida da Virgem; sobre os altares colaterais, estão «Nossa Senhora da Conceição» e «Nossa Senhora do Rosário». O revestimento figurativo da nave, com excepção do painel da «Anunciação» é atribuído ao monogramista P.M.P.¹⁷⁷, tendo já Santos Simões considerado este "o seu maior e mais importante trabalho"¹⁷⁸. O revestimento da capela-mor é atribuído a Teotónio dos Santos¹⁷⁹. Estes painéis representam o «Presépio» e a «Adoração dos Magos». No Baptistério, também se encontram azulejos com o «Baptismo de Cristo», a «Samaritana» e a «Pesca Milagrosa». O painel da «Anunciação»,

da nave, e os painéis superiores do baptistério, são atribuíveis, com reservas, a Valentim de Almeida¹⁸⁰. Nesta igreja encontram-se ainda boas imagens do século XVIII, estofadas e douradas: «Santo António», «Senhora do Carmo», «Virgem» e «Santa Catarina», assim como um bufete de pau-santo, de meados do século¹⁸¹.

Igreja Paroquial de S. Pedro, Peniche

Embora remonte ao século XVI, a fachada actual tem características setecentistas, com galilé, duas torres laterais (uma inacabada) e um mezzanino para iluminação do coro.

Os altares - dois colaterais e quatro laterais - são todos de talha dourada, destacando-se o retábulo do altar-mor com o trono.

Nas paredes da capela-mor estão quatro telas com passos da vida de S. Pedro, obra de um pintor local que assinou uma: "PINTOR P.º PEIXOTO. E. DE 1711"

No baptistério, existe um painel de azulejos historiados, representando «Santo António» e «S. Francisco», de pintura azul sobre esmalte branco, datáveis de cerca de 1740¹⁸²; são provenientes do Convento de S. Bernardino¹⁸³.

Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Peniche

Situada no caminho para o Cabo Carvoeiro, esta pequena igreja distingue-se pelo seu revestimento azulejar¹⁸⁴.

Na verdade, todo o interior da igreja - paredes do corpo, capela-mor e tectos - é revestido por excelentes azulejos de que se destacam os relativos à Vida da Virgem, combinados com outros ornamentais, com cartelas e tabelas decorativas. O revestimento das paredes e da abóbada da nave, que está assinado - "*Antonius Aboliua B/des fecit*" é de António de Oliveira Bernardes. A abóbada da capela-mor é-lhe também atribuída, mas é provável que a assinatura indique apenas a concepção da decoração, enquanto a execução se deve a Policarpo¹⁸⁵.

Ermida de Santo Estêvão, Baleal, Peniche

Templo de carácter popular, é interiormente revestido de azulejos azuis e brancos de jarras e ornatos, que forram as paredes e a cúpula, associados com outros de "figura avulsa", e tendo no fecho um registo onde está representada Nossa Senhora do Rosário¹⁸⁶(ou da Conceição)¹⁸⁷.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Consolação, Peniche

Na nave e capela-mor existe um silhar de azulejos azuis e brancos, com cenas relativas à vida da Virgem¹⁸⁸, que

Santos Simões considera já da transição do barroco e datáveis de 1750-55¹⁸⁹.

Igreja Paroquial de S. Sebastião, Serra d'El-Rei,

Peniche

A nave desta igreja é revestida de azulejos azuis e brancos, com passos da vida do padroeiro. Para Santos Simões, os enquadramentos são "da transição rocaille-rococó, de cerca de 1760"¹⁹⁰. Na parte posterior do altar-mor, existem dois anjos de azulejo, e, do lado do Evangelho, há uma janela fingida, também de azulejo.

Num altar colateral do mesmo lado, está uma escultura de Santa Luzia, do século XVI, entre volutas de talha dourada do século XVIII¹⁹¹.

Igreja Matriz de Almagreira, Pombal

Exteriormente modernizada, tem no seu interior elementos barrocos - talha e azulejo - provenientes do extinto Convento do Desagravo. O silhar de azulejos azuis e brancos conta a história do roubo dos vasos sagrados e serão de cerca de 1760¹⁹². A talha decora as molduras das janelas e os altares colaterais, decorados com figuras alegóricas, que pousam em capitéis dourados, de gosto setecentista¹⁹³.

Igreja Paroquial de Santiago, Louriçal, Pombal

Esta igreja possui um silhar ornamental de vasos, da primeira metade do século XVIII¹⁹⁴.

Igreja Matriz de S. João, Porto de Mós, Leiria

Edifício de origem medieval, tem uma torre sineira com coruchéu setecentista e na frontaria a data de 1712, que deve corresponder a um restauro¹⁹⁵.

DISTRITO DE SANTARÉM

Igreja de Santa Maria da Alcáçova, Santarém

O interior desta igreja, de três naves, foi reformado em 1724, nada deixando da época primitiva¹⁹⁶. Assim vemos arcos de volta perfeita assentes em colunas toscanas, e tecto de madeira em caixotões apainelados. O altar-mor foi modificado também durante a reforma setecentista, tendo sido subsidiado pelo Conde de Unhão, D. Rodrigo Teles de Meneses¹⁹⁷.

Igreja de Santa Cruz da Ribeira, Santarém

É uma igreja gótica, dos inícios do reinado de D. Dinis.

O portal barroco, datado de 1712, foi transferido para a parede nascente do anexo setecentista e colocada no local a porta gótica que estava entaipada.¹⁹⁸

A Casa da Irmandade, anexa à Igreja, e que foi construída em 1715, tem o seu interior decorado com um silhar de azulejos devidos ao Mestre P.M.P. e datados de 1723¹⁹⁹, segundo indicação num dos topos: "ESTA OBRA FOI FEI/TA EM O ANNO / DE 1723". Revela grande qualidade no desenho, representando episódios moralizantes do Antigo Testamento e de salmos bíblicos, inspirados em gravuras de Boecio Bolswert, da *Pia Desideria* de Hermann, de 1624²⁰⁰.

O tecto apresenta uma composição pintada a fresco, que mostra no medalhão central, «A Adoração Eucarística», rodeada de elementos em perspectiva, como entablamentos, balcões e caixotões, de acordo com o estilo introduzido entre nós por Baccarelli. O autor desta pintura foi identificado por Flávio Gonçalves como sendo António Simões Ribeiro²⁰¹.

Azulejos e pintura do tecto fazem deste anexo um notável exemplar da decoração barroca do período joanino.

Igreja de S. Lourenço, Santarém

Esta igreja - de acordo com notícia do «Folheto de Lisboa» - foi reconstruída à custa do Dr. António do Espírito Santo Freire, vigário geral e Arcediago de Santarém a partir de 1731. A primeira missa foi aí rezada a 10 de Agosto de 1739²⁰².

Igreja Paroquial de S. Martinho, Santarém

Esta igreja estava situada dentro dos muros da vila, do lado nordeste. O edifício original remontava à Idade Média, mas por apresentar ruína, foi demolido em 1715. A primeira pedra da nova igreja foi lançada a 7 de Maio de 1716, segundo o «Mercúrio Histórico de Lisboa» ²⁰³, e não a 9, como afirmou o Padre Inácio da Piedade Vasconcelos²⁰⁴. A igreja só foi terminada em finais de 1746, tendo o Santíssimo sido para ela transferido a 10 de Novembro desse ano, em aparatosa procissão²⁰⁵, a que se seguiu um "tríduo festivo", acompanhado de luminárias e fogo de artifício. As despesas da festa estiveram a cargo de Belchior de Torres de Almeida Negrão, Luis Pires de Távora e José Caetano Barbosa Calheiros²⁰⁶.

A igreja era de nave única, com abóbadas de tijolo, pintadas com perspectivas arquitectónicas. Tinha altar-mor e dois altares colaterais. O retábulo do altar-mor tinha "quatro colunas retorcidas", provavelmente de estilo joanino, dada a época em que foi feito, trono e sacrário de "folhagem entalhada". Os altares colaterais eram do mesmo estilo.

A fachada era de pedraria, enquadrada por torres sineiras, entre as quais existia uma espaçosa varanda.

Apesar de ter poucos anos de construção, a igreja foi afectada pelo terramoto de 1755, tanto na abóbada como no corpo, vindo a ser vendida e destruída nos meados do século XIX²⁰⁷.

Igreja Paroquial do Salvador, Santarém

Esta freguesia era muito importante, tendo como pólos principais o adro desta igreja e o terreiro dos Paços d'El-Rei.

A primitiva igreja ficou arruinada, pelo que, no início do século XVIII, foi construída outra, acabada em 1725. Enquanto a primeira tinha três naves, esta era de nave única, com abóbada de tijolo. As paredes, até à cimalha, eram de cantaria lavrada. Esta igreja sofreu muito com o Terramoto, tendo na altura o Santíssimo sido transferido para a Ermida do Espírito Santo.

Segundo as «Memórias Paroquiais» de 1758, "ainda a Igreja se não achava de todo acabada pela parte exterior, pois necessitava de frontespício quando ... o Terramoto ... de 1755 a deixou em gravíssima ruína, porque a empenna da Capella mor totalmente desamparou o corpo da Igreja, cahindo em terra hum vão da abobeda, succedendo o mesmo às janellas do coro e à sua abobeda, sendo percizo levar o SS.mo para a Ermida do Espirito Santo, aonde esteve dois annos, e tres meses que tanto se gastou no reparo da Igreja"²⁰⁸.

Esta igreja foi posteriormente demolida e o local transformado em jardim²⁰⁹.

Duas peças pertencentes a esta igreja foram transferidas para a Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Moçarria (Santarém), erguida em 1905: uma imagem de

«Santa Ana», em madeira estofada e policromada, do século XVIII; e uma tela, representando «Nossa Senhora do Monte do Carmo entre anjos», atribuível a Francisco Vieira Lusitano²¹⁰.

Igreja da Graça, Santarém

De todo o ornamento da igreja, o restauro que a reconduziu à pureza gótica, apenas poupou, transferindo-o para outro local, o que obrigou a uma aplicação em dois panos de parede, que lhe prejudica o efeito decorativo, um painel de azulejos dedicado a «Santa Rita», mandado fazer por D. João V em 1727.

Igreja Paroquial de Santa Iria, Santarém

De acordo com notícia da «Gazeta de Lisboa» de 10 de Setembro de 1739, a 2 de Agosto desse mesmo ano, foi colocada nesta igreja uma imagem de Nossa Senhora das Dores, para aí conduzida em solene procissão, acompanhada por 22 figuras, representando as Virtudes, e anjos, com os atributos da Senhora²¹¹.

Deve tratar-se da Igreja de Santa Iria, na Ribeira de Santarém, em cuja sacristia existem azulejos de cerca de 1725-30, com passos da «Vida de Maria»²¹².

Ermida de Santa Ana, Abrantes

Sobre a porta principal, tem um quadro de azulejos setecentistas, a azul e branco, representando a «Apresentação no Templo»²¹³.

Igreja Paroquial de S. João Baptista, Abrantes

Templo reedificado na segunda metade do século XVI, tem altares laterais com retábulos de talha dourada de tipo "nacional" e "joanino". O órgão é também do século XVIII²¹⁴.

Igreja Paroquial de S. Miguel, Martinchel, Abrantes

É um templo de carácter rural, de uma só nave, reedificado em 1735. No centro do tecto de madeira, está uma pintura sobre tela, também do século XVIII, representando a «Adoração dos Magos»²¹⁵.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção, Minde,
Alcanena

A capela-mor está revestida de azulejos azuis e brancos, da primeira metade do século XVIII, representando «Oferendas», «Adoração dos Magos», «Anunciação» e «Visitação». Existem ainda dois nichos com quadros de azulejo, representando «S. Romão» e «S. Diogo». Santos Simões considera-os de 1720 e dos Oliveira Bernardes, atribuindo a António a figuração e a Policarpo a parte ornamental²¹⁶.

O retábulo do altar-mor é de talha dourada, de 1723.

Num altar lateral, existe ainda uma imagem de «Santa Ana», setecentista, estofada e encarnada²¹⁷.

Igreja Paroquial do Espírito Santo, Monsanto,

Alcanena

É um edifício barroco, que tem na fachada a data de 1708. A fachada é enquadrada por pilastras rematadas por pináculos ornamentais e coroada por um frontão em cujo tímpano está um baixo-relevo representando o Espírito Santo, sob dossel de pedraria. Ao centro, o portal, sobrepujado pelo janelão do coro e tendo, de cada lado, dois nichos com baldaquino, nos quais se vêem as imagens de «S. João Evangelista» e de «Nossa Senhora da Conceição».

No interior, existem alfaias e paramentos da época, com interesse: uma coroa do Espírito Santo em prata dourada, com labores em relevo; um relicário de prata dourada, estilo "D. João V", com a cruz do Santo Lenho num disco ovóide; Na base está um brasão episcopal envolvido por cabecinhas aladas, folhas de acanto e vieiras. Existe ainda um paramento composto de casula, duas capas, estola, manipulo e patena, em seda branca bordada a matiz, em estilo "Luis XV", com representações mitológicas e alegóricas, paisagens, figuras e flores.²¹⁸

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira,

Samora Correia, Benavente

É um templo de uma só nave, com capela-mor, dois altares colaterais e dois laterais, com retábulos de talha dourada do século XVIII.

A nave é integralmente revestida de azulejos, compreendendo um silhar de "albarradas", uma faixa de tipo "padrão", de desenho largo, um friso com seis painéis alusivos à vida de Santiago (a cuja Ordem esta igreja pertenceu) e mais acima, nos espaços entre os vãos de iluminação, dez painéis com cenas da vida da Virgem. Entre estes, exceptua-se o da «Visitação», de qualidade inferior, e colocado depois do terramoto de 1909²¹⁹. Sobre o arco de triunfo, estão dois quadros, representando o «Agnus Dei» e a «Eucaristia». Também na capela-mor existem silhares com ornatos e figuras e, na parte superior, duas grandes composições historiadas. Este revestimento da nave e da capela-mor é datável de cerca de 1724 e atribuível ao monogramista P.M.P.²²⁰. Num velho livro de receita e despesa da igreja, está registada uma verba, em 1724, relativa a assentamento de azulejos²²¹.

O tecto da nave, em madeira, tem, pintados, o brasão régio e a cruz de Santiago. A capela-mor, coberta por abóbada de berço, é pintada com ornatos policromos, tendo ao centro um painel alusivo à Eucaristia.

A imagem da «Senhora da Oliveira», que está no altar-mor, é uma escultura em madeira do século XVIII²²².

A sacristia tem um lavabo, datado de 1721, e um silhar de vasos, idênticos aos da igreja.

Igreja Paroquial de S. João Baptista, Cartaxo

É um templo do século XVI (consagrado em 1522), que tem o retábulo do altar-mor em talha dourada do século XVIII, e nas paredes dois silhares de azulejos azuis e brancos, alusivos à vida do orago: «Degolação de S. João Baptista» e «Pregação do Precursor»²²³. Os ornamentos destes azulejos já mostram concheados, pelo que devem datar de cerca de 1740²²⁴.

Igreja Paroquial de S. Brás, Chamusca

Esta igreja, de acordo com o «Folheto de Lisboa», encontrava-se em obras de ampliação em Julho de 1740, já que era insuficiente para o número de paroquianos que servia. No entanto, a antiga igreja do século XVI não foi destruída, abrindo-se os alicerces por fora, tendo sido a primeira pedra lançada, de acordo com a referida notícia, a 10 de Novembro de 1736²²⁵.

Esta informação, certamente fidedigna, dado que o autor do «Folheto de Lisboa» é Luís Montês Matoso, padre escalabitano e bom conhecedor da sua região, contraria o que se lê no *Inventário Artístico de Portugal*, que considera a

referida obra, que de facto nunca chegou a ser acabada, como posterior ao terramoto de 1755²²⁶.

Ermida de S. Pedro, Chamusca

Embora do final do século XVII (1681), a decoração desta ermida é do período joanino. O retábulo do altar-mor é de talha dourada, tendo ao centro uma tela com o orago, e duas imagens, «Santa Clara», em barro, e a padroeira, em madeira.

As paredes da capela-mor são revestidas de azulejos azuis e brancos, historiados, com passos da «Vida de S. Pedro», mas de fraca qualidade, com "desenho muito tosco do princípio do século XVIII"²²⁷. O tecto é de caixotões, com ornatos policromos, formando tudo um conjunto decorativo característico do primeiro quartel do século XVIII.²²⁸

Ermida de Nossa Senhora do Pranto, Chamusca

É notável pelo revestimento azulejar, que se combina com a talha barroca dos altares e a pintura de ornatos e grinaldas de flores do tecto da capela-mor. Nos altares, encontram-se duas boas esculturas policromadas do século XVIII, figurando «Santa Ana» e «S. Joaquim».

A nave é forrada de azulejos seriados, com um silhar de "albarradas" e a parte superior de "figura avulsa". Na capela-mor encontramos duas grandes composições, de cerca de

1740, representando a «Circuncisão» e o «Menino entre os Doutores».

Junto à capela-mor, fica a Capela de S. José, também com retábulo de talha dourada e uma imagem do santo, em madeira, da mesma época. O tecto é de abóbada de berço, pintado com ornatos policromos, e as paredes são revestidas com painéis de azulejos azuis e brancos, com passos da vida do santo.²²⁹

Estes painéis destacam-se pelas molduras, em que surgem elementos barrocos, combinados com outros *rocaille*, de cerca de 1745²³⁰.

Igreja Paroquial do Espírito Santo, Vale de Cavalos,
Chamusca

Nada apresenta que seja necessário referir, excepto um púlpito com balaústres de madeira e base de mármore, onde se vê a data de 1726²³¹.

Igreja Paroquial de S. Miguel, Ferreira do Zêzere

O retábulo do altar-mor é de talha dourada, do século XVIII, e na boca da tribuna, tem uma tela pintada, da época, representando «A Ceia». A cobertura de madeira é decorada com insígnias da Paixão e símbolos da ladainha.

Na sacristia, existem cinco cadeiras de couro, do século XVIII, com espaldar e fundo gravados.²³²

Igreja Paroquial de Santo Aleixo, Beco, Ferreira do
Zêzere

De origem quinhentista, este templo tem alguns elementos decorativos do século XVIII. A capela-mor, com abóbada de caixotões, mostra os vãos pintados com ornatos e flores. O retábulo é de talha dourada, barroca, do início do século. As paredes são revestidas, até à sanca, com seis painéis de azulejos azuis e brancos, da mesma época, representando cenas do Antigo Testamento²³³, da «Vida de Abraão» e da «Vida de Moisés», datáveis de cerca de 1730-40²³⁴.

Ermida de Nossa Senhora do Carmo, Beco

Pertencia à antiga casa dos Arciprestes. Tem nave e capela-mor, tribuna, coro e púlpito, destacando-se, no trono do altar-mor, a imagem da padroeira.

A data de 1739 encontra-se numa cartela no fecho do arco mestre.²³⁵

Igreja Paroquial de S. Luis de Tolosa, Pias, Ferreira
do Zêzere

A igreja remonta ao século XVI (1588), mas a decoração da capela-mor é característica do barroco, com cobertura de caixotões pintados, retábulo de talha dourada, e as paredes revestidas de azulejos do século XVIII, azuis e

brancos, com um silhar de "albarradas" e a parte superior de tipo "padrão"²³⁶.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição,

Golegã

Do século XVIII conserva os azulejos azuis e brancos, que revestem as paredes da capela-mor, representando os quatro Evangelistas, a «Ceia», o «Lava-pés», a «Ascensão» e a «Coroação»²³⁷; são dos princípios do século XVIII²³⁸.

Ermida de Santa Maria (ou de Nossa Senhora da
Piedade) de Almonda, Azinhaga, Golegã

Esta capela que se situa na Quinta da Boroa, remonta ao século XV, mas sofreu transformações posteriores, nomeadamente no século XVIII, tendo registada no friso da porta a data de 1710²³⁹.

Igreja Paroquial de S. Paulo, Salvaterra de Magos

Este edifício mostra, na capela-mor, a combinação decorativa característica do século XVIII: altar-mor com retábulo de talha dourada, com uma tela setecentista na boca da tribuna, e azulejos azuis e brancos com cenas do Velho Testamento, ligados a Moisés. A nave tem um silhar de vasos e golfinhos, que assentam numa sucessão de pilastras. Esta azulejaria é toda de 1745²⁴⁰. A sacristia tem um silhar de "albarradas" da mesma época.²⁴¹

Capela do antigo Paço Real, Salvaterra de Magos

Conserva-se nesta capela um "ex-voto" datado de 1746, alusivo ao milagre da cura de uma filha de Francisco Xavier Pinto, vendo-se à direita, uma representação ingénua do Paço real como era nessa época.²⁴²

Igreja Paroquial de Santa Marta, Alcanhões

No altar-mor desta igreja, existe uma pintura a óleo sobre tela, da primeira metade do século XVIII, onde está representada Santa Marta, com trajes à moda barroca, que lhe dão certo carácter profano.²⁴³

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, Azoia de Baixo

Templo de tipo rural, tem no friso da porta principal a data de 1709, e na verga da porta lateral, a de 1724, que devem corresponder a reformas.

O altar-mor e os dois altares laterais têm retábulos do século XVIII. A abóbada da capela-mor mostra vestígios de pinturas de ornato, policromas, de início do século XVIII.

No altar-mor, encontra-se uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de madeira, dourada em 1739 pelo pintor-dourador Manuel da Costa Fundado, de Santarém²⁴⁴.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça, Azoia de

Cima

É um templo antigo, de características rurais, cuja torre tem, no primeiro terço, uma legenda circular, que diz: "DE NOSSA S DA GRAÇA - 1720"; esta inscrição deve referir-se a uma reforma, já que a igreja é anterior.²⁴⁵

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz, Póvoa de

Santarém ou Póvoa dos Galegos

Os altares desta igreja são decorados com talha dourada e neles se encontra um conjunto de esculturas de madeira, estofadas e policromadas, também do século XVIII:

- «S. José e o Menino» - grupo escultórico, em que o Menino está vestido com túnica, cabeção e gorro de plumas, estilização do traje de romeiro de S. Tiago;

- «Menino Jesus» - escultura da primeira metade do século, envergando com roupas interiores, vestido, meias e sapatos (altar de Nossa Senhora da Piedade);

- «Nossa Senhora da Saúde» - escultura de madeira estofada, com capa de cabedal e manto de seda;

- «S. Domingos» e «Santa Bárbara» (altar-mor);

- «S. João Evangelista», «Nossa Senhora da Conceição», «S. Bernardo» e «Santa Clara» (sacristia);

- «S. José» (altar da Piedade).²⁴⁶

Igreja Paroquial de S. Domingos, Vale de Figueira

O interior deste templo é de uma só nave, mas tem cinco altares, com retábulos de talha dourada barroca.

A nave apresenta um silhar de azulejos azuis e brancos, do tipo "albarradas", com dois quadros cerâmicos embutidos, representando anjos; estes painéis são provenientes de um desaparecido convento de Arrábidos²⁴⁷. Na capela-mor, encontram-se painéis historiados, também do século XVIII, com cenas da vida de S. Domingos, estes pertencentes à igreja e que devem ser obra de oficina modesta, de cerca de 1720, mas onde se nota a influência de António Pereira²⁴⁸.

Igreja Paroquial de S. Mateus, Junceira, Tomar

Esta igreja, que foi reconstruída em 1820, conserva alguns elementos decorativos da época barroca. É o caso da capela-mor, com retábulo de talha dourada setecentista, e do revestimento da nave, até à sanca, de azulejos azuis e brancos, de padrão, a que se segue uma fila de "albarradas". No alto da empena, onde se abre o arco triunfal, está um painel cerâmico representando a «Eucaristia», sob o qual se vê a legenda: "FEZ-SE ESTA OBRA SENDO VIGARIO O Rº P.e FR.co DA SILVA, NA ERA DE 1714"²⁴⁹.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Paialvo,

Tomar

Este templo conserva alguns elementos decorativos do período barroco: o tecto da capela-mor é de esteira, com pinturas de ornatos e os altares são de talha dourada do século XVIII.²⁵⁰

Capela de S. Lucas, Paialvo, Tomar

A capela-mor tem um revestimento azulejar de carácter ornamental, com azulejos de figura avulsa, tipo "estrelinha" e um supedâneo de vasos e golfinhos. O interior do arco triunfal também é revestido com azulejo de figura avulsa²⁵¹.

Capela de S. Gregório, Tomar (1)

Os azulejos que aqui se encontram são provenientes do convento das Trinas do Mocambo, em Lisboa, e foram colocados já no nosso século. Um dos painéis representa a «Missa de S. Gregório» e o outro um concílio, sendo datáveis de cerca de 1720²⁵².

Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Liteiros, Torres

Novas

Este templo foi fundado em 1626, mas sofreu um restauro posterior, da responsabilidade do Dr. António da Costa e Silva. A data de 1747, sobre a verga da porta, deve referir-se a este restauro.²⁵³

(1) Igreja de S. João Baptista, Tomar

O altar-mor foi enriquecido com talha dourada, por iniciativa de D. João V.

Igreja Paroquial de S.Salvador, Torres Novas

Este edifício sofreu várias reformas, ao longo dos séculos XVII e XVIII, algumas assinaladas por datas. Numa porta lateral, assinala-se a de 1714.

Templo de nave única, com capela-mor, dois altares colaterais e dois laterais, apresenta em todos, retábulos de talha dos inícios do século XVIII. O altar colateral de Santa Luzia está datado, no fecho do arco, de 1738.²⁵⁴

Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, Torres Novas

Remonta a 1485, mas sofreu uma grande reforma no século XVIII, tendo sobre a janela que se liga ao portal, a data de 1743.

Interiormente, a decoração é característica do século XVIII. Tem uma só nave, com capela-mor e dois altares colaterais, colocados de canto. A talha dourada de todos eles é característica dos inícios do século ("estilo nacional"). A capela-mor apresenta, na boca da tribuna, uma tela com «A Coroação da Virgem», da mesma época. Existem ainda outras telas e três imagens setecentistas.

O tecto de madeira é decorado com caixotões pintados com ornatos.²⁵⁵

Ermida de Nossa Senhora de Monserrate, Meia Via,

Torres Novas

A capela está datada de 1700, mas no adro tem um cruzeiro de pedra, datado de 1730, com uma legenda latina e símbolos da Paixão gravados numa das faces, usual na região.²⁵⁶

Igreja Paroquial de S. Pedro, Torres Novas

Embora remonte ao terceiro quartel do século XIV, sofreu várias reformas posteriores, tendo no tímpano da porta a data de 1723, com a tiara e as chaves de S. Pedro, correspondente a uma das campanhas de obras sofridas. Na capela-mor, tem um retábulo de talha dourada.²⁵⁷

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação,

Alcorochel, Torres Novas

O retábulo do altar-mor e o arco triunfal, de pedraria, de estilo indefinido, têm uma legenda, indicando que a obra foi feita pelo povo no século XVIII.

Na capela-mor, existem silhares de azulejos azuis e brancos, representando «Fuga para o Egipto» e «Apresentação no Templo». Segundo Santos Simões, estes azulejos são posteriores ao Terramoto, o que aliás a sua cercadura policroma confirma, e poderão datar de 1769, data que se encontra no arco triunfal²⁵⁸.

Existe ainda nesta igreja, um cadeirão de couro, gravado no espaldar e no fundo, característico do mobiliário eclesiástico regional no período setecentista.²⁵⁹

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Graça, Lapas,
Torres Novas

A torre norte desta igreja, tem, numa das faces, uma lápide, que indica que foi construída à custa do povo, em 1715.²⁶⁰

Igreja Paroquial de S. João Baptista, Pedrógão,
Torres Novas

A capela-mor é totalmente revestida de azulejos azuis e brancos, do século XVIII, com passos da Vida de S. João Baptista. Sobre a porta que dá para a sacristia e na que fica em frente, grandes cartelas de azulejo representam o «Cordeiro Místico»²⁶¹.

Existem também boas imagens de madeira, da época, a do orago, no altar-mor, e as de «Santo António» e de «Nossa Senhora Mãe dos Homens», nos colaterais.²⁶²

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição,
Ribeira Branca, Torres Novas

Os altares desta igreja apresentam retábulos de talha dourada do período setecentista, com imagens em madeira da mesma época. ²⁶³

Ermida de Nossa Senhora do Amparo, Melroeira,

Atouguia, Vila Nova de Ourém

Foi construída em 1627, mas tem na capela-mor um revestimento de azulejos historiados, com passos da vida da Virgem, com legendas, e tendo, ao alto, a data de 1725.²⁶⁴

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Piedade,

Urqueira, Vila Nova de Ourém

De salientar, apenas no trono, dentro de uma maquineta, a imagem da padroeira, escultura em madeira de inícios do século XVIII.²⁶⁵

DISTRITO DE LISBOA

Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Aldeia Galega

da Merceana, Alenquer

A decoração interior desta igreja é característica do período joanino: as paredes são revestidas com alisares de azulejos azuis e brancos, com a «Vida de Cristo» descrita em dez painéis. Estes estão separados por ornatos de azulejo polícromo, notáveis sob o púlpito²⁶⁶.

O tecto, de madeira, imitando abóbada de berço, é pintado com ornatos barrocos e, ao centro, tem um medalhão com «A Assunção da Virgem».

A capela-mor e os dois altares laterais, têm retábulos de talha branca e dourada, de tipo "joanino". Sobre o arco de triunfo e as janelas, vêem-se lambrequins de talha, também característicos do período joanino²⁶⁷. Toda esta decoração parece dos finais desta época (década de 40-50).

Capela do Espírito Santo, Arneiro, Alenquer

Salienta-se pela combinação de elementos decorativos, característicos do século XVIII. Na nave, quatro painéis de azulejo representam cenas ligadas à infância de Jesus: «Anunciação», «Visitação», «Natividade», «Adoração dos Reis Magos», e, sobre o coro, a «Fuga para o Egipto».

Na capela-mor, os azulejos de rodapé representam cenas campestres; na parede, vêem-se duas telas setecentistas, enquanto o tecto é pintado com ornatos que enquadram o símbolo do Espírito Santo. O retábulo do altar é de talha azul e dourada, tendo ao centro um painel em relevo com o «Pentecostes»²⁶⁸.

Igreja de Nossa Senhora da Madalena, Aldeia Gavinha,

Alenquer

O edifício remonta ao século XVI, mas sofreu reformas posteriormente, estando a porta principal datada de 1726.

O retábulo de talha do altar-mor, azul e dourado, é mais tardio, de meados do século, de tipo "joanino", com colunas salomónicas terminando as interiores em arranques de

frontão segmentar, em que se apoiam anjos. O tecto é decorado com pinturas setecentistas²⁶⁹.

Capela do Espírito Santo, Atalaia, Alenquer

Possui, na capela-mor, azulejo figurado representando cenas do «Antigo Testamento», de cerca de 1730²⁷⁰.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Salvação, Arruda
dos Vinhos

Da época barroca, conserva o retábulo do altar-mor, ainda de "estilo nacional", com colunas pseudo-salomónicas, prolongando-se nas arquivoltas, em talha verde e dourada²⁷¹.

A meio das paredes das naves laterais, entre tapetes polícromos, destacam-se dois painéis rectangulares, representando «S. Jorge e o Dragão» e «S. Cristóvão». Na capela-mor estão dois painéis, com o «Sacrifício de Abraão» e a «Scala Coeli», sendo a parte superior revestida com azulejo ornamental mais tardio, em que se vê uma janela fingida. Os outros são atribuídos por Santos Simões à oficina de Oliveira Bernardes, e os da nave a outra oficina, mas mais ou menos da mesma época²⁷².

Igreja Matriz da Azambuja, Lisboa

No exterior, tem dois portais de estilo maneirista, mas com portas de madeira almofadada, com a data de 1709 em ambas²⁷³.

Igreja de Santa Marta, Vila Nova da Rainha,

Azambuja

A nave da igreja possui um silhar recortado de oito painéis figurados e mais dois estreitos, com molduras barrocas. Representam cenas da «Vida de Santa Marta» e têm legendas em latim na cartela superior. São de cerca de 1745 e atribuíveis à oficina de Bartolomeu Antunes²⁷⁴.

Igreja Matriz da Vermelha, Cadaval

O corpo da igreja tem um tecto de caixotões em madeira, que mostram vestígios de pintura de ornatos, de finais do século XVII ou inícios do XVIII. O retábulo do altar-mor é de talha dourada, do século XVIII²⁷⁵.

Igreja de Nossa Senhora da Luz, A dos Cunhados,

Torres Vedras

A capela-mor desta igreja possui um conjunto decorativo do século XVIII, de que fazem parte o retábulo do altar-mor, o tecto de masseira com pinturas, e as paredes completamente revestidas de grandes painéis de azulejos representando a «Anunciação» e a «Adoração dos Pastores»²⁷⁶ ou o «Nascimento da Virgem», segundo Santos Simões. No «Livro das Visitações», existente na sacristia, vem a nota de que a obra de azulejo foi feita em 1745 (fls. 20)²⁷⁷.

Capela de S. Julião, Carvoeira, Mafra

Este pequeno templo foi reedificado em 1731, de acordo com uma inscrição na fachada.

No interior, as paredes estão revestidas com painéis de azulejos do século XVIII, representando passos da vida de S. Julião. A sacristia conserva um bom arcaz do século XVIII²⁷⁸.

Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Caixaria,

Torres Vedras

A fachada da igreja é característica de meados do século XVIII, com frontão contracurvo interrompido e, à direita, uma torre de ângulos cortados, com coroamento bulboso.

No interior, destaca-se o púlpito, em talha do século XVIII, o retábulo do altar-mor, com colunas tipo salomónico, com o fuste inferior estriado, e azulejos também do século XVIII²⁷⁹, de cerca de 1730-40, com cabeceiras lisas de tipo ornamental e emblemas marianos²⁸⁰.

Capela de Nossa Senhora dos Milagres, Folgorosa,

Torres Vedras

A capela-mor é revestida de azulejos do século XVIII, representando a «Anunciação», a «Adoração dos Pastores» e a «Adoração dos Magos»²⁸¹.

Igreja do Espírito Santo, Ribaldeira, Torres Vedras

Remontando ao século XVI, esta pequena igreja, sofreu algumas modificações no século XVIII, nomeadamente a nível da fachada. No altar de Santa Catarina, conserva-se uma imagem desta santa, dourada e policromada, da mesma época. Do lado oposto, o altar conserva um frontal de azulejos do mesmo século e um retábulo de talha dourada, com baldaquino, colocado de canto.

Na sacristia existe ainda uma imagem de «Nossa Senhora da Piedade» da mesma centúria²⁸².

Capela de Nossa Senhora da Purificação, Sirol, Torres Vedras

Embora a decoração interior deste pequeno templo seja da segunda metade do século XVIII, na fachada está uma inscrição que diz ter sido benzida a 26 de Julho de 1749²⁸³:
"HERMIDA / DE N. S.^{ra} DA PURI/FICAÇÃO B^{TA}. A 26 DE / IULHO DE /1749".

Igreja Matriz de S. Pedro, Dois Portos, Torres Vedras

Na sacristia existe um silhar recortado de azulejos, que preenchem os espaços livres de cantaria. Representam cenas campestres e são de cerca de 1740²⁸⁴.

Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, Matacães, Torres
Vedras

A igreja actual data do século XVII, com vários elementos acrescentados na centúria seguinte, sendo a fachada coroada por frontão curvo, ladeado por fogaréus e tendo, à esquerda, uma torre de coroamento bulboso e fogaréus nos ângulos.

Mais notável é a decoração interior, de que se destaca a capela-mor, com retábulo de talha dourada e policromada, característico da transição entre o "estilo nacional" e o "joanino", enquadrado por colunas pseudo-salomónicas, cujos fustes se encontram submergidos em elementos decorativos, de que se destacam os anjinhos, que também aparecem nas mísulas, em função de atlantes; entre as colunas, nichos com imagens coroados por baldaquinos salientes, em cujo topo também surgem anjinhos; no coroamento, ainda fechado em arco, figuras de anjos apoiam-se em arranques de frontão enrolados em voluta, enquanto outros seguram uma cartela com o motivo da oliveira. O sacrário é em forma de esfera, com um sol irradiante, ladeado por anjos, que seguram pesada roupagem, saindo de dossel circular.

As paredes são revestidas de azulejos, datados de 1736, tal como a parede do arco triunfal, onde está a assinatura de Bartolomeu Antunes, a quem é atribuída a totalidade da obra²⁸⁵. No entanto, Santos Simões considerou os azulejos figurados da capela-mor, com cenas marianas, obra

de P.M.P. e de cerca de 1725-30. Quanto à data e assinatura corresponderiam ao azulejo axadrezado que reveste a igreja e aos azulejos ornamentais do arco triunfal, com emblemas marianos e os medalhões com as legendas referidas: "NA ERA DE 17.3.6", do lado direito, e "*B^{meu} Antunes / a fes em Lixa*", do lado esquerdo²⁸⁶.

Ainda a notar a existência, na sacristia, de um lavatório datado de 1748, mas procedente de uma igreja já desaparecida, de Torres Vedras²⁸⁷.

Igreja do Senhor Jesus do Bonfim, Monte Redondo,

Torres Vedras

A nave desta igreja é revestida por um silhar de azulejos de albarradas do século XVIII.

O melhor da igreja é o tecto de masseira, dividido em caixotões com pinturas de ornatos e anjos, da primeira metade do século XVIII. Na capela-mor, destaque apenas para a tela do retábulo, um «Pentecostes», da mesma centúria²⁸⁸.

Capela de Santa Iria, Mugideira, Torres Vedras

As paredes da capela-mor deste modesto edifício estão totalmente revestidas com azulejos figurados, representando passos da «Vida de Santa Iria», atribuíveis ao monogramista P.M.P. e de cerca de 1725. No corpo da capela, há sob o coro, painéis azuis com emblemas do martírio e o retrato da santa.

Na sacristia, além do silhar de cestos floridos, está um painel com anjinhos brincando com símbolos²⁸⁹.

Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, Ramalhal, Torres

Vedras

A capela-mor desta igreja data da década de 1740-50 e tem painéis recortados de azulejos com cenas da Vida da Virgem e molduras concheadas, tendo as dos painéis maiores, ao centro, emblemas (Lua, palmeira, cipreste e sol)²⁹⁰.

Igreja de S. João Baptista, Runa, Torres Vedras

A capela-mor é revestida de azulejos do século XVIII, alusivos à vida do orago e, nas paredes da nave, existe uma tela do mesmo período, representando o «Baptismo de Cristo»²⁹¹. Os azulejos são de cerca de 1740 e pertencem ao ciclo de Bartolomeu Antunes, de molduras em mísulas e anjinhos²⁹².

Igreja de S. Pedro, S. Pedro da Cadeira, Torres

Vedras

A decoração desta igreja é essencialmente ainda do século XVII, mas a capela-mor possui um bom retábulo de talha dourada do início do século XVIII, com quatro colunas pseudo-salomónicas, completamente decoradas²⁹³.

É igualmente enriquecida por um alisar de azulejos de cerca de 1750. com cenas da «Vida de S. Pedro»²⁹⁴.

Capela de Nossa Senhora do Amial, Torres Vedras

Embora remonte à época medieval, esta capela viu o seu interior remodelado no primeiro quartel do século XVIII, mais precisamente em 1719. São desta época os arcos de mármore do altar-mor e do altar de Nossa Senhora de Rocamador, assim como o retábulo deste, provavelmente da mesma oficina de alguns altares da igreja de S. Pedro, enquanto o do altar-mor é mais tardio. A pia de água benta, oval, em mármore rosado, será também de 1719²⁹⁵.

Igreja de S. Pedro, Torres Vedras

Embora reconstruída no século XVI, facto patente no portal manuelino, a porta, de almofadas altas, com pregaria, está datada de 1712.

No interior, o tecto de madeira, em forma de abóbada de berço, com caixotões, foi decorado com pinturas de ornatos no século XVIII, tal como o coro alto. Da mesma época, é o órgão, assente numa grande mísula de talha, onde se vêem já motivos *rocaille*.

Na capela lateral, dedicada à Senhora da Boa Hora, existem painéis de azulejos, do século XVIII. Do lado da Epístola, vê-se um pequeno altar de talha, com colunas torsas

e baldaquinos nos intercolúnios, os quais albergam algumas imagens.

Nas paredes da capela-mor, estão quatro telas, talvez do século XVIII.

O baptistério está resguardado por uma grade de ferro, datada de 1719. Na Sacristia, existe uma cadeira do mesmo século.

Em comunicação com esta, está a Casa da Irmandade dos Clérigos Pobres, de pequenas dimensões, mas cujas obras decorreram entre 1737 e 1769, de acordo com o livro em que estão registadas. O tecto é de madeira dourada e policromada, enquadrando telas dos Evangelistas da autoria de Bernardo de Oliveira de Góis. Nas paredes, salientam-se os silhares de azulejos, com assuntos tirados de gravuras de Cláudio Coelho²⁹⁶. Ignora-se se era pintor de azulejos ou apenas azulejador, António Roiz, encarregado da colocação dos painéis desta sala, em 1747, de acordo com o «Livro de receita e Despesa da Irmandade», (fls. 112 vo)²⁹⁷, e que também colocou os das enfermarias do Hospital das Caldas da Rainha²⁹⁸.

Igreja de Santiago, Torres Vedras

Na capela-mor, salienta-se o retábulo de talha dourada, de colunas torsas, assentes num friso de mármore embutidos, ao gosto dos inícios do século XVIII. Completam a decoração altos silhares de azulejos azuis e brancos, com

anjos, atlantes e atributos do orago, de cerca de 1720 e atribuíveis ao monogramista P.M.P.²⁹⁹. Nas paredes, vêem-se quatro telas com os «Doutores da Igreja» acima das quais estão ornatos de talha dourada, com grandes aves em relevo³⁰⁰.

Capela de Nossa Senhora da Pena (Serra da Vila),

Torres Vedras

Tem inscrita na frontaria a data de 1734, que deve assinalar a construção ou acabamento da mesma, embora no local possa ter existido uma capela anterior.

Tem na capela-mor azulejos atribuíveis ao monogramista P.M.P. e aos anos de 1730-35³⁰¹.

Igreja do Espírito Santo, Monte Gordo, Torres Vedras

No corpo da igreja, existe um silhar de azulejos do tipo "vasos floridos", de cerca de 1730³⁰².

Igreja de Santa Maria Madalena, Turcifal, Torres

Vedras

Iniciado no século XVII, este templo foi terminado nos meados do seguinte, encontrando-se no adro a data de 1749. Característica deste século é a torre-sineira com remate bulboso e fogaréus nos ângulos.

O interior é de uma só nave, decorada com mármore, característica de finais do século XVII, inícios do XVIII. As quatro capelas da nave apresentam pinturas da mesma centúria³⁰³. Na capela-mor, encontram-se azulejos do século XVIII, do tipo de "vasos embricados"³⁰⁴.

Capela de Santa Iria, Mugideira, Torres Vedras

Esta ermida é notável pelo sua decoração azulejar. A capela-mor é totalmente revestida de painéis com passos da Vida de Santa Iria, atribuíveis ao monogramista P.M.P., e datáveis de cerca de 1725. Na parede sob o coro, há painéis com emblemas do martírio e uma imagem da santa, em azulejo. Na sacristia, existe ainda um painel com anjinhos brincando com símbolos de martírio e um silhar de cestos floridos³⁰⁵.

Igreja de S. Lourenço dos Francos, Miragaia, Lourinhã

O retábulo do altar-mor é do século XVIII, do tipo "nacional", mas encontra-se repintado e dourado de forma que o prejudica³⁰⁶.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Anunciação,

Lourinhã

Esta igreja pertenceu a um convento franciscano, fundado no século XVI. Possui, no entanto, alguns azulejos do

século XVIII. Assim, na nave e capela lateral do lado da epístola está um silhar de vasos floridos, sobre rodapé de marmoreados roxos, de meados do século. Sobre os confessionários, vêem-se azulejos azuis de grinaldas. À entrada, sob o coro, estão azulejos de «estrelinhas». Na capela baptismal, há também um silhar de vasos e jarras. Mas é na capela fronteira que estão os azulejos de mais interesse, com cenas da «Vida de Santo António» e um frontal de azulejo azul, com a imagem do mesmo santo. Um dos azulejos tem a inscrição que explica a sua origem e data: "ESTA CAPELA MANDOV / EAZER IOAM NVNES FRANCO / B^{do}. NA IGREIA MATRIZ DESTA / V^a COMMISSO DOS OFFO ESINDICO / DOS RELIGIOSOS DESTE CONV^{to}. OS /QVAIS LHE DERAÕ ESTE SITIO p^a /SEV IAZIGO NO ANNO / DE 1714".³⁰⁷

Igreja Matriz de S. Quintino, Sobral de Monte Agraço

Embora a nave seja revestida de azulejos do século XVII, o silhar de albarradas é do século XVIII, certamente de 1738, data de um azulejo com inscrição, onde se diz que "NO ANNO DE 1738 / sedetermino a hobra do azuleizo q. tem o cor/po daigreiza aseiaçertia e pia de baltizar en q. he / vigario o Rv. p.^e quintinho Jorze o Iuiz / Ems frizo o escrivam An^{to} desouza o preca/radro Ant de S^a Manoel darosa e toda /ameza da S^a dapiedade"³⁰⁸. Na capela baptismal, os azulejos representam o «Baptismo de Cristo».

A capela colateral do lado da Epístola, dedicada a S. Quintino, é também revestida de azulejos com cenas do martírio do santo³⁰⁹.

No baptistério, estão azulejos do século XVIII, representando o «Baptismo de Cristo».

Capela de Nossa Senhora da Luz, Patameira, Sobral de
Monte Agraço

Esta capela possui, na nave, painéis de cabeceiras recortadas, de cerca de 1730-40, alguns truncados, onde está representada a «Morte da Virgem» e um cego atravessando a ponte³¹⁰. Os restantes azulejos representam cenas da «Vida da Virgem» e as molduras apresentam claramente motivos *rocaille*, pelo que nos parecem um pouco mais tardios³¹¹.

Capela de Santo António, Carvoeira, Mafra

É uma construção do século XVIII, com a característica torre-sineira joanina, coroada por pequena cúpula e tendo nos ângulos fogaréus. No interior, a capela-mor tem retábulo de talha dourada da época³¹².

Igreja Matriz da Encarnação, Mafra

Construção do século XVII, apresenta um magnífico retábulo de talha joanina, verde e dourada, de meados do século seguinte, onde se distinguem colunas salomónicas colocadas em ordem crescente e tendo as interiores arranques

de frontão segmentar em que assentam anjos que, com outros elementos, compõem o coroamento, em que se vê um medalhão entalhado, representando a «Anunciação». Em nichos *rocaille* nos intercolúnios, estão imagens estofadas da mesma época do retábulo. Notável é o sacrário esférico, encimado por relevo do «Padre Eterno» e ladeado por anjos. As janelas e seis telas com pinturas, atribuíveis a André Gonçalves, são emolduradas por talha *rocaille*. Painéis de azulejos azuis e brancos representam a «Adoração dos Pastores» e a «Adoração dos Magos»³¹³, já com molduras concheadas. Na parede que liga o arco cruzeiro ao altar-mor, estão quatro painéis com ermitões. Nos vãos das janelas, vêem-se ainda painéis com emblemas marianos³¹⁴. No coro alto, também se vêem azulejos de figura avulsa do século XVIII.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Enxara do
Bispo, Mafra

Na capela-mor, existem painéis de azulejos do primeiro quartel do século XVIII, representando cenas da «Vida da Virgem», que Santos Simões atribuiu a cerca de 1720 e ao monogramista P.M.P.³¹⁵.

Na nave, o púlpito, com base de pedra, é também do século XVIII. Os altares colaterais são barrocos, tendo o do lado do Evangelho uma «Nossa Senhora com o Menino» ricamente estofada e no corpo do altar, uma imagem de «Cristo Morto»³¹⁶.

Capela de Nossa Senhora dos Remédios, Malveira, Mafra

É um templo rústico com galilé, construído depois de 1723, ano da provisão de D. Tomás de Almeida autorizando a sua construção³¹⁷. A capela-mor é decorada com painéis de azulejos de cerca de 1730-40, figurando «Apresentação da Virgem no Templo», «Esponsais da Virgem», «Anunciação» e «Ascensão da Virgem»³¹⁸.

Igreja de S. Miguel, Milharado, Mafra

A capela-mor é revestida de painéis de azulejos do século XVIII³¹⁹. Do lado do evangelho, está a «Aparição de S. Miguel a um Bispo», enquanto do lado da epístola o mesmo santo aparece a um romeiro, vendo-se também a representação de um milagre, que deve estar ligado às origens da capela. Neste painel, está escrito a manganês: "Anno / 1748"³²⁰.

Igreja de Santo Estêvão das Galés, Mafra

É uma igreja de características rurais, com torre-sineira com cúpula e fogaréus nos ângulos, típica da época joanina, provavelmente de 1725.

Interiormente, a decoração é dos séculos XVII e XVIII. Deste último, salientam-se as pinturas policromas do coro, datadas de 1725, com grinaldas de flores, frutos,

pássaros, raposas, e alguns pequenos painéis do tecto com *chinoiserie* ³²¹.

Igreja de Santo Isidoro, Mafra

É um templo de características rústicas, em cujo adro se vê um cruzeiro do século XVIII.

Embora anterior, a igreja teve intervenções no século XVIII, como o provam o relógio de sol barroco, datado de 1738, que se encontra sobre o alpendre, enquanto a porta principal revela influências de Mafra, tendo um escudo com a mitra e o báculo, alusivos ao orago.³²² Na sacristia, existe ainda um armário de 1722³²³.

Capela de S. João Baptista, Ribamar, Mafra

Esta simples capela que foi reconstruída no nosso século, tem na porta lateral a data de 1736³²⁴.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação,

Bucelas, Loures

Interiormente, mostra algumas intervenções do século XVIII, como o dossel do púlpito, e o coro alto.

Notável é o retábulo do altar-mor, de talha dourada, com figuras de sereias nas mísulas, e as esculturas dos evangelistas integradas nos fustes das colunas torsas³²⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Loures

Nesta igreja destaca-se o retábulo do altar-mor, da oficina de Bento da Fonseca de Azevedo (1721-1755). O contrato foi assinado em Lisboa, a 25 de Janeiro de 1721, entre este mestre e a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Conceição de Loures, segundo risco, do próprio mestre³²⁶. Este retábulo é dos primeiros a apresentar as características que irão definir o "estilo joanino": as colunas ainda são do tipo pseudo-salomónico, mas terminam em volutas sobre as quais se sentam anjos; os atlantes nus, servindo de mísulas, são idênticos aos da Igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa, atribuídos a Claude Laprade; e o coroamento, em forma de arco com um relevo na cimalha, além dos festões verticais entre as mísulas e o sacrário, de forma esférica, rodeado de nuvens e anjinhos.³²⁷

Igreja Paroquial de S. Pedro, Lousa, Loures

Remonta ao século XVI, mas conserva na capela-mor painéis de azulejos de cerca de 1740, representando passos do Evangelho, como o «Lava-pés» e o «Baptismo de Cristo», sobre os quais se encontram duas telas da mesma centúria, alusivas à vida da Virgem³²⁸. Os azulejos têm legendas explicativas na parte superior e inferior. Na sacristia, existe um silhar com barra de acantos e painéis de taças com frutos e anjos com cornucópia³²⁹.

Igreja de Santo Adrião, Póvoa de Santo Adrião,

Loures

Da época joanina, apenas conserva um relógio de sol datado de 1742³³⁰.

Igreja Matriz de Santa Iria da Azoia, Loures

Sendo um templo dos começos do século XVII, apresenta, na capela-mor azulejos do primeiro quartel do século XVIII, que Santos Simões considera de cerca de 1715, com cenas da «Lenda de Santa Iria», e, na nave, silhares mais tardios, de cerca de 1750, com passos da vida de S. Pedro, ou como afirma Santos Simões, «Parábolas cristãs»³³¹.

O Retábulo do altar-mor é de mármore embutidos, da mesma época dos azulejos, com finas colunas salomónicas e largo camarim. Junto da teia, há dois cofres incrustados na parede, datados de 1732 e 1737³³².

Igreja Matriz de S. João Baptista, Alhandra, Vila

Franca de Xira

Esta igreja data de meados do século XVI e sofreu um incêndio no final do século XIX, pelo que o existente é, em grande parte, fruto de uma reconstrução.

Conserva, no entanto, os altares de talha, dois ainda do final do século XVII, e o da capela-mor já do período joanino. É a este que se devem referir as «Memórias Paroquiais», onde o pároco afirma: "Sendo eu já vigário em

1714 despendeo a Mitra sete para oito mil cruzados fazendo, como de novo, não só a capella mor mas as duas casas que ficam aos lados, huã da sacristia, outra da confrã do Santissimi, q padeciaõ ruina por causa de hum tremor de terra..."³³³. A esta reconstrução da capela-mor se deve ter sucedido a encomenda de um novo retábulo. Este, embora apresente algumas características do "estilo nacional", já se pode integrar na transição para o "joanino". A base é de mármore embutidos, de tipo florentino, que já estavam em moda no final do século XVII. De cada lado, uma pilastra com painéis de talha enquadra externamente as duas colunas pseudo-salomónicas, que, separadas também por uma pilastra, terminam no entablamento, de arquitrave, friso e cornija, sobre a qual assentam duas enormes volutas, com anjos sentados. Ao centro, o arco de volta perfeita que fecha a tribuna é envolvido por enquadramento rectangular. Dois anjos seguram um brasão coroado. O retábulo é ainda fechado por arco de volta perfeita³³⁴. Estas características enquadram-se aproximadamente na data de 1714, referida pelo pároco.

Igreja de S. Pedro, Alverca do Ribatejo, Vila Franca
de Xira

Tendo esta igreja sido reconstruída em 1687, possui um conjunto de azulejos dos inícios do século XVIII. Na nave, existe um silhar ornamental de "vasos e golfinhos" separados por albarradas com laço. Na capela-mor, os azulejos são do

mesmo tipo, mas sem albarradas e, na parte central, surgem passos da Vida de S. Pedro. Pelo tipo de desenho e pintura, Santos Simões atribui-os aos primeiros anos do século XVIII e a António Pereira ou à sua influência, o que ainda não foi contestado³³⁵. Na capela baptismal, existe ainda um lambril de azulejos do mesmo tipo, só com motivos arbóreos.

Igreja de S. Mateus, Calhandriz, Vila Franca de Xira

A capela-mor desta igreja é revestida de azulejos até à sanca. Do lado da Epístola, representam «S. Marcos escrevendo», são característicos do monogramista P.M.P. e datáveis de cerca de 1730. Do lado do Evangelho, os azulejos são posteriores uns 15 anos, mas imitando os precedentes, e representam «S. João Evangelista» e «Aparição da Virgem a S. João, em Patmos»³³⁶.

Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Vialonga, Vila Franca de Xira

Esta igreja distingue-se pelo conjunto azulejar do século XVIII: o corpo da igreja tem painéis com cenas da «Vida da Virgem» de cerca de 1745-50; na capela-mor, o silhar tem cercadura de folhas e, no rodapé, uma composição de anjinhos brincando de cerca de 1710. Na escada que conduz à sacristia, vêem-se azulejos de figura avulsa e, na sacristia, silhares com cenas profanas de cerca de 1730.

Ainda na Capela da Ordem Terceira de S. Francisco, existem painéis alusivos à vida do santo, de cerca de 1735 e atribuíveis à parceria Bartolomeu Antunes-Nicolau de Freitas³³⁷.

Igreja Matriz de Vila Franca de Xira

Embora a igreja, fruto de uma reconstrução após o Terramoto de 1755, nada tenha de notável, existe um corpo adossado à cabeceira da mesma, cujo primeiro andar possui um salão decorado com azulejos, e tecto de caixotões, pintado. O silhar de azulejos é ladeado de mísulas e os painéis maiores representam paisagens, tendo um deles um porto com um forte semelhante à Torre de Belém. Outro painel, junto à porta, representa uma caçada ao javali e, os que se situam entre as janelas, representam pastores e barqueiros. Acima do silhar, ao redor do salão, existe uma guarnição que imita uma balaustrada entre a qual brincam anjinhos colocando grinaldas, e diversos animais. Na parede da porta, entre o silhar e a sanca, surgem painéis com figuras alegóricas, identificadas por legendas ("CHARITAS, IVSTITIA, FORTITUDO") e uma quarta, impondo silêncio. Na parede das janelas, está uma única figura, com a legenda "FIDES". Santos Simões atribui este conjunto ao monogramista P.M.P. e a cerca de 1718-20.

A escada, de quatro lanços, que conduz a esta sala, tem painéis com cenas de caça, enquadradas por anjos e

volutas, de cerca de 1730. Nos patamares, figuras femininas, trajando à moda, são alegorias dos sentidos. No átrio da sacristia, que também dá acesso à escada, estão mais painéis com caçadas, de cerca de 1740³³⁸.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, Oeiras

É um edifício do século XVIII, que tem no lintel da porta uma inscrição com a data de 1744 e o nome do seu fundador, António Rebelo de andrade, Cavaleiro da Ordem de Cristo:

"D.O.M. / ET DIVE EJUS PARENTI IN SUAE PURIFICATIONIS
VE/NERATIONEM. REGNANTE IN LUSITANIA JOANNE V / AUGUSTO PIO
FELICE ULYSSIPONE ECCLESIAE MODERÂ/TE THOMA.I. PATRIARCHA
S.R.E. CARDINALI CURAM / OBERIS HABENTE ANTONIO REBELLO DE
ANDRADE / CHRISTI MILITIAE EQUITE HOC TEMPLU EREXIT ET
DE/DICAVIT UNIVERSUS POPULUS OEIRENSIS ANNO / DOMINI
MDCCXLIV".

Apesar desta data, a igreja apresenta características que a situam na segunda metade do século, sobretudo no que se refere ao seu interior, pelo que deve ter sofrido reconstrução após o Terramoto.

A fachada, contudo, inscreve-se na tradição da arquitectura portuguesa do século XVII, enquadrada por torres e tendo na zona central um tímpano enquadrado por volutas e coroado por um pequeno frontão triangular; neste tímpano

abre-se um óculo elíptico vertical. Uma única cornija liga o corpo central e as torres, com relógio, e sineiras em arco de volta perfeita e coroamento bulboso.

As torres são marcadas na fachada por pilastras de cantaria assentes em pedestais. O corpo central mostra a composição tradicional de uma porta e janelão no eixo central e duas janelas laterais. A porta é de moldura rectangular de cantaria, com uma cornija superior assente em mísulas; sobre a cornija, vêem-se ornatos em forma de volutas e urnas. O janelão central é de arco de volta perfeita, coroado por frontão triangular, com uma cruz no vértice. Os janelões laterais são coroados por frontões borrominescos.

De cada lado das torres, existem duas galerias, de coroamento ondulado, em declive, e limitadas por pilastra coroada por fogaréu. Nelas se abrem uma porta de arco de volta perfeita, coroada por frontão triangular curvo e uma janela rectangular, com coroamento idêntico.

Interiormente, a igreja tem nave única com duas capelas colaterais e três laterais. Tanto o altar-mor como os restantes têm telas com molduras de mármore negro e rosa. A teia também é de mármore, assim como os púlpitos, o elemento mais decorado da igreja, em mármore rosa, com ornamentos de gosto rococó.

Na sacristia, destaca-se o tecto de madeira pintada³³⁹.

Capela de Nossa Senhora do Porto Salvo, Oeiras

Tradicionalmente ligada à devoção dos mareantes, é notável pela decoração azulejar. No alpendre, estão dois painéis de azulejos, mandados fazer pelos devotos da Irmandade e assinados por Policarpo de Oliveira Bernardes, ("No anno de 1740 por P. D. Ber.^{des}"). Estes azulejos revestiam a totalidade da frontaria, mas o centro do painel esquerdo desapareceu. Policarpo será também o autor dos painéis historiados da nave, última obra conhecida da sua actividade, até ao seu falecimento em 1778³⁴⁰. Estes azulejos constituem um silhar corrido, que compreende temas ligados à «Fuga para o Egipto». Na parte inferior dos painéis, estão cartelas com símbolos marianos. Dois anjos pintados em azulejo parecem sustentar o púlpito³⁴¹. Quanto aos silhares ornamentais da capela-mor, que enquadram temas marianos, estão datados de 1734 ("esta obra de azo/lejo fizerão os de/votos de Lisboa" - "Na era de / 1734") e foram atribuídos quer a Policarpo de Oliveira Bernardes³⁴², quer a Bartolomeu Antunes³⁴³.

Igreja Matriz de S. Domingos de Rana, Cascais

A actual igreja é fruto de uma reconstrução de 1710, mas tendo sofrido bastante com o Terramoto, foi novamente reedificada³⁴⁴.

É um templo de nave única com capela-mor e seis altares laterais, sendo a capela-mor coberta por abóbada de cantaria. As características da decoração interior apontam para a segunda metade do século XVIII. Sobre as capelas, tribunas com balaústres correspondem, de facto, às janelas perspectivadas.

A fachada é ladeada por duas torres sineiras, com base e cunhais de cantaria, com pináculos nos ângulos e coroamento bulboso, característico dos meados do século XVIII.

A parte central da fachada é ligeiramente saliente, coroada por frontão de perfil contracurvado, possivelmente da segunda metade do século. Como elementos decorativos, apenas se salienta o portal coroado por frontão interrompido, formando volutas, e três grandes janelões de arco de volta perfeita, sendo o central maior e penetrando no espaço do tímpano, pelo que a cornija se eleva nesse ponto em triângulo³⁴⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Cascais

Esta igreja que já existia no século XVI, deve ter tido importantes obras no final do século XVII, que se arrastaram pelo século seguinte, em que foram feitos os revestimentos azulejares³⁴⁶. Assim, há a referir, os painéis de azulejos que revestem as paredes da nave, datados de 1748:

sobre silhar de albarradas, encontram-se cenas da vida da Virgem e do Apocalipse, que se combinam com a talha dourada dos altares, que se integra no "estilo nacional".

Também a Sacristia é decorada com azulejos, que representam passagens do Antigo Testamento, além de um painel com uma nau, com a Custódia na popa; estão datados de 1720 e foram encomendados pela Irmandade dos Marítimos, conforme consta da inscrição: "ESTA OBRA MANDARAM / FAZER A SVA CVSTA / OS IRMÃOS PESCADORES / NA ERA DE / 1720"³⁴⁷. Estes azulejos são atribuídos ao mestre P.M.P.³⁴⁸

Do recheio desta igreja faz ainda parte uma custódia de prata dourada, de hostiário radiado, datada de 1749³⁴⁹.

Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, Cascais

Este templo foi construído nos finais do século XVII, inícios do seguinte. Um documento de 20 de Maio de 1715, em que os pescadores pedem para Roma abolição das multas por não ouvirem missa antes de irem pescar, justifica essa falta pelo facto de estarem fabricando a igreja dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres e S. Pedro Gonçalves Telmo³⁵⁰. O seu principal interesse está na planta octogonal, concepção espacial que a "faz incluir ... no pequeno núcleo de igrejas portuguesas setecentistas em que a nave reveste forma octogonal se bem que não acusada na volumetria exterior..."³⁵¹. Na verdade, a sua fachada principal, como as laterais parecem denunciar um

espaço rectangular. Unificada pela cornija, a frontaria divide-se em três panos, definidos por pilastras de cantaria, de que os extremos correspondem às torres. O portal é encimado por cornija recta, de tradição seiscentista, mas é curioso o tratamento dado ao entablamento com almofadados e duas volutas que se esticam e vêm pousar nas finas pilastras que limitam exteriormente a moldura de cantaria da porta. Sobre esta, abre-se um janelão coroado por frontão segmentar, enquanto nas torres, os janelões terminam em frontões triangulares. Acima da cornija, as duas torres, com fogaréus nos ângulos, e coroamento bulboso, são ligadas por pequeno frontão contracurvado, assente em volutas.

O interior é revestido a mármore branco, rosado e cinzentos. É notável pelo seu carácter despojado e fortemente iluminado que foge ao entendimento do barroco dourado de outras igrejas. É na verdade um edifício que revela um arquitecto erudito, não identificado, e que como outros do género substitui a dinâmica da decoração pela dinâmica espacial³⁵².

Nas paredes laterais da capela-mor, destacam-se dois painéis de azulejos, com grandes naus e personagens, a bordo, rezando a Nossa Senhora dos Prazeres e a S. Pedro Gonçalves, a quem a igreja foi originalmente dedicada pela Irmandade dos Marítimos de Cascais, responsável pela sua fundação³⁵³.

Na sacristia, as paredes são igualmente revestidas de azulejos azuis e brancos, com a Virgem ladeada de pescadores.

No painel do lado do lavabo está a data de 1729, que se considera de todos os azulejos.

Capela de Nossa Senhora da Guia, Cascais

Possui na capela-mor, um revestimento lateral de azulejos, com cenas marianas - «Nascimento» e «Ascensão» - datável de cerca de 1750³⁵⁴.

Capela de Nossa Senhora da Nazaré, Cascais

Esta capela pertenceu a um solar e os azulejos devem ter feito parte de uma única encomenda. No sub-coro, estão quatro profetas; no corpo, estão dois painéis de cada lado, com milagres de Nossa Senhora da Nazaré, um dos quais relativo a D. Fuas Roupinho. Entre estes, estão painéis emblemáticos. Na capela-mor, vêem-se mais dois painéis emblemáticos e, junto do retábulo do altar, uma guarnição com anjinhos transportando emblemas marianos. Santos Simões atribui o conjunto a António de Oliveira Bernardes e data-o de 1715-18³⁵⁵. José Meco aceita a atribuição, mas considera as cercaduras de pintor "ingénuo não identificado"³⁵⁶.

Ermida de Nossa Senhora da Vitória, Cascais

Situa-se no interior da Cidadela. As paredes laterais da capela-mor estão revestidas, até à sanca, com azulejos formando dois painéis que representam cenas bélicas do Antigo

Testamento, com legendas pintadas nos azulejos. As molduras já apresentam alguma decoração rococó, pelo que se podem datar de 1740-50³⁵⁷.

Igreja Matriz de S. João das Lampas, Sintra

Esta igreja tem um portal manuelino envolvido por azulejos azuis e brancos da primeira metade do século XVIII, de cada lado da porta e enchendo o tímpano. São duas figuras orantes, como estátuas sobre bases, e na parte superior, entre a cantaria está «S. João Baptista em pastor» e o «Baptismo», estando a data de 1723, no friso de cima deste painel³⁵⁸. Esta composição, é atribuída, com reservas, a Teotónio dos Santos³⁵⁹.

Igreja Matriz de Nossa Senhora Assunção, Colares, Sintra

Este templo foi reconstruído a partir de 1638, mas a capela-mor data do reinado de D. Pedro II. O retábulo de "estilo nacional" deve-se ao risco de João Antunes³⁶⁰, e está revestida de painéis de azulejos da primeira metade do século XVIII, com cenas da vida da Virgem.³⁶¹ Este revestimento azulejar tem tido diferentes atribuições: Vergílio Correia, aos Oliveira Bernardes, Santos Simões, ao "ciclo oficial de Bartolomeu Antunes³⁶², e, mais recentemente, ao pintor Manuel dos Santos³⁶³.

Capela de Nossa Senhora da Conceição da Peninha,

Sintra

Esta ermida tem uma capela-mor, datada de 1690, com retábulo de colunas torsas, paredes revestidas de mosaico florentino e púlpito, que pelas suas características podem ser atribuídos ao arquitecto régio João Antunes³⁶⁴. No início do século XVIII, a nave foi revestida de azulejos datados de 1711, com passos da vida da Virgem. A parte inferior das paredes tem 16 painéis, separados por barra de folhagem contorcida; a parte superior das paredes e no arco cruzeiro sobre a porta (onde está a data) tem onze painéis, separados por barra de folhas e anjinhos; e o forro da abóbada tem painéis enquadrados por barras de folhagem. Embora estes painéis tivessem sido atribuídos à oficina dos Oliveira Bernardes, já Santos Simões afirmava que nas figuras "não reconhecia nem o estilo nem a técnica de pintura"³⁶⁵. Mais recentemente, os painéis do rodapé e os painéis que revestem a abóbada da nave foram atribuídos ao mestre P.M.P.; e os painéis superiores das paredes da nave, ao pintor Manuel dos Santos³⁶⁶.

Igreja Matriz de Santa Maria, Sintra

O portal principal, gótico, tem porta de madeira almofadada, com a data de 1711³⁶⁷.

Capela de Nossa Senhora da Piedade, S. Martinho,

Sintra

Remontando ao século XVI, esta pequena construção foi restaurada em 1721, data do revestimento azulejar que lhe forra as paredes e que, no alisar inferior, representa paisagens, a que se sobrepõem magníficos ornatos barrocos. Nos tímpanos dos arcos, estão cenas da vida de Cristo e, no tímpano, sobre o arco de triunfo, também revestido a azulejos, está a Ceia, com mesa em U, perspectivada.

O revestimento integral desta capela é atribuído a António de Oliveira Bernardes³⁶⁸.

Igreja de S. Pedro, Sintra

A fachada principal é do século XVIII, coroada por arco contracurvado, e a torre, à direita, tem coroamento bulboso e quatro fogaréus nos ângulos.

O interior gótico é revestido, até à altura dos capitéis, por painéis de azulejos azuis e brancos, com cenas da vida de S. Pedro. Do lado da Epístola, o painel que representa a «Pesca Milagrosa», é inspirado num cartão de Rafael³⁶⁹. Pelas suas características, com cercaduras perspectivadas, das quais pendem grinaldas, estes azulejos inserem-se no período da "grande produção joanina". Como as armas de D. Tomás de Almeida, que se vêem na parte inferior do silhar ainda mostram a mitra de duas coroas, insígnia de

patriarca, é possível que sejam anteriores a 1737, data em que ascendeu a Cardeal³⁷⁰.

Capela do Senhor da Serra, Belas, Sintra

Esta capela, situada na quinta dos Marqueses de Belas e que foi até aos inícios do nosso século local de concorrida romaria, está hoje arruinada, mas conserva ainda restos de painéis de azulejos da primeira metade do século XVIII, que lhe revestem as paredes.

A capela é formada por dois corpos rectangulares, sendo o primeiro, inferior, que lhe serve de nave. Acima, alarga-se numa espécie de transepto, onde está o altar. Todas as paredes são forradas de azulejos, representando passos da «Paixão» e «Via Crucis». São azulejos de cerca de 1735-45, atribuíveis a Valentim de Almeida, notáveis pelo conjunto e proporção das cartelas³⁷¹.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Ulgueira,
Sintra

É uma pequena ermida de finais do século XVI ou inícios do seguinte. A capela-mor é revestida, até à sanca, por azulejos de enquadramentos concheados, representando cenas marianas. Os vãos das janelas apresentam anjos e emblemas da ladainha. Em frente à porta da sacristia, está uma porta fingida em azulejo manganês. Todo o conjunto é datável de cerca de 1740-50³⁷².

LISBOA (CIDADE)

Igreja de Santiago

Este templo de fundação muito antiga, sofreu várias transformações, sendo algumas das mais importantes no século XVI. No entanto, conserva um importante retábulo de talha dourada do período joanino, na capela do lado da Epístola, dedicada a Nossa Senhora-a-Franca (actualmente de Nossa Senhora do Rosário), da Irmandade dos Cirleiros³⁷³. Este retábulo que deve ter substituído outro anterior, referido no *Santuário Mariano*, é dos primeiros, juntamente com o da Matriz de Loures e o de Nossa Senhora da Pena, a definir o "estilo joanino" na região de Lisboa. Assim, o enquadramento é de forma côncava, tendo apenas exteriormente duas colunas pseudo-salomónicas, encimadas por arranques de frontão segmentar, a que se seguem mísulas, com as imagens de Santa Ana e S. Joaquim, a que grandes conchas servem de dosséis. As colunas interiores desapareceram para dar lugar a rendilhados de volutas e meninos. No coroamento, uma cartela é apresentada por dois grandes anjos, que se apoiam nos arranques de frontão. O sacrário é de forma esférica, ladeado por anjos de braços abertos, tão semelhante ao da Matriz de Loures que leva Robert Smith a pensar que este retábulo seja também obra de Bento da Fonseca Azevedo³⁷⁴.

Igreja de Santo Estêvão, Alfama

Esta igreja, de origem medieval, já tinha sido renovada em 1543, mas foi totalmente reedificada entre 1733 e 1740, de acordo com projecto do arquitecto Manuel da Costa Negreiros, vindo a capela-mor a ser remodelada, já em 1750, por Mateus Vicente de Oliveira. Estas obras integraram um painel de azulejos que, em 1722, tinha sido colocado no exterior da capela-mor³⁷⁵.

A demolição da velha igreja iniciara-se ainda em 1732 e a primeira pedra do novo edifício foi lançada a 6 de Julho de 1733. Ele constitui o primeiro projecto conhecido de Manuel da Costa Negreiros, que pode ter sido escolhido em virtude de o pedreiro José da Costa, que dirigiu os trabalhos, não ser outro senão o seu pai, José da Costa Negreiros³⁷⁶. De acordo com o manuscrito "Despeza da Obra da Reedificação desta igreja", pertencente à Irmandade do Santíssimo desta Paróquia, Manuel da Costa Negreiros recebeu 48000 réis pelo "risco" da igreja³⁷⁷.

Até 1744, Negreiros recebeu um emolumento semestral por superintender à construção do edifício³⁷⁸. No entanto, ainda em 1749 recebia ordenado idêntico por assistência à obra outro arquitecto, Mateus Vicente de Oliveira, também já então arquitecto da Casa do Infantado e possível colaborador de Negreiros³⁷⁹.

A proposta encontrada por Negreiros para o plano da igreja é idêntica a outras usadas em Portugal no período

barroco: o plano quadrangular de ângulos cortados, tal como já sucedera na igreja do Menino Deus, iniciada em 1711, e vai suceder, fora da capital, na igreja de S. João Baptista em Campo Maior. Santo Estêvão aparece-nos, por outro lado, como a primeira igreja construída na capital depois da sagração de Mafra. Não será por acaso que o grupo escultórico que encima o altar-mor, constituído por um Cristo sobre uma glória de raios, ladeado por dois anjos, obra de José de Almeida, o nosso escultor formado na Academia de Portugal em Roma, esteve em Mafra, até vir de Génova o grupo de mármore, esculpido por Francesco Schiaffino³⁸⁰.

Outro dos arquitectos e entalhadores que aqui trabalharam foi Santos Pacheco, que fez a talha da tribuna do altar do Santíssimo Sacramento, em 1740, pela qual recebeu 150\$000 réis³⁸¹. Nestes altares colaterais, o do Santíssimo e o da Senhora das Dores, o frontão contracurvado denota um gosto mais barroquizante, acentuado pela existência de colunas torsas, embora o autor do "risco" também aqui seja Negreiros.

Para esta igreja trabalhou ainda o pintor Bernardo Pereira Pegado, cujas telas já não se encontram nos respectivos locais, entre as molduras dos membros da nave³⁸².

Na antiga sacristia da Irmandade do Santíssimo, existe um silhar de azulejos, com cenas de jardim e fontes monumentais. Num livro de despesas da irmandade, há indicação de que os azulejos são de 1744-45. Ainda num anexo da igreja,

há um silhar com cenas do «Cântico dos Cânticos», com legendas em latim, e cercadura com motivos em «asa-de-morcego»³⁸³.

Igreja de S. Miguel, Alfama

Embora remontando à Idade Média, a igreja ameaçava ruína no século XVII, pelo que foi decidido reconstruí-la a partir dos fundamentos. No entanto, as obras arrastaram-se e, em 1720, estavam concluídas, mas ainda faltavam adornos³⁸⁴.

Assim, é do período joanino, de 1723 a 1728, o retábulo da capela-mor, executado pelo entalhador Manuel de Brito, por contrato de 31 de Maio de 1723³⁸⁵, segundo "hum risco e plantas" que lhe foram apresentados pela Irmandade do Santíssimo, e que poderá ser de Santos Pacheco³⁸⁶. Mais tarde, em 18 de Novembro de 1724, foi chamado pela Irmandade o entalhador Félix Adaucto, para fazer a talha das ilhargas e os quatro Evangelistas, com os seus atributos, obra que foi paga em 11 de Agosto de 1725³⁸⁷. No entanto, a obra ainda não satisfazia, pois em 1727 era de novo chamado Santos Pacheco, para emendar a talha das ilhargas, conservando-se apenas os evangelistas, para os quais fez os nichos e peanhas, e também para revestir de talha o tecto da capela-mor.³⁸⁸

Interiormente, esta igreja ilustra a combinação da talha com a pintura, ainda característica do final do século XVII, mas o retábulo mostra claramente a transição para o "estilo joanino", reflectindo, segundo Robert C. Smith,

influência do altar-mor da igreja do Santíssimo Sacramento, (Paulistas) mas os anjos sentados deste retábulo aparecem em relevo de cada lado da tribuna em S. Miguel, enquanto outros anjos independentes, surgem ajoelhados no coroamento, diante de uma evocação de Deus-Pai, acompanhada de *putti* esvoaçantes, segurando atributos³⁸⁹. Aqui desaparece também qualquer sugestão do remate em forma de arco, que segundo o mesmo Robert Smith, "desde o estilo nacional tinha identificado o retábulo português"³⁹⁰. Esta aproximação com os Paulistas, já sentida por Robert C. Smith, torna verosímil a colaboração de Santos Pacheco no risco do retábulo de S. Miguel de Alfama, embora esta não seja mencionada nos documentos.

Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, Alfama

Embora de estrutura quinhentista, este pequeno templo deve ter sofrido uma reconstrução no período joanino, o que é de certo modo confirmado pelos azulejos historiados, que decoram o seu interior, em alisares que nos mostram, na igreja, uma cena de jardim, do lado do evangelho, e do lado da epístola, a «Anunciação» e a «Visitação». Santos Simões atribuiu-os a António de Oliveira Bernardes e a cerca de 1715.

Na sacristia, restam os azulejos que ladeiam a porta de entrada, tendo num a legenda de "S. Pº GONÇAL/VES"; são da

mesma oficina, mas mais próximos de Policarpo de Oliveira Bernardes.

Na escada que dá acesso ao piso superior, estão azulejos talvez do início do século, representando cagadas.

Muito interessantes são os azulejos da Sala do Despacho da Irmandade do Espírito Santo e de Nossa Senhora dos Remédios dos Pescadores, que, sobre um fundo de azulejos de figura avulsas, tipo «estrelinha», apresentam, separados por balaustras, anjinhos e figuras caricaturais. Nos vãos das janelas, ainda se vê uma dama penteada à *la fontange* e um cavalheiro de alta peruca, moda característica dos finais do século XVII, inícios do seguinte; estes azulejos serão obra de artífices³⁹¹.

Ermiida do Senhor Jesus da Boa Nova, Alfama

Desde 1728 que os irmãos da Congregação do Senhor Jesus da Boa Nova, tinham mostrado interesse em construir uma nova ermiida, para o que compraram umas casas no Largo da Gale, mas só em 1744 obtiveram autorização régia³⁹². Citillo atribui a sua construção a Manuel da Costa Negreiros, acrescentando "que he da Ordem Jonica, e tem humma planta assas regular"³⁹³.

A igreja é, na verdade, de boa qualidade arquitectónica, apesar das suas proporções e foi bastante prejudicada pela abertura da Calçada Nova para dar passagem à Estátua equestre de D. José.

Não se sabe a razão da escolha de Manuel da Costa Negreiros, mas a mais plausível é o facto de o arquitecto, por esses anos trabalhar também na vizinha igreja de Santo Estêvão.

Embora a igreja fosse profanada, foi revelada uma planta e desenho da fachada e casa anexa, da autoria de Manuel Caetano de Sousa, que mostra a sua disposição interior³⁹⁴.

O interior da ermida compreende uma nave e capela-mor, sendo a planta da nave um rectângulo, que tem os cantos em forma côncava, o que juntamente com a proporção entre os lados do rectângulo, lhe confere uma configuração quase centralizada. Curioso é o facto de o arco triunfal estrangular a passagem para a capela-mor, que tem a mesma largura da nave. Esta concepção espacial enquadra-se na tradição do barroco português, de que Negreiros é representante.

De qualidade é também a fachada principal, que se encontra avançada relativamente à casa anexa, sendo também aqui, mas em sentido inverso ao do interior, os ângulos arredondados, o que é conseguido por multiplicação das pilastras que enquadram a fachada, o que se vai reflectir na cornija. Estas pilastras são da ordem jónica, como já o acentuara Cirilo, mas os capitéis são enriquecidos por festões entre as volutas.

A porta principal é coroada por um frontão segmentar, assente em mísulas, em cujo tímpano se abre um óculo circular que rompe a cornija na parte central. Sobre a porta, rasga-se uma janela rectangular horizontal, com os ângulos internos superiores convexos. Sobre o entablamento assenta um frontão contracurvado em chaveta, coroado por cruz e dois fogaréus. No tímpano abre-se também um óculo elíptico horizontal.

Mais simples é a Casa anexa, destinada a sacristia e casa do Despacho, com lintéis rectos nas janelas e varões de ferro forjado com anéis nas sacadas, na tradição do século XVII³⁹⁵.

Igreja de Santa Maria Madalena

Embora reconstruída depois do Terramoto, este templo conserva algumas peças de escultura atribuíveis a José de Almeida. É o caso de uma «Sagrada Família», colocada numa das capelas laterais, de um «S. Camilo de Lellis», guardado na Casa do Despacho, ou ainda de um «Crucificado» de madeira policromada, que está na Sacristia³⁹⁶.

Ermida de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião

A nave desta igreja de cuja reconstrução se encarregou, em 1705, João Antunes, é decorada com um silhar de azulejo do primeiro quartel do século XVIII, representando cenas bíblicas com profetas, atribuível à oficina de António de Oliveira Bernardes³⁹⁷.

Igreja do Sacramento

Era um templo do Século XVII, pertencente à Irmandade do Santíssimo Sacramento, proveniente do Convento da Trindade, que foi destruída pelo Terramoto e incêndio que se lhe seguiu³⁹⁸. Foi, no entanto, reconstruída no mesmo local, pelo que alguma coisa pode ter sido aproveitada do templo anterior. É o caso do portal, que Cirilo atribui a Manuel da Costa Negreiros³⁹⁹. Este é coroado por frontão assente em mísulas, solução idêntica à da ermida da Boa Nova, mas aqui o frontão interrompe-se para receber um baixo-relevo elíptico, vertical, representativo do Santíssimo Sacramento, numa solução que se aproxima doutras igrejas posteriores ao Terramoto, nomeadamente na vizinha Basílica dos Mártires.

Capela e Casa da Irmandade de S.José dos Carpinteiros

A igreja remonta ao século XVI, mas a sua fachada foi reconstruída após o Terramoto. No entanto, o seu interior conserva alguns elementos decorativos do período joanino, que se integram numa arquitectura característica do período maneirista, com nave e capela-mor rectangulares. Assim, as capelas do transepto têm retábulos de talha policromada, do primeiro quartel do século XVIII, ainda integráveis no "estilo nacional", com colunas pseudo-salomónicas prolongando-se em arquivoltas reentrantes.

A nave é revestida por lambril de azulejos, com passos da vida do padroeiro, em painéis rectangulares assentes em soco com os atributos dos ofícios, enquadrados por pilastras a que trepam meninos. Devem ser do período de transição do reinado de D. João V para o de D. José, o que parece sugerir o painel da morte do santo, onde os dois reis estão representados, dando-se maior importância para o segundo⁴⁰⁰, mas essa importância também lhe pode ser dada por ser o seu santo protector e os azulejos serem já do seu reinado. Estes azulejos são atribuídos com reservas, a Valentim de Almeida, e datados de cerca de 1750⁴⁰¹.

Nas sacristias, quer a actual, quer a que deveria ter pertencido à confraria, vêem-se azulejos de carácter ornamental: na primeira, jarras de flores e aves, com barra de volutas; na segunda, albarradas e figura avulsa. Estes são dos princípios do século XVIII.

Na Casa da Mesa, além de o tecto ser decorado com pintura policroma, de ornatos, setecentista, existe um lambril de azulejos, adaptado à bancada que corre a toda a volta da sala, já que sob o banco, os painéis são de azulejo ornamental, e acima são historiados, enquadrados por barras de motivo floral com cariátides dos lados. Devem pertencer ao segundo quartel do século XVIII. Na Casa do Despacho, vêem-se azulejos provavelmente do primeiro quartel do século, com cenas de caça e de jardim⁴⁰².

Igreja de Nossa Senhora da Pena

Este templo foi consagrado em 1705, ainda sem capela-mor, e a fachada foi reconstruída após o Terramoto.

Interiormente, apresenta uma nave única, coberta por tecto abaulado. e tem altares laterais, encimados por tribunas de iluminação.

Este é, apesar da simplicidade da arquitectura, um dos espaços barrocos mais notáveis de Lisboa, em que se conjugam a talha dourada, com os painéis pintados e a magnífica pintura do tecto. Este apresenta uma pintura perspectivada, ao gosto italiano, introduzido em Portugal por Baccarelli, que emoldura um quadro representando a «Coroação da Virgem». Este tecto é considerado por alguns o primitivo, que Cyrillo atribui a António Lobo, o melhor discípulo do mestre italiano⁴⁰³, mas como a igreja ficou arruinada com o Terramoto, outros consideram-no posterior⁴⁰⁴.

Notáveis são os púlpitos, de madeira imitando mármore, também do período joanino. Os altares laterais são do tipo nacional, com duas colunas pseudo-salomónicas de cada lado, prolongando-se nas arquivoltas do coroamento; só o do Santíssimo é da segunda metade do século.

Mas o mais notável é, sem dúvida, o da capela-mor, um dos que marca, em Lisboa, os inícios do "estilo joanino", como já afirmámos. Pelos documentos do arquivo paroquial, conhece-se a data em que foi executado e os artistas que nele

trabalharam, devendo-se a Ayres de Carvalho a revelação de outros documentos, que esclarecem os do arquivo paroquial.

O altar-mor deve ter sido realizado entre 1715 e 1722, data em que se estabeleceu um contrato com os ourives da prata, António Francisco e Pedro Leitão da Costa, para executarem as "pessas de prata que se determina fazer para acompanhar o Santissimo Sacramento ... uma cruz ... duas alenternas com suas astias... e dois siriais..."⁴⁰⁵.

Entretanto, só em 5 de Setembro de 1728 se estabeleceu o contrato com o entalhador Santos Pacheco, para fazer os dez painéis de talha para os dois lados da igreja, com as mesmas molduras, remates e escultura, e também os seis remates das janelas da igreja, idênticos aos da capela-mor, e ainda "outros caixilhos ou paineis que corre nos lados das capellas no segundo andar que são outros dez...", tudo pela quantia de 800000 réis⁴⁰⁶.

As obras do retábulo principal começaram em 4 de Junho de 1714, aí trabalhando o entalhador Jacinto da Silva e, na semana seguinte, Mestre Estêvão da Silva, aí aparecendo ainda o entalhador Domingos Tomé. Nas duas primeiras semanas de Outubro, aí aparece outro artista notável, Claude Laprade⁴⁰⁷, certamente responsável pela escultura do retábulo, dado que as quantias que lhe são pagas são superiores às de qualquer outro entalhador. De princípio de Agosto a meados de Novembro de 1715, Laprade aparece novamente a trabalhar na igreja de Pena⁴⁰⁸. A Laprade se deve

talvez o risco do retábulo, mas, pelo menos toda a figuração escultórica: os atlantes que seguram o dossel, os anjos candelários sustentando as mísulas, os meninos deitados e debruçados no dossel, são elementos que mostram influência da Capela de Vista Alegre⁴⁰⁹.

Robert Smith refere ainda outros documentos que Ayres de Carvalho diz desconhecer, pelos quais se sabe que a 25 de Dezembro de 1715, Jacinto da Silva se obrigou a fazer as quatro colunas da tribuna do altar-mor; em Janeiro de 1716, Manuel Quaresma contratou fazer oito meninos, quatro maiores e quatro mais pequenos, e finalmente, em 9 de Novembro de 1718 foi o resto da capela-mor entregue aos mestres entalhadores Jerónimo da Costa e Bernardo Machado, que seguem um risco feito por Domingos da Costa e Silva, que dois anos antes fizera os altares colaterais⁴¹⁰.

De tudo isto, é estranho que Ayres de Carvalho afirme que entre 15 de Novembro de 1715 e 1720 os mesários da Irmandade deixassem de assentar os pagamentos feitos⁴¹¹, enquanto Robert Smith, como vimos, encontra documentos relativos a esses anos⁴¹².

O importante é salientar as semelhanças entre o retábulo de Nossa Senhora da Pena e o da matriz de Loures, que lhe é posterior, pelo que se deve ter inspirado naquele. O enquadramento com duas colunas, a renda na boca da tribuna, as volutas com anjos e, sobretudo os atlantes das mísulas, são extremamente semelhantes. Por outro lado, é diferente a

parte superior da tribuna o uso de flores nos fustes das colunas e as molduras curvas das pinturas nas paredes da capela-mor⁴¹³.

Esta capela é além disso um exemplo de "igreja toda de ouro", já que a talha se prolonga nas paredes laterais, desde a moldura do tecto às faixas inferiores sem decoração.

Acima delas, desdobram-se dois andares o primeiro definido por telas enquadradas por molduras de gomos de contorno elíptico, mas sinuoso, ladeadas por estátuas de santos diversos. As pinturas, alusivas ao triunfo da Eucaristia, foram atribuídas por Cirilo a Jerónimo da Silva⁴¹⁴, activo em Lisboa entre 1711 e 1732. Este andar é separado do superior por cornijas, também de talha, interrompidas pelos balcões das tribunas, que no andar superior alternam com quadros não identificados, em forma de rectângulos cortados nos ângulos. Uma segunda cornija liga o conjunto e serve de moldura à pintura do tecto, também alusiva ao Triunfo da Eucaristia, tendo nos pendentos os Doutores da Igreja Latina. É provável que esta pintura também seja de António Lobo⁴¹⁵.

Nesta igreja, há ainda a referir algumas esculturas, como uma «Nossa Senhora da Conceição», atribuída a Laprade; um «S. Miguel», de Manuel Dias (no 1º altar do lado do Evangelho); e um retábulo no baptistério, feito em estuque, e também atribuível a Laprade. Existem ainda pinturas atribuíveis a André Gonçalves e Pedro Alexandrino.

A azulejaria é mais rara nesta igreja, mas à entrada existe um friso do primeiro quartel do século XVIII, com albarradas e cariátides, e, à entrada do corredor que liga à sacristia, existem dois painéis quadrados de azulejo de tapete, azul e branco, com cercadura⁴¹⁶.

Igreja de S. Sebastião da Pedreira

Em 1740, esta igreja, que tinha sido inaugurada em 1652, sofreu obras de ampliação, com a construção da Sacristia e da Casa do Despacho.

Além disso, o interior da igreja é decorado com talha dos séculos XVII e XVIII, e azulejos deste último século⁴¹⁷. O coro apoia-se em duas colunas salomónicas de pedra cinzenta, que suportam a varanda, em curvas e contracurvas. A parte superior das paredes é revestida de talha branca e dourada, e caixilhos emoldurando quadros, tendo os das tribunas de iluminação pilastras com cariátides.

Os painéis da nave, com cenas da vida do mártir S. Sebastião, são atribuídos a Teotónio dos Santos e datáveis de cerca de 1718⁴¹⁸. São enquadrados por molduras barrocas com atlantes, tendo cartelas com legendas alusivas⁴¹⁹.

Igreja de S. Bartolomeu, Charneca

Esta igreja foi fundada em 1685 e sofreu reparações em 1725.⁴²⁰

Aqui encontramos, na capela-mor, painéis de azulejos assinados por Gabriel del Barco, de 1696⁴²¹.

Na Capela do Santíssimo, está um silhar de cercadura lisa, com dois painéis, «Jesus no Horto» e «Jesus perante Pilatos», que Santos Simões atribuiu à oficina dos Oliveira Bernardes⁴²².

Ermida de S. Sebastião, Paço do Lumiar

A capela-mor deste pequeno templo encontra-se integralmente revestida de azulejos, atribuídos ao monogramista P.M.P.⁴²³.

Igreja de S. João Baptista, Paço do Lumiar, Lisboa

No baptistério, está um painel com a «Pregação de S. João», proveniente da capela-mor. Santos Simões considera-o obra da influência dos Oliveira Bernardes e de cerca de 1710.

Também na capela de Santa Brígida, existe um silhar com passos da vida da santa, com emolduramento barroco de festões com mísulas e anjinhos, de cerca de 1740-50⁴²⁴.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Belém

Este templo foi fundado cerca de 1710 pelo padre José da Silva Carvalho, esteve aberto ao culto até à proclamação da República e foi depois profanado.

É um templo orientado a sul, pelo que a fachada que dá para a Travessa do Marta Pinto é a lateral, do lado da

Epístola, onde se abre o portal e duas janelas de moldura simples. O portal demonstra execução erudita, ao gosto de João Antunes, sendo enquadrado por pilastras com capitel, suportando entablamento saliente sobre o qual assentam, à maneira de frontão, duas volutas simétricas, que ladeiam a cruz. No enfiamento das pilastras, vêem-se acrotérios.

No interior, tem nave e capela-mor, coberta por abóbada de berço. Na nave, ainda se conserva um lambril de azulejo tipo padrão, azul e branco, que deve ser contemporâneo da construção⁴²⁵.

Ermida de S. José, Paiã, Carnide

Esta ermida foi construída na Quinta do Casal Novo, em 1717.⁴²⁶

Igreja de S. Lourenço, Carnide

Foi sede da paróquia rural. Foi construída no século XIV e renovada em 1572, vindo a ser reconstruída depois do Terramoto, altura em que lhe introduziram retábulos de talha e azulejos relativos à vida de S. Vicente⁴²⁷.

No entanto, os azulejos originais desta igreja foram retirados no início do século e encontram-se hoje dispersos em Lisboa, no jardim do palácio Galveias, no paredão das Amoreiras e no Museu da Cidade. São atribuídos a António de Oliveira Bernardes e a cerca de 1715, por Santos Simões⁴²⁸, ou a seu filho Policarpo⁴²⁹.

DISTRITO DE SETÚBAL

Igreja Matriz de São Tiago, Almada

É uma igreja do século XVII, com nave única e capela-mor, a que posteriormente foram acrescentadas duas capelas laterais.

A capela-mor é totalmente revestida de azulejos, que acompanham a cantaria das portas e as nervuras da abóbada. Representam cenas da vida do patrono - «Enterro de Santiago» e «Santiago combatendo os mouros» - podendo situar-se cerca de 1730, época em que foram feitas outras encomendas para igrejas da Ordem. As composições figuradas assentam num silhar; o interior do arco triunfal é também decorado com azulejos simulando pilastras e tendo, aos lados, um anjinho tocando trombeta⁴³⁰.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, Cova da Piedade, Almada

Templo reconstruído em 1762, depois de ter ruído com o Terramoto. Na capela-mor, do lado da Epístola, está um revestimento azulejar que pertencia ao templo primitivo, portanto da primeira metade do século XVIII. Representam a «Natividade» e a «Adoração dos Pastores»⁴³¹.

Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Cacilhas,

Almada

Esta capela foi reconstruída após o Terramoto, em 1759, mas ainda conserva, na escada que conduz ao coro, um silhar azulejado de época anterior, onde se lê: " ESTA OBRA / MANDOV FA=/ZER HVM / DEVOTO / 1715"⁴³².

Igreja de Santa Cruz, Barreiro

Quando esta igreja foi restaurada, em 1729, foram aí colocados painéis de azulejos de proveniência desconhecida, representando o «Baptismo de Cristo» e a «Pregação de S. João Baptista». Santos Simões atribui-os a António de Oliveira Bernardes e a cerca de 1720.

No corpo da igreja, está um silhar de albarradas, de cerca de 1740⁴³³.

Igreja Matriz de S. Lourenço, Alhos Vedros, Moita

A igreja remonta ao século XV, tendo sofrido várias remodelações posteriores, nomeadamente durante o século XVIII, em que foi enriquecida com revestimentos azulejares.

Na nave, entre os arcos das capelas laterais, estão painéis de azulejos com cenas da «Vida de S. Lourenço», conjunto que está datado sobre a porta da sacristia: M.DCC.XLIX. O tecto, de caixotões, tem no central uma pintura também do século XVIII, representando o «Martírio de S. Lourenço».

Noutras capelas se encontram azulejos de 1749: é o caso da capela baptismal, onde está um silhar com temas bíblicos e um painel com o «Baptismo»; da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em que os painéis representam o «Nascimento da Virgem» e a «Anunciação»; e da Capela de Santo António, em que estão representados passos da «Vida de Santo Estêvão», com magnífico enquadramento arquitectónico.

A capela de S. Sebastião, que data do século XV, tem as paredes forradas de azulejos, com passos da vida do patrono, ilustrados com legendas. Sobre o arco, do lado de dentro, está a data e a nota da encomenda, também em azulejo:

Esta obra / sefes no anno de / 1730 e

Sendo ademenistra/dora desta capela / Francisca da Mota.

Na capela-mor, que possui retábulo de talha do final do século XVII, ainda se podem ver azulejos do século XVIII, representando «Moisés fazendo brotar água de um penedo» e «A serpente de bronze»⁴³⁴.

Os altares laterais, de talha dourada, são também do século XVIII⁴³⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, Moita

Interiormente, esta igreja tem uma só nave, cujas paredes são revestidas com painéis de azulejos com cenas da «Vida da Virgem», assentes em silhar azulejado, com medalhões e anjos trombeteiros. Os azulejos têm a data de 1719 inscrita

sob o púlpito, mas Santos Simões considera que o silhar é de 1730. No baptistério, vêem-se ainda azulejos de figura avulsa e um painel com o «Baptismo», da época dos da nave⁴³⁶.

O altar-mor enquadra uma tela também do século XVIII, representando o «Pentecostes». Os altares laterais têm altares de talha dourada do início da mesma centúria.

Na sacristia, além do arcaz, é da mesma época uma tela representando a «Madalena penitente»⁴³⁷.

Igreja Matriz do Espírito Santo, Aldeia Galega do
Ribatejo (Montijo)

Este templo remonta ao século XV, mas foi reconstruído no princípio do século XVII.

As paredes laterais foram revestidas, em meados do século XVIII, com painéis da «Vida da Virgem», e a capela baptismal, com um «Baptismo de Cristo». São azulejos com influência de Bartolomeu Antunes⁴³⁸.

Na capela-mor, estão painéis com «A Queda do Maná» e «O Castigo dos Blasfemos», datados de 1708 nas vergas das portas laterais. Estes painéis são atribuídos com reservas a António Pereira, sendo as cercaduras e rodapés no estilo de P.M.P.⁴³⁹.

Os retábulos colaterais possuem retábulos de talha dourada setecentista.

Na sacristia encontra-se ainda um silhar de albarradas, azul e branco, silhar que também aparece noutra

dependência da igreja, onde se encontra uma tela setecentista, representando «Os Esponsais da Virgem»⁴⁴⁰.

Igreja de São Jorge, Sarilhos Grandes, Montijo

É um edifício de cunho barroco. As paredes da nave são decoradas por um silhar de azulejos setecentistas, com cenas da vida do orago, revestimento datado, no subcoro, de 1740.

A capela-mor possui retábulo de talha dourada da mesma centúria, e aí se vêem mais dois painéis de azulejos, representando «Colheita do Maná» e «Abraão e Melquisedeque».

Ainda numa arrecadação, existe uma tela do século XVIII, com o tema «S. Jorge e o Dragão»⁴⁴¹.

Igreja Matriz de S. João, Alcochete

Este templo remonta aos períodos gótico e manuelino.

Junto à porta lateral sul, está um registo, representando o «Calvário», de cerca de 1730.

A nave da igreja tem alisar ornamental corrido, de cestos e vasos. Dois painéis representam o «Nascimento de S. João Baptista» e o «Baptismo de Cristo». além destes, existem quatro telas da mesma época, com o «Nascimento», «Pregação», «Salomé» e «Degolação»⁴⁴².

Nas paredes laterais da capela-mor, estão painéis cujos centros representam ermitões e paisagens, de cerca de 1730.

No lavabo da sacristia está a data de 1715. Esta não deve ser tomada como ponto de referência, já que os azulejos ornamentais que aí estão, do tipo figura avulsa, como todos os do templo, não devem ser anteriores a 1725⁴⁴³.

Capela de S. Sebastião, Sesimbra

Templo profanado, remonta ao século XVI, mas sofreu restauros em 1741, conforme consta de uma inscrição do lado direito da entrada, junto à pia de água benta, que também informa que as obras se fizeram à custa dos armadores da vila⁴⁴⁴.

Igreja de Santa Maria do Castelo, Sesimbra

Tem no portal a data de 1721, que deve corresponder a uma reconstrução já que o templo remonta ao século XII.

Alguns elementos decorativos do interior concordam com esta data, nomeadamente os retábulos de talha dos altares, dos inícios do século XVIII. As paredes da capela-mor são totalmente revestidas de azulejos azuis e brancos com cenas da «Vida da Virgem»⁴⁴⁵.

As seis capelas laterais têm retábulos reentrantes, com dosséis em forma de concha e revestimento azulejar ornamental, com figuras, grinaldas e anjos.

Nas paredes laterais, nos vãos de quatro portas, estão painéis com os Evangelistas, e, sob o púlpito, azulejos de "estrelinhas" com pássaros.

No coro, existe um painel que representa «S. Tiago combatendo os Mouros». Todo este revestimento é de cerca de 1720 e atribuível à oficina dos Oliveira Bernardes⁴⁴⁶.

Igreja Matriz de Santiago, Sesimbra

A Capela dedicada à Senhora dos Navegantes possui um revestimento azulejar de carácter ornamental, com cariátides, idêntico ao de Santa Maria do Castelo e datável de cerca de 1720, também de produção lisbonense⁴⁴⁷.

Igreja de S. Lourenço, Vila Nogueira de Azeitão

O revestimento azulejar desta igreja fez-se em duas fases: a primeira, que vem completar a decoração da capela-mor, com retábulo de talha de "estilo nacional" e pinturas com molduras de talha barroca, do final do século XVII; a segunda que respeita ao revestimento das paredes da nave.

Os azulejos da capela-mor, pela sua qualidade e características, são atribuíveis a António de Oliveira Bernardes, com a colaboração de seu filho, Policarpo, e datáveis de cerca de 1718-1723⁴⁴⁸.

É na capela-mor que se encontra um painel cujas personagens principais, inspiradas certamente numa gravura, são idênticas às de uma tapeçaria de Aubusson, «Alexandre na tenda de Dario», existente no Museu de Lamego.

O forro interior do arco triunfal é também revestido com azulejos de figuras, grinaldas, festões e outros elementos decorativos.

Os azulejos da nave são do chamado período da grande produção joanina, de cerca de 1745.

Todos os painéis representam cenas do Antigo Testamento⁴⁴⁹.

Ermida das Necessidades, Vendas, Azeitão

Existia neste local, desde o século XIV, um cruzeiro gótico, que tinha sido erguido por Vasco Queimado Vilalobos, que possivelmente está sepultado neste local.

Nos meados do século XVIII, um habitante da Aldeia das Vendas, de nome Manuel Martins, decidiu construir uma capela para resguardar o cruzeiro, para o que pediu autorização ao dono da propriedade, a quinta do Alcubê. Este era o porteiro-mor de D. João V, José de Sousa e Melo, que acedeu ao pedido. Do facto existe documento no cartório do notário de Azeitão, com a data de 13 de Outubro de 1748. Pelo mesmo se sabe que D. José de Sousa e Melo impôs a condição de ser o padroeiro da ermida e quis contribuir com cal e madeira para a sua construção. Manuel Martins tornou-se o primeiro ermitão a habitar na ermida e teve direito a ser nela sepultado⁴⁵⁰.

Quem hoje vê a modesta ermida rural, com a sua frontaria de remate ondulado, com pináculos nos extremos e um

ornamento floreado sobre a porta rectangular de verga ligeiramente abaulada, não adivinha que no seu interior se esconde um precioso cruzeiro gótico, que a capelinha cumpre apenas a função de preservar das intempéries e talvez da violência dos homens.

Igreja Paroquial de S. Pedro, Palmela

Esta igreja sofreu um grande incêndio em 1713, sendo reedificada por D. João V, vindo as obras a terminar em 1747, conforme uma inscrição existente junto ao guardavento, à esquerda, numa lage, onde se lê: "Miserere mei. Debaixo d'esta pedra elege o jasiço e o pede a S. M.^{de} por esmola Luiz Feio Barrocas prior d'esta egreja de S. Pedro, em cujo tempo foi reedificada por el Rei o Sr. D. João V das cinzas, a que a reduziu o lastimoso incendio, que n'ella houve em 10 de abril de 1713 sem lhe deixar pedra, que pudesse servir; e cuja obra durou até o anno de 1747"⁴⁵¹.

Esta igreja sofreu, no entanto reparações após o Terramoto de 1755. Conserva ainda azulejos da época joanina. Na capela-mor, estão dois painéis figurando a «Colheita do Maná» e a «Água do rochedo», que Santos Simões considera de data próxima de 1745.

As paredes laterais estão forradas a toda a altura com azulejos relativos à vida de S. Pedro. Os vãos das janelas são também azulejados.

Na sacristia, existe também um silhar de azulejos ornamentais, de vasos e pilastras, e no corredor, azulejos de figura avulsa⁴⁵².

Capela da Fortaleza, Outão, Setúbal

A capela é totalmente revestida de azulejos, pertencentes a duas épocas. Na capela-mor, do lado direito, está «Nossa Senhora da Penha de França», e, em frente, um painel mutilado, representava «Nossa Senhora da Conceição». Anjos laterais seguram símbolos marianos. O altar-mor, em talha dourada, é ladeado por azulejos ornamentais.

Os painéis da nave são um pouco anteriores, e representam cenas da «Vida de São Tiago». À entrada estão dois painéis com eremitas em oração. Na parede, ao mesmo nível dos da capela-mor, estão mais dois painéis evocativos da Virgem: «Nossa Senhora da Nazaré» e «Nossa Senhora dos Anjos». Os painéis da nave têm sido atribuídos ao ciclo oficial dos Oliveira Bernardes, enquanto os da entrada e capela-mor, são mais tardios, de cerca de 1730-40⁴⁵³.

Mais recentemente, o conjunto dos azulejos foi atribuído, sem discriminação, a Bartolomeu Antunes⁴⁵⁴.

Passo da Rua dos Ourives, Setúbal

Trata-se de uma capela que fazia parte de um conjunto, destinada a paragem na procissão dos Passos. Tem na fachada a data de 1738 e é atribuível a João Baptista de

Barros, que foi, entre 1715 e 1743, arquitecto das Ordens militares de Santiago e S. Bento⁴⁵⁵. O pequeno edifício tem planta aproximadamente quadrangular, limitado nos cunhais por pilastras de cantaria, que terminam em fogaréus. Sob o entablamento, a meio da fachada lateral, está uma gárgula. A fachada principal abre-se em arco de volta perfeita e é coroada por pesadas volutas que enquadram a cartela que serve de base à cruz.

Igreja de Santa Maria, Setúbal

Templo maneirista integrável no "estilo chão", esta igreja possui um magnífico retábulo, no altar-mor, em talha dourada de "estilo nacional". Realizado entre 1695 e 1700 pelo entalhador José Rodrigues Ramalho, veio a ser dourado em 1716 pelo mestre Vicente Nunes, que pela obra recebeu quinhentos e oitenta e nove mil oitocentos e trinta réis⁴⁵⁶.

Igreja de S. Julião, Setúbal

Embora o actual retábulo-mor desta igreja seja posterior ao Terramoto, sabe-se que existiu um retábulo barroco, realizado, em 1716, pelo mesmo mestre José Rodrigues Ramalho, que realizou o da igreja de Santa Maria⁴⁵⁷.

Casa e Capela do Corpo Santo, Setúbal

O primeiro documento que se refere a esta irmandade, no século XIV, designa-a como Hospital dos Homens do Mar e

Capela e confraria do Corpo Santo, mas o edifício actual é do século XVIII, de acordo com inscrição sobre a porta que se abre no muro exterior: "CAZA DA CAPELA DO CORPO SANTO FEITA NO ANNO DE 1714".

Esta porta dá acesso a um pequeno pátio, limitado a norte, pela fachada do palácio seiscentista dos Cabedos, que cederam as salas para instalação da Irmandade⁴⁵⁸. O edifício em si apresenta-se ao fundo do pátio e tem dois andares, sendo o superior tratado como o piso nobre de qualquer casa seiscentista, com três janelas de sacada, com grades de ferro, rematadas por esferas armilares, e coroadas por cornija saliente. A quarta janela é substituída por uma porta a que se acede por escadaria de dois lanços, também protegida por corrimão de ferro. O andar inferior apresenta uma porta larga em arco de volta perfeita e duas portas rectangulares, com moldura de cantaria simples.

A volta do pátio, surge um alisar de azulejos ornamentais, que se continuam ao longo da escada, dando ao conjunto uma dimensão profana, acentuada porque num dos painéis aparece uma das primeiras figuras de convite, ainda não recortada, que se encontra na azulejaria portuguesa do período joanino, criação original do monogramista P.M.P., autor destes azulejos⁴⁵⁹.

A porta dá acesso a uma sala rectangular de função dupla, pois pode ser nave da pequena capela, se necessário, ou, fechadas as portas desta, transforma-se em antecâmara da

sala de reuniões da irmandade. No entanto, apesar de ser um espaço essencialmente religioso, é decorado cenas galantes e de caça, enquadradas por graciosas cariátides. O tecto da sala é em talha polícroma, apresentando ao centro um octógono alongado onde, em moldura quadrilobada se vê uma pintura de uma nau em mar revolto, alusiva à vocação marítima dos membros da irmandade.

A pequena capela é um exemplo de "igreja toda de ouro", já que tem as paredes revestidas de talha dourada que envolve, em recorte quadrilobado, bustos de santos, com relicários; também a abóbada é revestida da mesma talha dourada. Quanto ao retábulo, é de transição entre o "estilo nacional" e o "joanino", com dois pares de colunas pseudo-salomónicas, separadas por pilastras, onde se vêem os mesmos bustos-relicários. As colunas são suportadas por atlantes-meninos e no coroamento, duas volutas servem de apoio a magníficos anjos em talha polícroma, enquanto, ao centro, dois anjos de menores dimensões seguram a cartela com as chagas, que se apoia num baldaquino. Esta obra é atribuível ao entalhador José Rodrigues Ramalho⁴⁶⁰.

Nas paredes, vêem-se dois painéis de azulejos com cenas da vida de S. Francisco, e o pavimento é composto por tijoleira vermelha, que se combina com azulejos de figura avulsa.

A sala de reuniões da Irmandade, tem um pavimento idêntico, embora aqui, os azulejos de figura avulsa sejam

mais variados. À volta da sala, continuam os painéis de azulejos do monogramista P.M.P., com cenas galantes, em jardins, com as características fontes inspiradas em gravuras, enquanto nos poiais das janelas se vêem meninos tocando instrumentos. A cobertura de brutescos, envolve duas cenas alusivas ao Corpo Santo.

Do mobiliário ainda fazem parte cadeiras setecentistas, de espaldares e assentos de couro gravado.

Pela sua qualidade e pela forma como o conjunto está preservado este é um dos mais curiosos exemplos do barroco no primeiro quartel do século XVIII.

Capela da Fortaleza de S. Filipe, Setúbal

Esta capela está totalmente revestida (paredes e abóbada) com azulejos que representam passos da vida de S. Filipe, enquanto na abóbada, uma composição perspectivada enquadra um escudo régio. Estão datados de 1736 e assinados por Policarpo de Oliveira Bernardes⁴⁶¹: "*Policarpus aBoliua Be^{des} Fecit 1736*"⁴⁶².

Igreja de S. João Baptista, Setúbal

O revestimento azulejar da nave e capela-mor, com azulejos historiados, sobre a «Vida de S. João Baptista», é atribuível ao monogramista P.M.P. e de cerca de 1730⁴⁶³.

Igreja do Senhor Jesus do Bonfim, Setúbal

O revestimento azulejar da nave desta igreja é também atribuível ao monogramista P.M.P.⁴⁶⁴ e serão de cerca de 1720 ou um pouco anteriores. São painéis contínuos, com silhar de anjos e grinaldas, ilustrando parábolas, na nave, e com ermitões na capela-mor⁴⁶⁵.

Igreja Matriz de São Tiago, Alcácer do Sal

O corpo da igreja é totalmente revestido de azulejos de tipo ornamental, com figuração central. Sobre as portas laterais estão painéis com passos da «Vida de São Tiago», que devem ser de 1720 e foram atribuídos por Vergílio Correia a António de Oliveira Bernardes⁴⁶⁶.

Entre as janelas estão painéis figurados de cerca de 1730. Na capela baptismal e na fronteira, estão azulejos representando fundadores de ordens religiosas⁴⁶⁷.

Capela de Nossa Senhora da Penha, Grândola

Este templo destaca-se pelo seu revestimento azulejar. No corpo, está um silhar de cestos floridos, separados por anjos.

O arco triunfal é totalmente revestido de azulejos, com grandes anjos ladeando o arco e, na parte interior, também surgem anjos.

Na capela-mor, estão, do lado da epístola, duas composições azulejares com a «Anunciação» e a «Assunção». Do

lado do evangelho, os azulejos estão datados de 1721 e o painel representa a «Apresentação de Nossa Senhora».

É um trabalho com influências da oficina dos Bernardes, talvez do monogramista P.M.P.⁴⁶⁸.

Igreja Matriz de S. Salvador, Sines

Templo gótico do século XIV, conserva as naves na sua forma original, embora fosse reconstruído em 1730. Desta época datam os altares de talha dourada⁴⁶⁹.

Acima do nível do altar-mor estão as paredes laterais forradas de azulejos, que formam duas grandes composições, em três painéis, com molduras exuberantes. Do lado da epístola estão «S. Lucas» e «S. João» ladeando o Menino, como «Salvador do Mundo»; do lado do evangelho, estão «S. Mateus» e «S. Marcos» ladeando a «Assunção da Virgem». Na parte inferior, emblemas eucarísticos com legendas. São azulejos de cerca de 1750⁴⁷⁰.

DISTRITO DE PORTALEGRE

Capela de Santa Ana, Alter do Chão

Foi edificada no século XVII, mas renovada em 1739 por Diogo Menha e sua mulher, D. Margarida de Sousa.⁴⁷¹

Na capela-mor desta igreja, estão dois painéis historiados, com molduras de anjos, grinaldas e pilastras,

representando o «Nascimento da Virgem» e a «Apresentação», datáveis de cerca de 1738-40, portanto da época da renovação.

Como acontece noutros casos da época final do azul e branco (década de 40 do século XVIII), no painel do «Nascimento», um fogareiro tem as chamas pintadas a amarelo, manganês e verde⁴⁷².

Capela do Senhor Jesus do Outeiro, Alter do Chão

Data do século XVIII. Tem portal com duas mísulas sustentando as vergas e uma janela sobreposta. Na fachada, destaca-se uma curiosa torre sineira, com volutas, fogaréus e cúpula recortada.

No interior, com nave, capela-mor e altares laterais, destaca-se o de Santa Teresinha, antes da invocação de Santa Catarina, onde está uma tela com «Santa Catarina recusando sacrificar aos ídolos», cópia de um quadro italiano do século XVII⁴⁷³.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Arronches

O templo remonta ao século XVI, mas a fachada principal foi reconstruída no século XVIII, tendo-lhe sido acrescentado um frontão e fogaréus. O frontão tem ao centro um medalhão com a Cruz de Cristo. O eirado com mísula em que assentam quatro fogaréus, era guarnecido com balcão de cantaria lavrada.

No interior, as capelas do transepto do lado da Epístola têm altares de talha dourada e policromada do século XVIII.

A pia baptismal, em mármore, é da mesma época⁴⁷⁴.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação,

Campo Maior

Embora anterior, esta igreja foi reconstruída ou restaurada depois do rebentamento do paiol, em 1732.

Os quatro altares da nave são de mármore de três cores, ladeados por colunas. Num, existe uma pintura em tela, representando a «Sagrada Família com as Almas do Purgatório».

No altar do Santíssimo, no transepto, está uma pintura do século XVIII, com a «Ceia»; este altar já foi decorado em 1752.

Na capela-mor, está uma tela oval com a padroeira, assinada: "*Carlos Rojas Vargas y Cabello Gerra inv.*" . Nesta capela, abrem-se quatro janelas de ombreiras recortadas e duas tribunas de mármore. Aqui se encontra também um cadeiral com dezasseis assentos e cadeira paroquial, em "estilo joanino".

Na sacristia, estão três telas de meados do século XVIII, com a «Apresentação no Templo», «Salomé» e «Alegoria a S. João Baptista»⁴⁷⁵.

Capela de Nossa Senhora do Calvário, Campo Maior

Fica junto à matriz, no adro lateral, à direita. Foi fundada em 1707 pelos mordomos da Confraria do Calvário.

É um edifício oitavado, com porta encimada por pequeno frontão, óculo e recortes no extremo; nas ilhargas, abrem-se duas pequenas frestas.

No interior, tem um único altar, com nicho central e seis laterais. A cobertura é em cúpula afunilada, formando caixotões. À esquerda, está um confessional, com a frente entalhada e pequena pintura no espaldar.

Possui ainda quatro pinturas representando santos e, na sacristia, sete telas com os passos da Paixão.

Perto desta capela, está a das Almas, da mesma época.⁴⁷⁶

Igreja Matriz de Santa Maria da Deveza, Castelo de

Vide

Esta igreja deve ter sido construída no século XVIII sobre edificações anteriores. Tem acesso por uma escadaria que conduz a um adro vedado por grade de ferro com pilastras de granito, que contorna o edifício a sul até à sacristia.

A fachada é enquadrada por torres, com cunhais e pilastras de granito, e frontão encimado por uma cruz.

O pórtico está datado de 1748 e é ladeado por duas colunas caneladas da ordem coríntia, suportando frontão interrompido, sobre o qual assenta, entre dois coruchéus, uma

janela enquadrada por colunas espiraladas, apoiadas em mísulas.

Nas fachadas laterais, abrem-se pequenas janelas e uma porta estreita, com remate concheado, sobre a qual se abre uma janela com ombreiras e peitoris trabalhados. O transepto saliente tem duas janelas de cada lado. O zimbório é octogonal.

No interior é coberta por abóbada de berço, com cúpula no cruzeiro.

Os altares laterais, de talha ou alvenaria, têm baldaquinos de talha dourada e policromada.

O coro assenta em arco de volta abatida.

Entre as alfaias, conta-se uma custódia de prata dourada, em "estilo joanino", com atributos da Paixão e da Eucaristia, em relevo.⁴⁷⁷

Capela de Nossa Senhora da Alegria, Castelo de Vide

Embora seja do século XVII, tem no altar-mor retábulo de talha pintada, já do século XVIII.

É também na capela-mor que está uma lápide com a data e nome dos instituidores: "*D. / Virgini Matri Ab Alegria / sub proct hujusce / popoli senatus imp / Joane V Portugaliae / rege sumpt Laurentii / Bernardes Uxoriris et / alior anno 1726 / +++*"⁴⁷⁸.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Crato

É um templo que remonta ao século XIII, mas foi reconstruído no século XV e remodelado posteriormente.

A capela-mor tem as paredes totalmente revestidas de azulejos, datáveis de 1730-40, com cenas marianas, que se combinam com figuras alegóricas, representando a «Constância religiosa» e a «Fé». Estes painéis são envolvidos por motivos arquitectónicos, em forma de balaustradas.⁴⁷⁹

Parte do corpo da igreja é revestida com azulejos, com decoração de balaústres e festões, e cenas profanas de caçadas e viagens⁴⁸⁰. São talvez anteriores aos da capela-mor.

Ainda num pequeno pátio interior, está uma cruz em azulejo com a data: "O P.^e Vig^o a fez na era de 1724"⁴⁸¹.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora (ou de Santa Maria da Alcáçova), Elvas

Remonta ao século XIII, mas sofreu alterações, algumas das quais no século XVIII (1746 e 1752).

A capela-mor, muito simples, com cadeirais de madeira, data desta época.

Entre as alfaias, conta-se uma maquineta de prata envidraçada, coberta de cúpula e um prato de esmolos, também em prata lavrada, datado de 1736.

Na sacristia, do mesmo período, é o arcaz, com dois corpos de gavetões e armário central, e junto deste um espelho do século XVIII, pintado a imitar laca e dourado⁴⁸².

Capela de S. João Baptista ou de S. João da Corujeira

Elvas

Destruída por um tremor de terra, foi reedificada no século XVIII e XIX.

A frontaria tem sineira no topo e porta de granito, de verga direita, ladeada por janelas gradeadas. Sobre a porta, está uma janela com decorações em mármore, pequeno frontão com duas volutas e a cruz de Malta anteposta a outra cruz. Tem gravada a data de 1728.

No interior, o altar-mor e os dois altares laterais são de alvenaria⁴⁸³.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Atalaia,

Fronteira

Um dos altares laterais, do lado da epístola, é de talha dourada e policromada, ainda dentro do estilo de finais do século XVII. É dedicado a S. Luis, rei de França e instituído por Luis Mantica, conforme inscrição numa lápide: "*Esta . capella . de / Sam . Luis . fes . a sua / custa. fr. Luis Matinca ./ natural . desta. Vê de ./ Fronteira no anno de 1733*"⁴⁸⁴.

Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, Fronteira

Dista 600m da vila e foi fundada, nos inícios do século XVIII, pelo Padre Miguel dos Santos de Cabedo.

A fachada principal, enquadrada por torres, tem portal de mármore com colunelos, sustentando frontão interrompido, com volutas e uma cruz. Por cima da entrada está um óculo. No coroamento, um frontão de volutas liga as duas torres, coroadas por cúpulas achatadas.

Tem planta octogonal, coberta por cúpula com lanternim. Tem dois altares de alvenaria e dois púlpitos.

Na capela-mor desta igreja, encontram-se painéis de azulejos, com passos da «Verónica» e a «Deposição no Túmulo», com moldura de anjinhos e grinaldas. Devem ser de 1717-20 e dos Oliveira Bernardes, ainda de António⁴⁸⁵ ou mais seguramente de Policarpo⁴⁸⁶.

O altar-mor é de mármore de várias cores, com quatro colunas salomónicas de mármore cinzento e guarnições do mesmo mármore.

A tribuna também é revestida de azulejos, com anjos e querubins. Ao fundo está uma pintura a fresco, representando o «Senhor Crucificado».

Nesta capela se encontra também a sepultura do fundador, cónego secular de S. João Evangelista, falecido a 13 de Setembro de 1724⁴⁸⁷.

Igreja de Santa Maria, Marvão

Embora seja dos séculos XIII-XIV, tem algumas intervenções do século XVIII.

Uma capela do lado do Evangelho tem as paredes totalmente revestidas de azulejos azuis e brancos, com paisagens, cenas profanas e janelas fingidas.

O altar-mor é do século XVIII e tem as armas de Portugal sobrepostas à Cruz de Malta⁴⁸⁸.

Igreja de Santo António, Escusa, S. Salvador de

Aramenha, Marvão

É edifício dos inícios do século XVIII, com pórtico de ombreiras e verga de granito, com frontão posterior.

A torre-sineira, à esquerda, tem quatro faces com coruchéus nos ângulos e cobertura cónica.

No interior, o altar-mor é de talha dourada e policromada e os outros quatro, de alvenaria.

No arco do cruzeiro, tem edículas de talha dourada e estofada com imagens. Sobre as portas, existem baldaquinos e sanefas, de talha policromada e dourada.

Na capela-mor, as janelas, entaipadas, estão transformadas em nichos⁴⁸⁹.

Igreja de Nossa Senhora da Graça, Monforte

O edifício actual é do século XVIII, mas muito alterada posteriormente. Tem porta com guarnições de granito,

Capela de Nossa Senhora da Redonda, Alpalhão, Nisa
 Na capela-mor, estão cenas marianas, em painéis de
 azulejo de moldura recortada, com concheados, obra de fabrico
 lisboeta, de cerca de 1750⁴⁹¹.

Capela de S. João Baptista, Monforte
 Situada a cerca de 800 metros da vila, é um templo do
 século XVIII, com fachada enquadada por torres de secção
 quadrada, com cunhais e cornijas de granito. A porta
 principal tem dois colunelos suportando a arquitrave, sobre a
 qual se abre um janelão com pequeno frontão e dois coruchéns.
 No interior, há apenas a salientar a capela-mor e os
 dois altares laterais de alvenaria.

Capela de S. João Baptista, Monforte
 Situada a cerca de 800 metros da vila, é um templo do
 século XVIII, com fachada enquadada por torres de secção
 quadrada, com cunhais e cornijas de granito. A porta
 principal tem dois colunelos suportando a arquitrave, sobre a
 qual se abre um janelão com pequeno frontão e dois coruchéns.
 No interior, há apenas a salientar a capela-mor e os
 dois altares laterais de alvenaria.
 Anexa à torre, existe uma pequena "capela dos
 ossos"⁴⁹⁰.
 Na capela-mor, o altar é de alvenaria, com dois
 nichos.
 O interior é de uma só nave, com capela-mor e quatro
 altares laterais, sendo o coro apoiado em arco abatido. O
 púlpito é de mármore, com grades trabalhadas.
 Na capela-mor, o altar é de alvenaria, com dois
 nichos.
 O interior é de uma só nave, com capela-mor e quatro
 altares laterais, sendo o coro apoiado em arco abatido. O
 púlpito é de mármore, com grades trabalhadas.
 Anexa à torre, existe uma pequena "capela dos
 ossos"⁴⁹⁰.
 Na capela-mor, o altar é de alvenaria, com dois
 nichos.
 O interior é de uma só nave, com capela-mor e quatro
 altares laterais, sendo o coro apoiado em arco abatido. O
 púlpito é de mármore, com grades trabalhadas.
 Anexa à torre, existe uma pequena "capela dos
 ossos"⁴⁹⁰.

Igreja Paroquial de Santiago, Amieira, Nisa

Data do século XVI, mas foi reconstruída em meados do século XVIII, passando a ter uma só nave.

Da época joanina são os sinos, com inscrições: "*Sic nomen domini benedictum 1718*" e "*I. H. Maria Joseph S. Tiago damieira anno 1739*".

Capela do Calvário, Amieira, Nisa

Foi mandada construir com verba deixada em testamento pelo sargento-mor da Amieira, Pedro Vaz Caldeira, em 1728; só ficou terminada em 1740.

A fachada principal é decorada com cunhais e guarnições de granito. A porta principal é encimada por frontão assente em mísulas, com coruchéus e cruz. De cada lado, tem duas janelas de sacada com frontões idênticos. O coroamento é feito por um frontão com volutas, tendo ao centro edícula com nicho, encimado por uma cruz. De cada lado, grandes coruchéus.

No interior, coberto por abóbada de berço, tem altar-mor em granito, imitando a talha.

Sobre a verga da entrada, está um medalhão com a inscrição: "*Esta egreja mandou fazer /Pedro Vaz Caldeira / Ano 1740*"⁴⁹².

A fachada principal está voltada a norte e tem cunhais de cantaria com capitéis trabalhados, sendo coroada por frontão ponteaçado, terminado em cruz. A porta e a janela têm decoração conchada, em pedra. De cada lado, duas frestas. Uma porta mais simples dá acesso a outra onde existia outro da mesma invocação.

É um edifício do século XVIII, construído no local Capela de Santana, Portalegre

a 600m da povoação⁴⁹⁴.

XVIII: de S. Pedro, de S. Sebastião, e de S. Saturnino, esta Nesta freguesia existem ainda três capelas do século "estilo joanino".

Existem ainda nesta igreja dois bancos de madeira, em

Avis no respaldo.

dourada da primeira metade do século XVIII, tendo a cruz de Data do século XVI, mas a capela-mor é de talha

Ponte-de-Sor

Igreja Paroquial de S. Lourenço, Calveias,

por anjos. São de cerca de 1730⁴⁹³.

seguro por dois anjos. As molduras mostram colunas seguras pilatos», ambas explicadas por legendas em medalhão central, passos da Paixão: «Caminho para a cruz» e «Cristo diante de Na capela-mor, encontram-se painéis de azulejos, com

Capela do Calvário, Nisa

dependência. A torre está à esquerda e assenta em três arcos de volta perfeita. É rematada por cúpula cônica, entre pináculos.

O interior é de uma só nave e capela-mor, que tem retábulo de talha de inícios do século XVIII, com colunas, mísulas, cariátides e nichos.

Os púlpitos têm balcões de talha e dosséis recortados e o arco cruzeiro e portas laterais têm baldaquinos de talha de época diferente⁴⁹⁵.

Igreja Paroquial de S. Lourenço, Portalegre

Data do século XVII, mas os altares laterais têm baldaquinos de talha dourada e policromada do século XVIII.

Na torre sul, está um sino datado de 1740.

Do seu recheio faz parte uma maquete com pintura representando a «Coroação da Virgem», atribuída a Vieira Lusitano⁴⁹⁶.

Na nave e capela-mor, encontram-se azulejos - parece que provenientes da Misericórdia - com silhar de vasos com flores e vasos exóticos, e na parte superior um padrão azul, em que se inserem cenas marianas.

Capela do Espírito Santo, Portalegre

Data do século XIV, mas a torre sineira é já setecentista. Um dos sinos está datado de 1718.

No interior, também o tecto foi renovado no século XVIII. O altar-mor é de talha da mesma época. Tem duas portas, sendo uma falsa, com lambrequins e baldaquinos de talha dourada e pintada⁴⁹⁷.

Capela de Nossa Senhora da Orada, Sousel

Data do século XVI, mas o corpo da capela é totalmente forrado de azulejos. Na parte inferior estão azulejos de desenho rude e ingénuo, com anjos, grinaldas e leões enquadrando emblemas marianos.

Acima destes, estão painéis separados por cariátides, com cenas da vida de Maria e de Jesus. Estes são atribuíveis a ceramista de Estremoz, segundo Luis Keil, ou ao monogramista P.M.P. e a cerca de 1710-15, para Santos Simões.

Na parte inferior existem ainda oito painéis com cenas relativas à «Vida de Nuno Álvares»⁴⁹⁸. Estes têm cercadura barroca, com dísticos indicativos das passagens representadas.

Os dois altares colaterais são de mármore, do século XVIII. A capela-mor tem retábulo de talha dourada, da primeira metade do século⁴⁹⁹.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Graça, Casa- -Branca, Sousel

É um edifício do século XVIII, de grandes proporções.

Igreja da Madalena, Olivença, Badajoz (Espanha)

João "500".

Há ainda três bancos de madeira entalhada de "estilo

«Vida da Virgem», com moldura e dosséis de talha dourada.

Na igreja, vêem-se ainda seis painéis com cenas da

religiosos.

com colunas cinzentas, bustos de santos e emblemas

dourada e baldaquinos semelhantes. O altar-mor é de mármore,

duas falsas; todas estas aberturas são guarnecidas de talha

A capela-mor tem dois janelões e quatro portas, sendo

talha muito recortada.

Sobre o arco cruzeiro, também está um baldaquino de

recortada, típicos do período "João".

talha pintada e dourada, com baldaquinos e sanefas de talha

existem dois altares colaterais e dois laterais, todos de

arcos sobre pilares, sendo o principal abatido. Na nave

berço e iluminada por três janelões. O coro assenta em três

O interior é de uma só nave, coberta de abóbada de

recortado, com óculo.

interrompido e janelão ao centro; no coroamento, um espaldar

achata, com quatro pináculos. O portal tem frontão

granito, sendo enquadrada por torres, coroadas por cúpulas

A fachada é marcada por pilstras e cunhais de

É um templo manuelino que recebeu decoração azulejar no século XVIII, que reveste a capela absidal esquerda, a capela-mor, onde se vê uma porta falsa em manganês, e a nave.

Os azulejos da capela-mor são mais antigos, datando de cerca de 1730, e os da nave são de 1750. Aqui estão representadas cenas marianas, passos da vida de S. Francisco, da vida de S. Pedro e ainda martírios de santas.

As janelas superiores são também forradas de azulejos, vendo-se nas que estão sobre o altar de S. Cristóvão, um brasão de Portugal, entre panóplias⁵⁰¹.

Igreja de Santa Maria do Castelo, Olivença

Na capela-mor, combinam-se a talha dourada e o azulejo. Nos centros dos painéis estão representados «Josué fazendo parar o sol» e «Tomada de Jericó por Josué». São de cerca de 1740⁵⁰².

DISTRITO DE ÉVORA

Capela dos Mártires, Estremoz

É uma capela que remonta ao período gótico e manuelino, mas foi restaurada no século XVIII por Fernando Mesquita Pimentel, falecido em 1744.

No corpo e na capela-mor, existe um silhar de azulejos recortado, com cenas marianas. Estes azulejos têm características que os aproximam de meados do século, podendo

É um templo manuelino que recebeu decoração azulejar no século XVIII, que reveste a capela absidal esquerda, a capela-mor, onde se vê uma porta falsa em manganês, e a nave.

Os azulejos da capela-mor são mais antigos, datando de cerca de 1730, e os da nave são de 1750. Aqui estão representadas cenas marianas, passos da vida de S. Francisco, da vida de S. Pedro e ainda martírios de santas.

As janelas superiores são também forradas de azulejos, vendo-se nas que estão sobre o altar de S. Cristóvão, um brasão de Portugal, entre panóplias⁵⁰¹.

Igreja de Santa Maria do Castelo, Olivença

Na capela-mor, combinam-se a talha dourada e o azulejo. Nos centros dos painéis estão representados «Josué fazendo parar o sol» e «Tomada de Jericó por Josué». São de cerca de 1740⁵⁰².

DISTRITO DE ÉVORA

Capela dos Mártires, Estremoz

É uma capela que remonta ao período gótico e manuelino, mas foi restaurada no século XVIII por Fernando Mesquita Pimentel, falecido em 1744.

No corpo e na capela-mor, existe um silhar de azulejos recortado, com cenas marianas. Estes azulejos têm características que os aproximam de meados do século, podendo

ter sido encomendados ainda por Mesquita Pimentel, ou mais provavelmente, aproveitando um seu legado⁵⁰³.

Igreja de Santa Isabel, Estremoz

Fica situada no recinto do castelo. Tem, na nave três painéis de azulejos com passos da vida da santa, com os brasões da rainha, datáveis de 1725-30⁵⁰⁴.

Capela do Santo Cristo, Estremoz

No corpo e capela-mor, existe um revestimento azulejar historiado, sobre rodapé esponjado, em tom vinoso. No lado direito da nave está a «Descida da Cruz»; no arco triunfal, do lado exterior, estão «S. Mateus» e uma santa. Na capela-mor, vêem-se representadas cenas da Paixão.

São azulejos de cerca de 1750⁵⁰⁵.

Capela de Nossa Senhora da Cabeça, Évora

É uma obra de barroco popular, com pórtico de granito assente em três arcos de volta perfeita, com abóbada de penetrações e terraço de balaústres.

No frontão triangular, está um registo de azulejos, representando a «Coroação da Virgem», protegida por «Virtudes» com as cornucópias, com a data de MDCCXXXVI.

No interior, existe um notável revestimento azulejar, sendo os da nave de padrão, datáveis de cerca de 1735. O arco triunfal é também totalmente forrado de azulejos. De cada

ter sido encomendados ainda por Mesquita Pimentel, ou mais provavelmente, aproveitando um seu legado⁵⁰³.

Igreja de Santa Isabel, Estremoz

Fica situada no recinto do castelo. Tem, na nave três painéis de azulejos com passos da vida da santa, com os brasões da rainha, datáveis de 1725-30⁵⁰⁴.

Capela do Santo Cristo, Estremoz

No corpo e capela-mor, existe um revestimento azulejar historiado, sobre rodapé esponjado, em tom vinoso. No lado direito da nave está a «Descida da Cruz»; no arco triunfal, do lado exterior, estão «S. Mateus» e uma santa. Na capela-mor, vêem-se representadas cenas da Paixão.

São azulejos de cerca de 1750⁵⁰⁵.

Capela de Nossa Senhora da Cabeça, Évora

É uma obra de barroco popular, com pórtico de granito assente em três arcos de volta perfeita, com abóbada de penetrações e terraço de balaústres.

No frontão triangular, está um registo de azulejos, representando a «Coroação da Virgem», protegida por «Virtudes» com as cornucópias, com a data de MDCCXXXVI.

No interior, existe um notável revestimento azulejar, sendo os da nave de padrão, datáveis de cerca de 1735. O arco triunfal é também totalmente forrado de azulejos. De cada

lado da capela-mor, estão painéis representando os «Desposórios» e o «Nascimento da Virgem». O painel da epístola está assinado: "*ante de oliu^{ra} B^{des} o fes*". Nos alisares, entre ornatos caprichosos, estão atributos marianos e legendas em latim. Segundo Santos Simões, estes azulejos são anteriores à data referida, podendo situar-se entre 1710 e 1715⁵⁰⁶, mas Túlio Espanca situa-os na década de 1720-30⁵⁰⁷.

Capela de Nossa Senhora de Brotas (antiga), Évora

Esta capela possuiu um revestimento azulejar, com cenas marianas, de 1743⁵⁰⁸.

Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, Évora

Foi o Cônego António Rosado Bravo que em 1729 conseguiu do Município terras para a sua construção, tendo a primeira pedra sido lançada a 9 de Agosto desse ano. A obra deve ter sido dirigida por um dos empreiteiros da capela-mor da catedral, Manuel da Cruz Matoso ou Manuel Gomes Negrão. Em 1730 já estavam as obras adiantadas e presume-se que o templo terá sido sagrado antes de 1733, data do falecimento do Cônego Rosado Bravo.

A fachada revela influências de Ludovice. É enquadrada por torres, com cúpulas de gomos e pináculos de granito. Tem galilé de três aberturas, três janelas e frontão triangular, onde subsistem vestígios de frescos.

lado da capela-mor, estão painéis representando os «Desposórios» e o «Nascimento da Virgem». O painel da epístola está assinado: "*antº de oliu^{ra} bñes o fes*". Nos alisares, entre ornatos caprichosos, estão atributos marianos e legendas em latim. Segundo Santos Simões, estes azulejos são anteriores à data referida, podendo situar-se entre 1710 e 1715⁵⁰⁶, mas Túlio Espanca situa-os na década de 1720-30⁵⁰⁷.

Capela de Nossa Senhora de Brotas (antiga), Évora

Esta capela possuiu um revestimento azulejar, com cenas marianas, de 1743⁵⁰⁸.

Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, Évora

Foi o Cónego António Rosado Bravo que em 1729 conseguiu do Município terras para a sua construção, tendo a primeira pedra sido lançada a 9 de Agosto desse ano. A obra deve ter sido dirigida por um dos empreiteiros da capela-mor da catedral, Manuel da Cruz Matoso ou Manuel Gomes Negrão. Em 1730 já estavam as obras adiantadas e presume-se que o templo terá sido sagrado antes de 1733, data do falecimento do Cónego Rosado Bravo.

A fachada revela influências de Ludovice. É enquadrada por torres, com cúpulas de gomos e pináculos de granito. Tem galilé de três aberturas, três janelas e frontão triangular, onde subsistem vestígios de frescos.

A torre ocidental está adaptada a miradouro do vizinho recolhimento de religiosas; a outra tem dois sinos de bronze, o maior com a legenda: "FUY FEITO DESMOLAS DO SENHOR DA POBREZA - 1741".

O pórtico é ladeado por duas colunas dóricas e quatro pilastras adossadas, e encimado por friso de triglifos e métopas e frontão cortado. No átrio, estão nichos vazios.

O portal é de granito com frontão entrecortado, de cerca de 1733.

A torre-lanterna assenta num tambor iluminado por janelas e fecha com lanternim poligonal, ornado de colunelos, em cujo vértice se erguem fogaréus, circundando o remate com o globo e a cruz.

O interior tem nave, rotunda transeptal com altares colaterais e capela-mor. A nave é rectangular, com dois tramos separados por pilastras de mármore negro nas bases, capitéis jónicos e friso de estuque. A cobertura é em barrete de clérigo.

Nas capelas hemisféricas, estão nichos caiados com imagens de terracota e madeira.

O coro tem tribunas rectangulares protegidas por balaústres.

O púlpito é de talha dourada esculpida, com dossel revestido de folhagens.

A capela-mor e as colaterais são de mármore branco na moldura. O central está totalmente revestido de talha

A torre ocidental está adaptada a miradouro do vizinho recolhimento de religiosas; a outra tem dois sinos de bronze, o maior com a legenda: "FUY FEITO DESMOLAS DO SENHOR DA POBREZA - 1741".

O pórtico é ladeado por duas colunas dóricas e quatro pilastras adossadas, e encimado por friso de triglifos e métopas e frontão cortado. No átrio, estão nichos vazios.

O portal é de granito com frontão entrecortado, de cerca de 1733.

A torre-lanterna assenta num tambor iluminado por janelas e fecha com lanternim poligonal, ornado de colunelos, em cujo vértice se erguem fogaréus, circundando o remate com o globo e a cruz.

O interior tem nave, rotunda transeptal com altares colaterais e capela-mor. A nave é rectangular, com dois tramos separados por pilastras de mármore negro nas bases, capitéis jónicos e friso de estuque. A cobertura é em barrete de clérigo.

Nas capelas hemisféricas, estão nichos caiados com imagens de terracota e madeira.

O coro tem tribunas rectangulares protegidas por balaústres.

O púlpito é de talha dourada esculpida, com dossel revestido de folhagens.

A capela-mor e as colaterais são de mármore branco na moldura. O central está totalmente revestido de talha

dourada, incluindo o tecto, tendo medalhões com os atributos da Paixão. A colunata é salomónica e o camarim, pouco profundo, conserva dois ceroferários de madeira policromada, da época joanina.

Os altares colaterais são já de estilo rococó, sendo dedicados a «S. Miguel» e «Piedade», representados em telas de grande dimensão, de influência italiana.

Ocupando o espaço da primitiva capela de Nossa Senhora do Amparo, está um templete modificado no século XVIII, com retábulo de talha dourada de estilo rococó, como os colaterais e de cerca de 1750.

Na nave, encontra-se um canapé de três assentos, com pernas curvas e pés de garra, de "estilo joanino".

Na sacristia, o paramenteiro, com três alçados e nove gavetões, é do século XVIII, e o lavabo, de mármore de Estremoz, tem mascarão central e pia oval, já de gosto rococó⁵⁰⁹.

Igreja de S. Tiago, Évora

Além de outros anteriores, tem, junto à entrada lateral, painéis de azulejos de cerca de 1740, com cenas da «Vida de Santa Ana»⁵¹⁰.

Igreja de S. Vicente, Évora

Devido a uma demanda entre a Mesa da Confraria das Almas e o Hospício de Santa Marta, obteve a primeira a

dourada, incluindo o tecto, tendo medalhões com os atributos da Paixão. A colunata é salomónica e o camarim, pouco profundo, conserva dois ceroferários de madeira policromada, da época joanina.

Os altares colaterais são já de estilo rococó, sendo dedicados a «S. Miguel» e «Piedade», representados em telas de grande dimensão, de influência italiana.

Ocupando o espaço da primitiva capela de Nossa Senhora do Amparo, está um templete modificado no século XVIII, com retábulo de talha dourada de estilo rococó, como os colaterais e de cerca de 1750.

Na nave, encontra-se um canapé de três assentos, com pernas curvas e pés de garra, de "estilo joanino".

Na sacristia, o paramenteiro, com três alçados e nove gavetões, é do século XVIII, e o lavabo, de mármore de Estremoz, tem mascarão central e pia oval, já de gosto rococó⁵⁰⁹.

Igreja de S. Tiago, Évora

Além de outros anteriores, tem, junto à entrada lateral, painéis de azulejos de cerca de 1740, com cenas da «Vida de Santa Ana»⁵¹⁰.

Igreja de S. Vicente, Évora

Devido a uma demanda entre a Mesa da Confraria das Almas e o Hospício de Santa Marta, obteve a primeira a

cedência temporária da igreja de S. Vicente para sua sede, facto que se solenizou em cerimónia oficial realizada a 30 de Janeiro de 1747.

Incrustrada no topo norte da igreja, está uma estação da via sacra da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, feita de mármore ricos de Estremoz, em 1720, em barroco joanino.

No exterior da igreja, do lado sul, está um campanário de alvenaria, com um sino de bronze, com a legenda: "SAM LEONARDO - 1746"⁵¹¹.

Igreja de S. Miguel, S. Miguel de Machede, Évora

Na capela-mor, possui painéis de azulejos com enquadramento barroco de pilastras e anjinhos, representando «S. Miguel salvando as almas» e «Daniel na fossa dos leões», e datáveis de cerca de 1750⁵¹².

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Fé, Évora

A freguesia, dedicada a Nossa Senhora das Nascenças ou da Natividade, ficava a 21 kms da sede do concelho.

A igreja actual deve-se a reforma dos séculos XVII-XVIII, embora já existisse desde o reinado de D. Fernando.

É um edifício rústico, com alpendre e fachada virada a norte.

A nave, coberta com abóbada de berço, de alvenaria, é do século XVIII. Tem as paredes revestidas de azulejos azuis e brancos, tendo um lambril de sanefas e pássaros, do

cedência temporária da igreja de S. Vicente para sua sede, facto que se solenizou em cerimónia oficial realizada a 30 de Janeiro de 1747.

Incrustrada no topo norte da igreja, está uma estação da via sacra da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, feita de mármore ricos de Estremoz, em 1720, em barroco joanino.

No exterior da igreja, do lado sul, está um campanário de alvenaria, com um sino de bronze, com a legenda: "SAM LEONARDO - 1746"⁵¹¹.

Igreja de S. Miguel, S. Miguel de Machede, Évora

Na capela-mor, possui painéis de azulejos com enquadramento barroco de pilastras e anjinhos, representando «S. Miguel salvando as almas» e «Daniel na fossa dos leões», e datáveis de cerca de 1750⁵¹².

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Fé, Évora

A freguesia, dedicada a Nossa Senhora das Nascenças ou da Natividade, ficava a 21 kms da sede do concelho.

A igreja actual deve-se a reforma dos séculos XVII-XVIII, embora já existisse desde o reinado de D. Fernando.

É um edifício rústico, com alpendre e fachada virada a norte.

A nave, coberta com abóbada de berço, de alvenaria, é do século XVIII. Tem as paredes revestidas de azulejos azuis e brancos, tendo um lambril de sanefas e pássaros, do

primeiro quartel do século, e superiormente, onze quadros emoldurados, que atingem a cornija, representando cenas da vida da Virgem, com molduras rococó, de cerca de 1750.

O arco triunfal é ladeado por painéis de azulejos com os quatro Evangelistas, cercados por barras de volutas e ornatos naturalistas.

Os altares laterais, dedicados a «Cristo Morto» e à «Senhora do Rosário», são decorados com retábulos de talha dourada setecentista, e frontais de azulejos policromos, que Túlio Espanca atribui à primeira metade do século XVIII.

No baptistério, a nível do rodapé, vêem-se azulejos de sanefas e flores e um painel intitulado do «Baptismo de Cristo», também setecentista.

Na capela-mor, vemos a mesma disposição da nave, com lambri de azulejos com temas vegetalistas e, acima, painéis rococó, com cenas marianas. O retábulo é de talha dourada, com colunas torsas, envolvidas por serafins e atributos naturalistas, encimado pela figura simbólica da Igreja. No trono, encontra-se uma maquinheta envidraçada com a imagem quinhentista da padroeira. O frontal do altar, de cerâmica monócroma, é da primeira metade do século XVIII.

A sacristia quinhentista, foi acrescentado um corpo no século XVIII, onde se encontra um parameiteiro, sobre o qual está, à maneira de altar embebido na parede, um retábulo de azulejos, representando o «Calvário», obra lisboense de cerca de 1740. 513

Igreja de Nossa Senhora de Brotas, Brotas, Mora

Na capela lateral esquerda, existe um revestimento azulejar com cenas religiosas, sem interesse; é curioso em contrapartida o desenho das portas e janelas, com ornatos pintados a manganês. Fazendo parte do arco da porta, também em azulejo, está a legenda: "ESTA OBRA DE AZULEJO SE FES NO ANNO DE / 1743 SENDO PRIOR O P^e ROMÃO GERREIRO DE BRITO"⁵¹⁴.

Ermida de S. Dinis, Pavia, Mora

Esta ermida foi construída aproveitando os pilares de uma anta. Possui um frontal de altar em azulejos de estilo barroco joanino⁵¹⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Anunciação, Redondo

Esta igreja sofreu profunda remodelação determinada pelo arcebispo D. Frei Miguel de Távora, em meados do século XVIII e que respeita ao revestimento interior.

O altar-mor tem retábulo de talha dourada, "joanino", enquadrando uma tela do pintor José Xavier de Castro, datada de 1740. As capelas laterais têm altares de transição do barroco para o rococó⁵¹⁶.

Na capela-mor, existe um silhar corrido de painéis figurados, com três cenas de cada lado, respeitantes à vida de Cristo e da Virgem, com legendas em latim. São de cerca de 1745.

Na nave os painéis dizem respeito à infância de Jesus e poderão ser do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes⁵¹⁷.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Vila

Viçosa

O edifício actual resulta de reformas realizadas na segunda metade do século XVI e inícios do seguinte.

A Capela do Santíssimo Sacramento, segundo escritura de 21 de Dezembro de 1735, foi vendida ao segundo Conde das Galveias, que se sepultou na cripta, em Fevereiro de 1738.

Na capela do Santo Nome de Jesus, ou do Santo Crucifixo, o retábulo é de talha dourada e policromada, dentro do "estilo nacional". Ao centro, sobre esquematizada panorâmica de Jerusalém, estava um «Cristo na cruz», em relevo, da mesma época. No frontal do altar, envidraçado, está uma «Nossa Senhora da Boa Morte», metida num esquife em forma de barca joanina de talha dourada, em cujo convés está um coro de anjos e, na popa, a «Fé» e a «Esperança». Na proa, está um sol de raios dourados, sobre fundo azul. Existe também um revestimento de azulejos historiados, com molduras perspectivadas e atlantes, representando cenas da infância de Jesus, assinados por Policarpo de Oliveira Bernardes⁵¹⁸, que Santos Simões datou de 1718, mas poderão ser mais tardios.

Na capela-mor, o retábulo é de talha dourada e policromada, arcaizante, ainda em estilo maneirista, mas de fins da primeira vintena do século XVIII. Foi feito em

Lisboa, por escritura de 2 de Fevereiro de 1716, celebrada com a influência do segundo Conde das Galveias, que previa o seu acabamento no prazo de seis anos. O projecto é da autoria do Padre Oratoriano Manuel Pereira, o mesmo que fez o convento do Louriçal. Da mesma época são os quadros de tela, com o «Presépio» e a «Apresentação da Virgem no Templo». Aqui está um silhar com painéis recortados de molduras concheadas, com cenas marianas, de cerca de 1750⁵¹⁹.

A sacristia é antecedida por corredor decorado com pinturas murais, com cenas de caça e pesca e panoramas arquitectónicos, datáveis do primeiro quartel do século XVIII e que também se vêem nos topos da sala maior.

O lavabo de mármore é de 1714; o paramenteiro é seiscentista, mas tem respaldo de talha policromada de estilo rococó, ainda da época de D. João V, coroado por frontão e armas do reino e das confrarias régias, tendo no eixo uma composição pintada sobre tábua, com a «Descida da Cruz».

A igreja possui ainda diversas alfaias joaninas, como uma cruz paroquial, uma banqueta de seis castiçais e cruz, entre outras.

A Virgem e o Menino possuem coroas de ouro, oferecidas em 1740 e 1742, pelo Conde das Galveias, D. António de Melo e Castro. A Virgem possui considerável colecção de jóias que lhe foram oferecidas, entre as quais um laço ou firmal de diamantes e rubis, oferecido pelo Conde das Galveias, André de Melo e Castro, em 1738⁵²⁰.

Ermidas desaparecidas, Vila Viçosa

A Ermida de S. José pertencia à Irmandade dos Carpinteiros e situava-se extra-muros. Em 1716, estava arruinada e sem padroeiro, pelo que a Câmara tomou posse dela, mandando aí colocar um altar de talha dourada.

A Ermida de Nossa Senhora dos Remédios era construída em alvenaria e tinha sobre a portada um painel azulejar representando «Nossa Senhora Mãe dos Homens». Também os alçados laterais da nave eram revestidos com silhares historiados, com cenas marianas, de oficina lisbonense e do segundo quartel do século XVIII. O altar era de talha dourada barroca, com pilastras com atlantes e nicho para a padroeira⁵²¹.

Igreja Paroquial de Santa Ana de Bencatel, Vila Viçosa

As casas do sacristão, de carácter rústico, possuem um relógio de sol, em mármore, datado de 1725.

Na boca da tribuna, está a imagem de madeira policromada, de «Nossa Senhora do Alcance», da época de D. João V. A lâmpada do altar é de prata branca, de estilo rococó, com ornatos concheados e palmares.

A sacristia possui paramenteiro e cómoda almofadada e de pregaría amarela, com pernas de balanço, pés de garra e avental de talha dourada, do século XVIII⁵²².

DISTRITO DE BEJA

Capela de Nossa Senhora das Candelas, Alvitto

No principio do século XVIII, foram collocados no coro dois painéis que representam um «Frate em oração» e «Aparição da Virgem a S. Bernardo». Santos Simões hesita, quanto a autoria, entre António de Oliveira Bernardes e António Pereira⁵²³.

Igreja das Chagas do Salvador (ou de Nossa Senhora

dos Remédios, Castro Verde

É uma igreja em ruínas, cuja nave está revestida de azulejos de figura avulsas. Na capela-mor, existe um sinhar historiado com cenas marianas. Todo o revestimento deve datar de cerca de 1740⁵²⁴.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Castro

Verde

É um templo do século XVII, do padroado da ordem de Santiago, cujas armas apparecem sobre a porta principal, de inícios do século XVIII.

O mais notável nesta igreja é o revestimento azulejar, de cerca de 1730. Nas paredes laterais, entre as janelas, estão os painéis illustrando a «Vida de Afonso Henriques» e o «Milagre de Ourique», já que a célebre batalha teve lugar aqui perto. Nos vãos das janelas, estão vasos

floridos, sustentados por anjos, e no tecto, as armas de Santiago.

A entrada, sob o coro, estão azulejos de figura avulsa, sobre base de albarradas e golfinhos, igual à do corpo da igreja. Nas paredes laterais, o paramento é de estrelas e tulipas.

No baptistério, está um «Baptismo de Cristo».

Na capela-mor, os azulejos, da mesma época, são atribuídos por Santos Simões a discípulo de Policarpo de Oliveira Bernardes⁵²⁵.

Igreja Matriz de Almodôvar

De dimensão monumental, esta igreja possui um sumptuoso altar, mandado construir por D. João V em 1747⁵²⁶.

Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Safara, Moura

Na capela-mor, possui dois painéis de azulejo, representando a «Adoração dos Pastores» e a «Adoração dos Magos», tendo na parte inferior azulejos de figura avulsa. Santos Simões atribuiu-os ao ciclo dos Oliveira Bernardes⁵²⁷.

Igreja de Santo Aleixo, Santo Aleixo da Restauração,

Moura

Na capela-mor, estão dois painéis, com medalhão central de paisagens ladeadas de anjos que seguram grinaldas

de flores e frutos. São de cerca de 1730 e Santos Simões atribuiu-os a Policarpo de Oliveira Bernardes⁵²⁸.

Capela do Salvador, Serpa

Na capela-mor existem dois painéis de azulejo, de cerca de 1740, representando «Nossa Senhora no Templo» e a «Adoração dos Anjos». Ladeando a capela-mor, existe ainda uma guarnição ornamental, de meados do século, tipo «Necessidades»⁵²⁹.

"REINO" DO ALGARVE - Distrito de Faro

Igreja Matriz da Guia, Albufeira

O retábulo da capela-mor é do primeiro quartel do século XVIII, com duas colunas torsas prolongando-se nas arquivoltas, de que a exterior é abatida, adaptando-se à arquitectura. Os intercolúnios são decorados com motivos barrocos e têm mísulas sem imagens. A tribuna tem trono, com a imagem de Nossa Senhora da Visitação, também do século XVIII⁵³⁰.

Ermida de Nossa Senhora da Guia, Albufeira

O retábulo é do primeiro quartel do século XVIII, de "estilo nacional", perfeito, com duas colunas pseudo-salomónicas prolongando-se nas arquivoltas, e intercolúnios

onde se vêem nichos com imagens. A tribuna é fechada e apresenta também uma mísula com imagem⁵³¹.

Igreja Matriz do Salvador, Alvor, Portimão

É um edifício quinhentista, reconstruído no século XVIII.

Os retábulos laterais são de talha, datável do 4º decénio do século XVIII. O frontão é segmentar, adaptado à estrutura arquitectónica. O nicho central tem a imagem da Virgem dos Navegantes e é ladeado por duas colunas pseudo-salomónicas, com o terço inferior do fuste transformado em pedestal, particularidade pouco vulgar na talha algarvia.

Noutro retábulo, esse terço inferior recebe um atlante policromo, de cunho popular, mas que se aproxima dos da igreja de Santo António de Lagos e de algumas igrejas de Portimão⁵³².

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Alte,

Loulé

É uma igreja do século XVI, onde se fizeram algumas intervenções no século XVIII.

Assim, a capela-mor foi inteiramente revestida de azulejos azuis e brancos, talvez um pouco posteriores a 1713⁵³³, ou já de cerca de 1720⁵³⁴, de carácter essencialmente decorativo a nível das abóbadas e parte superior dos arcos góticos, onde encontramos acantos

enrolados e registos representando anjinhos de pé com um cesto de flores à cabeça. Na parte inferior, painéis quadrangulares, de cercadura direita, representam anjos tocando diversos instrumentos musicais, entre nuvens, no meio das quais se vêem cabeças de querubins.

Também de interesse é o retábulo de uma das capelas colaterais, em talha dourada, que se pode datar do segundo quartel do século XVIII. Como é usual na região algarvia, o retábulo submete-se à estrutura arquitectónica, sendo rematado por arco de volta perfeita, que acompanha a abóbada da capela.

O enquadramento é feito por duas colunas com o terço inferior do fuste espiralado, e os dois terços superiores tratados à maneira de estípites, de possível influência espanhola; entre as colunas dois painéis rectangulares, com motivos barrocos. Esta estrutura prolonga-se no coroamento, aparecendo na chave das arquivoltas exterior e interior cabeças de querubins e, no centro, uma cartela com a pomba do Espírito Santo.

A tribuna é fechada por um painel de talha, tendo ao centro um pedestal sobre o qual se encontra uma imagem da Virgem com a cabeça protegida por docel, do qual pendem borlas.

Nesta igreja encontra-se ainda uma notável imagem de Santa Margarida em madeira polícroma (proveniente da ermida com o mesmo nome). De certa movimentação, empunha a palma do

martírio, inclinando-se para o enorme dragão deitado aos seus pés⁵³⁵.

Igreja Matriz de S. Miguel, Barão de S. Miguel,

Portimão

O retábulo da capela-mor é do primeiro quartel do século XVIII, em talha pintada modernamente, a azul e branco.

É uma variante do estilo nacional, com colunas pseudo-salomónicas e pilastras prolongando-se nas arquivoltas do coroamento, onde se acrescentam painéis de adaptação ao arco abatido da capela, decorados com ornatos barrocos. Na chave das arquivoltas, estão querubins, enquadrando uma cartela. Sob os painéis laterais aparecem igualmente querubins. Cabeças aladas de querubins vêem-se ainda na parte central superior dos referidos painéis e nas aduelas da arquivolta superior. Nas pilastras interiores, surgem também pequenos atlantes suportando os capitéis⁵³⁶.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação,

Bordeira, Vila do Bispo

O retábulo da capela-mor é em talha dourada de estilo nacional.

O arco triunfal é revestido a talha policroma, do período joanino, com pilastras em que se destacam meninos-atlantes e cabecinhas entre ornatos barrocos. O ático, terminado em coroamento segmentar, tem duas urnas à maneira

de acrotérios e uma cartela ao centro, sustentada por anjinhos⁵³⁷.

Igreja Matriz de S. Tiago, Estombar, Lagoa

É um edifício em cuja decoração se combinam a talha e o azulejo.

O retábulo da capela-mor, de estilo nacional, foi contratado em 1709, com o entalhador de Monchique, Custódio de Mesquita, e é a única obra conhecida deste mestre⁵³⁸. Na tribuna encontra-se um trono posterior, já com motivos *rocaille*. Duas colunas pseudo-salomónicas, alternando com pilastras, prolongam-se em arquivoltas, sobre as quais surgem três medalhões. Entre as colunas, mísulas decoradas por atlantes, ostentam imagens de santos.

A Capela das Almas apresenta também um retábulo de "estilo Nacional", com painel central pintado, alusivo ao tema. A decoração do arco é posterior, já do período *rocaille*.

A capela-mor tem as paredes e abóbada revestidas de azulejos azuis e brancos, datados de 1719 e atribuíveis, com reservas, a Teotónio dos Santos⁵³⁹. Neles estão representados temas de interesse iconográfico, como «S. Tiago combatendo os Mouros», por cima dos quais está o «Milagre da Multiplicação dos Pães» e a «Parábola de Cristo e os Pequenininos»; do lado oposto, está uma batalha naval, identificada com a Batalha de

Lepanto, em que D. João de Áustria venceu os turcos, em 1571⁵⁴⁰; por cima, está Cristo e a «Pesca Milagrosa». É ainda deste lado que se vê o cronograma de 1719.

Os arcos da nave são sublinhados por uma faixa de azulejos e, sobre o arco da capela-mor, um painel representa a «Ascensão»⁵⁴¹ e aqui, segundo Santos Simões, é evidente o trabalho dos Oliveira Bernardes⁵⁴².

A capela colateral do lado da Epístola é também totalmente revestida de azulejos, representando «Apresentação da Virgem no Templo» e «Nascimento da Virgem»; na abóbada, está a «Assunção», e dos lados, em cartelas a inscrição: "Esta obra mandou fazer o / reverendo Pri/or Affonço /Correia de al/meida/ Anno / de 1743". Estes azulejos são, portanto posteriores aos da capela-mor e da época da grande produção joanina.

Na capela colateral do evangelho, estão painéis representando «Jesus entre os Doutores», o «Pentecostes» e outra «Assunção».

Igreja Matriz de S. Pedro, Faro

Igreja mais antiga, sofreu várias intervenções no século XVIII. A Capela do Santíssimo apresenta retábulo, alçados e arco de entrada em talha dourada, os quais foram encomendados pela Confraria do Santíssimo, em 1748, a Tomé da Costa, Francisco Xavier Guedelha e João Baptista, que

constituíam uma parceria, continuadora da oficina de escultura de Manuel Martins⁵⁴³.

O retábulo, como é tradição no Algarve, é rematado por duas arquivoltas em arco de volta perfeita, mostrando na chave uma cartela sustentada por anjinhos. As colunas são substituídas por pilastras, duas das quais terminam em capitéis, sustentados por atlantes, enquanto outras combinam figuras de meninos com ornatos barrocos. A tribuna onde se vê o trono com uma imagem, é rematada por cortinas apanhadas de cada lado. No tímpano, entre duas pilastras substituídas por atlantes, está um curioso painel em relevo, representando a «Ceia de Cristo». De cada lado, como sustentando o entablamento, estão duas figuras de braços levantados. O arco exterior é rematado por colunas do tipo estípite, sustentadas por pequenos atlantes nos pedestais duplos, e coroado por motivos barrocos, de folhas e volutas, tendo de cada lado e ao centro, imagens, e sob a central, ainda uma cartela. Um pouco por toda a parte, proliferam anjinhos e cabeças aladas, que contribuem para acentuar a profusão ornamental do retábulo⁵⁴⁴.

Junto ao altar do lado da Epístola, que foi da Irmandade das Almas, a parede é revestida de azulejos figurativos, de cerca de 1740, em que se identificam «Escapulário salvando as almas do Purgatório», «S. Domingos», «S. Francisco», «S. Simão Stock», «Nossa Senhora do Carmo», «S. Miguel» e um anjo⁵⁴⁵.

Capela do Senhor do Bonfim, Faro

É uma capela pertencente à casa nobre conhecida como Solar do Capitão-mor. Foi mandada construir em 1740 pelo Desembargador D. Veríssimo de Mendonça Manuel, para "ouvir missa sua família e sepultura para ele ser enterrado"⁵⁴⁶.

A capela tem planta oitavada, não visível exteriormente. A fachada, que se destaca em relação ao resto do edifício, é enquadrada por duas pilastras de cantaria, sobre cujo entablamento assentam duas volutas em C. No remate, vê-se um frontão curvilíneo que devia ser ladeado por dois fogaréus, de que restam vestígios.

O portal é rectangular, com moldura de cantaria, apenas animada pela cornija. Um pouco mais acima, vê-se um óculo curvilíneo de contorno irregular. Todo o conjunto está muito degradado.

A lápide sepulcral de D. Veríssimo encontra-se actualmente no Museu Arqueológico de Faro: a estátua jacente mostra o desembargador envergando a sua toga, de punhos largos. As mãos estão postas em gesto de oração. A longa cabeleira dispõe-se cuidadosamente de cada lado do rosto, retrato de um homem forte, com duplo queixo. É provável que o autor desta escultura fosse Diogo Tavares e Ataíde⁵⁴⁷.

Ermida de Santo António do Alto, Faro

Era administrada pelo Senado da Câmara, que em 1741 contratou o retábulo-mor com o entalhador Manuel Martins, que

aqui realizou a sua última obra, pois morreu no ano seguinte⁵⁴⁸.

O retábulo é idêntico aos da igreja do Carmo de Faro, sendo o altar totalmente revestido de talha, enquadrada por colunas salomónicas, separadas por painéis com ornatos barrocos. No trono, a imagem de Santo António é protegida por dossel, do qual pende uma cortina de tecido branco. Exteriormente o altar é rematado por pilastras, tendo as principais, figurinhas de atlantes. De cada lado, motivos barrocos enrolam-se em volutas. No coroamento das pilastras, estátuas da «Fé» e da «Caridade». O remate desdobra-se em andares, tendo ao centro cartelas suportadas por anjinhos⁵⁴⁹.

Ermida de Nossa Senhora do Pé da Cruz, Faro

O retábulo da capela-mor mostra duas campanhas de obras, uma do primeiro quartel do século XVIII, provavelmente da autoria de Gaspar Martins, e a outra de 1732, data em que Manuel Martins construiu o trono⁵⁵⁰.

O retábulo é de talha policroma, de "estilo nacional", com duas colunas torsas continuando-se em arquivoltas; entre as colunas, mísulas com imagens. Uma enorme chave suporta uma cruz ladeada por anjos. Adossadas ao arco de entrada, estão duas colunas de tipo salomónico; no interior, pilastras com anjinhos e, no intradorso do arco, outros anjinhos, entre ornatos barrocos. Na chave do arco, está uma cabecinha alada de querubim⁵⁵¹.

Nas traseiras da Capela está o retábulo do Senhor dos Aflitos, uma cruz em azulejo, com o Cristo; no sopé da cruz, está a peanha com uma caveira e um medalhão com "almas" e as letras PNAM. De cada lado do altar-mor, estão painéis que representam anjos, segurando emblemas de martírio (coluna, escada, lança e esponja). São datáveis de cerca de 1740⁵⁵².

Ermida de Santo António, Lagos

Esta capela, construída nos inícios do século XVIII, pertencia ao regimento da cidade, sendo seu padroeiro Santo António dos Militares, cuja imagem tinha direito ao soldo de capitão (e, a partir de 1780, de tenente-general).

Se exteriormente a fachada denota já certo gosto barroco, é o seu interior que constitui um dos casos paradigmáticos de decoração barroca, em que se combinam talha, azulejo, pintura sobre tela e pinturas perspectivadas, num conjunto que, sem perder as características regionais, sobretudo a nível da talha, tem, de facto, significado nacional, no contexto do barroco joanino do primeiro quartel do século XVIII.

Na fachada principal, a porta tem moldura de cantaria lisa e, por cima, um pequeno nicho vazio. Mais acima, abre-se um óculo, ornado com sete conchas. A fachada, de recorte segmentar, é coroada por ornamentos em volutas e concheados, que envolvem o escudo coroado. Duas torres de coroamento bulboso enquadram a fachada. É provável que alguns destes

ornatos de sabor rococó, correspondam a reconstrução da fachada, dado que existe uma data de 1769, no átrio da igreja e uma tradição de que ela teria sido então construída⁵⁵³. Também se sabe que a vizinha Igreja do Compromisso Marítimo caiu com o Terramoto e não é de estranhar que esta tenha sido afectada. O que de facto se conservou foi o seu interior.

Este apresenta uma única nave, de que a capela-mor apenas se distingue pela existência de dois degraus e mais um, pequeno, onde se apoia o altar. Sobre a entrada, apoiado em arco abatido, ergue-se o coro.

Actualmente sabe-se em que condições foi encomendado o retábulo do altar: em 31 de Março de 1718, o comandante do Regimento de Infantaria de Lagos, D. Álvaro Pereira de Lacerda - irmão do bispo do Algarve, Cardeal Pereira de Lacerda - Juiz da Confraria de Santo António, e os restantes irmãos, também militares, delegaram no Capitão de Granadeiros, Francisco Martins da Costa, a procuração de este se deslocar a Faro para assinar um contrato notarial com o escultor e entalhador Gaspar Martins, para que este realizasse o retábulo "conforme um «rascunho» feito pelo dito Mestre e que estava na posse dos Irmãos da Mesa"⁵⁵⁴. Quanto à talha dos alçados da igreja, não são conhecidas referências documentais.

O retábulo integra-se no estilo nacional, sendo enquadrado por colunas pseudo-salomónicas, separadas por um painel de talha onde se inscrevem nichos com imagens, uma de

ricamente vestidos, os seus rostos vigorosamente entalhados com uma força de expressão vivamente sugestiva de certos capitéis medievais. Misturados com relevos enigmáticos de caça e pesca, evocando na sua transbordante vitalidade os efeitos mais opulentos da escultura manuelina", estes motivos reaparecem em Portimão e Vila do Bispo⁵⁵⁵.

Ladeando os atlantes dos alçados da igreja, estão, de facto, pequenos painéis, que representam cenas do quotidiano: um pescador, com arpão, outro a usar anzóis, uma mulher segurando um frango, um homem que pega num porco, uma matança do porco, um escrivão sentado à mesa, uma caçada ao veado, dois miúdos brincando. Colocadas ao nível do olhar, estas cenas fazem o contraponto entre o divino e o profano.

O púlpito é também de talha, sendo a caixa suportada por atlantes, enquanto no dossel surgem também figurinhas.

Ainda no coro alto, um painel de talha tem representada «Nossa Senhora amamentando o Menino», enquanto aos seus pés brincam dois meninos e, de cada lado, se sentam dois arcanjos ou figuras alegóricas, uma das quais segura um cálice, tudo envolvido por ornatos barrocos de folhagem e volutas.

Completando a decoração, existe um silhar de azulejos ornamentais, que corre a toda a volta da igreja, com cercadura de acantos enrolados; são azulejos em que albarradas separadas por balaústres, alternam com meninos

S. José e outra de Santo Elói, patrono dos ourives. As duas colunas prolongam-se, como é característico do "estilo nacional", em arquivoltas de que a exterior fecha o retábulo, mas o que é aqui de grande originalidade é a proliferação de cabeças aladas e figuras de anjos, que definem seis aduelas no coroamento, exteriormente rematadas pelas referidas cabecinhas e constituídas por atlantes. Ao centro, outros anjinhos seguram o escudo real, com as armas a cores, ainda encimado por motivos em voluta.

Os atlantes surgem por toda a parte, ora sustentando as colunas ora mesmo adossados a elas. A tribuna é enquadrada por duas pilastras que se transformam também em atlantes e, no trono de Santo António, ainda se sentam duas figuras.

Mas a talha não se limita ao retábulo, invade toda a capela, ao gosto da "igreja toda de ouro". Aqui, a talha preenche os espaços disponíveis, servindo de moldura a painéis de tela com cenas da vida do Santo, que se julga serem obra de um dos Rasquinhos, pintores algarvios de certa nomeada. Separando os quadros, pilastras sustentadas por atlantes, cujos capitéis são, por sua vez, também suportados por atlantes; no entablamento, mais uma vez eles se repetem, suportando jarras com flores, que alternam com as cartelas envolvidas por meninos e volutas que estão no eixo de cada quadro. Mas o que é extraordinário nesta capela é, como disse Robert C. Smith, o facto de "a mesma função de atlante ser desempenhada também por imagens de homens e mulheres

ajoelhados com uma cesta de flores à cabeça, motivo que também se encontra na talha. São de cerca de 1730⁵⁵⁶.

Na zona de separação do coro, o desenho deixa de ser tão denso e parece de época posterior, o que vem confirmar a nossa hipótese de a zona da fachada ter sofrido com o Terramoto e ter sido reconstruída.

O tecto, embora de madeira, imita uma abóbada de berço, onde foi representada uma magnífica pintura em perspectiva, na linha das que foram difundidas em Portugal por Baccarelli e seus discípulos, pelo que podemos deduzir que foi obra executada por pintor proveniente de Lisboa. A pintura prolonga as paredes, mostrando quatro janelas vidradas e formando em cada canto uma tribuna. De cada lado, oito colunas de mármore assentam os pedestais em mísulas. O centro é ocupado por um enorme escudo do século XVIII, com a respectiva coroa, sustentada por duas figuras. Entre as mísulas, sob as janelas e balcões, estão cartelas sustentadas por figurinhas, onde se lêem versículos latinos, alusivos ao carácter e santidade do taumaturgo. Em cada canto do tecto está um dos evangelistas, com o respectivo símbolo. S. Mateus e S. Marcos estão sobre o altar, enquanto S. Lucas e S. João estão junto à entrada.⁵⁵⁷

Igreja Matriz de S. Clemente, Loulé

Trata-se de uma igreja gótica, mas onde foram feitas importantes intervenções na época joanina. Parte dessas obras

foram devidas ao entalhador e imaginário João Amado, que foi membro da Confraria de Nossa Senhora da Luz desta matriz⁵⁵⁸.

O primeiro retábulo feito por este artista insere-se numa capela quinhentista do corpo da igreja e data de 1725. É de "estilo nacional", do tipo que encontramos noutras regiões do país, com uma pilastra exterior e duas colunas pseudo-salomónicas, que se continuam nas arquivo-ltas do corcamento, decoradas por uma cartela. No tímpano, está um painel semi-circular, alusivo às Almas. Em vez da tribuna, surge um painel de talha, decorado com enroscamentos barrocos, no qual se abre um nicho, em que se vê uma imagem da Virgem.

Em 31 de Dezembro de 1730, assinou o mesmo artista o contrato para fazer o retábulo e duas imagens de «S. Pedro» e «S. Clemente», para a capela-mor, tendo comparcido a cerimónia o próprio Cardeal Pereira de Lacerda, dois membros do cabido e o representante da comenda de Loulé. O retábulo demorou três anos e custou 385\$000 réis. Inserindo-se ainda no esquema do "estilo nacional", este retábulo já apresenta características comuns a outros da região algarvia. De cada lado, duas colunas pseudo-salomónicas enquadram um painel no qual se abrem, de cada lado, os nichos, com as imagens dos santos referidos. As colunas continuam-se nas arquivo-ltas do corcamento, tendo ao centro a cartela com as armas do bispo, sustentada por anjinhos. As aduelas são marcadas por cabeceiras aladas na arquivo-lta interior e, entre elas, os painéis são decorados por motivos enroscados em S. A tribuna

Para além das intervenções de João Amado, ainda encontramos uma importante decoração barroca na Capela de Nossa Senhora da Consolação, que possui um retábulo de talha dourada dos princípios do século XVIII, mas cuja composição se aproxima do altar-mor: duas colunas pseudo-salomónicas, de

do santo.

Na tribuna, sem decoração, está o trono com a imagem apenas nos suícos; as quatro são suportadas por atlantes. Cada lado, com o terço inferior diferenciado e decoradas retábulo, ladeada por duas colunas de tipo salomónico, de prolonga no coroaamento, faz a ligação com a parte central do cabecinhas aladas de querubins. Um painel de talha, que se figuras, e que fecha numa cartela encimada por três que se continua por um arco em cujo intradorso se vêem uma composição reentrante, definida por uma pilastria lateral. muito bem ao arco quebrado da capela. O retábulo apresenta característica do Algarve e que, neste caso, nem se adapta embora o retábulo conserve a estrutura semi-circular S. Brás, onde já se vêem influências do formulário joanino. Finalmente, em 1739, fez o retábulo para a Capela de

Maria e José, em 1738.

João Amado fez ainda o desaparecido retábulo da Confraria de Nossa Senhora da Luz e as imagens de Jesus, atlantes.

misulas das colunas e na base do altar, surgem figuras de abre-se, deixando ver o trono, entre cortinas de pano. Mas

A capela-mor desta ermida apresenta uma magnífica combinação de talha dourada e azulejo azul e branco. A talha preenche o altar-mor e constitui o entablamento que percorre os alçados, servindo de moldura superior ao revestimento

Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Loulé

decorativo fazem a ligação às paredes laterais. ao centro um registo de «almas». Azulejos de carácter revestido de azulejos de figura avulsas, com cercadura e tendo estilo do monogramista P.M.P.⁵⁶¹. O frontal de altar é tendo-os Santos Simões situado entre 1720-30 e dentro do «Anunciação» e «Ascensão». Este revestimento data de 1719⁵⁶⁰, Pastores». Entre os arcos, estão «Coroação da Virgem», «Circuncisão»; do lado direito, «Visitação» e «Adoração dos representantes, do lado esquerdo, «Adoração dos Reis Magos» e se adapta à moldura gótica. Os painéis inferiores se desenvolvem em duas ordens de quadros, de que a superior brancos, historiados, com cercadura de acantos enrolados, que Esta capela possui ainda painéis de azulejos, azuis e Imagem da Virgem⁵⁵⁹.

tribuna é fechada, revestida a talha e tendo à frente a querubins; nos painéis, vêem-se ornatos barrocos enrolados. A central e duas aduelas, encimadas por cabecinhas de santos. No coroamento, o arco é ornamentado por uma cartela painéis de talha, à frente dos quais estão as imagens dos cada lado, continuam-se nas arquivoltas; entre as colunas,

azulejar. É a única obra sobrevivente do escultor de Faro Miguel Nobre e foi contratada em 1743, devendo-se a uma das mais importantes confrarias de Loulé⁵⁶².

O retábulo é ladeado por duas estípites, em cuja estrutura se integram cabeças de querubins e três anjinhos atlantes associados; entre aquelas, painéis, aos quais se encostam imagens de santos sobre mísulas. O coroamento exterior é constituído por um arco de volta perfeita, formado por acantos enrolados, mas as estípites interiores já terminam em arranques de frontão segmentar, sobre os quais se sentam anjos policromos, numa composição característica do "joanino". Na parte central do arco, uma cartela com o emblema da Virgem (M coroado) é suportada por anjinhos.

No degrau sobre o qual assenta o trono, vêem-se três nichos com imagens. É notável a maquineta, desdobrada em andares, de que o inferior é de secção poligonal, com atlantes nos ângulos e figuras no coroamento respectivo, estando a imagem da Virgem ao centro.

Notável é também a mesa do altar, dividida em painéis por pilastras com atlantes, tendo as interiores cabeças de anjos em vez de capitéis. Cada painel é rematado por três cabecinhas e tem ao centro cartelas quadrilobadas, espelhadas, sustentadas por anjinhos que seguram cornucópias com flores⁵⁶³.

As paredes laterais e do fundo são revestidas de azulejos, característicos da década de quarenta (Santos

Simões data-os de cerca de 1745⁵⁶⁴), com base ornamental e molduras perspectivadas, que curiosamente se combinam com a talha, já que as pilastras do enquadramento também integram figuras de atlantes. A moldura superior tem uma cartela central enquadrada por anjinhos que sustentam uma sanefa. As cenas representadas, claramente inspiradas em gravuras, são, do lado do evangelho, «Nascimento de Jesus, com adoração dos Pastores», «Circuncisão», cortado pelo púlpito; e «Adoração dos Magos», em que o rei negro tem um cócar à maneira dos índios (como em Grão Vasco). Do lado da epístola, está «Nascimento da Virgem», «Apresentação da Virgem» e «Casamento de Nossa Senhora», todos com legendas alusivas em latim, extraídas da Bíblia. Sobre a porta, estava ainda um painel com a «Assunção», destruído pelo coro.

Ermida de Nossa Senhora da Boa Hora - Loulé

- Parragil

O retábulo do altar foi realizado a partir de 1744 por contrato estabelecido entre os responsáveis pela Confraria que administrava a Ermida e os entalhadores Tomé da Costa, Francisco Xavier Guedelha e João Baptista, que trabalhavam associados, fazendo o primeiro os riscos, sendo o segundo escultor e o último ensamblador. De salientar que Tomé da Costa foi casado com uma filha de Manuel Martins, em cuja oficina todos trabalhavam e de quem são continuadores⁵⁶⁵, como já dissémos.

A originalidade da estrutura deste retábulo deve-se provavelmente a Tomé da Costa. Apresenta um par de colunas apenas, de tipo salomónico, mas com os terços diferentemente tratados, tendo apenas o superior flores nos sulcos. As colunas continuam-se na arquivolta de remate do retábulo, formada por acantos enrolados e tendo na chave um emblema mariano (A M) coroado, seguro por anjinhos. Em vez da tribuna, vemos pilastras decoradas de ambos os lados e com mísulas com imagens de santos, rematadas por um dossel com sanefa e borlas nas extremidades, avançando na parte central sobre a imagem da Virgem, que tem como fundo uma glória de anjos⁵⁶⁶.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz, Luz de Lagos

É uma igreja gótica, com um retábulo de estilo nacional, do tipo algarvio, em talha dourada. Para adaptação ao fundo da capela-mor foram-lhe acrescentadas ilhargas em talha, sendo os painéis decorados com enrolamentos vegetais e outros ornatos barrocos.

O retábulo é enquadrado por duas colunas de tipo pseudo-salomónico, de cada lado, separadas por painéis, nos quais se abrem nichos com imagens. As colunas continuam-se em arquivoltas, surgindo uma cartela na chave da exterior. O espaço entre as duas arquivoltas é constituído por painéis de talha, com motivos barrocos separados por aduelas. Sobre fundo de talha, está a imagem da Virgem⁵⁶⁷.

Igreja Matriz de S. Bartolomeu de Messines

É um templo manuelino, que sofreu importantes modificações no século XVIII, nomeadamente a nível da fachada, que é das raras fachadas barrocas do Algarve.

A igreja tem acesso por um adro fechado por murete caiado, com entrada formada por duas pilastras de pedra aparelhada, coroadas por urnas e ladeadas por volutas, tudo em grés vermelho.

A fachada foi realizada entre 1713 e 1716, data que se vê no lintel da porta. É enquadrada por duas pilastras do mesmo grés, rematadas por pináculos. De cada lado do eixo central, dois janelões rectangulares, com molduras de cantaria, são rematados por cornija direita.

A composição da zona central é baseada na associação entre a porta e o janelão superior. A porta rectangular é ladeada por duas colunas torsas, assentes em mísulas e encimadas por pináculos. Sobre a cornija da porta assenta o janelão, enquadrado por pilastras e volutas e rematado por frontão triangular interrompido, com uma urna ao centro. A parte central da fachada tem remate triangular, assente em mísulas, abaixo do qual surgem dois rolos, à maneira de volutas e recortes que ligam o frontão às pilastras exteriores.

No interior, há que referir o púlpito em mármore policromos, adossado a uma das colunas manuelinas da nave. O pedestal é de forma bulbosa, canelado, e a caixa

paralelepipedica é decorada em cada uma das faces por rosetões. Pelas suas características, deve datar dos anos 30 do século XVIII.

A Capela de Santo António tem retábulo de talha dourada, datável do segundo quartel do século XVIII. Duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis de talha com ornatos barrocos, enquadram o nicho central, com a imagem do santo. Este é rematado por cornija assente em pilastras, que interrompe a arquivolta exterior. Os quartos de círculo assim formados são preenchidos pelos mesmos ornatos barrocos e, no coroamento, um segmento de circunferência coroa motivos vegetais enrolados⁵⁶⁸.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção,

Mexilhoeira Grande, Portimão

Este templo possui dois retábulos de estilo nacional: o da capela-mor, em talha policroma enquadra uma tela recente. Apresenta dois pares de colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis, que servem de fundo às imagens, assentes em mísulas. As colunas prolongam-se nas arquivoltas do coroamento, tendo a cartela central um emblema mariano (AM). As aduelas dos arcos são marcadas como é usual nesta região.

O retábulo da Capela do Santíssimo, que também enquadra uma tela com o «Pentecostes», apresenta duas colunas pseudo-salomónicas, juntas, enquadradas interior e

exteriormente por pilastras. Esta composição prolonga-se nas arquivoltas do coroamento, onde uma cartela central e duas oblíquas funcionam como aduelas⁵⁶⁹.

Igreja Matriz de Moncarapacho, Olhão

A imagem de Nossa Senhora da Graça, no altar-mor, é de cerca de 1738⁵⁷⁰. O «Senhor Morto» da mesa do altar-mor, é da primeira metade do século XVIII e atribuível ao escultor Manuel Martins⁵⁷¹.

O «S. Pedro», do retábulo colateral da mesma igreja é dos inícios do século XVIII, porque referido no *Livro para me governar do Bispado*, de D. António Pereira da Silva (fl. 362)⁵⁷². A «Santa Luzia», também do altar colateral, é igualmente de princípios do século XVIII⁵⁷³.

Ermida do Carmo, Moncarapacho, Olhão

«Nossa Senhora do Carmo», actualmente no Museu Paroquial mas proveniente desta ermida, é uma imagem da primeira metade do século XVIII e atribuível ao escultor Manuel Martins⁵⁷⁴.

Ermida de S. Miguel, Moncarapacho, Olhão

O «S. Miguel», que se encontra no altar-mor é dos inícios do século XVIII, porque já referido no *Livro para me governar do Bispado*, (fl. 362)⁵⁷⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição,

Monchique

É um templo manuelino, com alguns retábulos barrocos.

O retábulo do altar-mor é de transição entre o estilo nacional e o joanino. É enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis com ornatos barrocos de folhagem e aves. As colunas são suportadas por atlantes, ao gosto joanino; estilisticamente, estes atlantes aproximam-se de outros, da região algarvia. As colunas terminam num entablamento e cornija saliente, sobre os quais assenta o coroamento do retábulo, em arco de volta perfeita, mas fugindo à composição do estilo nacional, em arquivoltas. No enfiamento do painel central, surge uma espécie de voluta, sobre a qual está um anjo, de pé, de cada lado. Ao centro, uma cartela com a coroa, sustentada por anjos. A tribuna está fechada por cortina, destacando-se uma imagem de «Nossa Senhora da Conceição», de época posterior (atribuída a Machado de Castro).

Na capela de Nossa Senhora do Carmo, encontramos um retábulo de talha por dourar, proveniente da igreja do Convento de S. Francisco. Tem uma composição original, enquadrado por pilastras colocadas por ordem crescente, de modo a constituir a zona central saliente. Ao centro, um nicho com a imagem da Senhora, é enquadrado por colunas pseudo-salomónicas, prolongando-se em arquivolta. Acima do

entablamento e cornija, dois pináculos e uma composição triangular formada por volutas e outros elementos barrocos.

O sacrário da Capela do Santíssimo é também do período barroco, em forma de templete com cúpula, igualmente enquadrado por colunelos pseudo-salomónicos⁵⁷⁶.

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Olhão

É um templo de 1698, com fachada da segunda metade do século XVIII.

O retábulo da capela-mor foi arrematado em Faro, na praça pública, pelo entalhador Francisco de Ataíde e Fonseca e realizado entre 1726 e 1728. É um retábulo de "estilo nacional", enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas alternando com pilastra, que se continuam nas arquivoltas do coroamento, tendo uma cartela na chave.

Os retábulos colaterais são da fase joanina algarvia, do segundo quartel do século XVIII, enquadrados por colunelos torsos e pilastras com atlantes e com coroamento de volutas e uma cartela central coroada por uma vieira.

A talha do arco triunfal é ainda de uma terceira fase, já da segunda metade do século XVIII e de estilo rococó⁵⁷⁷.

Igreja Matriz de Pechão, Olhão

A imagem de «Nossa Senhora do Rosário» do retábulo lateral da mesma invocação, é do século XVIII e referida nas *Memórias Paroquiais* de 1758⁵⁷⁸.

A imagem de «S. Luis bispo», do retábulo lateral, é do século XVIII(?) e referida quer por D. António Pereira da Silva no seu *Livro para me governar no bispado*(fl.335) quer nas *Memórias Paroquiais*⁵⁷⁹.

Igreja Matriz do Espírito Santo, Pera, Silves

Esta igreja apresenta uma decoração barroca, constituída por um notável conjunto de retábulos de talha dourada, característicos da região algarvia e revestimento azulejar a nível da capela-mor.

O retábulo desta apresenta o esquema usual de duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis de talha, nos quais se desenham nichos para imagens, suportadas por mísulas. No coroamento, as colunas prolongam-se nas duas arquivoltas exterior e interior, rematadas ao centro por uma cartela. O arco do coroamento é dividido por aduelas que formam painéis onde surgem ornatos barrocos de folhagem enrolada em S. A tribuna, sem profundidade, recebe o trono para a imagem, coroado por dossel pequeno, com sanefa.

As paredes laterais da capela-mor são revestidas com dois grandes painéis de azulejos, representando os do lado da epístola «S.Lucas» e «S. João Evangelista» e, do lado oposto,

«S. Mateus» e «S. Marcos», em cenários de arquitecturas e paisagens. A abóbada é revestida de azulejos de figura avulsa do tipo "estrelinha". Este conjunto é datável de cerca de 1730⁵⁸⁰.

De cada lado do altar-mor, dois retábulos colaterais de desenho identico. Ao centro, está um nicho para a imagem, enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painel com acantos enrolados. As colunas prolongam-se nas arquivoltas do coroamento, rematadas ao centro por uma cartela segura por dois anjos esvoaçantes, exteriores ao conjunto. O arco é dividido por aduelas rematadas exteriormente por cabecinhas de querubins. Exteriormente o conjunto termina em entablamento sobre o qual assenta um frontão recortado em volutas.

As capelas laterais de Nossa Senhora do Rosário e do Sagrado Coração de Jesus apresentam variantes. Mostram ambas composições perspectivadas que ligam o arco exterior ao retábulo. A primeira, que nos parece mais tardia, tem as pilastras exteriores e o arco envolvidos por motivos recortados, que neste são preenchidos por quadrícula. O coroamento é rematado por duas urnas e, ao centro, uma cartela coroada sustentada por anjinhos.

A ligação ao retábulo é feita por uma sucessão de painéis não dourados, que se continuam no coroamento. O retábulo, que tem nicho central com a imagem, é enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painel de

talha, decorado simetricamente com motivos em voluta. As colunas prolongam-se nas arquivoltas, sendo a exterior rematada por uma cartela. O arco é, como usualmente, dividido em aduelas, com cabecinhas aladas no exterior.

N Capela do Sagrado Coração, o remate das pilastras exteriores é direito, de perfil arquitectónico, continuando-se no arco de volta perfeita que culmina numa cartela, mas é exteriormente envolvido por ornatos barrocos enrolados. A ligação à parte central é feita por dois nichos com imagens, limitados por colunas salomónicas, que se continuam nas arquivoltas, mas perdendo o seu carácter torso. Uma pilastra enquadra a tribuna, sem decoração, onde se destaca a imagem do «Sagrado Coração»⁵⁸¹.

Igreja Matriz do Espírito Santo, Pereiro, Alcoutim

A capela-mor apresenta um retábulo de transição entre o "nacional" e o "joanino", característico do barroco algarvio. Duas colunas tipo salomónico, com o terço inferior diferenciado, enquadram o nicho central; são separadas por nichos, com imagens suportadas por mísulas. As colunas prolongam-se no coroamento em arquivoltas rematadas ao centro por cartela (posterior) com um «Sagrado Coração», assente no dossel do nicho. O coroamento é dividido por aduelas rematadas interior e exteriormente por cabeças de querubins. A adaptação ao espaço da capela é feito por

painéis de talha, decorados com ornatos de folhagem barroca⁵⁸².

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Encarnação, Porches

Lagoa

Da primitiva igreja do século XVI, só resta a capela-mor, com alterações do século XVIII. O retábulo é de fase joanina, em talha polícroma. É ladeado por duas colunas de tipo salomónico, com o terço inferior diferenciado, separadas por painéis de talha, sendo o conjunto rematado por entablamento. O coroamento é constituído por um ático em degraus, delimitado interior e exteriormente por ornatos barrocos e tendo ao centro uma cartela sustentada por anjinhos. Na base, suportando as colunas exteriores, surgem atlantes. Ao centro, a tribuna revestida a talha, com trono e a imagem da Virgem⁵⁸³.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Portimão

É um templo provavelmente do século XIV e reedificado depois do Terramoto. Conserva, do período joanino, o retábulo da capela-mor, contratado, em 1721, com o escultor Manuel Martins, que o não concluiu, vindo a fazê-lo, em 1724, João Tomás Ferreira⁵⁸⁴. O retábulo é de estilo nacional, com duas colunas pseudo-salomónicas e um colunelo interior do mesmo tipo, alternando com pilastras, prolongando-se no coroamento, onde já surgem anjinhos e

cabecinhas de querubins, marcando as aduelas. O mais notável deste retábulo é o conjunto de dois atlantes e uma cariátide envoltos em flores, que surgem de cada lado da base do altar e, embora de feitura mais rude, evocam claramente os atlantes de Santo António de Lagos.

João Tomás Ferreira foi um artista que circulou pelo Algarve, vindo a residir em Portimão, em 1724, quando assumiu, por 500\$000 réis a realização deste retábulo. A obra está próxima de Manuel Martins, autor do projecto inicial, mas mostra também as qualidades de João Tomás⁵⁸⁵.

Igreja Matriz de Quelfes, Olhão

O sacrário do altar-mor é do primeiro quartel do século XVIII. Tem colunas pseudo-salomónicas e dois anjinhos deitados sobre o arco de volta perfeita da porta. O coroamento é de acantos enrolados e vieira central⁵⁸⁶.

O retábulo colateral é do quarto decénio do século XVIII. Tem um nicho central com a imagem de Nossa Senhora da Conceição⁵⁸⁷, inscrito num rectângulo ladeado superiormente por aletas em forma de volutas. Estas assentam num entablamento suportado, de cada lado, por dois colunelos pseudo-salomónicos, entre os quais está um nicho vazio, sem decoração⁵⁸⁸.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Querença,

Loulé

O retábulo da capela-mor foi contratado, em 1728, entre os membros eleitos da Comissão Fabriqueira da Aldeia e o escultor de Faro, Manuel Martins. Os retábulos colaterais devem ter sido encomendados ao mesmo escultor alguns anos depois. A composição do conjunto, embora mais modesta, é idêntica à da Matriz de Pera.

O retábulo da capela-mor segue o esquema, usual no Algarve, de duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis (aqui lisos) a que se adossam imagens assentes em mísulas. Estas, tal como as que suportam as colunas, são decoradas com cabeças de querubins. As colunas prolongam-se nas arquivoltas do coroamento, que tem, ao centro, uma cartela. As aduelas do arco são limitadas, nos extremos, por cabecinhas de anjos e separam ornatos barrocos em S e C. Ao centro, a tribuna, sem decoração, onde se destaca a imagem da Virgem, envolvida por uma coroa de anjinhos.

Os retábulos colaterais, precisamente iguais, são enquadrados por grossas colunas pseudo-salomónicas, uma de cada lado, e uma pilastra exterior, com um pequeno atlante suportando o coroamento. Ao centro, uma imagem sobre mísula, também suportada por atlante, é envolvida por um arco desenhado em ornatos barrocos. No coroamento, sobre a cornija, duas enormes volutas de folhagem enrolada em C, têm ao centro uma jarra com três girassóis.

O retábulo da Capela de S. Pedro é idêntico ao da capela-mor, também enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis de talha, aos quais se adossam imagens. O coroamento é de arquivoltas, tendo ao centro uma cartela, com a mitra de S. Pedro. Na arquivolta exterior, cabecinhas de querubins delimitam as aduelas onde surgem ornatos de folhagem barroca em X e em C. No frontal, vêem-se cachos de uvas e folhas de parreira em talha.

A Capela das Almas está mais próxima do estilo nacional, com duas colunas pseudo-salomónicas e uma pilastra exterior, de cada lado, prolongando-se no coroamento em arquivoltas que não são torsas. Enquanto as colunas assentam em mísulas de folhagem, as pilastras são suportadas por pequenos atlantes. No coroamento, três cabeças de querubins delimitam exteriormente as aduelas.

Ao centro, um Cristo na Cruz é ladeado por um «S. João» e uma «Nossa Senhora», de roca⁵⁸⁹.

Igreja Matriz de Santa Bárbara de Nexe

É um edifício da primeira metade do século XV, com modificações posteriores. O retábulo do altar-mor data de 1733.

O retábulo de Nossa Senhora do Rosário é ladeado por colunas torsas, com o terço inferior transformado em acanto, separadas por um fundo de madeira, sobre o qual se destaca um painel de talha com querubins entre ornatos barrocos. Ao

capela-mor.

Numa arrecadação encontra-se ainda um sacário, do primeiro quartel do século XVIII, pertencente ao retábulo da suportes por duas ordens de atlantes.

tronos, com a imagem da Senhora. As colunas exteriores são painéis decorados com folhagens barrocas. Na tribuna, o extremos por cabeças de querubins, dividem o tímpano em anjinhos. Três aduelas de cada lado, rematadas nos dois do coroamento, que tem ao centro uma cartela sustentada por nichos (sem imagens). As colunas prolongam-se nas arquivo-ltas pseudo-salomónicas, separadas por painéis em que se abrem algarvia, em talha polícroma, enquadrados por duas colunas retábulos do estilo nacional, característicos da região O retábulo da capela-mor insere-se no tipo de

É um templo do início do século XVI.

Albufeira

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Esperança, Paderno,

querubins⁵⁹⁰.

barrocas. As colunas assentam em mísulas, com cabeças de rematam as aduelas: entre estas, cartelas ovais com molduras coroa. A arquivolta exterior é decorada por querubins que em arquivo-ltas, terminando numa enorme cartela central com a ligeiramente mais elevado que o das colunas, que se prolongam centro, um nicho com a Virgem, coroado por entabamento

O retábulo da Capela das Almas é datável do segundo quartel do século XVIII, mas não obedece aos esquemas comuns na época. É rematado por pilastras que se prolongam na arquivolta exterior do coroamento. Ao centro, uma cruz, cujos braços invadem o tímpano. De cada lado, estão duas mísulas para imagens (vazias). Os espaços são preenchidos por motivos barrocos, de folhagem enrolada e, nos ângulos superiores, formados pelos braços da cruz, estão cabecinhas de querubins.

O retábulo da Capela de Nossa Senhora da Conceição é do primeiro quartel do século XVIII, do tipo "nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas prolongando-se nas arquivoltas, com anjinhos demarcando as aduelas; uma vieira decora o tímpano do arco e os intercolúnios são preenchidos com acantos enrolados.

O retábulo da capela do Senhor Jesus é já do quarto decénio do século XVIII, mostrando o Crucificado sobre fundo de talha, enquadrado por pilastras e arquivolta exterior em arco de volta perfeita; de cada lado estão duas mísulas para imagens, vazias. O Cristo é também de meados do século XVIII.

Na sacristia, encontra-se um arcaz muito sóbrio, sobre o qual está um nicho integrável no "estilo nacional" da região, em talha polícroma, enquadrando uma imagem do Crucificado. De cada lado, dois colunelos torsos, o exterior com atlantes, separados por painéis de acantos enrolados em S, continuam-se nas arquivoltas do coroamento, fechadas por uma roseta.

Aqui se encontra também uma imagem de «Nossa Senhora do Castelo», executada em 1711 e restaurada nos inícios do nosso século⁵⁹¹.

Ermida de Nossa Senhora do Pé da Cruz, Paderne,

Albufeira

Foi construída em 1717, de acordo com inscrição na fachada.

O retábulo arcaizante, em talha polícroma, deve ser desta época (cerca de 1715⁵⁹²). No nicho central, a imagem da «Piedade» (ou Senhora do Pé da Cruz) com Cristo morto nos braços. De cada lado, duas colunas de fuste percorrido por filete espiralado, com o terço inferior destacado, são separadas por painéis de talha decorados com folhagens enroladas. No tímpano, um painel quadrangular tem ao centro uma cabeça de Cristo, entre folhagem barroca. É coroado por frontão triangular interrompido, com uma urna ao centro, exíguo, para se adaptar ao coroamento em semicírculo. De cada lado do painel, ornatos de folhagem barroca⁵⁹³.

Igreja Matriz de S. Brás de Alportel

Esta igreja possui uma colecção de imagens, a maioria da primeira metade do século XVIII:

- «S. Miguel Arcanjo», do altar do Transepto (antiga Capela das Almas)⁵⁹⁴.

- «S. José», do mesmo altar - ambos referidos nas *Memórias Paroquiais* de 1757⁵⁹⁵.

- «Senhora do Rosário» da Capela-mor, também referida no *Livro para me governar no Bispado*, de D. António Pereira da Silva (fl. 333)⁵⁹⁶.

- «Santo António», da capela desta invocação, hoje na Sacristia, referido nas *Memórias Paroquiais* e no *Livro* de D. António Pereira da Silva⁵⁹⁷.

- «Santa Bárbara», hoje na Sacristia, referida nas *Memórias Paroquiais*⁵⁹⁸.

Igreja Matriz de Santa Maria, Tavira

O retábulo da Capela das Almas é em madeira dourada e policroma, de cerca de 1721. Não se integra nos esquemas habituais, sendo enquadrado por pilastras com motivos barrocos, com o respectivo entablamento, tendo ao centro um painel em relevo policromo, terminando em arco de volta perfeita e alusivo ao tema das Almas. Sobre a cornija, assenta um painel rectangular, enquadrado por volutas e outros elementos barrocos e coroado por motivos vegetais enrolados.

O retábulo da Capela do Senhor dos Passos, em madeira dourada e policroma, é também do primeiro quartel do século XVIII. É uma variante do "estilo nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas de cada lado, separadas por um painel no qual se destaca meia-figura de braços levantados, no meio de

elementos vegetais. No coroamento, os arcos são abatidos, para se adaptarem ao espaço da capela gótica. Na tribuna está a imagem do Senhor dos Passos.

O retábulo de S. Bartolomeu, em madeira policroma, de cerca de 1721, mas com alterações posteriores, tem estrutura idêntica ao Retábulo das Almas, embora bastante mais simples do ponto de vista decorativo; ao centro, está um nicho com a imagem do santo⁵⁹⁹.

Na Capela do Santíssimo, encontra-se um revestimento azulejar, que abrange as paredes e os tímpanos interiores, com cenas do Antigo Testamento na parte inferior e, acima, o «Lava-pés» e o «Cenáculo». Acima da sanca, estão os papas «S. Dionísio», «S. Agatão», «S. Dâmaso» e «S. Telésforo»⁶⁰⁰.

Sobre o arco da capela está a legenda: "ESTA CAPELLA / MANDOU FAZER A SVA CVSTA DONNA / IZABEL DE ALMADA E ARAGÃO VEVVA DE / ANTONIO MARTINS CARAPETO CAPIT=/ÃO MOR DA VILLA DE CACELLA MOSSO / FIDALGO DA CAMARA DO SEN/HOR INFANTE D. FRAN=/CISCO ANNO / 1748".

Na sacristia, existe ainda um silhar com barra de acantos e terrinas floridas alternando com jarras⁶⁰¹.

Ermida de S.Brás, Santa Maria de Tavira

O sacrário e o enquadramento da mesa do altar, em madeira dourada, é da primeira metade do século XVIII⁶⁰².

Ermida de S. Pedro Gonçalves Telmo, Santa Maria de

Tavira

O retábulo da capela-mor, em talha dourada e policroma, é dos últimos anos da primeira metade do século XVIII. De cada lado, dois pares de colunas torsas, sem diferenciação do terço inferior, enquadram dois nichos com imagens de santos, também do século XVIII. A maquineta, também com colunas torsas, contém a imagem do orago, da mesma centúria. A tribuna abre-se em arco trilobado. No coroamento, um ático que nas extremidades tem jarra com flores enquadrada por pilastras e frontão e ao centro uma glória de raios dourados, sustentada por anjinhos, além de dois anjos que seguram uma faixa com legenda. Por cima da glória, as armas reais⁶⁰³.

Ermida de Nossa Senhora do Livramento, Santa Maria de

Tavira

A fachada da capela é totalmente coberta com azulejos de "bicha e estrela", azuis. Na sacristia, estão colocados a granel painéis de azulejos figurados, que deviam ter pertencido à capela, que tem na verga da porta, a data de 1715⁶⁰⁴.

O retábulo da capela-mor, em talha dourada e policroma, data dos anos quarenta do século XVIII, sendo a maquineta, o trono piramidal e os nichos laterais envidraçados posteriores. A estrutura é ainda derivada do

Roque⁶⁰⁷.

Na secretaria desta igreja, encontra-se uma imagem em madeira policroma, de «Nossa Senhora do Rosário», da primeira metade do século XVIII e atribuível ao escultor e entalhador Manuel Martins. Vê-lo da extinta Ermida de S.

Igreja Matriz de Santiago, Tavira

O retábulo da capela-mor, em madeira dourada e policroma, é do quarto decénio do século XVIII. É de estrutura arcaizante, com coroaamento em arco de volta perfeita, com ornatos barrocos e, ao centro o emblema AM corado. Ampla tribuna mostra uma glória de raios dourados suportada por anjos. De cada lado, um par de pilastrias enquadram nichos. Tem imagens da Senhora e de um santo, de proveniência desconhecida, mas também do século XVIII⁶⁰⁶.

Ermida de Santana, Santa Maria de Tavira

«estilo nacional», com dois pares de colunas pseudo-salomónicas, separadas por painel em que se abrem os nichos. Sobre o entablamento, assenta o tímpano em arco de volta perfeita, com uma glória de raios ao centro, enquadrada por volutas e ornatos barrocos. O «S. Roque» e o «S. Pedro» que estão nos nichos, são também do século XVIII⁶⁰⁵.

Igreja de Santo António, Santiago de Tavira

O retábulo da capela-mor é de meados do século XVIII, em madeira policroma, sendo as colunas substituídas por quartelas terminadas em cabeças de anjos, sobrepondo-se à maneira de estipites. As imagens, colocadas entre as colunas, assentam em mísulas com quatro cabeças de anjos e têm em volta motivos rococó. Ampla tribuna em arco de volta perfeita, coroada por um arco, onde se vêem medalhões com bustos de bispos, cabecinhas de anjos e um escudo entre grinaldas⁶⁰⁸.

Capela de Nossa Senhora da Saúde, Tavira

As paredes laterais da capela-mor estão revestidas de azulejos, truncados no lado da epístola. O painel completo representa a «Adoração dos Magos» e o outro o «Regresso do Egipto». A moldura é concheada de cerca de 1750.

Junto à capela, está uma fonte em cujo espaldar está um registo de «Nossa Senhora do Carmo», com cercadura de concheado simples⁶⁰⁹.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Tavira

Esta igreja possui uma colecção de imagens do século XVIII:

- «Nossa Senhora do Rosário», em madeira policroma, pertencente ao altar colateral da mesma invocação; referida

nas *Memórias Paroquiais* de 1758, situa-se na primeira metade do século XVIII. Tem certa qualidade.

- «Cristo crucificado», em madeira policroma, encontra-se na Sacristia, sendo talvez proveniente do altar do Senhor da Boa Viagem. Referido nas *Memórias Paroquiais* de 1758, é também da primeira metade da centúria e de qualidade razoável.

- «Santo António», em madeira policroma, também está na sacristia, sendo proveniente do altar do Senhor da Boa Viagem. É da mesma época e referido nas *Memórias Paroquiais*, mas formalmente arcaizante e com certo cunho popular.

- «Nossa Senhora da Conceição», em madeira policroma, encontra-se na Casa Paroquial, sendo proveniente do altar-mor. É já referida no *Livro para me governar no bispado* (fl. 360 vº) e também nas *Memórias Paroquiais*. Qualidade razoável⁶¹⁰.

Igreja Matriz da Luz de Tavira

Na arrecadação, encontra-se uma imagem de «Santo António», em madeira policroma, proveniente do altar-mor. Referida nas *Memórias Paroquiais* de 1758, situa-se na primeira metade do século, sendo formalmente arcaizante, mas de qualidade razoável.⁶¹¹

Ermida de Nossa Senhora do Livramento, Luz de Tavira

O retábulo é de mármore de meados do século XVIII, mas já referido nas *Memórias Paroquiais*, de 1758. Tem dois pares de colunas com o terço central torso, de ordem coríntia, tendo ao centro um nicho com a Virgem, coroado por uma concha no tímpano do arco. De cada lado, duas volutas em C, sobre coroamento semicircular, em cujo centro está uma edícula⁶¹².

Igreja de Santa Catarina, Fonte do Bispo, Tavira

Uma imagem de «Nossa Senhora da Conceição», em madeira policroma, pertence ao altar da mesma invocação da igreja matriz. É obra de Francisco Ataíde e Fonseca, de 1747⁶¹³.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Vila do Bispo

A igreja apresenta uma notável decoração barroca, combinação de talha dourada, azulejos azuis e brancos de carácter ornamental e pintura do tecto.

A capela-mor apresenta várias campanhas de obras, sendo a primeira do segundo decénio do século XVIII e a última quando se revestiu de talha o arco de entrada.

O retábulo é de "estilo nacional", ladeado por duas colunas pseudo-salomónicas, limitadas exterior e interiormente por pilastras, composição que se continua nas

arquivoltas do coroamento, que têm na chave uma cartela com um querubim. As aduelas são bem marcadas, tendo na arquivolta exterior um elemento oval pintado a vermelho. A tribuna tem, no interior, pinturas restauradas. Sobre o trono, anjos sustentam uma coroa.

O arco exterior apresenta pilastras de talha, assentes em pedestais, decorados com anjinhos-atlantes e ornatos de talha dourada sobre fundo vermelho. As pilastras são divididas em três partes, tendo as centrais também anjinhos-atlantes. No friso das pilastras, está uma cabeça de querubim. O arco de triunfo assenta numa cornija fortemente saliente e está dividido em três aduelas, de que a central é também ornamentada com um anjinho.

O tecto da capela-mor, em abóbada de berço, é ornamentado com pinturas decorativas, tendo ao centro um medalhão oval, com Nossa Senhora da Conceição.

As paredes da nave têm revestimento de azulejo até à sanca. Na parte inferior da parede, azulejo de "jarras e golfinhos", com painéis de jarras a separar. Acima, separado por barra, um padrão azul e branco. De acordo com os arquivos paroquiais, os azulejos foram colocados em 1726⁶¹⁴.

O tecto de masseira é dividido em caixotões simples, com pinturas de carácter essencialmente decorativo, em que se combinam enrolamentos de folhagem, aves, cabecinhas aladas, etc, apenas variando o motivo central. Ao centro, está um escudo coroadado.

A capela de S. José, que fica defronte da anterior, é menos profunda do que esta, mas valorizada por um arco com enquadramento arquitectónico de pilastras rematadas por entablamento e cornija saliente. O retábulo é do mesmo tipo, enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, separadas por painéis de talha com ornatos vegetais. Ao centro, um nicho com a imagem do santo, menos profundo do que a outra capela, que tem uma pequena tribuna com trono, onde se encontra a imagem da Senhora. As colunas prolongam-se em arquivolts rematadas por uma pequena cartela e com as aduelas marcadas.

meninos.

A capela de Nossa Senhora do Carmo foi encomendada pela respectiva Ordem Terceira, cujo brasão foi colocado no fecho do arco de entrada. O interior é todo decorado com talha, de que se destaca o altar, com a característica composição algarvia, de duas colunas pseudo-salomónicas, entre as quais estão painéis de talha, com nichos e imagens. As colunas continuam-se nas arquivolts do coroamento, tendo ao centro uma cartela. O arco de coroamento está dividido por aduelas em painéis, nos quais aparecem combinados ornatos em S. O arco exterior é enquadrado por pilastras, assentes em largos pedestais e encimadas por cornija saliente, decoradas com motivos vegetais, assim como o arco, dividido em três aduelas de cada lado do brasão da Ordem Terceira. A pilastria interior assim como o intradorso do arco de entrada, para além dos ornatos de inspiração vegetal, apresentam figuras de

O arco de entrada assenta em pilastres sobre pedestais. Tanto estas como o arco são decorados por enrolamentos vegetais, que se repetem nas pilastres exteriores. Estas terminam em capitéis de tipo coríntio, que suportam o entablamento. A ligação do arco com o enquadramento arquitectónico exterior é feita por motivos vegetais, partindo de uma flor central⁶¹⁵.

Exteriormente, há que referir a porta principal, também do século XVIII.

MADEIRA

Igreja de S. Pedro, Funchal

Data do século XVI, mas a composição da fachada que se atribui ao século XVIII⁶¹⁶, enquadra-se na tradição da centúria anterior, com portal ladeado de colunas caneladas, mas com capitéis dóricos, coroado por cornija saliente, que serve de base a um janelão rectangular, com envolvimento de pilastras e cornija, ladeado por dois outros janelões com moldura de cantaria simples.

Sabe-se por documentos que a igreja estava em obras em 1737-39, tendo então sido gastos 6742\$000; alguns anos mais tarde, em 1742, gastou-se dinheiro com os sinos e fez-se o adro e o retábulo do altar-mor⁶¹⁷.

Várias capelas laterais foram acrescentadas a esta igreja, entre elas a do Santíssimo Sacramento (actualmente de Nossa Senhora de Fátima), onde se destaca um forro de talha enquadrando telas pintadas, datado de 1747.

Na sacristia desta igreja, existe uma mesa com tampo de mármore de embutidos, datada de 1710 e atribuída a Carlo Bronio⁶¹⁸.

Igreja de Santa Maria Maior, Funchal

A primitiva era do século XVI, mas no século XVIII foi demolida e reconstruída pelo Senado. A fachada mostra ornatos barrocos na pedra basáltica, característica da ilha.⁶¹⁹

Igreja de Santa Luzia, Funchal

Esta freguesia foi instituída na capela do Convento de Nossa Senhora da Encarnação, por alvará régio de 28 de Dezembro de 1676. A paróquia foi transferida depois para o novo templo, concluído em 1741⁶²⁰.

Igreja de Nossa Senhora do Monte, Funchal

Demolida a igreja mandada construir por Adão Gonçalves Ferreira, filho de um companheiro de Zarco e o primeiro homem nascido na ilha, a actual foi construída em 1741.⁶²¹ Este templo apresenta fachada de recorte barroco em que a pedra basáltica da ilha contrasta com o branco da cal.

Capela da Consolação (à Levada de Santa Luzia),

Funchal

Nesta capela destaca-se o frontal do altar-mor com embutidos de mármore, executado em 1707 por Carlos A. Bronio, natural de Milão, que também fez a mesa da sacristia de S. Pedro, atrás mencionada⁶²².

Capela de Nossa Senhora da Nazaré, freguesia de

S. Martinho, Funchal

A fundação da capela data de 1627, mas os azulejos são do primeiro quartel do século XVIII. Homenageando a padroeira, um dos painéis representa o «Milagre de D. Fuas Roupinho», tendo no extremo da composição outro sucesso que

do século XVIII. Os azulejos misturam-se aqui com relevos de A maior parte da decoração pertence à primeira metade Eusébio da Silva Barros.

Foi fundada, no antigo lugar do Farrobo, em 1701, por Funchal

Capela de Nossa Senhora da Boa Nova, s. gongalo,

e 1725⁶²⁴.

Oliveira Bernardes. Data o conjunto de um período entre 1718 qualidade inferior e de outra mão ou oficina que não a de silhar inferior e painéis do lado da epistola são de Santos Simões entende que tanto as barras, como o central do lambrell, vêm-se pastores e cenas campestres. conchas com anjinhos e caracóis nas lhaças. Na zona As barras mostram ornatos barrocos de folhagens e Implorem a protecção da Virgem.

Na parede do fundo, um coxo e um rabequista cego que calra a um poço. ermitões em meditação e Nossa Senhora salvando uma criança mesmo tipo de barras, mas de trabalho diverso. Representam lado da epistola, encontram-se três outros painéis, com o figurada, é atribuído a António de Oliveira Bernardes⁶²³. Do toda a composição. Este painel, ou pelo menos a sua parte Senhora com o Menino, ocorrência que deve estar na origem de uma mulher socorre-o e, ao alto, entre nuvens, aparece Nossa mostra um cavaleiro, que segua de liteira e foi derrubado;

argamassa e são apenas acessórios de um conjunto decorativo. São do tipo de vasos floridos com pássaros, formando largos frisos, que separam os relevos feitos em massa e policromados, de gosto popular. Entre estes ornatos, estão dois anjos coroados, portadores de cornucópias e quadros onde se representaram cenas da vida da Virgem. Pertencia a esta ermida um painel com cercadura de festões de pintura azul, com a legenda: "Boa nova 1731". Esta composição, hoje num murete da quinta, devia pertencer a painel maior, talvez com a Virgem, trabalho de oficina lisboeta⁶²⁵.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Machico

Sabe-se que esta igreja do primeiro quartel do século XVI, sofreu reparações em 1713⁶²⁶.

Capela de S. Roque, Machico

De fundação tradicionalmente atribuída a Tristão Vaz Teixeira, esta capela foi construída sobre a primitiva, por iniciativa da Confraria, em 1739.

Notável é o silhar de azulejos que decora as suas paredes, alusivos à vida do patrono. Do lado do evangelho, está o »Nascimento de S. Roque» e «Prisão de S. Roque». Nas paredes que ladeiam o arco triunfal, vêem-se «S. Roque em meditação» e «S. Roque em êxtase». Do lado da epístola, em silhar contínuo, estão três painéis: «S. Roque curando pestíferos», «Milagre de S. Roque» e «Apresentação de S.

Roque ao rei». Na parede da capela-mor, Santos Simões não conseguiu identificar as cenas representadas, pelo que supõe que elas estejam ligadas a acontecimento milagroso passado com a pessoa que ofereceu os azulejos, a título votivo⁶²⁷.

Pelas molduras perspectivadas mas contendo já elementos concheados de gosto *rocaille*, estes azulejos são da década de 1740-50, mais provavelmente do final, enquadrando-se numa campanha geral de melhoramentos, já que o retábulo data de 1751.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Câmara de Lobos

Mandada edificar por João Gonçalves Zarco, foi reedificada em 1723. Conserva retábulos de talha barroca⁶²⁸.

Capela do Espírito Santo, Lombada da Ponta do Sol

Foi mandada construir no século XVI por João Esmeraldo (Jeanin d'Esmeraut), fidalgo flamengo, sendo sagrada em 1508. Dois séculos mais tarde, o administrador da instituição vincular do Santo Espírito, Cristóvão Esmeraldo de Atouguia e Câmara, moço fidalgo da casa real, reedificou-a, em 1720, dando-lhe as proporções e decoração que hoje conserva, com retábulos laterais de talha dourada e azulejos⁶²⁹.

Na capela-mor, do lado do evangelho, está um painel, entre o arco e a porta lateral, com a pomba do Espírito Santo, e outro maior, onde estão três figuras com as legendas

o retábulo transforma o espaço da capela, continuando-se pelas paredes onde os quadros são emoldurados por colunas torsas, apenas decoradas nos sulcos, idênticas às que o enquadram. Ao centro, na boca da tribuna, onde hoje se vê o trono, estava uma tela representando «S. Jorge e o dragão».

madalense Nicolau Ferreira e a pintura perspectivada do painel pintados do século XVIII, atribuíveis ao pintor talha dourada, que se pode integrar no "estilo joanino", onze setembro de 1761⁶³². Desta decoração faz parte um retábulo de possui decorações posteriores, já que só foi sagrada em 17 de situada no Norte da ilha, foi construída em 1660, mas

Igreja de S. Jorge

dos azulejos⁶³¹.
de 1722, relativa a uma fase das obras, anterior à colocação Na verga da porta de entrada, está insculpida a data cerca de 1735-40 e claramente inspirados em estampas.
ciclo de Nicolau de Freitas-Bartolomeu Antunes, datáveis do "Frutos do Espírito Santo"⁶³⁰. São azulejos atribuíveis ao por pilstras coroadas de urnas. Nelas estão representados os Na nave, o silhar é de painéis recortados, ligados cercadura é de anjos e pilstras.
«Pieda/de», e um pequeno painel com «Temor de Deus». A estão as figuras legendadas como «Faltaíza», «Siencia» e «Sapi/encia», «Entendimen/to» e «Conselho». Do lado oposto,

De cada lado entre colunelos torsos, dois nichos com imagens, coroados por baldaquinos. A ligação entre o retábulo e as paredes da igreja é movimentada e dinâmica, com colunas torsas, alternando com painéis côncavos, movimentação que se reflecte no entablamento. No coroamento, uma cartela, protegida por dossel e cortinas, que dois anjos seguram; de cada lado festões e outros ornamentos barrocos adaptam-se ao remate ligeiramente abatido da capela.

As pinturas representam «S. Jorge diante de Diocleciano»; «No templo de Apolo»; «Ressurreição de um morto»; «S. João Baptista diante de Herodes»; «Degolação de S. João Baptista»; «Salomé recebendo a cabeça do santo»; «Condução da arca da Aliança», entre outros. Do lado esquerdo da nave, está ainda uma «Apresentação de Jesus no Templo» e do lado direito, um painel de dimensão idêntica, com a «Visitação»⁶³³.

AÇORES

Igreja Matriz de S. Sebastião, Ponta Delgada,

S. Miguel

Sabe-se por documentos que entre 1686 e 1714 trabalharam nas obras da Sacristia desta igreja pedreiros e carpinteiros⁶³⁴.

No entanto, o visitador, em 20 de Dezembro de 1707, chamara a atenção para a incúria do vigário, já que, alguns anos antes, o rei atribuíra um conto de réis para aquisição de paramentos e nada se fizera⁶³⁵.

Certamente essa incúria justifica que em 1722, quando o Licº José Jácome da Costa passou a vigário da Matriz, considerasse "q.e a dā Sam Chrestia era incapaz e indecente e nella não havia mais do q' alguns ornamentos velhos". Por isso decidiu fazer de novo a referida sacristia, enquanto o rei oferecera ornamentos novos "pelos Provedores da Fazenda q.e a esta illa vierão"⁶³⁶.

Na visita de 15 de Novembro de 1726, já o "visitador refere ter sido feita de novo a Sacristia da Matriz, à custa da Fazenda Real, apenas lhe faltando forrar e pintar o arco da capela, assim como o tecto e o guarnecimento interior de azulejos"⁶³⁷.

Estes azulejos ainda se conservam, num silhar com barra de dois azulejos de folhas encurvadas, representando cenas de caça. Estes azulejos devem ser os que se sabe por

documentos terem sido pagos em 1732, num total de 342000 réis⁶³⁸.

Mas anteriormente, segundo os *Livros de Despeza da Alfandega de Ponta Delgada*, já tinham sido gastos 132000 réis em azulejos, sendo estes mais baratos do tipo «estrelinha»⁶³⁹.

No entanto, as obras da Matriz não ficaram por aqui, tendo sido alterada a fachada, com a abertura de duas portas laterais, no eixo das respectivas naves. Estas enquadram-se no gosto barroco açoreano, com particular incidência decorativa a nível das fachadas, sendo ladeadas por colunas torsas, com as vergas semi-circulares, encimadas por grandes conchas, rematadas por flores-de-lis. Ao nível do coro alto, sobre estas portas, abriram-se quatro janelas, igualmente ladeadas por colunas torsas em basalto. No coroamento, duas ordens de volutas, marcando a diferença entre as naves, estabelecem ligação entre as torres⁶⁴⁰.

Foi certamente após a estas obras que se procedeu à sacração do templo, de acordo com notícia da «Gazeta de Lisboa»: "Escreve-se da Cidade de Ponta Delgada, cabeça da ilha de S. Miguel, haver o Excellentis. e Reverendis. Senhor D. Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, e de todas as ilhas dos Açores ... sagrado a Igreja de S. Sebastiam, fundada pelo Senhor Rey D. Manoel, no Domingo 9 de Fevereiro do anno passado de 1744 com todas as cerimoniaes e celebridade

que dispõem o Ritual Romano, por ser o Templo mais magnífico, e sumptuoso, e bem ornado de toda a sua diocese⁶⁴¹.

Igreja Paroquial de S. Pedro, Ponta Delgada, S. Miguel

Esta igreja ameaçava ruína, de acordo com comunicação feita ao Conselho da Fazenda Real pelo vigário João de Sousa Vasconcelos. Assim, em 13 de Março de 1733 foi ordenada a sua reconstrução⁶⁴².

Na resposta ao pedido referido, o Marquês de Alegrete, em representação do rei, ordenava ao Procurador da Fazenda das ilhas dos Açores que se procedesse rapidamente à reedificação do corpo da igreja e se fizesse com proporção a capela-mor e a sacristia. A obra devia ser arrematada o mais economicamente possível, devendo os mestres utilizar na reconstrução "todos os materiaes da igreja velha q poderem ainda ter serventia"⁶⁴³.

A velha igreja foi demolida em Maio de 1737, mas conservou-se a capela-mor, que fora reparada a partir de 1707, sendo ornamentada com novo retábulo, em 1716, o qual veio a ser dourado em 1732⁶⁴⁴. Em 1738, já a imagem do orago, S. Pedro, era colocada no seu lugar, mas as obras no corpo da igreja prolongaram-se para além de 1743, estando a reconstrução terminada, no essencial, em 1748⁶⁴⁵.

A igreja é de planta oitavada, o que a aproxima de outras igrejas do continente, nomeadamente do Menino Deus, iniciada em 1711, mas sagrada precisamente em 1737, quando se

iniciava a reconstrução desta, e também de Santo Estêvão de Lisboa, e S. João Baptista de Campo Maior, ambas da década de trinta e, portanto, quase suas contemporâneas.

A principal diferença relativamente às igrejas do continente é que, enquanto estas escondem a planta numa fachada plana, na de S. Pedro, a fachada, de ângulos cortados, revela o plano interior, sendo a torre colocada lateralmente e recuada, o que acentua a projecção da zona central, de acordo com um gosto barroco que não se encontra nas referidas igrejas.

Igreja Paroquial de S. José, Ponta Delgada, S.Miguel

Esta paróquia foi instalada na igreja do convento franciscano, enquanto o templo não foi terminado, o que aconteceu em 1714.

Em 1848, o templo sofreu ampliações, pelo que os azulejos existentes se encontram nas partes do edifício que foram aproveitadas. Não se sabe, por exemplo, o destino de azulejos que vieram para esta igreja em 1728 e 1734⁶⁴⁶.

A capela-mor mostra uma combinação barroca de talha dourada, que preenche o retábulo do altar, o tecto e a parte superior das paredes laterais, com um silhar de azulejos figurativos, atribuíveis a Manuel dos Santos. Este revestimento estendia-se entre o arco triunfal e o retábulo, enquadrando as portas de comunicação com as capelas colaterais, que foram obstruídas no século XIX.

Pertenciam à capela-mor e à nave e compreendiam frisos, alisares e grandes quadros figurados, representando «S. Francisco», «Santo António», «S. Bento» e «Santa azulejos.

Muito abalada por tremores de terra, esta igreja acabou por ser demolida, mas aproveitaram-se os seus

Igreja de Nossa Senhora da Vitória, Ponta Delgada

Foram atribuídos ao pintor Manuel dos Santos⁶⁴⁷.
estilística, dada a ausência de documentos, estes azulejos
Por estas características e por aproximação

composição em grupos separados por árvores e rochedos.
coloração azul e na transparência da base branca, como na
Estes azulejos mostram influência holandesa, na

identificado por legenda.

Fundo um edifício conventual, e S. Pedro de Alcântara,
que se segue um franciscano absorvido no estudo e tendo ao
rodeado de aves. Do lado oposto, está a «Estigmatização», a
numa extremidade, outra cena em que o santo toca a bexiga,
apresentado como paráfrase da Adoração dos Magos, e tendo
do lado da epístola, o «Nascimento de S. Francisco de Assis»,
painéis representam cenas da vida de S. Francisco, vendo-se,
centro, anjos trompeteiros ladeiam cartelas com paisagens. Os
acantos enrolados, assentes num rodapé ornamental, onde, ao
São dois painéis, com barra de dois azulejos de

Quitéria»; são de oficina lisboeta de meados do século XVIII⁶⁴⁸.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz, Fiais da

Luz, Ponta Delgada

No altar colateral do lado do evangelho está um frontal de azulejo, imitando tecido, com medalhão central de pano, onde foi pintada «Nossa Senhora do Rosário ladeada de anjos». Na parte inferior, está a legenda: «anno de 1713».

Santos símios atribuí, pelas características do desenho, este frontal a António de Oliveira Bernardes⁶⁴⁹.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Neves, Relva,

S. Miguel

Na fachada da capela-mor desta igreja está um painel de azulejos, recortado, com a senhora em enquadramento barroco e a legenda: «N. S. DAS NEVES». É datável de cerca de 1740 e de fabrico lisboeta⁶⁵⁰.

Igreja de S. Sebastião de Rabo de Peixe, Ribeira

Grande, S. Miguel

Nas fachadas nascente e norte da igreja, estão dois painéis de azulejos, de cerca de 1750, com imagens do santo. A capela-mor é revestida com azulejos de estrelinha, e, no interior, encontra-se ainda um «Pentecostes», de cerca de 1740⁶⁵¹.

Segundo se sabe por documentos, esta igreja tinha azulejos na capela-mor, que tinham sido encomendados pela

Grande, S. Miguel

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, Ribeira

Menino, numa peanha, com a legenda: "N.S. DOBOM / SOGOSOM".
 mais tardio, de cerca de 1740-15. Representa a Senhora com o
 atribuído a Nicolau de Freitas⁶⁵³; Santos Simões considera-o
 O frontal, em azulejo, datável de cerca de 1735, é
 imagem da padroeira, datado de 1737.

O altar desta capela é de talha policroma, com a
 Margarida de Mendonça.

do Capitão Manuel de Medeiros e de sua mulher Isabel
 António Tibúrcio Machado. Em 1729, esta ermida era património
 Esta capela está anexa a uma casa nobre, que foi de

S. Miguel

Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, Ribeira Seca,

características, pode situar-se entre 1745 e 1750⁶⁵³.
 ladeada por dois anjinhos». Este frontal, pelas suas
 está um medalhão conchado, com «Nossa Senhora da Conceição,
 têxtil, combinando-se com aplicações escultóricas. No centro,
 altar em azulejo, de pintura azul sobre branco, imitando
 De notável, nesta capela, apenas existe um frontal de

Rabo de Peixe, Ribeira Grande, S. Miguel

Capela de Nossa Senhora da Conceição, Boa-Vista,

sanefa, ao centro do qual se lê, na cartela: "N. S. / DAG VIA
Possui um frontal cerâmico completo, com sebastos e

S. Miguel

Capela de Nossa Senhora da Guia e S. José, Guia,

decoração exuberante. Data de cerca de 1730-40⁶⁵⁶.
anjos. Ao centro, está Nossa Senhora do Carmo, no meio de
ramagens e sebastos, com motivos florais suportados por
O frontal de altar é de azulejos, com sanefa de

S. Miguel

Capela de Nossa Senhora do Carmo, Livramento,

de meados do século.
ornamentação da cartela, apresenta características próximas
este azulejo não devia pertencer ao painel, que pela
painel com a coroa real e a data de 1737⁶⁵⁵. No entanto,
No antigo convento, num corredor, ainda se vê um
um dos quais com o cronograma de 1725.

Esta igreja possui, no coro, um painel de azulejos,

S. Miguel

Igreja de Nossa Senhora das Dores, Caloura, Lagoa,

de azulejos figurados, de temática religiosa⁶⁵⁴.
Dos vestígios existentes, verifica-se que se tratava
colocados em 1710.

Confraria de Nossa Senhora da Estrela, em 1704 e foram

/ e S. IOZE". No pano central, sugere-se bordado em relevo, representando o medalhão a «Sagrada Família». Este frontal é dos primeiros anos do século XVIII, coincidindo certamente com as obras que decorreram de 1694 até 1710, parecendo enquadrar-se na obra de Gabriel del Barco⁶⁵⁷.

Capela de Jesus-Maria-José, Santa Bárbara, Santa
Maria

As origens desta capela remontam ao século XVI, mas o edifício actual foi mandado construir, em 1717, pelo Padre Belchior Barreto de Macedo, administrador do vínculo da Fajã de S. Lourenço, sendo depois melhorado pelos herdeiros. Era uma pequena igreja com adro e construções anexas, característica da época joanina.

Interiormente, tem uma tribuna lateral que dá para a nave, e um retábulo de talha policromada que enquadra o grupo da «Sagrada Família».

O frontal do altar é de azulejos, com as usuais guarnições, superior e laterais, e no centro está representada a família, adorando a Sagrada Família: o chefe, com os seus três filhos clérigos, a esposa e mais três monjas clarissas. Pelas suas características, Santos Simões considera estes azulejos da década de 1730-40, devendo ter sido encomendado pela irmã do Padre Belchior, D. Francisca de Macedo, e seu marido, o Capitão-mor Inácio de Sousa Coutinho, que nesta época estava no auge da carreira. O chefe da

família deve ser o seu sogro, Jácome Tomé Faleiro e sua mulher, Ana da Costa, pelo que este frontal apresenta um especial interesse iconográfico⁶⁵⁸.

Capela de Nossa Senhora de Monserrate, S. Pedro,

Santa Maria

A capela foi fundada em 1735 pelo capitão Manuel Rezendes de Carvalho e está em ruínas. A ela pertencia um frontal de altar que foi armazenado na igreja paroquial de S. Pedro. Ao centro, tem uma cartela com a imagem de Nossa Senhora de Monserrate e um bispo ajoelhado em oração. Deve ser contemporâneo da fundação da capela, de cerca de 1735⁶⁵⁹.

Capela de Nossa Senhora do Pilar, S. Pedro,

Santa Maria

Foi mandada erigir por Fernão de Loura Bettencourt, que recebeu brasão de armas e casou em 1713.

O retábulo do altar é em pedra com colunas salomónicas, imitando os retábulos de talha. O frontal do altar é também de grande interesse, tendo ao centro a imagem de «Nossa Senhora do Pilar, entre os doadores». Não se sabe se a ideia de retratar os doadores no frontal é original desta capela e portanto ideia de Fernão Bettencourt e de sua esposa, D. Maria Margarida Coutinho, ou se foi copiada do frontal da Fajã de S. Lourenço, também nesta ilha de Santa Maria. Este frontal data de cerca de 1730⁶⁶⁰.

Assunção, notável pelo retábulo de talha e pela imagem da

Do lado oposto, fica a Capela de Nossa Senhora da

azulejos inspirados em estampas e datáveis de 1740-45⁶⁶³.

azulejo que revestiam as paredes laterais, já mutilados. São

dedicada a S. Paulo, conserva, de origem, os dois painéis de

A capela lateral do lado da epístola, primitivamente

Nicolau de Freitas⁶⁶².

Bartolomeu Antunes, entre 1735-40⁶⁶¹, ou apenas a seu genro

vida de Santo Inácio. É obra atribuível ao ciclo oficial de

azulejos até à cornija da cobertura, representando, passos da

Francisco Borja». As paredes são totalmente revestidas de

onde se destacam as imagens de «Santo Inácio de Loyola» e «S.

A capela-mor apresenta um retábulo de talha joanina,

companhia, mostrando certa sobriedade a nível decorativo.

esta Igreja está de acordo com os modelos característicos da

Mandada construir pelos Jesuítas a partir de 1680,

Igreja Matriz de S. Salvador, Horta, Faial

de 1730-35, como outros que encontramos em capelas da ilha.

Inscrição "N. S. DA GLORIA". Este frontal deve datar de cerca

anos em cujo centro está a imagem da padroeira, com a

sebastos azulejados. Ao centro, tem um medalhão ladeado de

do pilar e um frontal azulejado, com sanefa franjada e

Tem retábulo de pedra imitando talha, como a capela

Santa Maria

Capela de Nossa Senhora da Glória, Santo Espírito,

Senhora, também do século XVIII, a que se acrescentam duas telas pintadas e um alisar de azulejos com representações simbólicas da *Civitas Dei* e do *Hortus conclusus*, de oficina lisboeta, de cerca de 1740.

Nesta igreja há ainda a referir a Sacristia, onde se encontra um notável arcaz de sete corpos com três gavetas cada e espaldar, tendo ao centro um espelho e nos outros, telas com passos da vida de S. Francisco Xavier⁶⁶⁴.

Capela de Nossa Senhora da Guia, Monte da Guia, Horta

Faial

Esta capelinha, que possuía painéis de azulejos holandeses e portugueses, foi destruída em 1943. O edifício existente tinha sido resultado de uma reconstrução do original, que datava do século XVII. A obra deveu-se a Fr. António de Jesus Maria e estava terminada em 1714, data em que se fez uma procissão, que saiu da igreja de S. Francisco.

Da capelinha destruída e para além dos azulejos holandeses, talvez do final do século XVII, restam azulejos de figura avulsa, de fabrico português, que se encontravam nas paredes da capela-mor. Nada resta dos painéis com cenas marianas que decoravam a capelinha e que seriam já do período da grande produção⁶⁶⁵.

Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena, Pico

Conserva íntegros os azulejos que revestem as paredes laterais da capela-mor e que representam, na parte central, «Encontro com Cristo» e o «Noli me tangere». São pelas dimensões e composição, bons exemplares de oficina de Lisboa, de cerca de 1740⁶⁶⁶.

Igreja paroquial de Santa Cruz, Graciosa

A Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição tem um revestimento azulejar do pavimento à cornija da abóbada. É um painel único, com barra de folhagens, que parece representar a «Glorificação de Nossa Senhora da Conceição, pela igreja». São azulejos de cerca de 1735-40 e a composição inspirada em gravuras.

O altar de Santa Ana, originalmente dedicado a S. José, é enquadrado por azulejos que representam cinco santos em cartelas emolduradas por concheados. Representam na parte superior, «S. Vicente Ferrer», «S. José» e «S. Francisco de Sales»; na parte inferior, «S. Paulo» e «S. Pedro». Na base, estão as legendas, iguais: "*O vig^{to} Domingos / da Sjlva enstituio / esta Cappella / no anno / de 1744*". A verdade é que os azulejos, pelas suas características, parecem mais tardios, de cerca de 1750, pelo que devem ter sido encomendados depois de instituída a capela⁶⁶⁷.

NOTAS:

- ¹ Luis Vidigal, O Municipalismo em Portugal no século XVIII Livros Horizonte, Lisboa, 1989, p.47
- ² Idem, ibidem, Quadro VII, p. 48
- ³ Ver documentos anexos.
- ⁴ É o caso da enorme torre da igreja da Terrugem, ou do retábulo do altar da Capela de S.Miguel de Odrinhas, reconstruída depois do Terramoto.
- ⁵ Fernando da Silva Correia, "Misericórdias" in Dicionário de História de Portugal, vol. IV, Livraria Figueirinhas, Porto, 1990
- ⁶ João Vieira Caldas e Paulo Varela Gomes, Viana do Castelo, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 10, p. 38
- ⁷ J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, Elenco, p. 91
- ⁸ Idem, ibidem, p. 91
- ⁹ Robert C. Smith, "French Models for Portuguese Tiles" in Apollo, vol. 97, nº 134, new series, London, 1973, p. 406, nota 15
- ¹⁰ José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 183 e 227
- ¹¹ Miguel Soromenho, Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura, I vol., Departamento de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 91
- ¹² Ver capítulo 2.2. O Mecenato a nível episcopal - bispos e Cabidos
- ¹³ Miguel Soromenho, op. cit., p. 91
- ¹⁴ Padre Avelino de Jesus da Costa, "Igreja Matriz" in O Povo da Barca de 24 de Agosto de 1944
- ¹⁵ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Barcelos, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 9, p.33
- ¹⁶ Gazeta de Lisboa de 11 de Agosto de 1735: "Na Villa de Ponte de Lima se reedificou em huma das Torres das suas muralhas huma Capella dedicada ao glorioso S. Joam Bautista; e com este motivo se celebrou solemnemente a sua festa na vespera, e dia do seu nascimento..."
- ¹⁷ J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- ¹⁸ Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, "Talha e azulejos da 1ª metade do século XVIII, em Azurara, (Vila do Conde)", Actas do Congresso «A Arte em Portugal. Século XVIII. André Soares» in Bracara Augusta, I Tomo, vol. XXVII, 1973, Fasc. 63(75), p. 303
- ¹⁹ Ver adiante "Igreja Matriz de Azurara, Vila do Conde".
- ²⁰ J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.

- 21 José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 224
- 22 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 98-99
- 23 José Fernandes Pereira, "Resistências e aceitação do espaço barroco: a arquitectura religiosa e civil" in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp.36 e 38
- 24 J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 25 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 100
- 26 Idem, ibidem, Elenco, p. 97
- 27 José Meco, op. cit., p. 228
- 28 Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Barcelos, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 9, p. 43
- 29 Idem, ibidem, p. 45
- 30 Idem, ibidem, p. 45
- 31 Do "Livro de Despesas e Receitas" da Igreja, citado por Carlos A. Ferreira de Almeida, p. 45
- 32 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 94
- 33 Carlos Alberto Ferreira de Almeida, op. cit., pp. 45-46
- 34 J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- 35 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 104; José Meco, op. cit., p. 228
- 36 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 105; Jerónimo de Almeida, Os Azulejos da igreja de S. Dâmaso de Guimarães, Guimarães, 1960
- 37 J. A. Ferreira de Almeida, (sob a direcção de...), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 38 Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, "Talha e Azulejos da 1ª metade do século XVIII, em Azurara (Vila do Conde)" in Actas do Congresso «A Arte em Portugal no Século XVIII. André Soares», Bracara Augusta, Tomo I, vol. XXVII, 1973, Fasc. 63(75), p.302
- 39 Idem, ibidem, p. 303 e nota 14
- 40 Idem, ibidem, pp. 304-305
- 41 Idem, ibidem, pp. 307-308
- 42 Flávio Gonçalves, A Talha no Concelho de Vila do Conde, Exposição Fotográfica, Câmara Municipal de Vila do Conde, 4-20 de Novembro de 1978, p.24, nº 20
- 43 Idem, ibidem, pp. 25, nº 30 e 26, nº 31
- 44 Idem, ibidem, p. 25, nº 28
- 45 Idem, ibidem, p. 27, nº 39
- 46 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 112
- 47 J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 48 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 112; Russel Cortez, "Vila do Conde e os seus azulejos" in Renovação, Vila do Conde, 4 de Abril de 1946
- 49 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 113
- 50 Flávio Gonçalves, op. cit., p. 26, nº 33
- 51 Idem, ibidem, p. 26, nº 34
- 52 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 112
- 53 Flávio Gonçalves, op. cit., p. 24, nºs 22, 23 e 24
- 54 Idem, ibidem, p. 26, nº 32

- ⁵⁵Miguel Soromenho, Manuel Pinto Vilalobos, Da engenharia militar à arquitectura, vol. I, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1991, p.174
- ⁵⁶J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 107
- ⁵⁷Jorge Henrique Pais da Silva, "Os retábulos setecentistas da Maia (para a história do Barroco no Noroeste de Portugal" in Páginas de História da Arte, vol. II - Estudos e Ensaio, Lisboa, Editorial Estampa, 1986, p. 148
- ⁵⁸Idem, "Subsídios para o Estudo do Barroco na Maia" in op. cit., pp. 250-252
- ⁵⁹Idem, "Os retábulos setecentistas da Maia", op. cit., p. 153
- ⁶⁰J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 108
- ⁶¹Jorge Henrique Pais da Silva, "Os retábulos setecentistas da Maia", op. cit., pp. 148-152
- ⁶²Idem, "Subsídios para o Estudo do Barroco na Maia", op. cit., pp.213-214
- ⁶³Idem, ibidem, pp. 254-255
- ⁶⁴J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 108
- ⁶⁵Idem, ibidem, p. 109
- ⁶⁶Carlos Moura, "Uma poética da refulgência: a escultura e a talha dourada" in História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1976, vol. 8, p.113
- ⁶⁷Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, 1968, pp. 83-84
- ⁶⁸Alexandrino Brochado, O Porto e as suas Igrejas Azulejadas, Porto, 1990, p. 30
- ⁶⁹J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 110-111
- ⁷⁰Alexandrino Brochado, O Porto e as suas Igrejas Azulejadas, op. cit., p. 80-82
- ⁷¹Robert C. Smith, Nicolau Nasoni, Livros Horizonte, 1973, «Estudos de Arte», pp. 20-21
- ⁷²J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 113
- ⁷³"Um pouco de aquém e de além Douro " in A Descoberta de Portugal, Ed. do Reader's Digest, 1982, p. 132
- ⁷⁴Francisco Gonçalves Carneiro, A Igreja de Santa Maria Maior de Chaves, s.l., MCMLXXIX, p.25
- ⁷⁵J.M. dos Santos Simões, op. cit. Elenco, p. 115
- ⁷⁶Idem, ibidem, Elenco, pp. 115-116; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- ⁷⁷"A sub-região do Baixo Corgo" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 87
- ⁷⁸"O património da vinha e do vinho" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 81
- ⁷⁹J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- ⁸⁰"Terras de vida comunitária" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 54
- ⁸¹Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 39, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta, B. N. Lisboa, 1944
- ⁸²"A paisagem renovada da Aguieira" in A Descoberta de Portugal, op. cit., pp. 184-185
- ⁸³J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- ⁸⁴J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 116
- ⁸⁵Idem, ibidem, p. 117

- 86 Idem, ibidem, Elenco, pp. 156-157
- 87 Idem, ibidem, Elenco, p. 158
- 88 Idem, ibidem, Elenco, p. 158
- 89 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro (zona do Nordeste), XI, A.N.B.A., Lisboa, MCMXCI, p. 68
- 90 Idem, ibidem, p. 76
- 91 Idem, ibidem, pp. 77-78
- 92 Idem, ibidem, pp. 102-103
- 93 Idem-ibidem, pp. 105-106
- 94 Idem, ibidem, pp. 103-104
- 95 Idem, ibidem, pp. 114-115
- 96 Idem, ibidem, pp. 116-118
- 97 Idem, ibidem, p. 118
- 98 Idem, ibidem, pp. 120-122
- 99 Idem, ibidem, p. 122-123; de notar que aqui se encontra uma importante «Assunção da Virgem», tábuca do século XVI, atribuída a Garcia Fernandes.
- 100 Idem, ibidem, p. 138
- 101 Idem, ibidem, pp. 141-142
- 102 Idem, ibidem, pp. 145-146
- 103 Idem, ibidem, pp. 153-154
- 104 Idem, ibidem, p. 162
- 105 Idem, ibidem, p. 165
- 106 Idem, ibidem, pp. 170-172
- 107 Idem, ibidem, pp. 174-175
- 108 Idem, ibidem, pp. 174-174
- 109 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro (zona do Norte), X, A. N. B. A., Lisboa, MCMLXXXI, p. 18
- 110 Idem, ibidem
- 111 Idem, ibidem
- 112 Idem, ibidem
- 113 Idem, ibidem
- 114 Idem, ibidem
- 115 Idem, ibidem, p. 80
- 116 Idem, ibidem
- 117 Idem, ibidem
- 118 A actual igreja é do século XX.
- 119 Ver capítulo referente ao "Mecenato dos Bispos e Cabidos".
- 120 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, op. cit.
- 121 Idem, ibidem
- 122 Idem, ibidem
- 123 Idem, ibidem
- 124 Idem, ibidem
- 125 Idem, ibidem, p. 88
- 126 Idem, ibidem
- 127 Idem, ibidem
- 128 Idem, ibidem
- 129 Idem, ibidem
- 130 Idem, ibidem

- 131 Idem, ibidem
- 132 Idem, ibidem
- 133 Idem, ibidem
- 134 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 128-130
- 135 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, VI, Distrito de Aveiro - Zona Sul, A.N.B.A., Lisboa, MCMLIX, pp. 144-145
- 136 Hoje, é sede da freguesia de Vera Cruz
- 137 A. Nogueira Gonçalves, op. cit., nota 58
- 138 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 133
- 139 Idem, ibidem, Elenco, pp. 133-134 e nota 140
- 140 Idem, ibidem, Elenco, p. 135
- 141 Idem, ibidem, Elenco, p. 136
- 142 Idem, ibidem, Elenco, p. 142; Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Igreja Colegiada de S. Salvador" in Inventário Artístico de Portugal, II, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, p. 31
- 143 Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Igreja Colegiada de Santa Justa" in Inventário Artístico de Portugal, II, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, pp. 34-37
- 144 Idem, "Pedrulha, Igreja de Nossa Senhora da Visitação" in op. cit.
- 145 J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação) Tesouros Artísticos de Portugal, Ed. do Reader's Digest, 1976
- 146 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 146-147
- 147 Idem, ibidem, Elenco, p. 147
- 148 Idem, ibidem, Elenco, p. 149
- 149 Idem, ibidem, Elenco, p. 153
- 150 "Um panorama variegado" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 228
- 151 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 154
- 152 Idem, ibidem, Elenco, p. 161
- 153 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- 154 Idem, ibidem; J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 162-163
- 155 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 232
- 156 Gustavo de Matos Sequeira, I.A.P., Distrito de Leiria, op. cit.
- 157 Idem, ibidem
- 158 Idem, ibidem
- 159 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 165-166
- 160 Idem, ibidem, Elenco, p. 166; é deste autor a indicação de *Sobreda e de armas franciscanas*.
- 161 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 162 Idem, ibidem; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 163 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 166
- 164 Gustavo de Matos Sequeira, I.A.P., op. cit.
- 165 Gustavo de Matos Sequeira, "Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário" in op. cit.

- 166 Idem, "Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Desterro" in op. cit.
- 167 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p.167; José Meco, op. cit., p. 223
- 168 Gustavo de Matos Sequeira, "Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Nazaré" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- 169 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 168; José Fernandes Pereira, Óbidos, Editorial Presença, Lisboa, 1988, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 2, p. 56
- 170 Idem, ibidem, Elenco, pp. 168-169; idem, ibidem, p. 56
- 171 Gustavo de Matos Sequeira, "Igreja Paroquial de Santa Catarina" in op. cit.
- 172 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 173 Idem, ibidem
- 174 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 170-171
- 175 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 231
- 176 Gustavo de Matos Sequeira, I.A.P., Distrito de Leiria, op. cit.
- 177 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 228
- 178 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 171
- 179 José Meco, op. cit., p. 230
- 180 Idem, ibidem, p. 231
- 181 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 182 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 172
- 183 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 184 Idem, ibidem, p. 99; J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp.171-172
- 185 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., pp. 224 e 226
- 186 Gustavo de Matos Sequeira, I.A.P., Distrito de Leiria, op. cit.
- 187 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 169-170
- 188 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 189 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 170
- 190 Idem, ibidem, Elenco, p. 173
- 191 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 192 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 173-174
- 193 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- 194 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 175
- 195 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- 196 Vítor Serrão, Santarém, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 11, p. 31
- 197 J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- 198 Idem, ibidem; sobre o restauro, ver Igreja de Santa Cruz de Santarém, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 111, Porto, 1963
- 199 J.M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 352-353; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p.227.

- 200 Vitor Serrão op. cit., p. 93
- 201 Vitor Serrão, op. cit., pp. 89-90 e p. 118, nota 28
- 202 Folheto de Lisboa, de 10 de Dezembro de 1740: "ESTREMADURA / Santarém, 9 de Dezembro / No Sabbado, 3 do corrente partiu desta Villa o R. D.or Antonio do Espirito Santo Freyre, Vigario geral, q foy nesta Villa, seu Arcediago desde o anno de 1731... Reedificou a Igreja de S. Lourenço, fazendo-a de novo, com m.ta perfeiçam, e dispendio da sua algibeira, celebrâdo-se nella a primeyra Missa a 10 de Agosto do anno passado de 1739"
- 203 Mercúrio Histórico de Lisboa, de 19 de Novembro de 1746; ver documento anexo.
- 204 Padre Inácio da Piedade e Vasconcelos, História de Santarém Edificada, Lisboa, 1740
- 205 Mercúrio Histórico de Lisboa, op. cit.
- 206 Gazeta de Lisboa de 17 de Novembro de 1746; ver documento anexo
- 207 Para confirmação destes dados, contámos com o trabalho "Conventos e Igrejas de Santarém", realizado, sob nossa orientação, por Francisco Carlos Ribeiro Soares Rodrigues, aluno da E.S.B.A.L., em Outubro de 1988.
- 208 A.N.T.T., Memórias Paroquiais, tomo XXXIII, fl. 595, citadas por F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal, vol. II - Distritos de Santarém e Portalegre, Lisboa, 1919
- 209 Para estas informações também usámos o trabalho "Conventos e Igrejas de Santarém", citado na nota 81.
- 210 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 211 «Gazeta de Lisboa» de 10 de Setembro de 1739: "Na villa de Santarem collocou a devoçam dos Fieis huma Imagem de Nossa Senhora, com o titulo, das Dores, na Igreja Parroquial de Santa Eyria; para onde foy conduzida com huma solemne, e devota Procissam, em que concorreram muitas Irmandades com 22 figuras de Virtudes, e Anjos ricamente vestidos, e com varios Emblemas dos attributos da mesma Senhora."
- 212 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 348
- 213 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949
- 214 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 215 Gustavo de Matos Sequeira, ibidem
- 216 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 341
- 217 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 218 Idem, ibidem; Idem, ibidem
- 219 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 342-343, nota 233
- 220 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 227
- 221 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 343, nota 232
- 222 Gustavo de Matos Sequeira, I.A.P., distrito de Santarém, op. cit.; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 223 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 224 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 343

- 225 Folheto de Lisboa, nº 30, de 23 de Julho de 1740; ver documento anexo.
- 226 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, III - Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949, p. 28: "A primitiva igreja está incluída nos muros de um projecto de ampliação que não chegou a ultimar-se, e que foi pensado após o terremoto de 1755. O muro da frente termina por duas torres sineiras, que limitam um átrio descoberto, e, lateralmente as paredes que se levantam, cingiram as empenas laterais do templo anterior, tapando, do lado da Epístola, uma porta manuelina, adornada de botões e de verga golpeada".
- 227 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 344
- 228 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 229 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 230 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 344; a data de 1745 é confirmada pelo "Extrato dos livros da Confraria de Sant'Ana existente no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia" (nota 235)
- 231 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 232 Idem, ibidem
- 233 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 234 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 345
- 235 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 236 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- 237 Idem, ibidem; Idem, ibidem
- 238 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 346
- 239 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 240 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 347
- 241 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 242 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 243 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 244 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 245 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 246 Idem, ibidem; idem, ibidem
- 247 Idem, ibidem
- 248 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 353-354
- 249 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit., p. 122; J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.; J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 355-356
- 250 Idem, ibidem
- 251 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 356
- 252 Idem, ibidem, p. 356; Carlos Veloso, "Azulejos de Tomar e arredores do século XVI ao XVIII" in Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, nº 14, Março de 1991, pp. 220-221
- 253 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 254 Idem, ibidem
- 255 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 256 Idem, ibidem
- 257 Idem, ibidem; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 258 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 356-357
- 259 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.; idem, ibidem
- 260 Idem, ibidem

- 261 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 357
- 262 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 263 Idem, ibidem
- 264 Idem, ibidem; J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 265 Idem, ibidem
- 266 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 176-177
- 267 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. I, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Junta Distrital de Lisboa, 1962, p. 16
- 268 Idem, ibidem, pp. 17-18
- 269 Idem, ibidem, pp. 20-21
- 270 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 177
- 271 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., pp. 39-40
- 272 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 180
- 273 AA. VV. Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., p. 48
- 274 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 181-182
- 275 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., p. 56
- 276 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa, IV, Torres Vedras, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Junta Distrital de Lisboa, 1963, p. 16
- 277 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 326 e nota 228
- 278 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, op. cit. p. 18
- 279 Idem, ibidem, pp. 21-22
- 280 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 326
- 281 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, op. cit. p. 22
- 282 Idem, ibidem, p. 23
- 283 Idem, ibidem, pp. 24-25
- 284 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 327
- 285 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 232
- 286 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 327-328
- 287 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., IV, pp. 26-27
- 288 Idem, ibidem, pp. 29-30; J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- 289 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 328
- 290 Idem, ibidem, p. 329
- 291 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., IV, pp. 33-34; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 292 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 329
- 293 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. IV, pp. 35-36; J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- 294 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 329

- 295AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. IV, pp. 41-44; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 296Idem, ibidem, pp. 46-48; idem, ibidem
- 297J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 333-334
- 298José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 230
- 299J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 334; José Meco, op. cit., p. 228
- 300AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa, op. cit., IV, pp. 52-53; J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- 301J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 333
- 302Idem, ibidem, p. 328
- 303AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. IV, pp. 60-61; J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 304J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 334
- 305Idem, op. cit., p. 328
- 306AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa op. cit., IV, pp. 73-74
- 307Idem, ibidem, pp. 69-70; J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 303-304
- 308J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 325
- 309AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, pp. 83-85; J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 310J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 325
- 311AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV, pp. 90-91
- 312AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa, III, Mafra, Loures, Vila Franca de Xira, Junta Distrital de Lisboa, 1963, p. 16
- 313Idem, ibidem, pp. 20-22
- 314J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 304
- 315Idem, ibidem, p. 304
- 316AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III, op. cit., pp. 22-23
- 317J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 306
- 318AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., III, pp. 34-35
- 319Idem, ibidem, pp. 36-37
- 320J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 306
- 321AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III, op. cit. pp. 38-39
- 322Idem, ibidem, pp. 39-40
- 323Idem, ibidem, p. 41
- 324Idem, ibidem, p. 42
- 325Idem, ibidem, pp. 49-50
- 326Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1962, pp. 98 e 124, nota 16
- 327AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., III, pp. 53-54

- 328 Idem, ibidem, p. 58
- 329 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 296
- 330 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. III, p. 66
- 331 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 302
- 332 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III, op. cit., pp. 68-69
- 333 «Memórias Paroquiais de 1758», citadas por F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do 19 de Novembro de 1755 em Portugal, vol. III - Distrito de Lisboa, Lisboa, 1928
- 334 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa, vol. III, op. cit., pp. 81-82
- 335 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 335; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 220
- 336 J.M. dos Santos Simões, op. cit., p. 335 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 337 Idem, ibidem, p. 337
- 338 Idem, ibidem, pp. 338-339; José Meco também atribui as composições ornamentais da sala sobre a sacristia ao monogramista P.M.P.
- 339 AA. VV. Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. II - Sintra, Oeiras, Cascais, Junta Distrital de Lisboa, 1963
- 340 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 225
- 341 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 315-316
- 342 Idem, ibidem, p. 316
- 343 José Meco, op. cit., p. 232
- 344 F. L. Pereira de Sousa, O Terramoto do Primeiro de Novembro de 1755 em Portugal, op. cit., vol. III
- 345 AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. II, pp. 85-86
- 346 Raquel Henriques da Silva, Cascais, Editorial Presença, Lisboa, 1988, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 1, p. 45
- 347 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 188
- 348 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 227
- 349 AA. VV. Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, II, Sintra Oeiras, Cascais, Junta Distrital de Lisboa, 1963, pp. 78-79
- 350 Raquel Henriques da Silva, Cascais, op. cit., p. 42
- 351 Jorge Henrique Pais da Silva, "História Urbana de Cascais" in Páginas de História da Arte, vol. II, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, «Imprensa Universitária», nº 54, p. 41
- 352 Raquel Henriques da Silva, Cascais, op. cit., pp. 42-45
- 353 AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. II, p. 81
- 354 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 189
- 355 Idem, ibidem, pp. 190-191
- 356 José Meco, op. cit., p. 224
- 357 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 191
- 358 J. M. dos Santos Simões, "Breves notas sobre algumas igrejas azulejadas dos arredores de Lisboa" in Belas Artes, 2ª série, nº 12, Lisboa, 1958

- 359 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 230
- 360 Vítor Serrão, Sintra, Editorial Presença, Lisboa, 1989, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 6, pp.60-61
- 361 AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa op. cit., vol. II, pp. 17-18
- 362 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 320
- 363 José Meco, "O pintor de azulejos Manuel dos Santos - definição e análise da obra", Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, nº 86, 1980, pp. 132-136
- 364 Vítor Serrão, Sintra, Editorial Presença, Lisboa, 1989, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 6, pp. 62-63
- 365 J.M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 320-321
- 366 José Meco, op. cit., pp. 221 e 227
- 367 AA.VV. Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa, op. cit., II, pp. 30-31
- 368 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 224
- 369 AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. II, pp. 46-47
- 370 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 324
- 371 Idem, ibidem, p. 319. De notar que devido ao estado de ruína e abandono da capela, grande parte deste conjunto já desapareceu.
- 372 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 325
- 373 Ayres de Carvalho, "Igreja de Santiago" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 1º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1973, pp. 27-31
- 374 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, op. cit., pp. 99-100
- 375 Maria Calado, Vítor Matias Ferreira, Freguesia de Santo Estêvão (Alfama), Lisboa, Contexto Eda, 1992, «Guias Contexto», ppp. 15, 17 e 37
- 376 Francisco José Gentil Berger, Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco joanino na região de Lisboa, Dissertação para Doutoramento, U.T.L., Faculdade de Arquitectura, 1990, p.160
- 377 Idem, ibidem, pp. 161 e 179, nota 3
- 378 Idem, ibidem, p. 162
- 379 Idem, ibidem, p. 162 e p.182, nota 6, Ano de 1749
- 380 Ayres de Carvalho, "Igreja de Santo Estêvão" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 1º tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1973, pp. 69-71
- 381 Robert C. Smith, A talha em Portugal, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 125, nota 41
- 382 Francisco José Gentil Berger, op. cit., pp. 167-168
- 383 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 246-247 e nota 188
- 384 Ayres de Carvalho, "Igreja de S. Miguel" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., pp.64-66
- 385 Idem, "Novas revelações para a história do barroco em Portugal, III - Documentos - Alguns entalhadores portugueses" in Belas Artes, 2ª série, nº 20, Lisboa, 1964, pp. 72-73
- 386 Idem, op. cit. nota 234, pp. 66
- 387 Idem, op. cit. nota 235, p. 73
- 388 Idem, ibidem, pp. 74 (Documento do Cartº Notarial nº 7-A - Livº 39 a fl. 54

- 389 Robert C. Smith, "The Portuguese Woodcarved Retable, 1600-1750" in *Belas Artes*, 2ª série, nº 2, Lisboa, 1950, pp. 31-33
- 390 Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 103
- 391 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 201-202
- 392 Ayres de Carvalho, "Ermida do Senhor Jesus da Boa Nova" in *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, op. cit., pp. 74-75
- 393 Cyrillo Volkmar Machado, *Collecção de Memórias*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, «Subsídios para a História da Arte Portuguesa», V, p. 164
- 394 Francisco José Gentil Berger, op. cit., pp. 186-189
- 395 Idem, ibidem, p. 192
- 396 Ayres de Carvalho, "Igreja de Santa Maria Madalena" in op. cit., Lisboa, tomo 19, pp. 83-85
- 397 Maia Ataíde, "Ermida de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião" in op. cit., Lisboa, 19 tomo, pp. 104-105; J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 198, não faz qualquer atribuição.
- 398 António Manuel Gonçalves, "Igreja do Sacramento" in *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Lisboa, 29 tomo, pp. 35-36
- 399 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 164
- 400 Maia Ataíde, "Capela e Casa da Irmãdade de S. José dos Carpinteiros" in op. cit., 29 tomo, pp. 104-109
- 401 José Meço, *O Azulejo em Portugal*, op. cit., p. 231
- 402 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 247-248
- 403 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 145; esta atribuição é aliás confirmada por Robert C. Smith, que afirma que o tecto foi pago em 27 de Março de 1718, segundo o Livro de Acórdãos, nº 76, fol. 20 (in op. cit., p. 124, nota 23)
- 404 Maia Ataíde, "Igreja de Nossa Senhora da Pena", in op. cit., Lisboa, 29 tomo, pp. 121-128
- 405 Ayres de Carvalho, "Novas revelações para a história do Barroco em Portugal, II - O Oeste das grandiosas máquinas douradas da Lisboa setecentista - O artista Claude Laprade (1682-1738)", in op. cit., p. 40
- 406 Idem, ibidem, p. 41
- 407 Idem, ibidem, p. 51
- 408 Idem, ibidem, pp. 53-54
- 409 Idem, ibidem, p. 57
- 410 Idem, ibidem, p. 57
- 411 Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, op. cit., p. 99
- 412 Ayres de Carvalho, op. cit., p. 55
- 413 Robert C. Smith, op. cit., p. 124, notas 18, 19 e 20 (Livro de Acórdãos, Arquivo Paroquial de Nossa Senhora da Pena)
- 414 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 76
- 415 Robert C. Smith, op. cit., p. 99
- 416 Maia Ataíde, op. cit., pp. 126-127
- 417 Maria Calado, Vítor Matias Ferreira, *Frequência de S. Sebastião da Pedreira*, Lisboa, 1991, «Gulas Contexto», pp. 9, 23 e 42
- 418 José Meço, *O Azulejo em Portugal*, op. cit., p. 230
- 419 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 248

- 420 Norberto de Araújo e Durval Pires de Lima, Inventário de Lisboa, Fascículos XI e XII, Câmara Municipal de Lisboa, 1956
- 421 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 216
- 422 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 193
- 423 José Meco, op. cit., p. 228
- 424 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 247
- 425 Maia Ataíde, "Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Belém" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 3º tomo, Assembleia Distrital de Lisboa, 1988, pp.178-180
- 426 Maria Calado, Vítor Matias Ferreira, Freguesia de Carnide, Lisboa, 1991, «Guias Contexto»
- 427 Idem, ibidem, pp. 43-44
- 428 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 250
- 429 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 226
- 430 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 363
- 431 J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 432 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 366-367
- 433 Idem, ibidem, p. 369
- 434 Idem, ibidem, pp. 370-371
- 435 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 436 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 371
- 437 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 438 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 371
- 439 José Meco, op. cit., p. 219
- 440 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 441 Idem, ibidem; J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 372
- 442 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 443 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 362
- 444 J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 445 Idem, ibidem
- 446 J.M. dos Santos Simões. Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., p. 377
- 447 Idem, ibidem, p. 377
- 448 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., pp. 377-378; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., pp. 224 e 226
- 449 Padre Manuel Frango de Sousa, Os Azulejos da Igreja de São Lourenço de Azeitão, texto policopiado, Vila Nogueira de Azeitão, s.d.
- 450 José F. Vidal, "Um Monumento Nacional" in O Azeitonense de 8 de Setembro de 1919
- 451 Joaquim Rasteiro, "Notícias Archeológicas da Península da Arrabida" in O Archeologo Português, vol. III, Janeiro e Fevereiro de 1897, nº 1 e 2, p. 29
- 452 J. M. dos Santos Simões. op. cit., Elenco, p. 372
- 453 Idem, ibidem, pp. 379-380
- 454 José Meco, op. cit., p. 232
- 455 José Custódio Vieira da Silva, Setúbal, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 8, pp. 35-36
- 456 Idem, ibidem, pp. 66-67
- 457 Idem, ibidem, p. 74

- 458 Idem, ibide,, pp. 74-76
- 459 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., pp. 169 e 227; J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 381
- 460 José Custódio Vieira da Silva, op. cit., pp. 80 e 82
- 461 Idem, ibidem, p. 86; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 225
- 462 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 382
- 463 Idem, ibidem, p. 382; José Meco, op. cit., p. 228
- 464 Idem, ibidem, p. 228
- 465 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 383
- 466 Vergílio Correia, "A Família Oliveira Bernardes" in Águia, nº 71-72, p. 202
- 467 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 361
- 468 Idem, ibidem, p. 369
- 469 J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- 470 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 384
- 471 Luis Keil, "Alter do Chão, Capela de Santana" in Inventário Artístico de Portugal, I, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- 472 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 334
- 473 Luis Keil, "Alter do Chão, Capela do Senhor Jesus do Outeiro" in op. cit.
- 474 Idem, "Arronches, Igreja Matriz" in op. cit.
- 475 Idem, "Campo Maior, Igreja Matriz" in op. cit., p. 31
- 476 Idem, "Campo Maior, Capela de N. Sr. do Calvário" in op. cit., p. 33
- 477 Idem, "Castelo de Vide, Igreja de Santa Maria da Deveza" in op. cit.
- 478 Idem, "Castelo de Vide, Capela de Nossa Senhora da Alegria" in op. cit.
- 479 Idem, "Crato, Igreja Matriz" in op. cit.
- 480 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 481 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 386-7
- 482 Luis Keil, "Elvas, Igreja Paroquial de Nossa Senhora" in op. cit.
- 483 Idem, "Elvas, Capela de S. João Baptista ou de S. João da Corujeira" in op. cit.
- 484 Idem, "Fronteira, Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Atalaia" in op. cit.
- 485 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 390
- 486 Hipótese já levantada por Santos Simões e confirmada por José Meco, op. cit., p. 226
- 487 Luis Keil, "Fronteira, Capela do Senhor dos Mártires" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit.
- 488 Idem, "Marvão, Igreja de Santa Maria" in op. cit.
- 489 Luis Keil, "Marvão, S. Salvador de Aramenha" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit.
- 490 Idem, "Monforte, Igreja Paroquial" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit.
- 491 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 390
- 492 Luis Keil, "Nisa, Amieira" in Inventário Artístico de Portugal, op. cit.

- 493 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 390-391
- 494 Luis Keil, "Ponte de Sor, Galveias" in Inventário Artístico de Portalegre, op. cit.
- 495 Luis Keil, "Portalegre, Capela de Santana" in op. cit.
- 496 Idem, "Portalegre, S. Lourenço - Igreja Paroquial" in op. cit.
- 497 Idem, "Portalegre, Capela do Espírito Santo" in op. cit.
- 498 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 393
- 499 Luis Keil, "Sousel, Capela de Nossa Senhora da Orada" in op. cit.
- 500 Luis Keil, "Casa-Branca, Igreja Paroquial" in op. cit., p. 159
- 501 J. M. dos Santos Simões, op. cit. pp. 393-4
- 502 Idem ibidem, p. 395; nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 503 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 401
- 504 Idem, ibidem, p. 403
- 505 Idem, ibidem, pp. 403-404
- 506 Idem, ibidem, p. 411 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 507 Túlio Espanca, "Ermida de Nossa Senhora da Cabeça" in Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora, A.N.B.A., Lisboa, 1966
- 508 J. M. dos Santos Simões, p. 412, nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 509 Túlio Espanca, "Évora, Igreja do Senhor Jesus da Pobreza" in Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora, op. cit., pp. 180-182
- 510 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 414
- 511 Túlio Espanca, "Évora, Igreja de S. Vicente" in op. cit.
- 512 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 414
- 513 Túlio Espanca, "Évora, Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa Fé" in op. cit., pp. 358-359
- 514 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 416
- 515 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 516 J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- 517 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 417
- 518 José Meco, op. cit., p. 225
- 519 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 419
- 520 Túlio Espanca, "Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa" in A Cidade de Évora, nº 55, pp. 221-238; idem, "Matriz de Nossa Senhora da Conceição" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, IX, A.N.B.A., Lisboa, 1978
- 521 Idem, "Vila Viçosa, Ermida de S. José, Ermida de Nossa Senhora dos Remédios" in Inventário Artístico de Portugal, IX, Distrito de Évora, op. cit.
- 522 Idem, "Santa Ana de Bencatel, Igreja Paroquial" in op. cit.
- 523 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 420
- 524 Idem, ibidem, pp. 421-22
- 525 Idem, ibidem, p. 422
- 526 "Paragem numa região agrícola" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 456
- 527 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 423
- 528 Idem, ibidem, p. 423
- 529 Idem, ibidem, p. 424

- 530 Francisco I. C. Lameira, A Escultura Barroca Algarvia, Universidade Nova de Lisboa, 1989, p. 38; Inventário Artístico do Algarve, A talha e a imaginária, I - Concelho de Albufeira, Faro, 1989, p. 78, Foto 1.2
- 531 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, Faro, 1988, p. 57; A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., p. 38; Inventário Artístico do Algarve, I, op. cit., p. 92, foto 8.2
- 532 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 32
- 533 J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit. (de notar, que para o Algarve a colaboração é de José António Pinheiro e Rosa)
- 534 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., p. 431
- 535 Francisco I.C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp. 30-31
- 536 Idem, ibidem, p. 33
- 537 Idem, ibidem, p. 34
- 538 Idem, ibidem, pp. 36-37
- 539 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 230
- 540 J.M. dos Santos Simões, "Excertos de um estudo inédito V - Os azulejos das igrejas matrizes de Estombar e de S. Clemente de Loulé" in Correio do Sul, Faro, 25 de Agosto de 1949, p. 4
- 541 J.A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit., pp. 233-239
- 542 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 428-429
- 543 Francisco I.C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 45
- 544 José António Pinheiro e Rosa, Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, Faro, Câmara Municipal, 1988, pp. 35-38
- 545 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., p. 427
- 546 Francisco I.C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 54
- 547 Idem, ibidem; José António Pinheiro e Rosa, Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, op. cit., pp. 43-44
- 548 Francisco I.C. Lameira, op. cit., p. 53
- 549 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., pp. 28-30
- 550 Francisco I.C. Lameira, op. cit., p. 52
- 551 José António Pinheiro e Rosa, op. cit., pp. 24-25
- 552 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., p. 425
- 553 Manoel João Paulo Rocha, Monographia. As forças militares de Lagos nas Guerras da Restauração e Peninsular e nas pugnas pela liberdade, Lagos, 1909, p. 146
- 554 Francisco I.C. Lameira, Contribuições para o estudo da escultura barroca algarvia, Raca Club, Silves, 1988; Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp. 58-61; "Gaspar Martins" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1988
- 555 Robert C. Smith, "Três obras-primas da talha algarvia" in Revista Shell, Outubro a Dezembro de 1963

- 556 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 430
- 557 Para a elaboração desta notícia, contamos com o trabalho monográfico sobre a "Igreja de Santo António de Lagos", realizado por Augusto Marcelino, no âmbito da cadeira de História da Arte Portuguesa, do 49.º ano da E.S.B.A.L., Portimão, 1991
- 558 Francisco I.C. Lameira, "João Amado" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 559 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp. 64-65
- 560 J.A. Pinheiro e Rosa, "Loulé" in Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 561 J.M. dos Santos Simões, op. cit., op. cit. pp.431-432
- 562 Francisco I.C. Lameira, "Miguel Nobre" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 563 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp. 66-67
- 564 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., p. 432
- 565 Francisco I.C. Lameira, "Costa, Tomé da" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 566 Idem, ibidem, Itinerário do Barroco no Algarve, p. 69
- 567 Idem, ibidem, p. 69
- 568 Idem, ibidem, pp. 70-71
- 569 Idem, ibidem, pp. 72-73
- 570 Idem, Inventário Artístico do Algarve, A talha e a imaginária, III - Concelho de Olhão, Faro, 1990, p. 38, Foto 1.2
- 571 Idem, ibidem, p. 40, Foto 2.2
- 572 Idem, ibidem, p. 52, foto 8.2
- 573 Idem, ibidem, p. 56, foto 10.2
- 574 Idem, ibidem, p. 108, foto 36.2
- 575 Idem, ibidem, p. 200, foto 82.2
- 576 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit. pp. 74-75
- 577 Idem, ibidem, pp. 76-77; A escultura Barroca Algarvia, op. cit. pp. 50-51; Inventário Artístico do Algarve, III, op. cit., p. 210, foto 3.3 e p. 216, foto 6.3
- 578 Idem, Inventário Artístico do Algarve, III, op. cit. p. 282, foto 4.4
- 579 Idem, ibidem, p. 290, foto 8.4
- 580 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 433
- 581 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit. p. 80
- 582 Idem, ibidem, p.82
- 583 Idem, ibidem, p. 82
- 584 Idem, "Ferreira, João Tomás" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- 585 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, p. 83
- 586 Idem, Inventário Artístico do Algarve, op. cit., III, p. 304, foto 1.5
- 587 Idem, ibidem, p. 314, foto 6.5
- 588 Idem, ibidem, p. 312, foto 5.5
- 589 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp.86-87
- 590 Idem, ibidem, p. 89

- 591 Idem, ibide, pp. 78-79; A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., pp. 52-53; Inventário Artístico do Algarve, A Talha e a imaginária, I - Concelho de Albufeira, Faro, 1989, pp. 100, foto 1.3, 106, foto 4.3, 110, foto 6.3, 120, foto 11.3 e 124, foto 13.3
- 592 Idem Inventário Artístico do Algarve, op. cit., I, p. 130, foto 16.3
- 593 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 79; A Escultura Barroca Algarvia, p. 53
- 594 Idem, Inventário Artístico do Algarve, A Talha e a Imaginária, II - Concelho de S. Brás de Alportel, Faro, 1990, p. 28, Foto 1.8
- 595 Idem, ibide, p. 30, foto 1.9
- 596 Idem, ibidem, p. 32, foto 1.10
- 597 Idem, ibidem, p. 44, foto 1.16
- 598 Idem, ibidem, p. 46, foto 1.17
- 599 Idem, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p.91; A Escultura Barroca Algarvia (Catálogo e Ilustrações), pp. 65-66; Inventário Artístico do Algarve, IV - Concelho de Tavira, Faro, 1990, pp. 144, foto 6.11, 146, foto 6.12 e 152. foto 6.15
- 600 José António Pinheiro e Rosa, Arte Sacra em Tavira, Tavira, 1966
- 601 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 435-436
- 602 Francisco I.C. Lameira, Inventário Artístico do Algarve, op. cit., IV, p. 364, foto 6.121
- 603 Idem, ibidem, pp. 340, foto 6.109, 342, foto 6.110, 344, foto 6.111, 346, foto 6.112 e 348, foto 6.113; Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit. p. 97; A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., p. 71. Ver também, J. A. Pinheiro e Rosa, Arte Sacra em Tavira, op. cit., p. 25
- 604 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 435
- 605 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., p. 97; A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., pp. 70-71; Inventário Artístico do Algarve, IV, op. cit., pp. 328, foto 6.103, 330, foto 6.104 e 331, foto 6.105
- 606 Idem, A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., p. 70; Inventário Artístico do Algarve, op. cit., IV, pp. 312, foto 6.95, 314, foto 6.96 e 316, foto 6.97. Ver também J. A. Pinheiro e Rosa, Arte Sacra em Tavira, op. cit., p. 25
- 607 Idem, Inventário Artístico do Algarve, op. cit., IV, pp. 418, foto 7.21; J. A. Pinheiro e Rosa, Arte Sacra em Tavira, op. cit., p. 13
- 608 Idem, ibidem, p. 500, foto 7.62; J. A. Pinheiro e Rosa, op. cit., p. 26
- 609 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco. p. 435
- 610 Francisco I.C. Lameira, Inventário Artístico do Algarve, op. cit., IV, fotos 2.3, 2.4, 2.6 e 2.9
- 611 Idem, ibidem, foto 3.13
- 612 Idem, ibidem, foto 3.15
- 613 Idem, ibidem, foto 4.14; A Escultura Barroca Algarvia, op. cit., Apêndice documental, p. 167
- 614 J.M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 436

- 615 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, op. cit., pp. 98-100
- 616 Eduardo C.N. Pereira, Ilhas de Zargo, vol. II, 3ª ed., Funchal, 1968, p. 691
- 617 Elucidário Madeirense, vol. III, p. 276
- 618 Luíza Clode e Jorge Marques da Silva, Guia Artístico da Ilha da Madeira, Edição da Direcção Geral de Turismo, Funchal, s.d., p. 15
- 619 Idem, ibidem, p. 27
- 620 Eduardo C. N. Pereira, op. cit., p. 741
- 621 Luíza Clode e Jorge Marques da Silva, op. cit., p. 28
- 622 Idem, ibidem, p. 28; Eduardo C. N. Pereira, op. cit., p. 735
- 623 J.M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 162-163
- 624 Idem, ibidem, p. 164
- 625 Idem, ibidem, p.
- 626 Idem, ibidem, p. 184
- 627 Idem, ibidem, pp. 184-85
- 628 Luíza Clode, Jorge Marques da Silva, op. cit., p. 33
- 629 Eduardo C. N. Pereira, op. cit., pp. 634-635
- 630 Idem, ibidem, p. 781
- 631 J. M. dos Santos Simões, op. cit., pp. 190-191
- 632 Eduardo C. N. Pereira, op. cit., p. 691
- 633 Idem, ibidem, p. 745
- 634 Nestor de Sousa, A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI A XVIII, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1986, p. 122
- 635 Arquivo Municipal de Ponta Delgada, L9 das Visitações, sécs. XVII e XVIII, fl. 170, in op. cit., nota 59
- 636 Arquivo Municipal de Ponta Delgada, L9 do Inventário dos Bens da sacristia, 30/9/1729, fl. 2, in op. cit., nota 57
- 637 Arquivo Municipal de Ponta Delgada, L9 das Visitações, sécs. XVII e XVIII, fl. 230, in op. cit., nota 58
- 638 Arquivo dos Açores, vol. XII, p. 40
- 639 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira, op. cit.
- 640 Júlio Gil, "Aspectos das arquitecturas religiosa e civil nas ilhas de S. Miguel e Santa Maria" in Panorama, nº 24, IV série, Dezembro de 1967, p. 54 e segs.
- 641 Gazeta de Lisboa de 12 de Janeiro de 1745
- 642 Nestor de Sousa, op. cit., pp. 129-130, nota 87
- 643 Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, L9 do Registo de Alfândega de Ponta Delgada, 1700-1779, fl. 102, A.A., vol. XII, pp. 262-263, in op. cit., nota 38
- 644 Nestor de Sousa, op. cit., p. 130
- 645 Idem, ibidem, p. 131
- 646 Arquivo dos Açores, vol. XII, 1892, p. 40
- 647 José Meco, O Pintor de Azulejos Manuel dos Santos, Definição e análise da obra, Lisboa, 1980, Separata do «Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa», III série, nº 86, pp. 56-60
- 648 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira, op. cit.

- 649 Idem, *Ibidem*; José Meço, *O Azulejo em Portugal*, op. cit., p. 223
- 650 J. M. dos Santos Simões, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, op. cit.
- 651 Idem, *Ibidem*
- 652 Idem, *Ibidem*
- 653 José Meço, *O Azulejo em Portugal*, op. cit., p. 233
- 654 J. M. dos Santos Simões, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, op. cit.
- 655 J. M. dos Santos Simões, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, op. cit. pp. 78-79
- 656 Idem, *Ibidem*, p. 90
- 657 Idem, *Ibidem*
- 658 Idem, *Ibidem*, pp. 136-138
- 659 Idem, *Ibidem*
- 660 Idem, *Ibidem*
- 661 Idem, *Ibidem*, pp. 63-64
- 662 José Meço, *O Azulejo em Portugal*, op. cit., p. 234
- 663 J. M. dos Santos Simões, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, op. cit., p. 64
- 664 Idem, *Ibidem*, p. 65
- 665 Idem, *Ibidem*, pp. 65-66
- 666 Idem, *Ibidem*
- 667 Idem, *Ibidem*

MISERICÓRDIAS

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Misericórdia de Caminha

A igreja data do século XVI, mas conserva no seu interior talhas do século XVIII. É o caso dos altares laterais, realizados pelo entalhador Miguel Coelho, entre 1732 e 1735, altura em que residiu em Caminha. É também, com grande probabilidade, obra sua, o frontal do altar-mor¹.

Misericórdia de Monção

Manuel Pinto Vilalobos (II) foi o responsável pelas obras efectuadas na igreja da Misericórdia de Monção².

Ainda no século XVII, foi pedido ao rei o rendimento sobre o imposto do sal, por três anos, para consertar a Matriz e a Misericórdia e respectivos retábulos, assim como o Paço do Concelho. A escolha de Vilalobos justificava-se, na medida em que ele tinha acabado o recinto fortificado iniciado por Lescole.

Em 1703, foi contratado o entalhador Manuel de Almeida, de Barcelinhos, para fazer um retábulo de madeira para a capela-mor da Misericórdia³.

Estas obras são portanto, ainda ligeiramente anteriores ao início do período joanino.

Misericórdia de Viana do Castelo

Nos inícios do século XVIII, já o templo quinhentista ameaçava ruína. No entanto, nada se resolveu. Só em 1714 a Mesa da Irmandade decidiu ouvir um conjunto de especialistas, à frente dos quais estava o coronel de engenharia Manuel Pinto de Vilalobos. Certamente por falta de meios, a questão continuou num impasse. Segundo Figueiredo Guerra, como a renda era diminuta, os vianenses concederam os 20000 cruzados que D. Pedro II pedira emprestados para a conclusão da praça de Monção⁴.

Só a 15 de Julho de 1716, decidiu a Misericórdia reedificar a igreja, com projecto de Manuel Pinto Vilalobos. A obra foi contratada com o mestre pedreiro Jerónimo de Oliveira, em 14 de Setembro do mesmo ano⁵.

Conhecem-se os relatórios de medições efectuadas na obra da igreja em 1718, 1719 e 1720, da mão do próprio Manuel Pinto Vilalobos.

A igreja apresenta certa simplicidade, dentro da tradição nacional. O portal é enquadrado por colunas coríntias assentes em pedestais e coroado por arranques de frontão enrolando-se em volutas, com pináculos no enfiamento das colunas. Entre as volutas, num nicho oval, está a Senhora da Piedade, com a cruz por cima.

A planta é de uma só nave sem transepto, altares laterais e capela-mor profunda. Esta é coberta por cúpula em meia-laranja, com calote segmentada por cornijas, visível exteriormente apenas no volume da lanterna. Esta pode ter

influência da lanterna do Bom Jesus de Barcelos, de João Antunes⁶.

É a intervenção das artes decorativas que altera por completo o espaço interior desta igreja. Em 1719, decidiu-se azulejar o templo. Elaborou-se então uma planta que foi enviada para Lisboa, por intermédio do coronel José da Silva Pais. Os azulejos custaram cerca de 2000 cruzados. A pintura é de Policarpo de Oliveira Bernardes e foram assentes por Manuel Borges⁷. Na verdade, os painéis da nave foram atribuídos a António de Oliveira Bernardes por Reinaldo dos Santos, mas não existe, salvo a sua qualidade, qualquer prova documental da intervenção do mestre⁸.

Na capela-mor, do lado da epístola, estão quatro episódios da Vida da Virgem e, do lado do evangelho, quatro episódios da Vida de Jesus. É no painel da «Apresentação no Templo» que está a assinatura "*Policar/pus/Oliva/fecit*".

No corpo da igreja, estão representadas as «Obras de Misericórdia», todas inspiradas em versículos da Bíblia. Por exemplo, «Remir os cativos», é a passagem do Mar Vermelho por Moisés; «Dar de beber a quem tem sede», Moisés batendo no rochedo; «Ensinar os ignorantes» é Jesus entre os Doutores. É este conjunto que tem sido atribuído a António de Oliveira Bernardes.

Em 1720, entre a porta da sacristia e o arco cruzeiro estava o túmulo de António Monteiro Maciel. Em 9 de Maio de 1721, o Provedor Tenente Coronel Bento Pereira Mendes propôs a transferência do túmulo para a porta falsa,

enfrente da porta da sacristia, e encomendou um novo painel de azulejos para o lugar do túmulo.

Também o painel representando a Senhora da Misericórdia, que está sobre o arco triunfal, foi emendado na moldura superior⁹.

Combinando com o azul e branco do azulejo, está a talha dourada dos altares.

Data de 28 de Setembro de 1718 o contrato entre o Provedor, Pedro da Cunha de Mendonça, e Ambrósio Coelho, mestre imaginário, morador em Santa Cristina de Serzedelo, termo de Barcelos, para a execução do retábulo da capela-mor, com quatro imagens - «Visitação», com a Virgem, Santa Isabel, S. Joaquim e Santa Ana - por 509600 réis, o qual deveria estar pronto em Junho de 1719¹⁰.

No ano seguinte, foi o mesmo artista encarregue dos altares colaterais de Santo António e da Senhora da Misericórdia, que deveriam seguir o modelo dos colaterais da igreja de Santo António dos Capuchos, e estar prontos até 1720¹¹.

A imagem de «Nossa Senhora do Porto», no colateral do lado da epístola, foi colocada a 15 de Maio de 1747, por Paulo da Cunha, "por alcunha o Briga descalço", que decidiu pedir as esmolas para dourar o retábulo e dar-lhe frontal e lâmpada¹².

Os quatro santos da tribuna foram mandados estofar em 1733. Em 1736, foi ajustado o douramento do retábulo do altar-mor com mestre António Pereira e Santiago Gonçalves,

que douraram apenas a parte exterior e interromperam por falta de pagamento. Em 1739, foi mandada dourar a parte da tribuna¹³.

O retábulo da Senhora da Conceição e o do Santo Cristo foram dourados em 1744, pelo dourador Santiago Gonçalves¹⁴.

Completavam a decoração interior pinturas, parte das quais desapareceram. Logo em 1721, foi decidido pintar o estuque do tecto com brutesco, do que foi encarregue Manuel Gomes, da vila de Guimarães, que tinha trabalhado alguns anos na Corte. A obra foi ajustada por 300 mil réis. A 20 de Abril de 1722, foi o mesmo pintor encarregue de decorar com embutidos a cantaria da igreja por 160 mil réis, sem entrar o ouro que se gastasse na obra. Ainda nesse ano, em 7 de Agosto, foi encomendada a Manuel Gomes a pintura da cúpula da capela-mor por 200 mil réis, dando a Santa Casa o ouro¹⁵.

Todas as pinturas das cantarias desapareceram, mas sabe-se que em 1776, a pedraria estava revestida de dourados e pinturas, umas imitando motivos florais, e outras, mármorees vermelhos e azuis. As cantarias da capela-mor tinham ramos de flores, tarjões e varandins em concordância com o corpo da igreja. Aqui, os brutescos de carácter decorativo, dentro da tradição do século XVII, combinam-se com um varandim de balaústres, que assenta na cornija, à maneira das pinturas de perspectivas ilusionistas do século XVIII, que Manuel Gomes deve ter conhecido na Corte. Ao

centro, está um medalhão com a «Ascensão da Virgem», entre nuvens e anjos.

Em 1719, ainda colaboraram nas pinturas, Manuel Cardoso, a pintar e dourar o florão da cúpula, e Francisco Teixeira, que pintou as capelas e a grade do coro. Em 1720, Francisco Rodrigues fez o grotesco do zimbório e pintou o altar-mor, colaterais e pano da porta¹⁶.

A música era o complemento essencial na igreja barroca. Assim a 9 de Janeiro de 1721, foi enviado o desenho do órgão pelo Padre Lourenço da Conceição; este órgão é o que está do lado da epístola, revestido de talha dourada. Do lado oposto, existe um falso órgão, por razões de simetria. Este aparato foi decidido em 3 de Setembro de 1721, entregando-se a obra ao entalhador Pedro Salgado, que depois se encarregou de acrescentar uma talha suplementar a ambas as caixas, visto que a existente era muito lisa e pouco vistosa. O acréscimo fez-se com desenho de Manuel Pinto Vilalobos. Os balaústres imitam os das pinturas; têm figuras no coroamento e são suportados por meias-figuras atlantes¹⁷.

As sanefas de talha dourada da igreja e sacristia foram feitas já em 1759, dada a falta de cortinados e a dificuldade em os pedir emprestados. Depois, em Maio do mesmo ano, decidiu-se fazer sanefas para as quatro portas do cruzeiro e capela-mor. São já de gosto *rocaille*. Foram douradas pelo pintor António da Rosa¹⁸.

De acordo com o projecto de Manuel Vilalobos, os púlpitos estavam a meio da nave, onde hoje estão uns

camarins, com imagens do «Senhor da Cana Verde» e do «Senhor atado à coluna». A actual disposição foi decidida em 11 de Abril de 1722, por razões de ordem estética. A obra foi entregue ao mestre pedreiro Jerónimo de Oliveira, que não prejudicou os painéis de azulejo já colocados¹⁹.

As grades dos púlpitos e as da capela-mor, em madeira de jacarandá, foram oferecidas pelo abade de Perre, Luís Álvares da Cunha, e seu irmão coronel António da Cunha Sotto Mayor, em troca de três sepulturas no presbitério da igreja, por acórdão de 30 de Janeiro de 1720. A obra de serralharia foi entregue a mestre Custódio Esteves, também em 1720²⁰.

Esta Misericórdia pode portanto, considerar-se, um modelo das igrejas construídas para esta instituição, no período joanino.

Para além da igreja, também nesta época o Hospital da Misericórdia foi acrescentado com um novo edifício, contíguo ao primitivo. A nova fachada respeita, no entanto a pre-existente, tendo uma composição severa e classicizante, com janelas e portas alinhadas em faixas verticais de cantaria, separadas pela parede caiada²¹.

Misericórdia de Ponte de Lima

Foi fundada em 1530. Em 1553, era ampliada a Capela, a que, em 1639, se acrescentou a capela-mor²².

No século XVIII, todo o conjunto veio a sofrer profundas alterações: em 1731, foram adquiridas casas

contíguas e construídas duas enfermarias, uma para homens e outra para mulheres; além disso, construiu-se o claustro interior, a fachada principal, as colunatas do lado norte e a varanda a sul.

O lado norte, que dá para o adro, compreendia a fachada da Sala do Despacho, dividida em dois andares de colunas toscanas sobrepostas, sendo as do andar superior mais pequenas e finas. As colunas assentam em estereóbato, que serve de parapeito, e suportam arquitrave. Nos ângulos, a fachada é pontuada por pináculos.

A fachada nascente (que dá para a rua da Matriz, até ao largo da Picota), é também de dois andares, com seis janelas no superior e cinco portas e uma fonte no piso inferior. No último quartel do século XVIII, foi-lhe acrescentada uma portada de clara influência nasoniana, com um frontão curvilíneo invertido, tipo "asa de morcego", coroado pelas armas nacionais, em estilo *rocaille*. Já no século XIX, esta porta foi transferida para a fachada principal da igreja²³.

A fachada sul (que dá para o Largo da Picota), tinha no piso superior uma varanda de oito colunas toscanas, suportando arquitrave. Do lado ocidental, o edifício encostava-se à muralha da vila. No interior, havia um átrio com uma arcada de colunas toscanas, que foi removida em 1924-25, quando o prolongamento da rua Cardeal Saraiva dividiu ao meio o edifício.

Logo no início do século XVIII, em 1707, se pensou em fazer nova capela-mor e, no ano seguinte, os irmãos decidiram levar a obra por diante²⁴. O custeamento das obras será possível graças ao legado do benfeitor Paulo Pereira de Mesquita, que deixou os seus bens à Misericórdia, em testamento de 14 de Março de 1704²⁵.

Mas só em reunião de 20 de Outubro de 1737, decidiria a Mesa dos Irmãos fazer uma tribuna para expor o Santíssimo Sacramento²⁶. A nova tribuna implicava um novo retábulo, mas como este não cabia no espaço existente, decidiu-se comprar as casas contíguas, para ampliação da capela; só que os seus proprietários não concordaram com a venda e não pôde fazer-se a ampliação²⁷.

O retábulo entretanto tinha sido feito e guardado num armazém, onde estava a deteriorar-se, até que a 22 de Abril de 1742 os irmãos decidiram assentá-lo no espaço existente²⁸. Foi chamado o mestre Miguel Coelho, que o tinha realizado, para o consertar²⁹.

A obra estava em curso em 1742, e, por uma provisão de 20 de Setembro, o arcebispo de Braga, D. José de Bragança, autorizava a benção do altar da igreja, logo que ele estivesse concluído³⁰.

Lamentavelmente, este retábulo desapareceu, substituído por um neoclássico e dele só se conserva o frontal em relevo, representando o «Milagre da Multiplicação dos pães», alusivo a uma das obras de misericórdia, a esmola. Este pode-se aproximar do da Misericórdia de Braga,

mas é de melhor qualidade. As dezanove figuras foram esculpidas com proporções mais equilibradas, os pormenores são de grande vivacidade e a figura de Cristo é verdadeiramente o centro da acção³¹.

Miguel Coelho era, na verdade, um entalhador com actividade conhecida desde os inícios da década de vinte na região de Braga e isso justifica a qualidade da sua obra.

Ainda em 1742, a 30 de Maio, a Misericórdia de Ponte de Lima encomendou-lhe o forro do templo³², constituído por uma abóbada repartida em vários tramos por falsas ogivas, à imitação do gótico, como surgiu pela primeira vez na igreja de S. Pedro de Miragaia, no Porto, a qual deve ter influenciado outras igrejas, não só a de Jesus, em Aveiro³³, como a dos Terceiros de S. Francisco, também em Ponte de Lima, e a de Nossa Senhora da Boa Morte, na Correlhã³⁴. A abóbada, policroma, é decorada com vasos assimétricos, volutas, grinaldas, florões, bustos e meninos.

Miguel Coelho foi ainda encarregue das obras do púlpito e do coro³⁵. A caixa do púlpito é de talha e apoia-se num grupo de seis pequenos atlantes, cujo busto nasce de tufos vegetais.

O coro, que remontava certamente à campanha de obras do século XVII (1639), é resguardado por uma balaustrada avançada lateralmente, com fustes de secção bulbosa, decorados superior e inferiormente com volutas e palmetas. O tecto é de caixotões de madeira, pintado com medalhões, volutas e ramos de flores.

Nestas obras colaborou com, ou mesmo substituiu Miguel Coelho, o seu genro, Manuel Machado. Assim, em 1742, a Misericórdia pagou a Miguel Coelho e ao carpinteiro Manuel Francisco Cerqueira, seu colaborador, a primeira prestação de 115000 réis (de um total de 447242 rs), por conta da obra do forro, coro e púlpito; o terceiro recibo foi assinado pelo seu genro, Manuel Machado, e o quarto, de novo por Miguel Coelho. A Manuel Machado foram ainda pagos 6400 réis pela "renda e balambares(?) da boca da tribuna"³⁶.

Outros artistas colaboraram ainda nas obras da Misericórdia durante estes anos. Assim, a 2 de Fevereiro de 1740, o mestre imaginário Manuel Dias da Silva recebeu 115200 réis pelos retábulos colaterais, que também desapareceram.

O douramento do altar-mor, forro, coro e púlpito só veio a ser decidido em 1745³⁷. Em 1748, é referida a "despesa que se há de fazer na obra do douramento dos retablos, arco do coro"³⁸.

O pedreiro Adriano Roiz Marques realizou o trabalho de tapar as frestas antigas e rasgar as novas, ou seja, os óculos lobulados, resultantes da sobreposição de um quadrado e um quadrifólio, cujas grades foram realizadas pelo ferreiro António Álvares do Arrabalde³⁹.

As obras prosseguiram ainda na segunda metade do século XVIII, mas a sua análise sai do âmbito deste trabalho.

Misericórdia de Arcos de Valdevez

A igreja data do final do século XVI, mas foi reconstruída a partir de 1710.

A fachada, cujo portal é encimado por uma escultura de «Nossa Senhora da Porta», foi erguida em 1735⁴⁰.

DISTRITO DE BRAGA

Misericórdia de Braga

Foi edificada em 1562, mas sofreu importantes obras no século XVIII.

Os retábulos do altar-mor e dos altares colaterais da igreja inserem-se nessas reformas e devem-se ao escultor brarense Marceliano de Araújo, cuja obra foi estudada por Robert C. Smith⁴¹.

Este trabalho está documentado a partir de 28 de Junho de 1734, data em que é feito o contrato pelo Provedor da Santa Casa, D. Diogo Borges Pacheco, chanceler-mor da Relação de Braga, por 350 mil réis.

Em 1735, foi encomendado o quadro pintado na cortina que tapa a boca da tribuna, ao pintor local José Lopes (1695-1744).

Ainda nesse ano, são encomendados os dois retábulos colaterais, unidos ao principal numa só composição, por 425 mil réis. De acordo com o contrato, os frontais deveriam ser de talha ornamental.

Em 1738, decide-se alterar os coroamentos, substituindo-se as duas pirâmides por figuras.

No ano seguinte, como os retábulos não chegavam ao tecto da igreja, foi decidido aumentá-los, pelo que se fez novo contrato de 150 mil réis, sendo o acabamento desenhado pelo Revº. Ricardo da Rocha. Este facto não deve ter agradado a Marceliano de Araújo e o certo é que a obra não prosseguiu, sendo entregue, a 14 de Outubro, a Marceliano de Araújo, sem condições, e obrigando-se ainda a Mesa a dar-lhe, e à mulher, capas de irmãos.

Em 1739, a obra estava acabada, vindo o douramento do retábulo a ser confiado, em 1743, a Luís de Sousa e Estêvão da Silva⁴².

Estes retábulos são fundamentais para compreender a evolução estilística de Marceliano de Araújo, do "estilo nacional" para o "joanino".

A composição é característica dos retábulos das Santas Casas da Misericórdia, com os três altares alinhados em baixo das esculturas, colocadas numa arcada de três aberturas que sobe até ao tecto da nave, sendo aqui separados por quartelas de esculturas fantásticas.

Os retábulos elevam-se sobre quatro bases douradas, das quais duas têm meios-corpos de homens barbudos, que evocam os de Claude Laprade na portada do pátio dos Estudos Gerais, em Coimbra. O braço levantado aparece também nos meios-corpos de metal dourado dos arcazes da antiga sacristia de Santo Antão (Lisboa), atribuídos a Laprade.

Em Braga, os meios-corpos envolvidos em panos acabando numa borla, surgem de mísulas arredondadas, terminando em volutas.

As quartelas substituem as colunas de forma idêntica ao que acontece com as estipites no barroco espanhol. São formadas por meninos corpulentos e, por cima, conchas, com motivos de pétalas ao modo de Jean Bérain, cujas gravuras certamente inspiraram Marceliano de Araújo⁴³. Sobrepõem-se-lhe jarros ornados de gomos e coroados de grinaldas e plumas de acanto; esferas ornadas de *mosaïque*, das quais saem dois meninos como de um ovo. Terminam as quartelas com meninos brincando por baixo de dosseis, com palmas e outras folhagens⁴⁴.

As banquetas dos retábulos laterais são quase inteiramente preenchidas por nichos vidrados, ornados de quartelas de três andares de mísulas arredondadas de conchas, volutas e pétalas. Cada figura dos nichos assenta sobre peanha e é abrigada por dossel com concha, sobre a qual estão anjos estáticos, fazendo grupo com outros incorporados nas molduras.

A boca da tribuna é rendilhada, tendo no meio do arco um dossel, sobre o qual está uma glória. De cada lado, imagens alegóricas representando a «Fé» e a «Justiça», em composição piramidal, protegida por baldaquinos e sanefas. Todo o conjunto é encimado pelo grupo escultórico da «Visitação», rematado por dossel com cortinas sustentadas por anjos, de grande efeito cenográfico, ao gosto joanino⁴⁵.

Na verdade, neste conjunto ainda estão presentes meninos e pássaros, característicos do estilo nacional, mas tende a dominar a nova linguagem, que se afirmará nas obras posteriores de Marceliano de Araújo, que contudo nunca se vinculará ao formulário de um estilo, primando sempre pela exuberância da sua decoração original.

De interesse, é também o quadro do retábulo, que representa «Nossa Senhora da Misericórdia», com o manto aberto e, por baixo, os suplicantes, curiosamente vestidos à maneira do século XVIII e com as respectivas cabeleiras.

DISTRITO DE VILA REAL

Misericórdia de Chaves

A igreja foi construída nos finais do século XVII. A decoração é, no entanto, já do período joanino. Assim, as paredes da nave são totalmente revestidas de azulejos azuis e brancos, historiados, já atribuídos a Oliveira Bernardes, pela sua qualidade⁴⁶, ou, com reservas, a Valentim de Almeida⁴⁷. Em Santos Simões, apenas é sugerida a produção de Lisboa e a data aproximada de 1735⁴⁸.

Os painéis dispõem-se em dois andares, não contando com o lambril decorativo povoado de querubins. Entre os temas contam-se sobretudo cenas dos Evangelhos («Última Ceia», «Absolvição da Adúltera», «Ressurreição de Lázaro», «Jesus e a Samaritana», «Acalmia da Tempestade», «Bodas de Caná», «Lava-pés», «Cura de um hidrópico por Jesus», «Cura da sogra de Simão»), mas também outros, como «Incêndio de

Sodoma», alegorias, etc. Os fundos são de paisagens e, nos dois últimos dos Evangelhos, de perspectivas arquitectónicas, com pórticos, colunas, pilastras e entablamentos.

O retábulo da capela-mor é de "estilo nacional", com colunas pseudo-salomónicas, semeadas de querubins, folhas de carvalho, cachos de uvas e volutas.

A nave tem um tecto pintado, representando a «Visitação», com a virgem, Santa Isabel, S. José e S. Joaquim, envoltos em sumptuosas roupagens. A pintura está datada de 1743 e assinada por Jerónimo da Rocha Braga⁴⁹.

DISTRITO DE BRAGANÇA

Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta

A igreja data do século XVI, mas a capela-mor sofreu importantes melhoramentos no século XVIII. É possível que esses melhoramentos tenham relação com um milagre sucedido em 1723, ano de grande seca, com a imagem do Santo Cristo da Misericórdia, que, transferida do seu altar para a capela-mor, suou dos dois dedos maiores do pé direito; realizou-se logo uma procissão com a referida imagem, pelas ruas da vila, e imediatamente choveu com abundância.

Seria, portanto, para transferir a imagem de Cristo para a capela-mor, que foram feitas transformações, embora os anos que separam os dois factos possam levantar dúvidas quanto a essa relação.

Assim, e de acordo com documentos publicados, em 1732, foi encarregado de fazer um novo retábulo, o mestre escultor Frutuoso Lourenço Ferraz, de Lagoaça⁵⁰. Pelos mesmos documentos sabe-se que em Novembro de 1734, já falecido o escultor, estava o retábulo pronto, tendo-se feito os últimos pagamentos à viúva. A 24 de Junho de 1735, fez-se a trasladação da imagem do Cristo da capela em que se encontrava, para o novo retábulo da capela-mor⁵¹.

Este, no entanto, ainda não tinha sido dourado. Só em 1742 foi encarregue desta tarefa o pintor Luis Inácio Fortuna, de Castelo Branco, termo de Mogadouro, a quem simultaneamente se encomendou "que as roupas das figuras serão estofadas e incarnadas as que o pedirem a polimento; e que os quadros serão retocados, o respaldo do camarim será pintado como um monte calvario nos lisos fingindo uma cidade, como pede o mesmo passo; os lisos do arco do camarim serão de tintas finas e ouro pintado de brutesco; e toda a mais obra será dourada na forma sobredita tudo com ouro do mais subido..."⁵². Devia ainda o mesmo pintor estofar uma imagem de Santo Agostinho e "dourar o marco do altar da Capela do Manso Cordeiro". Estes trabalhos deveriam estar terminados até o dia de S. João de 1743⁵³.

O mesmo pintor foi encarregue da pintura da abóbada da capela-mor, em Outubro de 1742⁵⁴.

Em Julho de 1743, estava o trabalho pronto e foi aprovado pelos irmãos, que além disso pagaram ao artista mais 24000 réis do que ficara estipulado (380000 réis), já

que este "pintou muitas cousas mais que necessitavam das ditas obras"⁵⁵.

O retábulo de talha dourada reveste totalmente a parede de fundo da capela-mor e enquadra-se no "estilo joanino", com colunas salomónicas, tribuna com dossel e lambrequins, anjos tocando música, figuras orientais policromas, a que se acrescentam ainda as aves e cachos de uvas do estilo anterior.

Neste retábulo foram integrados os painéis de cerca 1570, que já se encontravam na capela-mor, assim como as imagens da padroeira, «Senhora do Amparo», o «Santo Agostinho» e talvez o «Salvador do Mundo», que, contudo, foram reincarnadas e estofadas nesta época.

As pinturas a fresco representam, de cada lado da capela-mor, grandes albarradas, flores e folhagens ornamentais. Do lado do Evangelho, representa-se, também, em *trompe-l'oeil*, a janela exterior da capela.

DISTRITO DO PORTO

Misericórdia do Porto

A igreja da Santa Casa da Misericórdia foi construída em 1559, mas em 1740 já ameaçava ruína, pelo que a 7 de Setembro desse ano se realizou uma reunião para estudar o problema.

Foram então chamados os architectos Nicolau Nasoni, que no Porto já dera provas com a construção da igreja dos Clérigos, e Miguel Francisco da Silva, que de Lisboa fora

colaborar na execução do retábulo da Sé e ali ficou, deixando o seu nome ligado a muitas obras que, na região norte se fizeram⁵⁶. Além destes, foram convocados carpinteiros e pedreiros, alguns dos quais colaboradores de Nasoni. Foi então sugerido que se instalasse "uma série de botaréus aos dois lados da nave e *uma parede de sacada de oito palmos* sobre a parede da sacristia, do lado da Epístola. Numa nova reunião, no dia 14, se pediu aos architectos e restantes oficiais novo exame da obra e decidiu também pedir ao Rei um donativo e recorrer a um peditório na cidade e arredores. Voltaram os architectos e chamaram a atenção para a necessidade de reforçar a parede *que se ha de fazer no vão da viella com as cazas de João Rodrigo*"⁵⁷.

A verdade é que os irmãos nada fizeram durante oito anos, vindo uma pedra da abóbada a abater e sendo reconstruída entre 1749 e 1754, por Manuel Álvares Martins e Nicolau Nasoni, que entretanto entrara na Irmandade em 1743⁵⁸.

No arquivo da Santa Casa, ainda existe o desenho da fachada, realizado por Nasoni. A composição aproxima-se da da igreja dos Clérigos, com três aberturas em arco de volta perfeita, iluminando um estreito nartex abobadado. Os arcos são enquadrados por pilastras lisas, sendo as centrais rematadas por frontão curvo interrompido. No piso superior, abrem-se três janelas, igualmente separadas por pilastras e coroadas por frontões.

No coroamento da fachada, acima da cornija, eleva-se um frontão curvo, em cujo tímpano se inserem as armas reais. No enfiamento das pilastras exteriores, vemos pináculos com fogaréus. No entanto, esta composição é bastante mais simples do que a que se vê no referido desenho, onde as figuras alegóricas da «Esperança» e da «Caridade» se sentavam em frontões invertidos, de cada lado do escudo.

Ao contrário do que acontece nos Clérigos, aqui faltam os símbolos realistas, mas a escultura é mais plástica e o relevo mais profundo. Nas conchas e cartela que encimam os arcos, nas grinaldas do centro, mas, sobretudo à volta do brasão régio, há uma enorme concentração de ornatos⁵⁹.

DISTRITO DA GUARDA

Misericórdia da Guarda

A igreja foi construída no século XVII, mas a porta principal, de arco abatido, é encimada por um escudo com as armas de D. João V. A fachada é ladeada por torres sineiras, de remate piramidal, coroadas por balaustradas, com fogaréus nos ângulos. Ao centro, um baldaquino protege uma imagem da «Virgem da Misericórdia», em jaspe. As janelas são de avental.

No interior, de nave única, os altares e púlpitos são de talha barroca, ao gosto joanino⁶⁰.

Misericórdia de Fornos de Algodres, Guarda

A igreja tem fachada de estilo joanino, com pórtico com volutas e frontão barroco. Foi construída entre 1700 e 1769.

Interiormente, tem uma só nave. De interesse é o tecto da capela-mor, de caixotões, com molduras de talha dourada, dividido em trinta e seis quadros, pintados a óleo, atribuídos a mestre Jerónimo da Cunha, de Vila Ruiva⁶¹.

Misericórdia de Pinhel, Guarda

Construída no século XVI, possui, no altar-mor boa talha dourada barroca⁶².

DISTRITO DE VISEU

Misericórdia de Santa Comba Dão, Viseu

A encomenda do edifício foi feita a Gaspar Ferreira, em 1737, e a sua construção iniciou-se em 1740, sob direcção de António Ribeiro Alves. Gaspar Ferreira, a quem nos referimos noutras ocasiões, é o arquitecto e entalhador de Coimbra, que desenvolveu a sua actividade entre 1718 e 1761, tendo trabalhado sobretudo na Beira Alta e Beira Litoral⁶³.

A talha da capela-mor é já da segunda metade do século XVIII⁶⁴.

Misericórdia de Manqualde, Viseu

Esta foi uma das raras igrejas das misericórdias construída de raiz no reinado de D. João V. A Irmandade da

Misericórdia já existia desde 1613, mas funcionava na igreja paroquial de S. Julião de Azurara⁶⁵.

A construção deveu-se ao empenhamento de Simão Pais Amaral, fidalgo da Casa Real e Provedor da referida Irmandade, vindo a primeira pedra da igreja a ser lançada a 25 de Abril de 1721.

Através de documentos publicados por Alexandre Alves, conhece-se toda a evolução das obras⁶⁶. O autor das plantas de pedraria, que abrangiam a igreja, torre e casas anexas, foi o arquitecto e entalhador de Coimbra, Gaspar Ferreira, a quem foram pagos 4800 réis. Mas as obras foram adjudicadas aos pedreiros Pascoal Gonçalves Guerreiro, João Martins e António Rodrigues, por 890 mil réis⁶⁷. Só depois se pediu autorização régia para o edifício, a qual foi dada por provisão de 30 de Abril de 1722.

A igreja ficou logo pronta ao culto em 1724, possuindo mesmo o mínimo de alfaías necessárias, de que faziam parte "banqueta para o altar-mor, um missal, dois castiçais e umas galhetas de estanho, uma campainha para tanger a santos e uma toalha de pano fino com rendas à volta"⁶⁸.

A sagração teve lugar a 15 de Agosto desse ano, sendo para o efeito a igreja armada de sedas e volantes com música⁶⁹.

Seguem-se as obras de embelezamento do interior, pelo que, a 20 de Novembro de 1729, o entalhador do Porto, que trabalhara no retábulo da Sé, Luis Pereira da Costa, se

comprometeu a fazer os "três retábulos com a respectiva tribuna, assim como o apainelado da capela-mor, o acréscimo do nicho do Santo Cristo da Casa do Despacho, a varanda e as sanefas das janelas da tribuna ... por oito contos e oitenta mil réis"⁷⁰.

Esta obra deveu-se igualmente à vontade de Simão Pais do Amaral, que pagava as madeiras e se obrigava a dar casa ao mestre entalhador e seus oficiais. O facto ficou registado numa lápide em pedra de Ançã, embutida na parede da capela-mor, sob as varandas da Sala do Despacho para a igreja, onde se lê:

"SIMÃO PAES DE A/MARAL FIDALGO/ DE EL REI MANDOV FA/ZER A SVA CVSTA E/STA CAPELA MOR E A / DOTOU E FES A MAIO/R PARTE DAS DESPEZ/AS DESTA IGREIA ANO / DE 1724"⁷¹.

Existe a lista do que nas obras gastou Simão Pais do Amaral. Assim, o "retábulo da capela mor com sua tribuna e trono e forro apainelado dela com as grades ... da tribuna dos irmãos, sanefas entalhadas de um e outro lado que tudo fez o Mestre entalhador Luis Pereira da Costa da cidade do Porto" custou 766 mil réis. A imagem de «Nossa Senhora da Misericórdia», feita e estofada em Braga, custou 28 mil réis; a imagem de «S. Simão Apóstolo», em madeira, feita pelo escultor do Porto, Custódio de Sousa, importou em 12300 réis; a imagem de «S. João Baptista», que foi oferecida pelo filho de Simão Pais, Bernardo Pais Castelo Branco, cavaleiro de Malta, foi 13980 réis⁷².

Existia ainda um painel da «Visitação», proveniente de Roma e colocado ao lado da capela-mor (em 1959, estava já em mau estado, guardado na Sala do Despacho), que juntamente com o caixilho, molduras e sanefa entalhada por cima custara 48740 réis⁷³.

As duas pedras de ançã colocadas na capela-mor, uma com as armas e outra com a inscrição acima referida, foram 22800 réis. A pia de jaspe que tinha vindo já feita de Mafra, foi 3500 réis.

Além disso, e para a ornamentação e paramentação da igreja, foram feitas duas lâmpadas pelo mesmo Luis Pereira da Costa, a que se acrescentou um frontal "de damasco branco, galões e franja", "umas galhetas de prata com seu prato", "um cálice dourado e sua patena feita ao moderno", em Lisboa, e 29 côvados de volante para a cortina da tribuna, aquisições que importaram num total de dois contos e cem mil réis. Os quinze painéis do tecto da capela-mor, pintados em Lisboa, "em linhagem", o seu transporte e colocação, custaram 86440 réis⁷⁴.

Outros documentos informam-nos que as quatro imagens, excepto a da «Senhora da Misericórdia», que representam «S. Simão», «S. João Baptista», «Santa Bárbara» e «S. Bartolomeu», foram todas feitas por Custódio de Sousa, do Porto, que para o efeito se deslocou a Mangualde e as fez entre Maio e Julho de 1730, pelo que recebeu 23600 réis⁷⁵. Depois, José Dias foi encarregue de as limpar e só seis anos depois elas foram douradas e estofadas⁷⁶, pelo mestre José

de Miranda Pereira, que pelo trabalho levou 17 moedas de ouro (1737)⁷⁷.

Entretanto, as obras das Casas prosseguiram, entre 1731 e 1734. A 17 de Maio de 1736, o rei D. João V concedeu, por mais quinze anos, os 20 mil réis da Comenda de S. Julião, para continuação das obras.

Foi o pintor e dourador Francisco de Sousa Peixoto, também do Porto, que dourou o retábulo da capela-mor e tudo do "arco para cima", por 640 mil réis. Finalmente, sabe-se que Domingos Meira fez a porta da sacristia para a torre, e Domingos Lourenço encarregou-se da "obra da torre, casas do Capelão-mor e das tumbas, a varanda da Casa do Despacho, com as escadarias para esta, e o ladrilho da sacristia, com a nova fresta que se abriu para a rua"⁷⁸.

Toda a documentação referida nos mostra como houve a preocupação de recorrer a artistas de fora, mais ou menos prestigiados, para a construção e decoração desta Misericórdia, mas tal facto deveu-se sobretudo ao gosto e iniciativa do seu Provedor, Simão Pais de Amaral. O hospital, no entanto, não chegou a ser construído nesta época.

A igreja liga-se, pelas suas características, ao barroco do Norte e centro do país, acentuando o contraste entre as cantarias e a cal da parede e valorizando o eixo central da fachada. Esta é enquadrada por duas pilastras e limitada inferiormente por um rodapé, tudo em cantaria; as pilastras suportam um entablamento com cornija saliente,

acima dos quais se elevam, no seu enfiamento, dois pináculos.

O portal é rectangular, enquadrado também por pilastras de cantaria, rematadas por mísulas, que suportam uma cornija que funciona como patim da janela superior, de sacada, com gradeamento de ferro, e ladeada por volutas.

De cada lado da porta, estão dois janelões rectangulares, que se ligam por uma cornija a dois nichos com estátuas, coroados por frontão interrompido, formando voluta, com uma urna ao centro.

A fachada é coroada por um frontão em volutas, no qual se abre um óculo elíptico horizontal. Sobre o frontão assenta uma cruz, entre dois pináculos.

Junto à fachada lateral, está a varanda alpendrada da Casa do Despacho, suportada por colunas toscanas, e que tem acesso, a partir do exterior, por uma escadaria de dois lanços em ângulo recto, protegida por corrimão de balaústres, que se prolongam na varanda, junto ao lado direito da fachada.

Os edifícios anexos fazem ângulo com a igreja, a nível da capela-mor, que comunica com a Casa do Despacho. É um corpo rectangular de dois pisos, com janelas rectangulares de moldura de cantaria simples. Dele se destaca a torre, de dois andares acima do edifício, o inferior com um janelão rectangular horizontal e o superior com sineiras, coroado por balaustradas com pináculos nos

ângulos. O remate é recortado, terminando também num pináculo.

O retábulo da capela-mor é de tipo "joanino". Colunas salomónicas, com o terço inferior destacado, enquadram os nichos com as imagens dos santos («S. Simão» e «S. João Baptista»), de cada lado da tribuna. O coroamento é em baldaquino, do qual pendem cortinas, que ladeiam a imagem da Virgem, evocando a composição que enquadra o retrato de D. João V na Universidade de Coimbra.

Os altares laterais são dedicados a Santa Bárbara e S. Bartolomeu, abrindo-se em arco de volta perfeita assente em pilastras. Colunas de tipo salomónico, mas sem o terço inferior diferenciado, enquadram as imagens dos santos. O remate é em frontão curvo, em cuja chave se destaca a cartela que forma a chave do arco exterior. Este inscreve-se num ático com cornija suportada por anjinhos e coroamento barroco.

Complementando a talha, existe um revestimento azulejar. A nave tem painéis recortados, representando, do lado do evangelho, a «Queda do Maná» e, sob o púlpito, emblemas clericais.

O altar dedicado a Santa Bárbara tem um frontal de azulejo com a cartela central figurando a «Flagelação». Na parede, um painel representa as «Bodas de Caná». Entre duas portas, um painel com «S. Martinho de Tours dando a capa um pobre».

No altar dedicado a S. Bartolomeu, o painel correspondente ao frontal de altar está colocado na parede e figura «Jesus no Horto».

Na capela-mor, estão painéis representando o «Jardim concluso» e a «Porta coeli». São de oficina coimbrã, de 1724, e mostram grandes efeitos ilusionistas, em *trompe-l'oeil*⁷⁹.

Apesar da qualidade da decoração, sobretudo a nível da talha, a arquitectura desta igreja não perdeu um certo ar provinciano, que é característico da obra de Gaspar Ferreira, autodidacta que beneficiou da sua participação nas obras da Universidade de Coimbra, de acordo com projectos traçados por outros⁸⁰.

DISTRITO DE AVEIRO

Misericórdia de Arouca

A capela foi construída em 1612, mas sofreu transformações no século XVIII.

Assim a fachada foi alterada, datando desta época os cunhais e a linha da empena, com duas cruzes sobre os postigos, assim como o brasão que se encontra no tímpano, sobre o óculo.

O interior é característico do século XVII, com o seu revestimento a azulejo de tapete, mas à direita está a tribuna dos mesários, rectangular, com balaústres de

castanho. Na verga da porta que dá para a sacristia e outros anexos, foi gravado:

SENDO PROVEDOR MANOELL PR^A BVRGO/ MANDOV FAZER ESTE PORTAL A SVA CV/STA.AN.1714.

Existe ainda um tecto de apainelados de 1773 e um altar, a meio do lado esquerdo da nave, também da segunda metade do século XVIII⁸¹.

Misericórdia de Aveiro

A capela-mor, rectangular, é profusamente decorada com talha dourada e pinturas do século XVIII.

Igreja da Misericórdia de Vila da Feira, Aveiro

Dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, foi fundada em 1594.

O retábulo principal e o colateral direito são de talha dourada, do primeiro terço do século XVIII, integrando-se no "estilo nacional". O altar-mor é enquadrado por duas colunas pseudo-salomónicas, alternando com pilastras. O colateral tem uma sanefa, já da segunda metade do século XVIII⁸².

DISTRITO DE LEIRIA

Misericórdia de Leiria

A Misericórdia foi instituída em 1544⁸³, mas a igreja foi reconstruída no século XVIII, estando ainda por acabar em 1721. A fachada é rematada por um frontão

triangular, sobre uma cimalha com triglifos no friso. No portal, os mesmos triglifos alternam com motivos em ponta de diamante, e duas janelas abrem-se na zona correspondente ao coro.

Interiormente, é uma igreja de três naves, bem iluminadas por oito janelas laterais; o coro assenta em três arcos de pedraria. O tecto é de madeira. A ordem architectónica usada em todo o interior é a coríntia. De cada lado dos púlpitos, dois nichos de pedra abrigam esculturas em madeira, representando os Evangelistas. As duas capelas colaterais têm talha já do final do século XVIII. No altar-mor, está representada, em tela, a «Visitação», também do século XVIII.

Na sacristia, sobre o arcaz, está um retábulo em mármore de várias cores, barroco, com um nicho enquadrado por colunas salomónicas, onde se encontra um «Calvário». O lavabo é já de estilo *rocaille*⁸⁴.

Igreja da Misericórdia, Alcobaça, Leiria

Na capela-mor, as paredes laterais são revestidas com azulejos figurativos, em painéis sobrepostos, representando, de um lado, «Anunciação» e «Ermitões rezando e escrevendo»; de outro, «Visitação» e «Frade em meditação». São de cerca de 1730⁸⁵.

As duas capelas colaterais têm retábulos de talha dourada. Numa delas, encontra-se uma imagem de «Nossa

Senhora do Carmo», bem pintada e estofada, do século XVIII⁸⁶.

Igreja da Misericórdia, Pederneira, Nazaré

Do lado da epístola, à entrada, está uma lápide, datada de 1716, com as obrigações dos Mesários da Instituição⁸⁷.

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

Misericórdia de Castelo Branco

Em 1620, começou a reedificar-se a actual igreja, que é dedicada a Santa Isabel⁸⁸. O Hospital de Convalescentes também foi ampliado a partir desta data, mas não se concluiu.

Em 1735, foi pedido a D. João V o subsídio do real de água da Comarca, para se aplicar às obras encetadas. Este subsídio foi concedido por quatro anos, mas mesmo assim as obras não foram concluídas, pelo que o Provedor Manuel da Fonseca Coutinho pediu novo subsídio, confirmado por alvará régio de 13 de Dezembro de 1740.

Sabe-se que em 1798, o hospital já estava velho e arruinado. Assim, a Misericórdia veio depois a instalar-se num convento de Gracianos⁸⁹.

Misericórdia da Sertã, Castelo Branco

Foi fundada no século XVI, mas conserva do período barroco a talha dourada e os painéis de azulejos da capela-mor, com cenas da vida da Virgem («Visitação», «Anunciação», «Apresentação no Templo» e «Natividade»). O silhar é ornamental, com medalhões de paisagens. As molduras têm anjos. Existe ainda uma janela fingida, com grades. São azulejos datáveis de cerca de 1720-30⁹⁰.

DISTRITO DE SANTARÉM

Misericórdia de Abrantes, Santarém

Foi instituída na primeira metade do século XVI, data da igreja, sendo o hospital do final do século XV⁹¹. Aí se encontram painéis de azulejos do século XVIII. A Casa do Definitório foi construída no início do mesmo século e conserva uma mesa circular, cadeiral e tecto de masseira da época. Decora-a um silhar de azulejos joaninos, de moldura recortada, com uma cabecinha da qual pendem sanefas e urnas sobre pilastras com atlantes. Os azulejos representam as obras de Misericórdia, sendo especialmente interessante o da «Assistência aos Enfermos», onde se vê uma enfermaria aquecida por uma braseira, para purificar o ar, e as camas com dossel, isoladas por cortinados, numa perspectiva que evoca a enfermaria de Mafra. Do lado oposto, no mesmo painel, é representada a «Assistência aos Presos»⁹².

Na antecâmara, escada interior e diversos compartimentos, vêem-se azulejos do tipo "vasos e golfinhos", e, na escada, também há azulejo de figura avulsa de "estrelinhas".

A escada exterior tem um painel de azulejos recortados, que representam «S. Paulo e a mulher de Ananias», tendo ao fundo jogadores de pau. No pátio, noutro painel recortado, está o escudo real português⁹³.

Igreja da Misericórdia, Constância

A porta de entrada do edifício da Misericórdia é do século XVIII⁹⁴.

Misericórdia de Santarém

A igreja-salão data da segunda metade do século XVI, mas sofreu beneficiações no período joanino. Assim, os bocetes das nervuras têm a data de 1714, correspondente à respectiva pintura, com brutescos, que foi realizada por um pintor lisboeta da especialidade, José de Sousa, de acordo com documento revelado por Vítor Serrão⁹⁵.

Também em 1720-21, foi substituído o primitivo ladrilho de barro do pavimento pelo lagedo actual⁹⁶.

Ainda do período joanino, é o tecto da sacristia da mesma igreja, pintado em 1747-48 pelo pintor local Luis Gonçalves de Sena, que ainda mostra dificuldade em fazer o enquadramento perspéctico dos motivos, preferindo os brutescos tradicionais⁹⁷.

Aqui se encontra um arcaz, sobre o qual está um baixo-relevo de madeira, policromada, representando a «Anunciação», entre dois espelhos de moldura dourada, e ao alto está um medalhão de talha, também policromada, representando a «Adoração dos Magos», também do século XVIII.

Na Sala da Irmandade, está um silhar de azulejos azuis e brancos, alusivos às Obras de Misericórdia.

Igreja da Misericórdia, Alcanede

É um edifício do século XVII. O interior tem uma só nave e três altares. Na boca da tribuna, está uma tela do século XVIII, representando o «Pentecostes». A cobertura e as paredes da capela-mor são decoradas com estuques coloridos, em fundo azul.

Existem também imagens do século XVIII, bem pintadas e estofadas. O púlpito, de pedra, é também setecentista⁹⁸.

Misericórdia do Sardoal, Santarém

A igreja data do século XVI, mas tem na nave, um silhar de azulejos, com "vasos e golfinhos", de meados do século XVIII, com rodapé esponjado e remates superiores feitos com balaústres. O arco triunfal é revestido com azulejo de padrão azul e cercadura de folhas de acanto⁹⁹.

Na capela-mor, existe também uma decoração azulejar, com janelas e portas fingidas em tom vinoso e, nos vãos, vasos floridos. Do lado da epístola, há um painel central

com a cena do «Lava-pés»¹⁰⁰. Para Santos Simões, estes azulejos são já de 1770.

Misericórdia de Salvaterra de Magos, Santarém

É uma igreja de uma nave, com capela-mor e dois altares laterais, que interiormente apresenta um conjunto de manifestações barrocas. O tecto de madeira é dividido em dezasseis caixotões pintados com as obras de Misericórdia e episódios da vida da Virgem.

Nas paredes da nave, azulejos azuis e brancos, recortados, com moldura de concheados, policroma, denunciando a época de cerca de 1770¹⁰¹, representam passos da vida da Virgem e de Cristo. São talvez provenientes do Convento de Jericó. No recesso do camarim do Senhor dos Passos, há azulejos de vasos e golfinhos, misturados com outros, mais tardios.

Altars de talha dourada e imaginária policroma completam o conjunto, destacando-se três boas imagens do século XVIII, representando a «Conceição», «S. José» e «S. Joaquim»¹⁰².

Misericórdia de Torres Novas, Santarém

A porta lateral que dá para o adro tem a data de 1733¹⁰³, sendo ladeada por dois pares de colunas coríntias, entre as quais estão nichos sem imagens. Sobre o entablamento, estão três painéis de labores, encimados por ática com edícula que contém o grupo da «Visitação».

Do lado da epístola, no interior da igreja, está montado um presépio característico de meados do século XVIII.

Misericórdia da Chamusca, Santarém

É uma igreja de uma só nave, tendo anexa a sala de reuniões da Irmandade, com tribuna aberta para a igreja. O altar-mor e os laterais são de talha dourada setecentista. Segundo Matos Sequeira, a fundação é de 1740¹⁰⁴.

A bandeira da Misericórdia, do século XVIII, está guardada num armário de formato adequado, pintado e dourado com flores e ornatos.

Misericórdia de Samora Correia, Santarém

No retábulo do altar-mor, encontra-se uma pintura sobre tela, arredondada na parte superior, que representa a «Visitação», obra portuguesa do século XVIII.

Também aí se pode ver uma imagem de madeira policroma, da mesma época, representando «Santa Ana»¹⁰⁵.

DISTRITO DE LISBOA

Misericórdia de Torres Vedras, Lisboa

A igreja foi construída entre 1681 e 1710. No entanto, a porta principal, com duas aletas concheadas, está datada de 1718.

No interior, encontramos elementos decorativos do final do século XVII e inícios do XVIII. A esta época são normalmente atribuídos os retábulos de talha do altar-mor e dos altares colaterais, que contudo revelam estilisticamente duas épocas. Assim, o altar-mor tem um retábulo de "estilo nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas, reentrantes, de cada lado, e prolongando-se nas arquivoltas do coroamento. Ao centro, a tribuna também revestida de talha, tem um trono com a imagem da Virgem. Quanto aos dois retábulos laterais, idênticos, são de "estilo joanino": enquadrados por colunas salomónicas, com o terço inferior estriado e decoração apenas nos sulcos, são rematados exteriormente por pilastras, que sugerem assim o avanço das colunas numa movimentação barroca. Estas apoiam-se em mísulas decoradas com cabeças de querubins e terminam em arranques de frontão curvo, sobre os quais se reclinam anjos segurando uma cartela. Pela sua qualidade, estes retábulos denotam feitura erudita, provenientes certamente de oficina lisboeta. Os três altares têm frontais de couro pintado e lavrado (guadamecis), do século XVIII, muito raros.

No cruzeiro de transepto, dois painéis de azulejo representam a «Deposição da Cruz» e a «Senhora da Misericórdia».

Notável é também a sacristia, em cujas paredes surgem silhares de azulejos com paisagens e cenas profanas, de moldura recortada nos enquadramentos e cartelas centrais. Estes painéis serão de cerca de 1751 e, como os do

transepto, obra atribuída a Nicolau de Freitas¹⁰⁶. De facto, sobre o arco do lavabo, estão as armas dos Teles da Silva e a data da obra do corredor e sacristia - 1751¹⁰⁷.

O arcaz data de 1752. Existe ainda uma mesa de mármore, com pé de balaústre, sobre a qual se encontra um baldaquino de talha dourada, já de estilo *rocaille* - provavelmente da mesma época - que abriga uma pintura da Custódia¹⁰⁸.

Misericórdia de Vila Franca de Xira, Lisboa

É uma igreja de uma só nave com decoração do século XVIII.

Nas paredes da nave, encontram-se painéis de azulejos do século XVIII, alusivos às obras de Misericórdia. Na capela-mor, estão dois painéis, representando «Nossa Senhora da Misericórdia» e a «Visitação». Estes painéis devem ter sido colocados quando da reedificação da igreja depois do Terramoto, datando de cerca de 1760¹⁰⁹. Nas paredes da nave, estão penduradas duas boas telas da mesma época. O tecto é de madeira, tendo pintado o brasão da Misericórdia.

O altar-mor e os colaterais são de talha dourada de "estilo nacional", talvez de fim do século XVII, sendo o principal de arquivoltas assentes em colunas pseudo-salomónicas, decoradas com pássaros e outros elementos. No trono, estão três imagens de um «Calvário»¹¹⁰.

Na sacristia, existem restos de um silhal de azulejos, atribuível ao ciclo oficinal dos Oliveira Bernardes¹¹¹.

DISTRITO DE SETÚBAL

Misericórdia de Palmela, Setúbal

A Misericórdia foi fundada em 1529 e logo em 1566 estava terminada uma campanha de obras, de acordo com inscrição na verga da porta.

Existiu outra campanha, no século XVII, a que deve corresponder o revestimento azulejar do tipo tapete, azul, amarelo e branco.

Em 1713, depois do incêndio sofrido pela igreja de S. Pedro, em 10 de Abril, parece que a actividade religiosa da freguesia passou para a Misericórdia, mas isso não está comprovado por documentos¹¹².

Em 1732, por ameaçar ruína, foi restaurada a fachada da igreja, por decisão tomada em 13 de Julho, em reunião da Mesa da Irmandade, sendo Provedor Luis Gonçalves Barrocas. Depois de examinada a mesma fachada por oficiais e mestres pedreiros, os irmãos "determinaram que à vista do referido, se fizesse logo toda a obra necessária com a pressa que fosse possível, e como os ditos mestres e oficiais informaram ser conveniente que todas as paredes se fizessem de novo, por estarem bastante arruinadas té o alicerce,

tomaram acordo se passassem editais nas vilas de Setúval, Azeitão e nesta de Palmela... para efeitos de se fazer a dita obra, por arrematação, a quem mais barata, e com melhor cómodo a quisesse tomar, dando as fianças necessárias conforme um risco que para isto se mandar fazer, tudo por conta dos bens desta Santa Casa..."¹¹³.

As obras estavam prontas em Julho de 1734, já que a 2 desse mês foram feitas as contas finais com o arrematante das obras de pedreiro e canteiro e, em Novembro, com o empreiteiro dos trabalhos de carpintaria. Luis Marques foi quem assumiu a empreitada de pedreiro e canteiro. As obras seriam avaliadas e medidas pelo engenheiro sargento-mor Francisco Pereira da Fonseca, pago em partes iguais pela Misericórdia e pelo mestre das obras¹¹⁴. Nada é dito quanto ao autor do projecto, que poderia eventualmente ser o mesmo engenheiro.

As obras de carpintaria estiveram a cargo de Manuel da Silva, sendo neste caso as avaliações feitas pelo mestre pedreiro Luis Marques e por outro carpinteiro, António Costa.

O dinheiro para as obras foi parcialmente conseguido através de um pedido ao Papa, para que libertasse a Misericórdia de pagar dotes, a que estava obrigada, nos anos de 1733 e 1734, pois estava empenhada nas obras em que então se envolvia. A importância era de cem mil réis. No ano de 1735, a Misericórdia só ficou obrigada a dar dois dotes e os

que se vencessem nos anos seguintes (até 1752, data em que pela última vez foram registados)¹¹⁵.

No alto das paredes, há cinco painéis de azulejos, com vasos floridos, cópia de vasos chineses, que devem ser dos inícios do século XVIII¹¹⁶.

Os edifícios do hospital, igreja e anexos chegaram em ruínas aos nossos dias, tendo a igreja sido restaurada em 1988-89.

A igreja, como outras pertencentes a Misericórdias, é formada por uma única nave, sem capela-mor, com altar principal e dois colaterais, a ele ligados. O principal é do tipo "nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas, continuando-se nas arquivoltas. Acima destas, o espaço que faz a adaptação ao perfil da cobertura (em trapézio) é preenchido por talha, com enrolamentos barrocos. Os altares colaterais são do mesmo tipo, mas com uma única coluna e pilastra exterior. São coroados por ático, no qual se inscrevem duas volutas, à maneira de frontão.

Misericórdia de Vila Noqueira de Azeitão, Setúbal

A igreja é do século XVII, mas possuía uma tela do século XVIII, representando a «Visitação», obra de Francisco Pinto Pereira, pintor que entrou na Irmandade de S. Lucas em 1720¹¹⁷. Segundo Joaquim Rasteiro, num livro do Cartório da Irmandade, o escrivão da Mesa dava notícias de obras feitas na igreja em 1738 e da colocação da tela no altar em 1743: "Em 17 de Fevereiro de 1743 foi colocada na boca da tribuna

da capela-mor um quadro da Visitação de Santa Isabel, pintado por Francisco Pinto Pereira, tendo o valor de 72\$000 réis, custou à irmandade 38\$400 réis porque o restante deu o autor de esmola¹¹⁸. No entanto, a igreja sofreu reformas na segunda metade do século XVIII e a tela já não se encontra no local.

Misericórdia do Barreiro, Setúbal

Foi erigida nos finais do século XV e modernamente remodelada. Do século XVIII, conserva, na nave, um silhar de azulejos de vasos e golfinhos, de cerca de 1740¹¹⁹. Na capela-mor, subsistem painéis de azulejos da primeira metade do século XVIII, representando, do lado do evangelho, «Nascimento de S. João Baptista» e a «Caridade», e, do lado da epístola, «Visitação» e «S. João Baptista»¹²⁰.

Misericórdia de Grândola, Setúbal

Embora desaparecida, conservam-se em colecção particular (de José Manuel Martins) os painéis figurativos da nave, assinados "*Policarpo de oliveira Bernardes o fes*" e representando as obras de misericórdia¹²¹.

DISTRITO DE PORTALEGRE

Misericórdia de Portalegre

O edifício do Hospital foi instalado no século XVIII, junto à igreja do Espírito Santo. A fachada é de

características barrocas, sublinhada por pintura amarela, que parece fazer ainda ressaltar a parede caiada de branco. Está dividida em cinco panos, pelos cunhais e por pilastras, sendo as do pano central simples, pintadas de amarelo, e as dos extremos, assim como os cunhais, duplas, com uma parte lisa, pintada de amarelo e outra de cantaria aparelhada. Cada um dos quatro panos laterais é rematado por frontão curvilíneo, também sublinhado a amarelo e tendo, ao centro, uma urna assente em mísula no tímpano do frontão. Cada um destes panos tem três andares de janelas, sendo as inferiores de peitoril, as do primeiro piso de sacada saliente, coroadas por frontão curvilíneo, e as do último piso de sacada de ferro ao nível da fachada, também coroadas de frontão curvo. O corpo central eleva-se acima dos outros, com espaldar sem apoio, também coroado por frontão curvo, com uma espécie de mísula ao centro. Tem apenas duas aberturas, uma correspondente ao portal que abrange os dois pisos inferiores e outra idêntica às janelas do último piso, a que pertence. Enquadrando o portal, está um arco com as cantarias bem marcadas. A porta de arco abatido é ladeada por pilastras terminando em arranques de frontão segmentar, que se abrem pare receber um plinto onde assentam as armas. No mesmo eixo, na parte superior do pano central, surge outro símbolo, envolvido por moldura recortada, também pintada de amarelo.

Surge assim uma fachada de aparato, dentro da tradição da arquitectura joanina, mas com certo cunho

regional, que lhe é dado sobretudo pela intervenção da cor¹²².

O pórtico dá acesso a um pátio do qual partem duas escadarias de mármore, que conduzem ao andar nobre.

A igreja, que é do século XVI, tem as paredes forradas com azulejos azuis e brancos dos inícios do século XVIII; a meio das paredes, os painéis representam cenas da «Vida da Virgem», de desenho fraco¹²³.

Igreja da Misericórdia ou do Espírito Santo,

Alpalhão

O exterior da igreja é simples; foi edificado no século XVIII¹²⁴.

Capela da Misericórdia, Alter do Chão

Tanto a capela como o hospital e anexos são do século XVIII, não havendo vestígios da construção primitiva.

A fachada tem porta coroada por um pequeno tímpano e janela com vergas e ombreiras decoradas. Na enfiada dos cunhais estão duas pequenas pirâmides e uma sineira, na fachada lateral.

O interior é de nave única com capela-mor e dois altares colaterais, um dedicado ao «Sagrado Coração de Jesus» e outro a «Santa Ana»; são de talha com baldaquinos de talha dourada e pintada. O púlpito é também de madeira entalhada e dourada, com baldaquinos.

Tem azulejos na capela-mor, de tipo ornamental, em silhar levemente recortado. Ao centro, estão dois enormes anjos, segurando um medalhão sem atributo. Nas paredes do arco triunfal, estão azulejos de figura avulsa, com cercadura de acantos, tendo, aos cantos, máscaras. Devem datar de cerca de 1740¹²⁵.

O edifício da Misericórdia apenas tem de notável o pórtico, em cantaria trabalhada com um escudo¹²⁶.

Capela da Misericórdia, Crato

Foi construída no século XVII, mas a decoração interior é da centúria seguinte. Os altares são de talha dourada e policromada, com baldaquinos recortados e o púlpito é do mesmo género. À direita, encontra-se uma tribuna, com balcão recortado, porta e assentos em talha para os mesários e uma grande cadeira para o Provedor¹²⁷.

Capela da Misericórdia, Cabeço-de-Vide, Fronteira

Foi construída no século XVI, mas sofreu muitas alterações no século XVIII. A porta é encimada por um escudo de mármore, com as armas de Portugal.

O interior tem nave e capela-mor, tendo esta um altar de mármore preto e branco, executado ao gosto da época joanina, com uma pintura em tela. Do lado da epístola, está a tribuna dos mesários, em alvenaria trabalhada¹²⁸.

Igreja da Misericórdia, Fronteira

Fundada no século XVI, foi bastante alterada no século XVIII. Na fachada, o frontão e remates são deste último período.

No interior, a nave é decorada com estuques policromados do século XVIII, em quadros relevados em que estão representados o «Ecce Homo», «Cristo atado à coluna», «Flagelação» e «Coroação de Espinhos».

O altar-mor é de talha dourada dos inícios do século XVIII e tem a imagem da «Senhora da Glória»; outros relevos em estuque representam o «Senhor Morto», o «Caminho do Calvário» e o «Calvário»¹²⁹.

Misericórdia de Monforte, Portalegre

Nesta capela estão azulejos provenientes do Convento do Bom Jesus, representando «Santa Isabel» e datáveis de cerca de 1750¹³⁰.

Capela da Misericórdia, Galveias, Ponte-de-Sor

É um pequeno edifício, reconstruído no século XVIII, com frontaria recortada. A porta é coroada por um frontão interrompido, onde assenta a janela e no cimo está o escudo com as armas de Portugal.

No interior, a capela-mor é de alvenaria e, no altar, está uma maquineta em talha da época de D. João V com «Santa Ana»¹³¹.

Igreja da Misericórdia, Souzel

O corpo desta igreja é todo revestido por um silhar de azulejos azuis e brancos, dividido em painéis, nos quais estão representadas cenas do Antigo Testamento e Profetas. Na capela-mor, estão dois painéis, representando a «Ceia» e a «Entrada em Jerusalém». São azulejos da primeira metade do século XVIII, que se combinam com o retábulo do altar-mor, em talha dourada, com quatro colunas pseudo-salomónicas, característico de inícios do século XVIII¹³².

Misericórdia de Elvas, Portalegre

O actual edifício foi construído entre 1742 e 1752. O pórtico de mármore é encimado por um escudo com as armas de Portugal e, à altura do andar nobre, tem um nicho com a imagem de «Nossa Senhora do Amparo». A escada de mármore é de três lanços e tem ao alto uma edícula, com uma imagem da mesma invocação. As portas do patamar têm guarnições de mármore e pequenos frontões. Na Sala do Consistório, está um silhar de azulejos azuis e brancos, com passos da vida de Santa Isabel e S. João Baptista. Nos vãos das janelas, estão eremitas. São azulejos de cerca de 1740¹³³.

No corpo da igreja, sobre estrados, estão três bancos do século XVIII, forrados de cabedal, que serviam aos mesários.

Na sacristia, as paredes são revestidas por silhar de azulejos azuis e brancos, com cenas profanas, em

medalhões ovais, mas mais tardios que os anteriormente referidos. O tecto tem pinturas da época¹³⁴.

DISTRITO DE ÉVORA

Misericórdia de Estremoz, Évora

Existem painéis de azulejo pertencentes à igreja (recolhidos numa residência local, do dr. Assis Santos), provenientes de olaria de Lisboa, datados de 1712(?), azuis e brancos, com vastas barras e complicada decoração naturalista, com querubins, anjos, animais lutando, volutas e grinaldas do período final do barroco, representando temas bíblicos.

Santos Simões refere a existência na igreja (actual Centro Republicano) de grandes composições, com cercaduras de querubins, representando as obras de misericórdia, que forram totalmente as paredes e o arco de entrada; atribui-os à oficina dos Oliveira Bernardes¹³⁵.

Junto à Misericórdia, existe o Oratório de Nossa Senhora da Guia, de 1719-26, fundado a expensas do Provedor Fernando Pimentel. Construído em alvenaria, de pilastras pintadas de azul, volutas laterais e tímpano redondo, fechado com gradeamento. O interior é envidraçado com um painel de azulejos representando as Alminhas do Purgatório e a insígnia PNAM. Até ao fim do século XVIII, possuiu um retábulo barroco de talha dourada.

No chão de adobes, está a placa de mármore, com a inscrição: "FERNAÕ. DA MESQ.ta PIM.eL SEN/DO PROV.or DESTAS S.tas CA/ZAS OS ANNOS DE 1719 TE. O DE 721 MAN/DOV DAR PRINCIPIO AO/BRA DOS PILLARES. E DE GRAO. DE PEDRA. GRA/DES DE FERRO E LAGEAD/O DE ADOBES. DESTE ATRI/O. Q. SENDO PROVEDOR / O ANNO DE 1725. PERO O DE 1726 CE ACABOV. DE FAZE/R. E TVDO. A SUA CVSTA"¹³⁶.

Misericórdia de Évoramonte, Estremoz

A igreja data do século XVI. Mas a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia teve os seus estatutos aprovados por alvará de D. João V de 16 de Maio de 1739.

A nave está integralmente revestida, até à sanca, de azulejos azuis e brancos, provavelmente da oficina de Policarpo de Oliveira Bernardes. Tem um silhar alto de albarradas e painéis historiados, representando as «Obras de Misericórdia», espirituais e temporais. Santos Simões, ao contrário de Túlio Espanca, considerou-os de cerca de 1760¹³⁷.

Sobre o óculo da porta, uma tabela de dois anjos sobre volutas enroladas, elemento decorativo que separa os quadros que compõem o conjunto.

A capela-mor tem cenas bíblicas, como o «Casamento de Ester» e a «Decapitação de Holofernes», e, no tecto, cenas marianas, como a «Anunciação». «Visitação» e «Fuga para o Egipto»¹³⁸. Pelas suas características, são da mesma oficina dos da nave.

O retábulo do altar é de talha dourada, "joanina", com quatro colunas salomónicas. O frontão é curvilíneo e o camarim de arco de volta perfeita, tudo em talha dourada.

Na sacristia, está um lavabo de mármore, barroco, com volutas e máscara antropomórfica¹³⁹.

Misericórdia do Vimieiro, Évora

A construção da igreja foi iniciada nos meados do século XVI.

No interior, existe um retábulo de talha dourada, de cerca de 1750, com colunas salomónicas e tímpano guarnecido de anjos atlantes, volutas e ornatos, com o escudo real da mesma época. A tribuna é profunda, de arco de volta perfeita, com cobertura almofadada com ornatos e arabescos dourados.

A cadeira do Provedor é de "estilo joanino", em madeira, com braços, pernas e espaldar recurvos, sendo este terminado em vieira. As costas e o assento são de cabedal, o pé de garra e o revestimento de pedraria miudinha. Data de cerca de 1750¹⁴⁰.

Igreja do Espírito Santo (ou da Misericórdia), Vila

Viçosa, Évora

Esta igreja possui três sinos de bronze fundido, um dos quais tem a legenda: "IHS. 1717".

No interior, o púlpito que é renascentista, foi deslocado para a actual posição, em 1727, data em que no seu antigo lugar foi feito o altar do Loreto.

Este, dedicado a Nossa Senhora do Loreto, foi contratado em 24 de Maio de 1727, entre o juiz da Irmandade, Manuel Lobo da Silva e os mestres entalhadores Manuel de Oliveira Leal e Francisco Freire, pela importância de 72000 réis. O altar então realizado, é de talha dourada, com arco de volta perfeita, completamente revestido de lambrequins, cabeças de anjos e figuras de profetas. O retábulo propriamente dito é protegido por dossel e tem cariátides com cestos, suportando pilastras, e assentes em mísulas com meninos-atlantes. No coroamento, está uma tabela, em alto-relevo, com a «Virgem e o Menino, protectores da Igreja». O frontão é entrecortado e nele se apoiam quatro serafins. No camarim, está a imagem da «Virgem com o Menino», obra possivelmente de origem espanhola, e com a particularidade de as figuras terem os rostos negros. Em mísulas laterais, estão as imagens estofadas, de «Santa Ana» e «S. Joaquim».

A Capela do Santíssimo Sacramento, que foi reformada em 1750, conserva talha dourada e policromada sobre o arco de volta perfeita, do início ainda do período "joanino". Um grupo de anjos e aves simbólicos ladeiam o dossel da «Veneração da Santa Partícula». Do altar primitivo são os dois ceroferários, setecentistas, em madeira policroma, que estão na banquetta.

A sacristia privativa da corporação das Almas, foi construída no reinado de D. João V. É de planta rectangular e coberta por caixotões de madeira lisa, apenas com um pingente dourado no eixo. Tem acesso por um corredor estreito, coberto por abóbada abatida, pintada a óleo, com uma representação das «Almas do Purgatório», com uma tabela devocional e ornatos concheados de estilo rococó, datada de 174[9] (?).

O revestimento das paredes laterais é de azulejos, figurando as «Almas» e «S. Miguel Arcanjo», além de pecadores ou eremitas, tudo enquadrado por molduras de folhagem rococó. Para Santos Simões, são azulejos de cerca de 1745¹⁴¹, enquanto Túlio Espanca os considera também da época da pintura do tecto, mas os aproxima da oficina de Policarpo de Oliveira Bernardes, do qual, de facto, não se conhecem obras deste período. O lavabo é enquadrado por dois anjos venerando a Santa Cruz e cenas profanas de paisagens e marinhas, com barcos navegando a remo.

O paramenteiro tem oito gavetões almofadados e fechos de metal estanhado; o espaldar enche o fundo da sala e tem, ao centro, um nicho de talha dourada destinado a um «Crucifixo»¹⁴².

A capela-mor tem revestimento azulejar de silhares de inícios do século XVIII, com festões barrocos, envolvidos por meninos brincando com aves, obra atribuível à oficina de António de Oliveira Bernardes.

A sala do Consistório mantém o aspecto que lhe foi dado em meados do século XVIII, com discretas janelas gradeadas e de ombreiras de mármore nas lojas, e balcão de sacada, com verga curva e ferragem de transição D. João V-D. José. Na sala, estão cadeiras de braços ou de costas altas, em lira, da época joanina, com pernas curvas e pés de garra.

A sala tem o tecto decorado com estuques tendo ao centro o emblema com as armas da instituição, pintado a óleo, e, nas paredes, azulejos de figura avulsa.

O portal de acesso ao Consistório, de mármore branco, tem na verga e peanhas das jambas, uma inscrição latina, certamente aproveitada da obra anterior, com a data de 1710.

Na face nordeste do claustro hospitalar, está a antiga Capela dos defuntos, com portada de calcário, de verga triangular, decorada com tabelas geométricas. O tecto é de caixotões de estuque e o arco do altar, com pilastras emolduradas, revelam o gosto joanino de cerca de 1750.

Da enfermaria de S. José, foi desmontado um retábulo de mármore policromos, com pilastras revestidas de serafins e empena com palmetas e rosetas em baixo-relevo, também da época de transição D. João V - D. José¹⁴³.

Misericórdia do Alandroal, Évora

Sofreu uma completa transformação no reinado de D. João V, datando desta época o retábulo da capela-mor, de talha dourada, e os painéis de azulejos que revestem

totalmente as paredes da capela-mor, até à sanca, em composições ornamentais que envolvem as portas laterais. De cada lado há um painel, ao centro do qual estão cenas do «Lava-pés» e da «Ceia». São azulejos de transição do barroco para o rococó, datáveis de cerca de 1740¹⁴⁴.

Misericórdia de Redondo, Évora

Situa-se no interior do Castelo e é de origem manuelina.

A capela-mor tem as paredes forradas de azulejos representando as Obras de Misericórdia temporais e assuntos bíblicos, com cercaduras florais, enriquecidas com anjos e cariátides. Cenas geminadas denunciam oficina de Lisboa dos fins do primeiro terço do século XVIII, que Santos Simões identifica como sendo a de Bartolomeu Antunes¹⁴⁵.

O retábulo é de talha dourada de "estilo joanino", com colunas salomónicas cobertas de anjos, segurando parras e uvas, e lambrequins de folhagem com vieiras. O frontão tem na arquitrave duas figuras esculpidas, policromas, vestidas à romana e, no eixo, o escudo régio. A tribuna é forrada de talha e tem um Cristo mais antigo¹⁴⁶.

Misericórdia de Olivença, Badajoz, Espanha

Sabe-se que D. João V em 1716 passou por Olivença e talvez se lhe deva o retábulo da capela-mor desta igreja. Este retábulo, segundo Ayres de Carvalho, revela a gramática decorativa característica de Claude Laprade, nos atlantes,

ornamentos e figurações, como no baixo-relevo que substituiu a tela, representando a «Misericórdia», cujo manto é levantado por dois anjos¹⁴⁷.

Todas as paredes da igreja, até à sanca, estão revestidas com painéis de azulejos, representando episódios bíblicos e as «Obras de Misericórdia», assinados, à direita, no pano interior da fachada principal: "*Pintou o M.^{el} dossantos. Anno de 1723*"¹⁴⁸.

Os azulejos são identificados com legendas em latim e foram a primeira obra deste pintor, discípulo de Oliveira Bernardes, que Santos Simões conheceu¹⁴⁹.

Misericórdia de Évora

Como acontece com outros templos, este teve um importante revestimento azulejar e recebeu alguns altares de talha, entre o final do século XVII e os meados do século XVIII. Foi, além disso, enriquecida por um conjunto de pinturas a óleo, sobre tela.

Nas paredes da nave, existe um alisar historiado de azulejos azuis e brancos, datados de 1716 e atribuíveis à oficina de António de Oliveira Bernardes¹⁵⁰. Foram encomendados pela Mesa, em 4 de Setembro de 1715, ao empreiteiro Manuel Borges, e ostentam a data na moldura da porta lateral da nave, do lado da epístola. Os sete painéis principais são alusivos a «Obras de Misericórdia» e têm legendas em latim.

Todos os painéis são enquadrados por barras de carácter barroco, divididas por pilastras coríntias com faixas naturalistas e cercaduras de anjos lutando com dragões. Inferiormente, surgem cartelas elípticas, de temática mítica ou bíblica, também com legendas em latim, ladeadas por serafins e querubins de albarradas ou em concepção arquitectónica. Estes azulejos devem ser de outro artista que não António de Oliveira Bernardes, sendo atribuíveis a colaborador da sua oficina, possivelmente Teotónio dos Santos¹⁵¹.

Entre o altar-mor e a Capela do Santíssimo, no rodapé, está representado um anjo de grandes dimensões, segurando um escudo com os símbolos das chagas de Cristo.

Na base do altar-mor, existe outro revestimento de azulejos da mesma série, com quatro pequenos quadros, com símbolos da Misericórdia.

O sub-coro é totalmente revestido com azulejos representando arquitecturas perspectivadas, nichos, pórticos, urnas, albarradas e cartelas ovóides com santos eremitas: «Santa Maria Egipcíaca», «Santa Tais», «S. Paulo» e «Santo Antão».

Acima do alisar da nave, existe um conjunto de telas alusivas às obras de Misericórdia Corporais (Dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar pousada aos peregrinos, vestir os nus, visitar os enfermos e encarcerados, remir os cativos, enterrar os mortos). Estão assinados e datados, no penúltimo painel referido: "JOZEPHVS

XAVERIUS FECIT AN. D / MDCCXXXVII", o que significa que são obra do pintor eborense Francisco Xavier de Castro.

Notáveis são as molduras de talha barroca, dourada e policroma, separadas por cariátides segurando sanefas de flores, plumas e outros atributos de carácter mitológico.

A planta da igreja é de sala única, como acontece noutras igrejas das Misericórdias, pelo que este conjunto decorativo da nave se liga directamente ao retábulo principal e colaterais, que constituem uma só composição, formando uma verdadeira parede de ouro.

O retábulo do altar-mor é, para Túlio Espanca, do final do século XVII¹⁵², embora Robert C. Smith, que o aproxima estilisticamente do de Santo Antão, da mesma cidade, o considere de cerca de 1716, data do azulejamento da igreja¹⁵³.

O retábulo principal é enquadrado por duas altíssimas colunas pseudo-salomónicas, assentes em mísulas, que são das primeiras a conter meninos em forma de atlantes, facto que faz considerar prematura a datação de Túlio Espanca e torna mais aceitável a de 1716¹⁵⁴. O que é certo é que o seu douramento foi realizado a partir de 1729, data em que a Mesa entregou a empreitada ao pintor e dourador Filipe de S. Tiago, residente em Évora, pela quantia de 490000 réis.

O retábulo principal tem uma pintura representando a «Visitação de Santa Isabel» cobrindo o trono, tela do século XVIII, e outra tela, de carácter popular, da mesma época,

representando «S. Miguel Arcanjo», na Capela do lado da Epístola.

Da época joanina, existem ainda duas credências, de cerca de 1750, de madeira dourada, funcionando como banquetas sob as peanhas das colunas axiais do altar. Têm pernas e tampos recurvos, pés de garra e aventais concheados, representando os ornatos de talha, vieiras e palmetas.

Na Capela do Santíssimo, existe uma imagem de «S. João de Deus», de madeira estofada e dourada, dos primeiros anos do século XVIII.

Na Sacristia, em maquineta de talha, existe também uma escultura do «Menino Jesus», em madeira, ricamente vestido, sentado num cadeirão estofado, de braços, decorado com placas de prata branca, rendilhada, dos inícios do reinado de D. João V.

Do século XVIII, é ainda a estante giratória, com um emblema da Ordem Franciscana¹⁵⁵.

Na verdade, toda a campanha decorativa do período joanino alterou totalmente o espaço interior desta igreja, numa combinação de talha dourada, pintura e azulejo, além de peças de mobiliário.

No hospital, num corredor, ainda se encontra um silhar de azulejo azul, datado de 1726¹⁵⁶.

DISTRITO DE BEJA

Misericórdia da Vidiqueira, Beja

Na capela-mor, do lado do evangelho, está um painel de azulejos com barra de folhas encurvadas, tendo a representação tradicional de «Jesus e a Samaritana». Num azulejo, junto aos pés de Cristo, está a assinatura: "Ant^o p.¹a f.". Junto ao altar está uma guarnição de azulejos, cujo motivo central é um pavão, também de António Pereira¹⁵⁷, pintor activo nos inícios do século XVIII, mas acerca do qual pouco se sabe¹⁵⁸.

REINO DO ALGARVE - DISTRITO DE FARO

Misericórdia de Alcantarilha, Silves, Faro

O retábulo da capela-mor é datável do segundo quartel do século XVIII, embora com pinturas posteriores. Tem reminiscências da fase anterior - "estilo nacional" - ao apresentar um coroamento fechado em semi-círculo, delimitado por arquivoltas que prolongam as colunas torsas que ladeiam a tribuna, separadas por um painel decorado com enrolamentos e outros motivos barrocos, que também se estende ao tímpano, onde é dividido em aduelas, tendo como chave uma cartela com as chagas de Cristo, suportada por anjinhos. As colunas já se aproximam do tipo salomónico, com diferenciação do terço inferior e decoração apenas nos sulcos. O enquadramento da tribuna é feito por dois colunelos torsos do mesmo tipo¹⁵⁹.

Misericórdia de Tavira. Faro

O retábulo da capela-mor, em talha dourada, apresenta duas fases de execução: a primeira, de 1722, e a segunda dos anos quarenta, em que se acrescentou um novo remate, com baldaquino em talha dourada e vermelha, com cortinas seguras por anjos de vulto perfeito.

O retábulo original é de "estilo nacional", com dois pares de colunas torsas, sem diferenciação do terço inferior do fuste e prolongando-se nas arquivoltas, em cujo fecho surge uma cartela com as armas, segura por anjos. A tribuna é ampla, com o trono em forma de taça, donde sai um pedestal em que assenta uma glória coroada, sendo a coroa segura por dois anjos. À frente do trono, está o grupo da «Visitação» (Virgem e Santa Isabel), também de 1722.

O retábulo de Nossa Senhora das Dores, também em talha dourada, é originalmente de 1722, mas sofreu acréscimos, com dois nichos sobrepostos, envidraçados, tendo o inferior a imagem da Virgem e o superior, um Cristo na cruz, já do século XIX. Do retábulo original restam as colunas torsas do enquadramento, com o respectivo entablamento e parte do ático.

O retábulo de Nossa Senhora da Conceição, também de 1722, mostra-nos o que seriam originalmente os dois retábulos colaterais: é enquadrado por duas colunas torsas, que suportam o entablamento, sobre o qual assenta um ático de perfil triangular, todo preenchido com ornatos barrocos e

encimado por uma coroa. Ao centro do retábulo, uma tela circular barroca, de certa qualidade, representando «Nossa Senhora da Conceição», entre anjos e nuvens¹⁶⁰.

A nave da igreja possui revestimento azulejar, com as «Obras de Misericórdia», datado de 1760¹⁶¹.

MADEIRA

Misericórdia do Funchal (desaparecida)

Quando a capela que servia a Misericórdia foi demolida, retiraram-se o retábulo de talha do altar e quatro painéis de azulejos, com cenas marianas, de boa execução, embora incompletos¹⁶².

NOTAS:

- ¹Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Barcelos, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 9, p. 83
- ²J. J. Ferreira Alves, "Vilalobos, Engenheiros" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1989
- ³Miguel Soromenho, Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura, Departamento de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1991, vol. I, p. 170
- ⁴Luis de Figueiredo Guerra, Esboço histórico - Viana do Castelo, Coimbra, 1877, p. 79
- ⁵José Rosa de Araújo, A Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, 2ª ed., Santa Casa da Misericórdia, Viana do Castelo, 1983, pp. 9-16
- ⁶Miguel Soromenho, op. cit., pp. 165-166
- ⁷José Rosa de Araújo, op. cit., pp. 21-22; José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989. pp. 11 e 225
- ⁸Reinaldo dos Santos, O Azulejo em Portugal, Lisboa, 1957, pp. 118-119; esta opinião é confirmada por Flávio Gonçalves, em nota de rodapé a J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, Elenco, p. 92, notas 123 e 124 e p. 369, nota de rodapé de Flávio Gonçalves.
- ⁹José Rosa de Araújo, op. cit., p. 33
- ¹⁰Idem, ibidem, p. 43
- ¹¹Idem, ibidem, p. 45
- ¹²Idem, ibidem, p. 47
- ¹³Idem, ibidem, p. 51
- ¹⁴Idem, ibidem
- ¹⁵Idem, ibidem, pp. 55-57
- ¹⁶Idem, ibidem, p. 58
- ¹⁷Carlos de Azevedo, Baroque Organ-cases of Portugal, Amsterdam, 1972, «Bibliotheca Organologica», vol.50, pp. 39 e 118-119
- ¹⁸José Rosa de Araújo, op. cit., pp. 71-72
- ¹⁹Idem, ibidem, p. 73
- ²⁰Idem, ibidem, p. 77
- ²¹João Vieira Caldas, Paulo Varela Gomes, Viana do Castelo, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 10, pp. 67-70
- ²²António P. de M. dos Reis, A Misericórdia de Ponte de Lima, Separata de «Almanaque de Ponte de Lima», 1980, pp.3-4
- ²³Idem, ibidem, p. 5
- ²⁴Cabidos Gerais, 1641-1764, fl. 129 v., in op. cit.
- ²⁵Testamento nº 63 da Arca da Sala do Consistório, in op. cit.

- ²⁶ *Cabidos Particulares, 1717-1740*, fl. 264 v., in op. cit., pp. 5-6
- ²⁷ *Definitórios, 1731-1862*, fl. 12 v., op. cit., p. 6
- ²⁸ *Definitórios*, fl. 15, in op. cit.
- ²⁹ *Livro que serve para o recibo e despesa dos rendimentos do nosso irmão Paulo Pereira de Mesquita*, fl. 45-49, in op. cit.
- ³⁰ Documento 21 da Arca da Sala do Consistório, in op. cit.
- ³¹ António P. de M. dos Reis, op. cit., pp.6-7
- ³² *Definitórios*, fl. 16, in op. cit.
- ³³ Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 83
- ³⁴ António P. de M. dos Reis, op. cit., p. 7
- ³⁵ *Cabidos Particulares, 1740-1751*, fl. 136 v. in op. cit.
- ³⁶ *Livro que serve para o recibo e despesa dos rendimentos do nosso irmão Paulo Pereira de Mesquita*, fl. 45-49, in op. cit., p.8
- ³⁷ *Cabidos Gerais, 1641-1764*, fl. 216 v., in op. cit., p.3
- ³⁸ *Definitórios, 1731-1862*, fl.23 v.-24, in op. cit., p.3
- ³⁹ *Cabidos Gerais, 1740-1751*, fl. 138 v. in op. cit., p. 8
- ⁴⁰ J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, ed. do Reader's Digest, Lisboa, 1976;
- C. A. Ferreira de Almeida, Alto Minho, Editorial Presença, Lisboa, 1987, «Novos Guias de Portugal»
- ⁴¹ Robert C. Smith, Marceliano de Araújo, Escultor bracarense, Nelita Eda, Porto, 1970; ver também o artigo de Natália Marinho Ferreira Alves, "Araújo, Marceliano de", in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- ⁴² Robert C. Smith, op. cit., pp. 23-28
- ⁴³ Idem, ibidem, p. 29
- ⁴⁴ Idem, ibidem, pp. 31-32
- ⁴⁵ Idem, ibidem, pp. 32-33
- ⁴⁶ Sant'Anna Dionísio, Guia de Portugal, 5º vol, 1º tomo - Vila Real, Chaves e Barroso, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1969, pp. 424-425
- ⁴⁷ José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 231
- ⁴⁸ J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 114-115
- ⁴⁹ J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- ⁵⁰ Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, "Os retábulos da Igreja da Misericórdia de Freixo de Espada-Cinta" in Museu, nº 9, 2ª série, Porto, Junho de 1965, pp. 18-25
- ⁵¹ *Livro de Receita e Despesa dos bens do Santíssimo Cristo da Misericórdia desta Vila de Freixo de Espadacinta*, Arquivo da Misericórdia, fl. 3, 19-38, in op. cit.
- ⁵² Idem, fl. 47 v., in op. cit., pp. 21-22
- ⁵³ Idem, fl. 47 v., in op. cit., p. 22
- ⁵⁴ Idem, fl. 49, in op. cit., pp. 22-23
- ⁵⁵ Idem, fls. 51-52, in op. cit., p. 23
- ⁵⁶ ver referências a estes artistas, noutros capítulos deste trabalho.

- ⁵⁷Robert C. Smith, Nicolau Nasoni, arquitecto do Porto, Livros Horizonte, Lisboa, 1966, p. 120
- ⁵⁸Idem, ibidem, pp. 120-121
- ⁵⁹Idem, ibidem, pp. 121 e segs.
- ⁶⁰Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 39, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1944, p. 938
- ⁶¹Idem, ibidem, p. 816; J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- ⁶²J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), op. cit.
- ⁶³António Filipe Pimentel, "Ferreira, Gaspar" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- ⁶⁴J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), op. cit.
- ⁶⁵Mangualde tinha a designação de Azurara da Beira.
- ⁶⁶Alexandre Alves, "A Igreja da Misericórdia de Mangualde" in Beira Alta, vol. XVIII, Fasc. I e II, Viseu, 1959, pp. 42-61
- ⁶⁷Idem, ibidem, p. 33
- ⁶⁸Idem, ibidem
- ⁶⁹Idem, ibidem, p. 35
- ⁷⁰Idem, ibidem, p. 36
- ⁷¹Idem, ibidem, p. 37
- ⁷²Idem, ibidem, pp. 37-38
- ⁷³Idem, ibidem, p. 38
- ⁷⁴Idem, ibidem, p. 39
- ⁷⁵Idem, ibidem, p. 40
- ⁷⁶Idem, ibidem, p. 41
- ⁷⁷Idem, ibidem, p. 52
- ⁷⁸Idem, ibidem, p. 61
- ⁷⁹J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 120-121
- ⁸⁰António Filipe Pimentel, "Ferreira, Gaspar", op. cit. nota 61
- ⁸¹A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro (zona do Nordeste), XI, A.N.B.A., Lisboa, MCMXCI, pp. 66-67
- ⁸²A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro (zona do Norte), X, A.N.B.A., Lisboa, MCMLXXXI, p. 63
- ⁸³Lucília Verdelho da Costa, Leiria, Editorial Presença, Lisboa, 1989, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 4, pp. 41-42
- ⁸⁴Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- ⁸⁵J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, P. 159
- ⁸⁶Gustavo de Matos Sequeira, "Alcobaça, Igreja da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955
- ⁸⁷Gustavo de Matos Sequeira, "Igreja da Misericórdia, no lugar da Pederneira" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, op. cit.
- ⁸⁸H. Castro e Silva, A Misericórdia de Castelo Branco (Apontamentos Históricos), 2ª ed., 1958, No V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor de Lencastre, p. 119

- 89 *Idem*, *ibidem*, pp. 124-125
- 90 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 158
- 91 J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- 92 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit. p. 177
- 93 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 341
- 94 Gustavo de Matos Sequeira, "Constância, Igreja da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949
- 95 Vítor Serrão, Santarém, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 11, p. 116, nota 28
- 96 *Idem*, *ibidem*, p. 64
- 97 *Idem*, *ibidem*, pp. 89, 90 e 118, nota 29
- 98 Gustavo de Matos Sequeira, "Alcanede, Igreja da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949
- 99 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 354
- 100 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Santarém, op. cit.
- 101 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 347
- 102 Gustavo de Matos Sequeira, op. cit.
- 103 *Idem*, *ibidem*; em Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit., é indicada para a mesma igreja a data de 1670, o que não pudemos confirmar localmente.
- 104 *Idem*, *ibidem*; também neste caso, em Tesouros Artísticos de Portugal, se afirma que a fundação remonta a 1619.
- 105 *Idem*, *ibidem*
- 106 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 234
- 107 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 332-333
- 108 AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, IV - Torres Vedras, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Junta Distrital de Lisboa, 1963
- 109 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 339
- 110 AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III, Mafra, Loures, Vila Franca de Xira, Junta Distrital de Lisboa, 1963
- 111 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 339
- 112 A. Matos Fortuna, Misericórdia de Palmela, Vida e Factos, Palmela, 1990, p. 132
- 113 *Idem*, *ibidem*, pp. 177-178
- 114 *Idem*, *ibidem*, p. 179
- 115 *Idem*, *ibidem*, p. 117
- 116 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 372
- 117 Cyrillo Volkmar Machado, Colecção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 86
- 118 Joaquim Rasteiro, "Notícias archeologicas da Península da Arrabida" in O Archeologo Português, vol. III, Janeiro e Fevereiro de 1897, nº 1 e 2, p.16
- 119 J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 368-369

120 J.A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.

121 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 369; José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., pp. 226

122 Luis Keil, "Casa nobre, Portalegre" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943; Jorge Rodrigues, Paulo Pereira, Portalegre, Editorial Presença, Lisboa, 1988, «Cidades e Vilas de Portugal», 3, pp. 27 e 73-75

123 Luis Keil, "Igreja da Misericórdia, Portalegre" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943

124 Luis Keil, "Alpalhão, Igreja da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.

125 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 384

126 Luis Keil, "Alter do Chão, Capela da Misericórdia" in op. cit.

127 Luis Keil, "Crato, Capela da Misericórdia" in op. cit.

128 Luis Keil, "Cabeço-de-Vide, Capela da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.

129 Idem, "Fronteira, Igreja da Misericórdia" in op. cit.

130 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 390

131 Luis Keil, "Galveias, Capela da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit.

132 Luis Keil, "Sousel, Igreja da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, op. cit., p. 155

133 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 389

134 Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 29, Extremadura, Alentejo, Algarve, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1927; Luis Keil, op. cit.

135 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 401

136 Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, vol. I, A.N.B.A., Lisboa, 1975

137 J. M. dos Santos Simões, op. cit., p. 404

138 Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 29, Extremadura, Alentejo, Algarve, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1927

139 Túlio Espanca, op. cit.

140 Idem, ibidem

141 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 418

142 Túlio Espanca, "Vila Viçosa, Hospital Real do Espírito Santo e Santa Casa da Misericórdia" in Inventário Artístico de Portugal, IX, Distrito de Évora, Lisboa, A.N.B.A., 1978, pp. 695-701

143 Idem, "Hospital do Espírito Santo e Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa" in A Cidade de Évora, nº 58, pp. 186-195

144 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 395-396; Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, Zona Sul, op. cit., p. 11

- 145 Idem, ibidem, Elenco, p. 417
- 146 Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, Zona sul, vol. II, A.N.B.A., Lisboa, 1978, pp. 276
- 147 Ayres de Carvalho, "Novas revelações para a História do Barroco em Portugal, II, O Mestre das grandiosas máquinas douradas da Lisboa setecentista - O artista Claude de Laprade (1682-1738) in Belas Artes, 2ª série, nº 20, Lisboa, 1964, pp. 64-65
- 148 José Meco, O Pintor de Azulejos Manuel dos Santos, Definição e análise da obra, Lisboa, 1980, Separata do «Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa», III série, nº 86, pp.26-30
- 149 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 394-395
- 150 Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, VII, Évora (Cidade e Concelho), A.N.B.A., Lisboa, 1966
- 151 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 224
- 152 Túlio Espanca, op. cit.
- 153 Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, 1963, p. 81
- 154 Na verdade, se o retábulo estava pronto, porque não procedeu a Mesa ao seu douramento, antes de se envolver na despesa do azulejamento da igreja? Parece provável que após o azulejamento e execução do retábulo, com o necessário douramento (1729), se seguisse a encomenda das pinturas (1737).
- 155 Túlio Espanca, op. cit.
- 156 J. M. os Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 410-411 e nota de rodapé de Flávio Gonçalves
- 157 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, P. 424
- 158 José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 219
- 159 Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve, Faro, 1988, p. 22
- 160 Idem, ibidem, p. 95; A Escultura Barroca Algarvia (Catálogo e Ilustrações), op. cit., pp. 69-70; Inventário Artístico do Algarve, IV, Concelho de Tavira, op. cit., pp. 422, foto 7.33, 444, foto 7.34, 446, foto 7.35 e 450, foto 7.37
- 161 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 434-435
- 162 J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira, op. cit., p. 160

ERMIDAS E SANTUÁRIOS DE PEREGRINAÇÃO

DISTRITO DE BRAGA

Igreja do Menino Deus, Barcelos, Braga

Foi uma igreja cuja construção se iniciou em 1726, em relação com uma imagem milagrosa do Menino Jesus, que despertou a piedade dos fiéis, como sempre traduzida em esmolas.

Segundo conta a tradição, teria sido uma escrava negra que, nos inícios do século XVIII, colocara num nicho da casa do seu senhor, Bento Fernandes Gomes, uma imagem do Menino, que despertou grande devoção. O Prior mandou então recolher a imagem à sua Colegiada e, em 1726, uma provisão do Arcebispo autorizava a construção da igreja¹.

Segundo a «Gazeta de Lisboa», a trasladação da imagem para a nova igreja fez-se a 27 de Setembro de 1733, numa procissão, festa antecipada na noite anterior por fogos de artifício, a que se seguiu um tríduo solene².

A esta igreja acrescentou-se um Recolhimento de Beatas.

A imagem do Menino Deus encontra-se num dos altares laterais da igreja. Tanto estes como a capela-mor são ornamentados com talha dourada, característica do período joanino.

Igreja do Bom Jesus da Cruz, Barcelos

Este santuário remonta ao século XVI, quando, em 1504, apareceu uma cruz, de cor negra, na zona onde começava o Campo da Feira. Pouco tempo depois, surgia no local uma ermida, à qual um comerciante ofereceu a imagem do Senhor da Cruz, trazida da Flandres. Esta a origem de um dos mais famosos santuários de Cristo existentes em Portugal.

Só em 1698 se decidiu construir uma nova capela, que deveria ter planta centralizada e cúpula, à imitação do templo de Jerusalém. Foram encomendados cinco projectos, três ao arquitecto da mitra bracarense, Manuel Fernandes da Silva, e dois outros ao arquitecto régio João Antunes, um dos quais foi escolhido. As obras iniciaram-se em 1705 e em 1710 o templo seria aberto ao culto³.

Não cabe no âmbito desta notícia a discussão da importância deste edifício, que de facto pertence ainda ao reinado de D. Pedro II, nem as suas relações com a obra daquele arquitecto régio, nomeadamente com Santa Engrácia de Lisboa. O que nos importa acentuar é que, ao contrário do que acontece com outros edifícios de projecto centralizado, em que os elementos tradicionais da decoração barroca portuguesa - a talha e o azulejo - estão ausentes, aqui eles vêm completar um espaço já de si rico. Assim, a decoração desta igreja vai prolongar-se até aos inícios do século XIX, abrangendo uma boa parte, o período joanino.

Logo em 1709, foi contratada a realização da talha dos seus três altares, um dos quais com projecto de João

Antunes, ao entalhador Miguel Coelho. A obra estava pronta em 1714, altura em que a talha foi colocada nos altares. Em 1718, encomendavam-se ao mesmo Miguel Coelho os dois anjos lampadários. Mais tarde, em 1721, o imaginário Gualter de Sousa, de Lijó (Barcelos), fazia algumas das imagens.

No entanto, a talha do altar-mor não devia ter agradado plenamente, pelo que, em 1722, Miguel Coelho apresentava novo esboço para melhorar o altar, obra que virá a estar concluída em 1724, empenhando-se o artista, em seguida, na execução do frontal⁴.

O retábulo-mor do Bom Jesus da Cruz é ainda essencialmente enquadrável no "estilo nacional", com duas colunas pseudo-salomónicas reentrantes, continuando-se nas arquivoltas, mas separadas por pilastras onde surgem mísulas que suportam imagens, protegidas por baldaquinos. Um aspecto original, que se deve sem dúvida à intervenção posterior, é o facto de as arquivoltas serem revestidas por arcos polilobados, que nos evocam o "estilo manuelino". Outro aspecto que aproxima este retábulo do "joanino" é o aparecimento de grandes anjos atlantes a nível das mísulas. Completam esta decoração os referidos anjos lampadários.

O altar foi dourado em 1725, por João Alves da Barca, e, no mesmo ano, encomendava-se a pintura da tribuna a Manuel Furtado, a qual representa o «Calvário».

No ano seguinte, encomendaram-se mais quatro anjos ao escultor bracarense António Campos.

Finalmente, em 1728, foi encomendada a cobertura azulejar, em Lisboa, a João Neto, vindo o assentamento do azulejo a ser feito em 1730. São azulejos ilustrando passos da Via Sacra e anjos portadores de insígnias da Paixão, entre frisos vegetais e arquitecturas ilusionistas⁵.

Em 1729, Inácio da Silva Medela fez uma doação de 20000 cruzados, para a instituição de um coro no templo, e, em 1730, foi encomendado o cadeiral a Miguel Coelho, o qual é de pequenas dimensões e tem espaldares pintados.

É também Miguel Coelho que faz a caixa do órgão, que foi encomendado ao mestre Calisto de Barros Pereira, em 1730, mas só viria a ser dourado em 1750, por António Vieira de Barcelos⁶.

As encomendas e reformas vão continuar ao longo da década de trinta: ainda em 1730 é feita a contratação das grades e estantes em pau preto, com metais, ao enxambrador bracarense José dos Reis; e, em 1731, o ourives Manuel Velozo faz a custódia de prata.

Entretanto, a talha dos altares laterais tinha passado de moda; ao "estilo nacional" substituíra-se o "joanino", divulgado no Norte com o exemplo do retábulo do altar-mor da Sé do Porto. Este facto deve ter pesado na decisão da Irmandade, que, reunida em 13 de Abril de 1735, decidiu "reformatar o retábulo collateral do Bom Jesus", porque o que lá estava não era decente nem digno da imagem nele venerada. Pretendia-se revestir a capela de "ouro", com um "novo retabulo que principie do pavimento da capella

ficando o altar mais fora e portátil e a imagem no meio da capella na altura que parecer mais proporcionada..."⁷.

Irão de facto ser substituídos os dois altares laterais, o do Senhor da Cruz e o da Senhora das Dores, tendo o entalhador Miguel Coelho, então residente em Caminha, sido chamado a Barcelos, para dar o seu parecer⁸. Foi o arquitecto do Porto, António Pereira, quem desenhou os retábulos, em 1735, sendo escolhido para os executar o entalhador Luis Pereira da Costa, de acordo com contrato assinado em 16 de Dezembro desse ano. Surgem assim dois retábulos de "estilo joanino", em que a talha reveste totalmente as capelas e a decoração se concentra ao nível dos arcos de entrada, onde surgem nichos com imagens e um coroamento em sanefas, que se sobrepõem ao entablamento; sobre duas volutas em S, à maneira de frontão interrompido, sentam-se anjos que seguram grinaldas. As imagens são transportadas em andores, por quatro anjos, de graciosidade cortesã, dando ao conjunto uma impressão de movimento⁹.

Em 1736, são encomendados ao referido Luis Pereira da Costa os frontais dos altares, hoje retirados, mas que davam a quem olhava as imagens "a sensação de uma emergência telúrica, mais conforme a crença religiosa"¹⁰.

No mesmo ano, foram encomendados ao artista italiano, radicado no Porto, João Baptista Pachini, que pintara o tecto da Casa do Cabido da Sé do Porto, como já referimos noutro ponto deste trabalho, dois grandes quadros

para a capela-mor. Eles foram, no entanto, substituídos por azulejos revivalistas, feitos em Gaia¹¹.

Em 1737, as sacras dos altares laterais são entalhadas por Miguel Francisco da Silva, outro artista radicado no Porto, para onde viera executar o retábulo da sé, como vimos em devido tempo.

Em 1740, Jacinto de Azevedo foi encarregue do douramento dos altares laterais e, finalmente, em 1748, é renovado o lampadário de prata, continuando as reformas ao longo da segunda metade do século, embora com menos intensidade¹².

Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, Faria,

Barcelos

Este santuário sofreu várias ampliações no período joanino. A partir de 1710, foi iniciada a construção de um percurso sacro, com seis capelas alusivas aos Passos da Paixão de Cristo, que terminava no terreiro do convento, junto à escadaria que lhe dava acesso¹³.

Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, Taíde,

Póvoa de Lanhoso

Este é um dos santuários característicos da zona de Entre-Minho-e-Douro, onde se consagra definitivamente o modelo de santuário de peregrinação ao longo de um monte, cuja origem remonta à Europa do século XV¹⁴. Um dos aspectos curiosos é que, simbolizando os montes o Monte Calvário, as capelinhas que se constroem nas encostas são normalmente alusivas aos Passos da Paixão de Cristo, enquanto aqui, elas são dedicadas à vida de Nossa Senhora.

Segundo nos conta o «Folheto de Lisboa», a origem deste santuário está numa velha imagem da Virgem, pertencente à igreja do lugar de Porto de Ave, que o visitador mandara substituir por muito velha, mandando-a enterrar. Um lavrador da região, compadecido da imagem à qual se habituara a orar, colocou-a num penedo da sua eira e logo se iniciaram uma série de milagres, a que os crentes responderam com inúmeras esmolas¹⁵.

Essa a verdadeira origem do templo, que outros dizem ter sido mandado construir, em 1736, por portugueses da região, emigrados para o Brasil¹⁶.

De acordo com o mesmo «Folheto de Lisboa», a igreja tinha sido construída em três anos (de 1739 a 1742), tendo fachada ladeada por torres sineiras e relógio. A obra da capela-mor foi arrematada por 7000 cruzados e terá sido posterior, de 1744-50¹⁷.

Ao longo da encosta, foram construídas capelinhas, com passos da vida de Nossa Senhora, encontrando-se, em 1742, já prontas quatro. O arcebispo D. José de Bragança interessou-se pela obra, mandando aí construir casas, onde residia um Desembargador, cuja função era a cobrança de esmolas¹⁸.

Segundo notícia dada pelo «Mercúrio de Lisboa», de 1748, entre 1730, data do primeiro milagre, e 1747, as esmolas alcançavam a quantia de 217 mil cruzados, tendo a construção do santuário - que podia rivalizar com o Bom Jesus de Braga - custado apenas 140 mil¹⁹.

A igreja é de planta hexagonal, coroada por zimbório e lanternim. As paredes são revestidas de azulejos, com cenas da vida da Virgem e, na parte inferior, um silhar de cestos. O arco triunfal também é azulejado, com ornatos de anjinhos e motivos concheados. Na parede do fundo do coro, está um painel único, com a «Assunção da Virgem», segundo as estampas de Rubens²⁰. O altar-mor, os púlpitos e órgãos são de talha dourada "joanina".

O tecto da sacristia tem uma pintura da Virgem, rodeada por ornatos barrocos.

Os lanços da escadaria de acesso são ladeados por capelas hexagonais de granito, onde estão representadas em tamanho natural, as cenas da «Natividade», «Circuncisão», «Apresentação no Templo», «Fuga para o Egipto», etc.²¹

O santuário é envolvido por diversas árvores (carvalhos, castanheiros e sobreiros), tornando-o mais um

exemplo da tendência dos constructores da época barroca para a inserção paisagística dos seus monumentos.

DISTRITO DE VISEU

Santuário do Senhor da Fraga, Ferreira de Aves,

Viseu

É um pequeno santuário situado na Serra da Lapa, na Beira Alta, cuja origem remonta a 1741, quando dois homens da região, um dos quais chamado João Baptista, à procura de uma pedra para a mó de um moinho, encontraram uma imagem de Cristo crucificado.

Segundo a «Gazeta de Lisboa», a imagem teria sido esculpida por um grupo de cristãos que acompanharam as freiras beneditinas do Mosteiro de Ferreira de Aves, que em 983 aí se haviam refugiado da invasão árabe²².

A capela foi construída à custa das esmolas dos fiéis, como usualmente acontecia nestes casos e, nos três caminhos que a ela conduziam foram erguidas três vias sacras.

Mais tarde, foi construído no local um convento de Franciscanos, de que apenas resta a igreja, já que o claustro foi levado para o Museu do Caramulo e tudo o resto está em ruínas²³.

Santuário de Nossa Senhora da Esperança, Abrunhosa

do Ladário, Sátão

Aqui existia uma ermida medieval, que foi reconstruída no século XVIII pelo Padre Luis Bandeira Galvão, ali sepultado.

A decoração da igreja combina a talha com o azulejo, da forma que caracteriza o barroco nacional. O altar-mor e o arco triunfal são de talha dourada e policromada de "estilo joanino", a que se acrescentam boas imagens.

Um dos aspectos mais notáveis desta igreja é a sua decoração azulejar. No átrio vêem-se azulejos, que já foram identificados como sendo de Delft²⁴, mas que Santos Simões diz que são azulejos do tipo de figura avulsa, com cantos de quatro bolas e cercadura própria, do tipo de Coimbra com grande variedade de figuração.

Os azulejos da nave, do lado do evangelho, têm esgrafitada no esmalte, a assinatura: "*theotónio dos santos o pintou em Lxã*". Representam cenas profanas, de caçadas, concerto em jardim, batalha naval, lavadeiras junto a uma fonte e crianças num baloiço. Na capela-mor, vêem-se cenas de caça, com dama e cavaleiro de lança e pastores²⁵. Estes painéis são datáveis de cerca de 1730 e "apresentam uma expressão muito pessoal e um tratamento bastante amadurecido, iniciando uma fase dos anos 30 [na carreira deste artista] na qual se inserem importantes obras atribuíveis, dominadas pelo conjunto notável da escadaria do Hospital de S. José, em Lisboa..."²⁶.

Na sacristia, ainda se encontra um silhar de fabrico coimbrão, representando «Entrada em Jerusalém» e «Cenáculo».

O tecto de madeira pintado por Pascoal Parente, e o órgão, são da segunda metade do século XVIII.

Nesta igreja ainda se conservam paramentos bordados a ouro, prata e matiz e alfaias litúrgicas.

DISTRITO DE AVEIRO

Capela do Senhor das Barrocas, Aveiro

Uma série de milagres realizados por uma imagem de Cristo Crucificado, que se encontrava no sítio das Barrocas, originou a construção desta capela. De acordo com notícia da «Gazeta de Lisboa», uma mulher a quem o marido acabara de falecer, foi buscar-lhe uma mortalha e, no caminho, pediu ajuda à referida imagem. Quando regressou a casa, o marido estava bom. A partir daí, multiplicaram-se os milagres pelo que se decidiu edificar-lhe uma capela²⁷.

A primeira pedra do edifício foi lançada a 15 de Novembro de 1722, cerca de um ano depois do referido milagre²⁸. A igreja estava pronta em 1732, tendo a trasladação da imagem para o novo templo sido feita a 16 de Novembro²⁹.

A planta da igreja é octogonal, solução que retomava a de uma capela da mesma cidade - S. Gonçalo - apenas alguns anos anterior, e cuja planta era um hexágono. Na verdade, esta solução encontra-se noutras ermidas e capelas dos séculos XVII e XVIII, a maioria das quais situadas na região litoral.

A este octógono se acrescenta uma capela-mor rectangular, aliás bastante profunda, e com duas portas de acesso na zona superior do altar.

Existem dúvidas quanto ao autor do projecto desta igreja, que, no entanto, todos estão de acordo em considerar

obra de artista vindo de fora, provavelmente da Corte. Em virtude da planta poligonal, e por ter trabalhado em Aveiro, chegou a adiantar-se o nome de João Antunes³⁰, impossibilidade manifesta, já que este falecera em 1712, muito antes de se planear sequer a construção da igreja. Outra hipótese foi sugerida por Aarão de Lacerda e alguns estudiosos aveirenses - a de Ludovice³¹. No entanto, não só este estava então empenhado na obra de Mafra, como estilisticamente não existem aproximações entre este edifício e outras obras de Ludovice.

Uma terceira hipótese, que consideramos a mais credível, é a que atribui esta capela ao mesmo artista que fez a Biblioteca da Universidade de Coimbra. Na verdade, quer a composição do portal, ladeado por colunas de certa monumentalidade, quer a ornamentação interior do arco, que se repete nas salas da biblioteca coimbrã, estão demasiado próximas para que não sejam atribuíveis ao mesmo artista. O que pode ser discutível é que, como sugeriu Vergílio Correia, esse artista seja Laprade³², cuja obra conhecida se refere sobretudo a esculturas.

A igreja das Barrocas tem exteriormente uma composição volumétrica que reflecte o seu interior, ou seja, um corpo prismático correspondente à nave, a que se acrescenta o corpo rectangular da capela-mor. Os ângulos que ligam as suas faces são sublinhados por pilastras de pedra da ordem dórica, que terminam em entablamento e cornija saliente, sobre a qual assentam, em cada uma das faces,

janelões de arco de volta perfeita, funcionando este ático como uma espécie de tambor da cúpula. As três faces frontais do polígono têm como única decoração as respectivas aberturas, que constam de uma porta e de um janelão perspectivado. Nas duas faces laterais, porta e janelão são rectangulares, sendo as portas coroadas por frontão curvo interrompido, sobre o qual se sentam anjinhos, que enquadram uma concha central e outros ornatos barrocos, que preenchem o tímpano do mesmo frontão.

O portal principal, mais largo e elevado, é de arco de volta perfeita, tendo no intradorso ornatos idênticos aos de Coimbra. O portal é enquadrado por um par de colunas jónicas de cada lado, um em plano recuado, outro saliente, terminando este em arranques de frontão que enquadram diversos ornatos, mas cuja principal função é criar um ritmo movimentado, de avanço e recuo, ao gosto barroco. Sobre a cornija das colunas posteriores, assentam as volutas, que enquadram o janelão, de formato irregular, nas quais se apoiam anjinhos de pé. O coroamento é em frontão curvo interrompido, com um querubim ao centro e dois anjos sentados, de cada lado. É no eixo desta composição que surge a pequena sineira.

No eixo das pilastras, vêem-se pináculos. As outras paredes são perfeitamente despojadas de qualquer elemento decorativo, o que aliás não é estranho às tradições da arquitectura portuguesa.

Interiormente, verifica-se uma discreta irregularidade do octógono, que acentua o eixo principal. O alçado interno da nave repete a composição exterior, sendo sublinhado por pilastras que terminam num entablamento dórico, em que assenta uma forte cornija. Interiormente, os janelões do tambor são perspectivados, coroados por arco abatido, com cornija ondulante. A cúpula é de tijolo caiado, repartida em sectores, separados por faixas de cantaria.

O altar-mor é preenchido com um retábulo "joanino", que mostra características específicas da região, as quais aparecem quer em S. Pedro de Miragaia (Porto), quer na igreja do Convento de Jesus, que na devida altura assinalamos. Assim, o tecto da capela-mor imita uma abóbada de berço, de cuja superfície brota uma profusão de pendentes folhudos. A composição do retábulo é "joanina", mas tende para a bi-dimensionalidade. A tribuna abre em forma de moldura e de cada lado dispõem-se, em planos diferentes, três colunas: as posteriores são salomónicas, com o terço inferior com grossas estrias e o superior torso, com decoração nos sulcos; a coluna central saliente, tem o terço inferior do fuste idêntico, mas os dois terços superiores são preenchidos com ornatos geométricos e grotescos, que apontam para meados do século XVII³³. No remate, um frontão, do qual pendem sanefas e cortinas, de cada lado; no enfiamento de cada coluna, está um profeta, de sabor gótico³⁴. Sobre a sanefa, uma série de anjos, terminando a

composição por um frontão segmentar interrompido, em cuja parte central se destaca um anjo.

O camarim é revestido de talha, que imita a do tecto da capela. Numa vitrine, está a cruz de pedra, que deu origem ao edifício. Nas paredes laterais da capela, a talha enquadra a janela central e telas que desapareceram.

As caixas dos púlpitos são também de talha, tendo um rótulo central, do qual partem tarjas curvilíneas, completadas por acantos. Sobre cada dossel, está uma fiada de cinco anjos segurando uma grinalda, com outro no coroamento.

Aos púlpitos, que ficam junto ao arco triunfal, seguem-se os dois altares colaterais, de meados do século XVIII. São enquadrados por duas colunas salomónicas sobre as quais assenta um frontão curvo, em cujo vértice assenta uma glória solar, enquanto, na prumada das colunas, se sentam dois anjos. Ao centro, estão telas, que poderão ser originárias da oficina lisboeta de André Gonçalves, reproduzindo gravuras utilizadas por este mestre: uma, um «Presépio» de Carlo Maratta, outra, uma «Anunciação» de mestre menos conhecido³⁵.

A sacristia fica por trás da capela-mor, tendo acesso por duas portas, sob as colunas, de cada lado do altar. O tecto tem pintura da segunda metade do século XVIII. O arcaz é de madeira exótica, com bronzes aplicados. Entre as portas de comunicação com a capela-mor está o lavabo barroco, de calcário³⁶.

Apesar da planta centralizada, a riqueza decorativa desta igreja está relacionada com os elementos apostos a uma arquitectura de tradição chã: os motivos decorativos do portal principal e dos laterais e os retábulos de talha e púlpitos, no interior. Se o autor do portal foi, de facto, Claude Laprade, é provável que o projecto da igreja se deva a architecto nacional, formado na tradição da arquitectura do século XVII, e próximo de João Antunes e da Aula do Paço da Ribeira.

DISTRITO DE COIMBRA

Igreja de Santo António dos Olivais, Coimbra

Embora seja actualmente sede de freguesia e, na origem, pertencesse a um convento franciscano, esta igreja enquadra-se nos santuários altos.

No século XV, já a igreja pertencia ao Cabido da catedral, que a ampliou, passando depois para os Capuchos da Província da Piedade e, em 1673, para a Província da Soledade. Mas foi na primeira metade do século que sofreu maiores transformações: modificação da frontaria da igreja, escadório e capelas e sacristia. No século XIX, um incêndio destruiu o convento.³⁷

A igreja é antecédida por uma escadaria, à qual se acede por um pórtico de três arcos, com remate de aletas e pirâmides, tendo um nicho central com a imagemem barro, de «Santo António», que já foi comparado à Porta da Cidade, em Ponta Delgada³⁸.

A escada de seis lanços tem de cada lado três capelas dos Passos, de planta quadrangular, com coruchéu piramidal, revestido de cerâmica. A seguir às primeiras capelas, está um arco coroadado igualmente de aletas com a cruz ao centro e pirâmides nos extremos. A entrada das capelas é quadrada, com a verga emoldurada de azulejos, de Coimbra, da primeira metade do século. No interior das capelas estão grupos escultóricos em barro colorido, representando «Oração no Horto», «Prisão de Cristo»,

«Flagelação», «Verónica», «Calvário» e «Descida da Cruz», tendo estas últimas porta rasgada.

A fachada da igreja tem um portal de arco abatido característico das igrejas franciscanas, que dá acesso à igreja e portaria do convento. Acima o janelão do coro, de formato irregular, é ladeado por dois nichos, com «S. Francisco» e «Santo António». A cornija forma ao centro um frontão triangular que encima o janelão. Sobre aquela assenta outro frontão formado por duas aletas curvas, com a cruz ao centro e dois pináculos bulbosos de cada lado.

A direita do átrio, está uma capela de planta octogonal, com a «Lamentação sobre Cristo deposto da Cruz». Do lado oposto, o altar do «Senhor dos Passos» ocupa o lugar da antiga porta do convento.

As paredes são decoradas com alisar de azulejos de figura avulsa.

O coro, que se situa sobre o átrio, tem um cadeiral modesto e restos de um órgão, também do século XVIII.

Os retábulos dos altares são de talha dourada do primeiro terço do século XVIII, com colunas torsas apenas na capela-mor. Aqui se encontram imagens de «S. Francisco» e «S. João Baptista»; nas capelas, estão «Santo António» e «S. José».

No corpo da igreja, existe também um revestimento azulejar com enquadramentos muito desenvolvidos, ainda da primeira metade do século. Representam cenas da «Vida de Santo António».

A sacristia tem a forma de pequena igreja com capela-mor e sacristia, sendo a arquitectura da primeira metade do século, mas parte da decoração já posterior. Da época da construção, são os azulejos, com cenas antoninas, e a pintura do tecto, com acantos enrolados e ao centro um brasão eclesiástico³⁹.

DISTRITO DE LEIRIA

Santuário do Senhor dos Milagres, Leiria

É uma igreja de peregrinação, de grande monumentalidade aparente, cuja construção se iniciou, de acordo com a «Gazeta de Lisboa», em 1730, vindo a igreja a ser sagrada em 1738⁴⁰. A origem do templo liga-se a um milagre local, devido à imagem do Senhor Jesus, ali existente.

Os seus constructores, embora não se saiba se também os autores do projecto, foram dois mestres pedreiros do Juncal, José da Silva, e Joaquim Rodrigues da Silva, precisamente avô e pai dos ceramistas João e José Rodrigues da Silva e Sousa, a quem se deve a decoração azulejar do interior da igreja, datada de 1795⁴¹.

A obra foi construída com as esmolas dos fiéis, recolhidas pela Confraria do Senhor Jesus dos Milagres, devendo ter-se prolongado até meados do século XVIII, dadas as características das janelas da galilé, nitidamente de meados do século. Quanto às torres e balaustrada do coroamento só foram concluídas no final do século XIX, por intervenção do architecto Korrodi, que trabalhou em Leiria⁴².

É portanto provável que os dois mestres do Juncal trabalhassem sobre um projecto riscado por outro architecto, que se desconhece, mas que a existir, será certamente de Leiria, ou aqui terá trabalhado, pois a concepção da igreja,

embora barroca, é nitidamente inspirada na igreja de Nossa Senhora da Encarnação daquela cidade, com galilé na fachada principal e laterais.

A fachada desta igreja dá-nos uma ideia de grande monumentalidade, com os seus cinco panos, a que se acrescentam mais dois das torres laterais, efeito ilusório que é conseguido pela existência de uma galilé de dois andares, que se continua nas fachadas laterais, correspondendo de facto, apenas os três panos centrais à largura da igreja, que é de nave única.

O templo tem acesso por um amplo escadório que se alarga aos extremos da galilé, diminuindo até ao patamar, que acede apenas aos três arcos centrais, sendo a parte restante protegida por murete, coroado por balaustrada ornamentada com pináculos.

A galilé abre por cinco arcos abatidos, separados por pilastras, sendo o central mais largo; o piso superior, de largura idêntica, tem cinco janelas com balaústres, coroadas por frontões de desenho borrominesco, que se repetem no segundo piso das torres, num total de sete janelas. A central é envolvida por moldura mais rica, de cantaria lavrada e coroada por frontão triangular curvo.

Um pouco acima da balaustrada de Korrodi, vê-se a cornija que coroa a fachada da igreja, encimada por ático, sobre o qual assenta a empena, ladeada por volutas e pináculos. Ao centro desta, está um nicho com a imagem de «Jesus Crucificado»; de cada lado, dois panos definidos por

pilastras onde se vê um almofadado rectangular de ângulos cortados. Este conjunto é rematado por frontão curvo interrompido, com pináculos de cada lado.

Nas fachadas laterais, prolonga-se, como dissémos, a galilé, constituída no piso térreo por arcaturas encimadas por pequenas janelas cegas e, no piso superior, por uma varanda, também de arcaturas, com pequenas janelas sobre elas.

Esta galilé, para além do efeito barroco de monumentalidade dado à fachada, é de utilidade numa igreja de peregrinação, permitindo que os romeiros se abriguem.

A igreja é de uma só nave, com capela-mor e dois altares colaterais, tendo nichos sobre o arco cruzeiro e na parede do fundo. A construção é em mármore e pedra lioz, sendo decorada com tabelas de mármore negro. Tem dois púlpitos com balaústres, e, à entrada, duas balaustradas de colunelos, estando, numa delas, a pia baptismal, e noutra, o pequeno coro.

A iluminação faz-se por quatro janelas de cada lado, no corpo da igreja, duas na capela-mor, e três ao fundo.

Existe um camarim, com a imagem do «Senhor dos Passos». A pintura, de fraca qualidade, e os azulejos do Juncal, são da segunda metade do século XVIII⁴³.

Pelo que nos é dito na referida notícia da «Gazeta de Lisboa», à volta da igreja, começava a definir-se uma praça, constituída pelas casas dos romeiros.

DISTRITO DE LISBOA

Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Merceana,

Alenquer

Foi fundada pela rainha D. Leonor e está relacionada com uma lenda que conta como um touro se ajoelhava diante de uma árvore, na qual estava uma imagem de «Nossa Senhora da Piedade». Levada a imagem para a igreja de Aldeia Galega, voltava a aparecer na árvore, pelo que nesse local lhe foi construída uma ermida, vindo depois a rainha a mandar construir a igreja que, no interior, revela características quinhentistas, de influência renascentista.

No entanto, no século XVIII, a igreja foi objecto de uma importante campanha de obras, apresentando fachada de começo do século XVIII (1707), com galilé e duas torres, uma das quais só foi concluída no século XIX⁴⁴. A fachada está dividida em três panos por pilastras de cantaria, correspondendo os laterais às torres, que se ligam ao central por cornija única. No piso inferior, que abre para a galilé, dois arcos de volta perfeita correspondem às torres, enquanto o central, mais largo, é um arco abatido. Sobre cada um destes arcos, uma faixa de cantaria, sobre a qual assentam três janelas de sacada, com moldura de cantaria, curva no coroamento, e sendo a central reforçada por frontão ondulado. Entre as torres, um ático com pedra de armas, sobre o qual assenta um frontão triangular, coroado por duas pequeníssimas volutas, no centro das quais se eleva a cruz.

A porta de acesso à igreja, rectangular, é coroada por frontão segmentar, em cujo tímpano surgem ornatos com grinaldas e outros motivos.

No interior, o altar-mor e os colaterais apresentam belos retábulos de talha "joanina", obra a que se devem referir as notícias do «Mercúrio Histórico de Lisboa» e da «Gazeta de Lisboa», sobre a colocação do Santíssimo Sacramento na igreja⁴⁵.

Os altares colaterais são enquadrados por colunas salomónicas, coroadas por arranques de frontão segmentar, sobre os quais se sentam anjos, enquadrando um fragmento de frontão segmentar.

No altar-mor, a composição é mais rica, com as colunas desenvolvendo-se em planos reentrantes, nichos com imagens, e coroamento onde se distinguem anjos, concheados, e inúmeros motivos decorativos, coroados por frontão ondulante. Na tribuna, está o trono, sobre o qual se encontra a primitiva imagem da «Senhora da Piedade», em redoma de vidro.

A capela-mor tem, nas paredes laterais, painéis de azulejos com cenas da «Vida de Santa Cecília», datáveis de cerca de 1740⁴⁶.

Ainda do século XVIII, e de magnífica talha, é a varanda do coro, ondulada em reentrâncias e saliências, e assente em mísulas com atlantes. A varanda propriamente, compreende um balcão de balaústres, que assentam numa parte sólida, decorada com relevos, onde se vêem cartelas, motivos

em C e S e uma cartela central enquadrada por anjinhos. Nas extremidades, e enquadrando a zona central saliente, em vez dos balaústres estão outros atlantes, de pé.

Sobre as janelas e portas laterais, surgem lambrequins de talha da mesma época.

O tecto é de madeira, tendo pinturas decorativas nas naves laterais e, na nave principal, uma «Coroação da Virgem», de moldura recortada, também enquadrada por motivos barrocos. De acordo com documentos do Arquivo da Confraria, as pinturas dos tectos são do pintor António Pimenta Bollini, morador na cidade de Lisboa, o qual, em 1748, recebia a quantia de 124410 réis⁴⁷. Julgamos poder interpretar Bollini, como Rolim, já que na primeira metade do século XVIII - entre 1715, data da sua entrada na Irmandade de S. Lucas, e 1750 - esteve activo em Lisboa um pintor de nome António Pimenta Rolin, que, segundo Cirilo, "pintou tectos nos palacios, e Igrejas de Lisboa, ... era pobre de invenções, e quase se repetia em todas as obras"⁴⁸.

Na sacristia, estão painéis de azulejos historiados, com cenas relativas à fundação da igreja.

As obras e melhoramentos devem ter-se prolongado ainda durante a segunda metade do século XVIII, época a que pertencem os azulejos da nave, com enquadramentos já neoclássicos.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS NEVES, SERRA DE
MONTEJUNTO, Azambuja

A azulejaria que se encontra neste santuário é de diversas épocas e proveniências, devendo ter sido colocada no segundo quartel do século XVIII, época em que se fizeram as obras mais importantes e que corresponde aos tipos de azulejos mais recentes.

Formando frontais de altares e retábulos, estão azulejos de figura avulsa, de pintura azul, com grandes flores.

No topo de uma capela, há um painel de pintura azul, representando a ordenação de um clérigo por um bispo⁴⁹.

O «Senhor Roubado», Odivelas, Lisboa

Este monumento é um dos que mais se liga à devoção popular, característica da época. Curiosamente, o seu autor é precisamente o mesmo António dos Santos, oficial de canteiro, que em 1728 tinha erguido um cruzeiro, no sítio de Buenos Aires, que deu origem à Congregação do Senhor Jesus da Boa Morte e Caridade⁵⁰. O desaparecimento deste impede uma comparação das duas obras, mas não há dúvida que o Crucifixo do remate e o vaso das partículas são obra do próprio canteiro António dos Santos.

A história que está ligada à fundação deste monumento, diz respeito a um tal António Ferreira que, em 1671, roubara os vasos sagrados do Mosteiro de Odivelas e os enterrara neste local. Voltando ao mosteiro a roubar galinhas, foi apanhado e interrogado, vindo a confessar onde se encontravam os objectos roubados. Como castigo, cortaram-lhe as mãos e depois foi garroteado e queimado. No local onde estavam os vasos foi logo erguida uma Cruz, mas com o decorrer dos anos, o acontecimento foi esquecido, até que, como nos conta Luis Montez Mattoso, em 1742, o irmão António dos Santos da referida Congregação da Boa Morte, indo encomendar pedraria para a construção do seu convento, o viu, se interessou pela sua razão de ser naquele local, e decidiu que o acontecimento merecia mais digna comemoração⁵¹.

Já no seu mosteiro, desenhou o projecto do monumento, tendo conseguido autorização para o erguer, tanto do proprietário do terreno, Luis Paulino da Silva e Azevedo, escrivão da Câmara do rei, como das entidades eclesiásticas. A pedra conseguiu-a na pedreira de Paradela, onde se costumava dirigir para obter pedra para o seu convento; dormida, foi-lhe dada, enquanto fazia a obra, na quinta da Condessa de S. Tiago, e o sustento vinha-lhe do próprio mosteiro de Odivelas.

António dos Santos trabalhou no monumento de Maio a Novembro de 1744, vindo o mesmo a ser inaugurado a 5 do mesmo mês. A parte então levantada compreendia apenas o padrão, assente numa pequena plataforma quadrangular, onde está o pedestal, com a inscrição que Luis Montez Mattozo transcreve⁵². O padrão tem forma de pilar, de base quadrangular, à volta da qual estão três bustos de anjos, unidos pela ponta das asas. Na face da frente do pilar, está esculpido um cibório, e, no seu coroamento, está o crucifixo, actualmente protegido por redoma de vidro.

A obra, no entanto, não ficou por aqui, pois o Cardeal D. Tomás de Almeida, no regresso da sua quinta de recreio em Santo Antão do Tojal, ordenou que, com as esmolas dos fiéis, se "cuidasse da cobertura do Senhor"⁵³. Será esta a segunda fase do monumento, que corresponde à construção do baldaquino de pedra, que protege o padrão, certamente obra do mesmo António dos Santos. A parte posterior é fechada, mas o baldaquino assenta em quatro colunas toscanas, sobre

pedestais de perfil curvo, da mesma altura do pedestal do monumento. Sobre as colunas, o entablamento suporta o dossel curvilíneo e com uma pequena cercadura rendilhada, imitando franja, transposição certamente do que na época se fazia a nível da talha dourada. No enfiamento das colunas, quatro urnas com fogaréus, tendo as urnas como elemento decorativo, uma corrente em ziguezague, passada através de argolas. No centro, ao alto, uma escultura representa uma mulher que segura na mão esquerda um cálice e, na direita, uma flor, o que significa a glorificação do Santíssimo Sacramento⁵⁴.

Protegido o monumento, deve-se então ter procedido ao arranjo do recinto, que tem pavimento lajeado, com 10 m de comprimento por 8 m de largura, sendo rebaixado em relação à estrada. Dos lados confinantes com esta, estão muros, sobre os quais assenta gradeamento de ferro. Dois pilares servem de apoio ao gradeamento da frente, tendo o recinto acesso por alguns degraus. Do lado esquerdo, um púlpito de pedra permite a realização de cerimónias religiosas. A parede do fundo, que se eleva a pouco mais de meia altura do monumento, termina num beiral de telha. Aqui se encontra o que consideramos a última campanha de decoração do conjunto, um revestimento azulejar, que consta de um rodapé de azulejos de figura avulsa, do tipo "estrelinha", sobre o qual assentam doze painéis historiados, azuis e brancos, nos quais se conta a história do roubo, até à condenação do seu autor e o regresso dos

vasos, em procissão à sua igreja, sendo cada um dos painéis devidamente numerado e legendado⁵⁵.

Estes azulejos devem, portanto, ser produção do final da década de 40; Santos Simões supõe que terão sido encomendados logo em 1744, data que corresponde aos emolduramentos concheados⁵⁶. Na verdade, mostram uma alteração de gosto, característica da fase inicial do rococó, com molduras ainda recortadas, mas já sem a densidade e a volumetria que caracterizavam a época joanina, feitas à base de palmetas e ornatos sinuosos e leves⁵⁷. Também característico desta época é o aparecimento, entre a parte historiada e o rodapé de figura avulsa, de uma fiada de azulejos amarelos, imitando o marmoreado, que se vai popularizar na época rococó.

Consideramos assim, que a data de 1744 se refere apenas ao monumento, situando-se este revestimento azulejar mais próximo do fim da década⁵⁸.

DISTRITO DE SETÚBAL

Santuário de Nossa Senhora da Atalaia, Montijo

É uma devoção popular característica de toda a região de Setúbal. O pequeno templo, refeito no século XVIII e com acrescentos posteriores, não apresenta grande interesse arquitectónico.

Conserva, no entanto, a talha do altar e a azulejaria que surge na nave e capela-mor. Na nave, o silhar é liso, com emolduramento de anjos e alguns elementos decorativos característicos do rococó. Estão representadas cenas da vida da Virgem. Pelos elementos decorativos, este silhar parece situar-se à volta de 1745. Na capela-mor, há dois painéis, que mostram «Nossa Senhora» e «Jesus no Templo», mas cujas molduras de ornatos barrocos parecem um pouco anteriores, de cerca de 1740.

Existem ainda azulejos revestindo os vãos das portas, além do silhar da tribuna do coro, onde se vêem pequenos painéis de emblemática mariana⁵⁹.

DISTRITO DE PORTALEGRE

Igreja do Senhor do Bonfim, Portalegre

Este santuário fica situado a um quilómetro e meio da cidade e constitui um centro de romarias e festas na região.

Foi mandado edificar, no local do Bonfim de S. Tomé, pelo Bispo de Portalegre, D. Álvaro Pires de Castro Noronha, que lançou a primeira pedra a 21 de Dezembro de 1720, mas sofreu acrescentamentos posteriores.

A fachada principal voltada a nascente tem um pórtico formado por meias colunas com bases e capitéis, suportando um frontão. Acima deste, está um janelão com a data de 1770. Sobre a porta, está um escudete com tiara e três querubins.

A fachada é enquadrada por torres e tem cunhais e cornija de cantaria. A torre direita tem um sino datado de 1724. No coroamento, está um frontão onde se rasga um óculo, decorado com concheados e flores. As torres terminam em eirados com pirâmides e cúpulas cónicas.

A esquerda, sobre uma porta lateral, está uma lápide com a inscrição: "*D. Alvaro Pires de Castro Noronha Bpº de Portgre lançou a pra pedra nesta igrª do Sor do Bomfim de S. Thomé na era de 1721*".

O interior é de nave única, com capela-mor e dois altares laterais. O arco triunfal está revestido de talha dourada e na parte anterior, estão dois nichos com mísulas, com as imagens de «S. Pedro» e «S. Paulo».

Nas paredes que ligam o arco à nave, estão quatro painéis de tela, com passos da Paixão. Junto à cimalha, dois anjos trombeteiros e empunham estandartes. No fecho, está a «Santíssima Trindade em Glória».

As paredes da capela-mor são revestidas de talha dourada e nas paredes estão outros dois painéis, com o «Calvário» e a «Descida da Cruz». O retábulo do altar é tipicamente "joanino", enquadrado por quatro colunas salomónicas, que assentam em mísulas com atlantes; no coroamento, está um frontão segmentar. Os altares laterais são também de talha dourada, com mísulas, cariátides, tabelas e frontões, encimando nichos com imagens de santos. Os arcos das capelas são revestidos com baldaquinos de talha dourada.

A nave é revestida por silhar de azulejos, da época da construção da igreja. Representam também cenas da vida de Cristo. Forrando a parte inferior das janelas, estão anjos ornamentais, tal como à entrada da porta principal. Aqui estão figuras de profetas, devidamente identificados.

Acima dos azulejos, estão painéis pintados, com molduras de talha dourada, representando cenas da infância de Jesus, a «Transfiguração» e a «Ressurreição».

A meio da nave, estão dois púlpitos, com balcões e dosséis de talha dourada. As tribunas têm baldaquinos e lambrequins de talha.

O coro assenta em arco abatido, sustentado por pilastras e com grade de madeira torneada.

A sacristia tem um altar de mármore com colunas salomónicas⁶⁰.

Capelas dos Passos, Elvas, Portalegre

A Procissão dos Passos está documentada em Elvas, desde 1613. Saía da Capela das Chagas, na Sé, e terminava na Ermida do Calvário. Entre 1708 e 1733 não se sabe onde era representado o Calvário. Depois desta última data, a procissão passou a sair da igreja do Colégio, terminando na Sé.

A Ermida do Calvário, que era propriedade da Irmandade das Chagas, em 1737 passou a ter como orago Nossa Senhora da Nazaré, vindo a ser demolida, por razões militares, durante as invasões francesas.

No entanto, patrocínadas também pela Irmandade das Chagas, ficaram cinco capelas dos Passos, espalhadas pela cidade de Elvas.

O acórdão para a sua edificação data de 6 de Novembro de 1724, quando estava à frente da diocese o bispo D. João de Sousa de Castelo Branco. A primeira a ser construída (situada na rua de Alcamim) foi obra do mestre pedreiro Manuel Antunes e estava pronta em 1725. É um pequeno edifício coberto de abóbada de arestas e forrado de azulejos. Estes, como um óleo existente, correspondem à 4ª estação: «Jesus encontra sua Mãe».

A 21 de Julho de 1726, iniciou-se a construção da segunda capela (situada no Largo da Misericórdia). A pintura

a óleo representa a 7ª estação, «Jesus cai pela segunda vez», enquanto os azulejos representam a 8ª estação: «Jesus consola as filhas de Jerusalém».

A 15 de Junho de 1727, foi ajustada a construção da terceira capela com João Cordeiro; (situava-se na Rua da Cadeia, donde foi transferida, em 1961, para o Largo de S. João de Deus). Estava terminada em 1728. O altar, cuja pintura foi substituída por talha actual, representa a «Flagelação de Jesus». Quanto aos azulejos, há dúvidas, parecendo os do lado esquerdo representar «Jerusalém e o funeral de Josias», enquanto os do lado direito são alusivos a David. Para Santos Simões, são azulejos de cerca de 1740, atribuíveis a Bartolomeu Antunes, e representam a «Fuga de David» e a «Batalha de Salomão»⁶¹. A abóbada tem azulejos de estrelas.

Entre 1728 e 1730, foi construída a quarta capela (situada na Rua de Olivença). Nela, azulejos e pintura correspondem à terceira estação, «Jesus cai pela primeira vez».

Finalmente, em 1734, concluiu-se a última capela. Aqui, os azulejos correspondem à 5ª estação - «Cireneu pega na cruz» - e a pintura à 6ª estação - «Verónica limpa o rosto de Jesus». Trata-se de pintura do século XVIII, de António de Sequeira. A abóbada é azulejada, com emblemas da Paixão.

Santos Simões data estes azulejos de cerca de 1750⁶². Parece certo eles datarem dos anos 40/50, e a execução é de Tomás de Barros, residente em Lisboa⁶³.

DISTRITO DE ÉVORA

Santuário de Nossa Senhora de Aires, Viana do

Alentejo

É um dos santuários de peregrinação cuja construção se iniciou durante a época joanina e que veio a ser concluído já no século XIX.

No local, tinha existido uma ermida manuelina, dependente da Ordem de Cristo. A lenda que está associada à existência do santuário, refere que, andando um agricultor de nome Martim Vaqueiro, a lavrar a sua terra, a relha do arado levantou uma caixa na qual se encontrava uma imagem da senhora. O lavrador, que já havia sonhado com aquela imagem, ficou muito impressionado e decidiu construir no local uma ermida, destinada à sua veneração. Esta tradição é confirmada por uma inscrição latina, gravada numa pedra existente sobre a porta principal da actual igreja.

A romaria, que se realiza no 4º domingo de Setembro, tem a duração de três dias e encontra a sua origem igualmente na época joanina. Foram os comerciantes de Évora que a iniciaram, em cumprimento de promessa feita à Virgem, se esta os libertasse de uma epidemia de peste, que grassava na cidade em 1748. Os festejos repetiram-se nos anos seguintes, sendo os romeiros seguidos pelos mercadores, pelo que, já em 1754, um alvará régio concedeu à feira estatuto de feira franca⁶⁴.

A fé na Senhora de Aires ressuscita sempre que o povo alentejano atravessa momentos difíceis, como o prova a

grande procissão de Março de 1992, para que a Senhora acabasse com a seca.

A construção da igreja foi iniciada em 1743⁶⁵, sendo seu autor o Padre João Baptista, oratoriano, pertencente à Congregação de S. Filipe Néri de Estremoz. O projecto terá sido elaborado entre o final de 1742 e os inícios de 1743, sendo a planta apresentada ao arcebispo D. Fr. Miguel de Távora, que se encontrava em repouso em Oriola de Baixo. O superintendente das obras foi o P.^e Francisco de Mira Louro assistido por Honório Brás Dias. A abertura dos alicerces foi iniciada em Junho, tendo então sido descoberto um túmulo⁶⁶. Os materiais vieram de fora: a pedra lavrada de Estremoz e os madeiramentos de Beja. As obras vão decorrendo de 1744 a 1749, sendo atrasadas por doença do Padre João Baptista. O portal foi lavrado sob direcção de Mestre Manuel Antunes⁶⁷, tendo a data de 1755, mas a igreja foi sagrada apenas a 15 de Março de 1760, estando ainda incompletos o pórtico, torres e fachada, só terminados em 1790. Uma segunda sagração teve lugar já nos inícios do século XIX, em 1804, quando da conclusão efectiva das obras⁶⁸.

Tratando-se de uma igreja de peregrinação, não se encontra em ponto elevado, ao cimo de escadório, mas está no mesmo plano do solo, destacando-se pela sua aparente monumentalidade e pela sua volumetria barroca - torres e zimbório - e pela coloração branca e amarela, face a um céu predominantemente azul.

Tal como acontece em relação à Igreja dos Milagres em Leiria, um dos aspectos mais impressionantes desta igreja é a sua falsa monumentalidade, conseguida pela enorme galilé que antecede a fachada, embora na igreja de Leiria o desenvolvimento seja na horizontal, enquanto aqui o desenvolvimento acentua a verticalidade, aliás de acordo com o que é tradicional na arquitectura portuguesa.

A fachada tem aqui três panos, definidos por pilastras de cantaria, correspondendo os dois laterais às torres. O piso inferior é definido pelos arcos de entrada para a galilé, sendo os das torres mais estreitos e menos elevados, enquanto o central é bastante mais amplo. Sobre os arcos das torres, vasados frontal e lateralmente, estão nichos com imagens, coroados por frontão triangular. O segundo piso da galilé compreende cinco janelas de sacada na fachada principal, sendo as extremas nas torres e as outras três no corpo central da fachada. São todas rectangulares, coroadas por frontão triangular, excepto a central, que além de sacada saliente, apresenta coroamento curvilíneo, embora o frontão que encima a moldura de cantaria seja também triangular.

Nas fachadas laterais, ainda dão acesso à galilé dois arcos de volta perfeita, encimados por janelas rectangulares, pelo que à nave da igreja correspondem dois tramos, com janelas rectangulares, uma das quais cega. Um falso transepto, fortemente saliente, liga-se ao corpo da

igreja por ângulos oblíquos, contribuindo para lhe dar expressão barroca.

Todo o edifício é rematado por cornija, sobre a qual assenta uma balaustrada de pedra. Na fachada principal, a cornija eleva-se em arco contracurvado, que penetra no tímpano do frontão, combinação tardia de frontão triangular e curvilíneo, enquanto as torres permanecem ligadas pela balaustrada. Estas têm relógio sob as ventanas e são rematadas também por balaustrada com pináculos nos ângulos, e têm coroamento bulboso.

O tambor da cúpula é poligonal, com janelões separados por volutas, esquema compositivo que se repete, em menor escala, no lanternim.

Para além do branco da cal e do tom mais acinzentado da cantaria, é de notar o sublinhado de algumas cantarias com ocre amarelo, sem dúvida influência da arquitectura vernácula alentejana.

Interiormente, a igreja tem uma só nave, com amplo coro, correspondente à galilé. A capela-mor, autónoma, é de planta sensivelmente circular, decorada com mármore, pinturas e estuques, já do século XIX.

Tem-se aproximado esta igreja de Mafra⁶⁹ e também da Basílica da Estrela⁷⁰, mas, pela data da construção (1743-1790) se alguma semelhança existe entre a basílica da Estrela e a igreja alentejana, será certamente por filiação comum em Mafra, monumento que naturalmente o Padre João Baptista conhecia e que não nos surpreende tenha

influenciado homens como ele, com uma prática architectónica desenvolvida a partir dos modelos eruditos da época joanina.

De qualquer forma, este edifício permanece como um dos mais notáveis exemplos do barroco joanino na província do Alentejo.

Capelas dos Passos, Estremoz

Existiram cinco capelas, das quais uma foi demolida.

Actualmente, restam quatro, todos com azulejos, datáveis de cerca de 1728-30, de boa qualidade pictórica, integrável no ciclo dos Oliveira Bernardes. Na parte superior de cada painel, estão os brasões dos Mesquitas, Azevedos, Gamas e Pimentéis.

Todos os painéis são elucidados por legendas em latim. No «Passo junto ao Hospital da Misericórdia», está representada a porta de um palácio, onde várias mulheres recebem com instrumentos, um grupo de soldados, e uma pilhagem a um templo. No «Passo junto a Santo Agostinho», Santo Elias lançando um manto e outra cena não identificada.

No «Passo junto a S. Francisco», está Adão e Eva e na parte inferior, uma paisagem, e do lado oposto, Sansão destruindo o Templo. No «Passo junto a S. Tiago», cenas relativas a Jesus e David⁷¹.

Capelas dos Passos, Vila Viçosa

Subsistem cinco Passos, que possuíam, no seu interior, retábulos de pintura mural, que foram substituídos pelos actuais, quando da construção dos pórticos de mármore, a partir de 1741, com excepção do da Praça, que já existia.

O contrato foi feito com Bento da Silva e Filipe Marques, canteiros da vila, associados a Simão Pereira de Borba, que levaram pelo trabalho 190000 réis.

O quinto passo, deslocado do seu primitivo local, conserva o painel sobre tela e dois quadros azulejares, um com um grupo de soldados romanos e outro com «Queda de Jesus no caminho do Calvário», obra lisbonense do segundo terço do século XVIII.

O penúltimo Passo conserva-se no local de origem e mostra a fachada revestida de mármore locais, com portal encimado por frontão duplo, nascendo de aletas, volutas e anjo em relevo, tendo uma tabuleta com as «Chagas de Cristo». Acima, a cruz, ladeada por acrotérios pinaculares.

O interior é de planta quadrada, com abóbada de berço decorada com os atributos da Paixão, pintados, e um retábulo com uma tela retocada, representando um Passo do Calvário. Nas paredes, estão painéis de azulejos alusivos à Confraria e «Jesus desfalecido diante das Marias», datáveis de cerca de 1750⁷².

DISTRITO DE FARO

Ermida de S. Lourenço dos Matos, Almansil

Como aconteceu em relação a outros santuários do país, foi um milagre ocorrido em 1722 nesta localidade, quando se procurava água, que determinou a construção desta capela, iniciativa dos mais altos responsáveis do Bispado. Assim, apesar de ser um edifício ligado à devoção popular, apresenta grande qualidade e unidade decorativa.

A ermida tem uma só nave, com arcos laterais, à maneira de altares, cornija saliente, em que assenta uma abóbada de berço, e capela-mor coberta por cúpula de calote esférica, apoiada em pendentives.

O que torna surpreendente este espaço é o facto de a totalidade do interior ser revestida de azulejos, que cobrem as paredes, altares laterais, abóbada, cúpula e respectivos pendentives.

Em 1729, o responsável pela Confraria, e Vigário Geral do Bispado, D. Manuel de Sousa Teixeira, contratou com os irmãos Borges, um residente em Lisboa, e o outro em Faro, o assentamento dos azulejos, adquiridos em Lisboa, ao famoso pintor de azulejos, Policarpo de Oliveira Bernardes. Os azulejos estão datados de 1730, numa cartela, no centro da abóbada, onde surge «S. Lourenço em Glória» e onde também se pode ler o nome do encomendador: "Feito / No anno de 1730 / sendo vigário / geral o R^{do} D^{tor} / M^{el} desouza / Teixeira / Juis dosto". A assinatura do pintor encontra-se sobre a janela: "POLICARPO DE / OLIVEIRA BER^{es} / Pintou esta obra de

azu/leio". No entanto, é provável que haja colaboração de outro pintor nos altares da nave⁷³.

Cada um dos altares representa cenas da vida do mártir S. Lourenço. Sobre os arcos, de cada lado, estão figuras alegóricas: PERSEVERANÇA, LIBERALIDADE e POBREZA, CASTIDADE e OBIDIENCIA, PIEDADE e PACIENCIA, TEMOR DE DEUS e ENTENDIMENTO, HUMILDADE. Interiormente, os altares são enquadrados por cariátides que suportam um coroamento em que volutas, grinaldas e anjinhos enquadram uma cartela com legenda alusiva. No rodapé, poderosas mísulas pintadas em *trompe l'oeil*, onde se encaixa um atlante, enquadram uma moldura circular, formada por motivos em "orelha" ou C, em cujo centro está pintada uma paisagem.

No intradorso dos arcos, enrolam-se em espiral meninos, cachos de uvas e flores, evocando as colunas pseudo-salomónicas de talha. Entre os altares, repetem-se as enormes mísulas, sobre as quais se acocoram outras figuras, que sustentam jarros de flores e novas mísulas, com cabeças de anjinhos, que alcançam a cornija. No coroamento dos arcos, frontões curvos, interrompidos, sobre os quais se reclinam anjos.

Na abóbada, a pintura reflecte influências das pinturas perspectivadas, iniciadas em Portugal por Baccarelli, e difundidas igualmente pelos tratados de Andrea Pozzo. Architecturas ilusionistas entre supostos arcos torais enquadram molduras circulares onde aparece o santo.

Na cúpula, um medalhão central com «S. Lourenço em glória» é o centro donde irradiam balaústres, que se apoiam numa cornija suportada por pilastras radiantes, entre as quais surgem novos balaústres, sobre os quais está uma cabeça de querubim, entre volutas. A presença de azulejos brancos, entre os balaústres azuis, sugere uma iluminação directa da cúpula. Nos pendentos, vêem-se anjos, empunhando símbolos do martírio: a grelha, a palma, a coroa e a grinalda de louros.⁷⁴

A cornija apoia-se em mísulas sobrepostas, onde surgem, esculpidas em talha policroma, cabeças de querubins.

O retábulo do altar é de talha dourada, de estilo joanino, obra do entalhador de Faro, Manuel Martins⁷⁵. Como acontece normalmente no Algarve, o coroamento do altar respeita a forma semicircular, apresentando uma série de arcos concêntricos, de que o exterior é formado por motivos vegetais recortados. Sobre a chave, um pequeno pedestal sobre o qual está um anjo que segura a grelha do martírio. Colunas salomónicas reentrantes, alternando com pilastras, enquadram a tribuna. As colunas assentam em mísulas com anjinhos e, no coroamento das exteriores, estão anjos de pé. A tribuna é enquadrada por um colunelo torso, que termina em arco trilobado, sobre o qual assenta um ático recortado, com uma cartela ao centro. Num trono de vários andares, decorado com anjos e querubins policromos, está a maqujeta em que se encontra a imagem do santo.

A talha dourada contrasta magnificamente com o azulejo, numa combinação que só se pode equiparar à da capela-mor de S. Francisco de Faro.

Na sacristia, um silhar de azulejos com barra de acantos e painéis de vasos floridos. Aqui também se encontra um arcaz provavelmente realizado pelo mesmo entalhador do retábulo, Manuel Martins. Tem gavetões, com o almofadado das portas magnificamente entalhado, e puxadores de bronze. Um alçado também entalhado suporta um nicho central, que encerra a imagem do santo.

Sobre a porta da casa do prior e também sobre a porta exterior da sacristia, surgem pequenos painéis de azulejos recortados.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Alcoutim

É uma pequena capela com escadório, comemorativa das vitórias nas batalhas do Ameixial e de Montes Claros (Guerra da Restauração).

O retábulo do altar-mor é do primeiro quartel do século XVIII, possivelmente mandado fazer pelo Senado da Câmara, que nessa época administrava a ermida. É de tipo "nacional", embora com o coroamento abatido, para se adaptar ao espaço da capela-mor. A tribuna é enquadrada por colunas pseudo-salomónicas, que se continuam no coroamento numa arquivolta semeada de querubins. De cada lado, dois painéis com anjinhos e ornatos barrocos, limitados no exterior por uma pilastra cujo entablamento é também suportado por um anjinho. Na tribuna, está um trono piramidal, com a padroeira, «Nossa Senhora dos Soldados», em maquiqueta *rocaille*⁷⁶.

NOTAS:

- ¹J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- ²Gazeta de Lisboa de 5 de Novembro de 1733; ver anexo documental I
- ³Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Barcelos, Editorial Presença, Lisboa, 1990, «Cidades e Vilas de Portugal», nº 9, pp. 63-65
- ⁴Idem, ibidem, pp. 67-68
- ⁵J. M. dos Santos Simões, Breves notas sobre alguns azulejos de Barcelos, Barcelos, s.d. [1962]; Idem, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 94
- ⁶Carlos Alberto Ferreira de Almeida, op. cit., p. 67
- ⁷Idem, ibidem, p. 69
- ⁸Idem, ibidem, p. 83
- ⁹Idem, ibidem, pp. 68-70
- ¹⁰Idem, ibidem, pp. 67 e 70
- ¹¹Idem, ibidem, pp. 67-68
- ¹²Idem, ibidem, p. 67
- ¹³Maria José Goulão, "Barcelos" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Editorial Presença, Lisboa, 1989
- ¹⁴José Fernandes Pereira, "Peregrinação, Igrejas de" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- ¹⁵Folheto de Lisboa de 22 de Setembro de 1742; ver anexo documental II
- ¹⁶"O Santuário da Senhora do Porto de Ave" in A Descoberta de Portugal, Lisboa, Edições do Reader's Digest, 1982, p. 42
- ¹⁷J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, Elenco, pp. 106
- ¹⁸Folheto de Lisboa, notícia citada; ver anexo documental II.
- ¹⁹Mercúrio Histórico de Lisboa, de 20 de Janeiro de 1743; ver anexo documental II.
- ²⁰J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 106-107
- ²¹J. A. Ferreira de Almeida, (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- ²²Gazeta de Lisboa de 11 de Dezembro de 1742; ver anexo documental III
- ²³"O Convento do Santo Cristo da Fraga" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 166
- ²⁴J. A. Ferreira de Almeida (coordenação), Tesouros Artísticos de Portugal, op. cit.
- ²⁵J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, P. 123
- ²⁶José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 230
- ²⁷Gazeta de Lisboa de 20 de Novembro de 1721; ver anexo documental IV.

²⁸Gazeta de Lisboa de 24 de Dezembro de 1722; ver anexo documental IV.

²⁹A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro: Zona Sul, A.N.B.A., Lisboa, 1959, p. 146

³⁰Dulce Souto, A Originalidade do Barroco de Aveiro, separata de «Aveiro e o seu Distrito», 1967, p. 10

³¹Idem, ibidem; foi o caso de Marques Gomes, Ferreira Neves e Alberto Souto

³²Sobre este assunto, ver o capítulo referente à biblioteca da Universidade de Coimbra (Corte).

³³Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 120

³⁴Idem, ibidem

³⁵A. Nogueira Gonçalves, op. cit., p. 148

³⁶Idem, ibidem

³⁷Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, "Igreja de Santo António dos Olivais" in Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1947, p. 92

³⁸Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", História da Arte em Portugal, vol. 9, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 38-39

³⁹Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, op. cit., p. 93; José Manuel Azevedo e Silva, Santo António dos Olivais, Edição da Paróquia de Santo António dos Olivais, Coimbra, 1994

⁴⁰Gazeta de Lisboa, 1738; ver anexo documental V

⁴¹J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 167

⁴²Horácio Manuel Pereira Bonifácio, "Milagres, Santuário dos" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.

⁴³Não existe uma monografia actualizada sobre esta igreja; ver, no entanto, Sant'Ana Dionísio, Guia de Portugal, vol. 39, Beira Litoral, Beira Baixa, Beira Alta, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1944; e Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Leiria, A.N.B.A., Lisboa, 1955

⁴⁴AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. I, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Junta Distrital de Lisboa, 1962, pp. 18-20

⁴⁵Mercúrio Histórico de Lisboa, de 16 de Setembro de 1747; Gazeta de Lisboa, de 31 de Outubro de 1747; ver anexo documental VI

⁴⁶J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit. Elenco, p. 179

⁴⁷Idem, ibidem, Elenco, p. 179, nota 153

⁴⁸Cyrillo Volkmar Machado, Colleção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 145

⁴⁹J.M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit. Elenco, p. 181

⁵⁰João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, Tomo 29, Parte III e IV, 3ª ed., Lisboa, 1870, p. 55

⁵¹Luiz Montez Mattozo, História do Senhor Roubado de Odivelas, Lisboa, MDCCXLV; ver anexo documental VII

⁵²Idem, ibidem; ver anexo documental VII

⁵³Idem, ibidem; ver anexo documental VII

- ⁵⁴Maria Máxima Vaz, "Património Histórico-artístico" in Loures, Tradição e Mudança, Serviços Culturais do Município de Loures, I vol., 1986, pp. 131-133
- ⁵⁵AA.VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, III, Mafra, Loures e Vila Franca de Xira, Junta Distrital de Lisboa, 1963, pp. 64-65
- ⁵⁶J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 298
- ⁵⁷José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 236
- ⁵⁸Sobre este monumento, ver também: Mário Guedes Real, "O Senhor Roubado", in Boletim da Junta Distrital de Lisboa, LIII-LIV, Janeiro / Dezembro de 1960, pp. 65-94
- ⁵⁹J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 371
- ⁶⁰Luis Keil, "Igreja do Senhor do Bonfim" in Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943, pp. 146-147
- ⁶¹J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, p. 388
- ⁶²Idem, ibidem, p. 388
- ⁶³Amílcar F. Morgado, Capelas dos Passos, Elvas, Câmara Municipal de Elvas, Caderno Cultural 1, 1990
- ⁶⁴"Entre a feira e o santuário" in A Descoberta de Portugal, op. cit., p. 422
- ⁶⁵Nelson Correia Borges, "Do Barroco ao Rococó", História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, vol. 9, p. 26
- ⁶⁶segundo Fr. Cláudio da Conceição, que relativamente ao ano de 1743 afirma: "No dia 6 de Julho, abrindo-se os alicerces para a nova Capella Mor da Igreja de Nossa Senhora de Ayres no Arcebispado de Évora, se descobriu um túmulo..." in Gabinete Histórico, Tomo IX - 1730-1745, Lisboa, 1823
- ⁶⁷Possivelmente o mesmo que encontrámos a trabalhar nas Capelas dos Passos de Elvas.
- ⁶⁸Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Tomo VIII, I vol., Distrito de Évora, Lisboa, A.N.B.A., 1975
- ⁶⁹Nelson Correia Borges, op. cit., p. 25
- ⁷⁰Paulo Pereira, "Baptista, P.^e João" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.
- ⁷¹J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 402-403
- ⁷²Túlio Espanca, "Vila Viçosa, Estações da Via Sacra" in Inventário Artístico de Portugal, IX, Distrito de Évora, Lisboa, A.N.B.A., 1978
- ⁷³José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit. pp. 165-166 e 225
- ⁷⁴Sobre os azulejos de Almansil, ver: J. M. dos Santos Simões, "Excertos de um estudo inédito. II - Os notáveis azulejos da igreja de São Lourenço de Almancil e da capela de Nossa Senhora da Conceição de Loulé" in Correio do Sul, Faro, 28 de Julho de 1949, p. 1; idem, Azulejaria em Portugal no século XVIII, op. cit., Elenco, pp. 430-431; Luisa d'Orey Capucho Arruda, "Almansil, S. Lourenço (azulejos)" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.

⁷⁵Francisco I. C. Lameira, Itinerário do Barroco no Algarve,
Faro, 1988, pp. 28-29

⁷⁶Idem, ibidem, p. 23

Festas religiosas promovidas a nível local

Fora da Corte, e para além das festas promovidas por ordens religiosas, também se realizaram procissões e outras celebrações de carácter religioso, que implicaram quer a transformação do espaço urbano, quer do interior das igrejas.

Algumas destas festas tinham ocasiões pre-determinadas e repetiam-se anualmente, embora nem de todas nos tivesse ficado testemunho escrito. É o caso de festas, como a de Corpo de Deus, geralmente celebrada por magnífica procissão, ou a de Santo António, que se traduzia normalmente por uma novena.

Outros acontecimentos podiam motivar celebrações locais, de natureza mais diversa.

Da pesquisa que efectuámos, embora não exhaustivamente, mas que registamos a título exemplificativo, de forma abreviada, e constituindo um tema em aberto, concluímos que seguiam exactamente os modelos das festas promovidas quer pela Corte, quer por instituições de carácter religioso.

Assim a trasladação dos ossos de S. João Marcos, bispo de Atina e apóstolo da Celtibéria, decorreu ao longo de seis dias e ficou registada num opúsculo da autoria de José Freire de Monterroio Mascarenhas, em 1718.

As celebrações iniciaram-se por uma procissão em que sagrado e profano se misturam, com máscaras e vários carros

"ao burlesco", com a representação alegórica dos 12 meses do ano.

No dia seguinte, tiveram lugar escaramuças e "desenfados de argolinha" e procedeu-se à abertura do túmulo.

Ao outro dia, repetiram-se as escaramuças e carreiras e realizou-se nova procissão. Nos três dias seguintes, celebrou-se missa, destacando-se a do primeiro dia, de carácter solene e em cujo sermão houve referência aos milagres do Santo.

Uma aspecto que sobressai destes festejos é o quase domínio do profano sobre o sagrado¹.

A Procissão do Corpo de Deus é das mais importantes que se realizaram, repetindo-se por todo o país. É certo que a que tinha lugar em Lisboa revestia maior imponência e contava com a protecção do rei, mas na verdade, ela era da competência do Senado. De notar que entre 1717 e 1741, período durante o qual Lisboa estava dividida em Ocidental e Oriental, se realizavam duas procissões, embora a de maior importância e espectacularidade fosse a de Lisboa Ocidental, onde residia a Corte. Remontava à Idade Média, mas tomou especial importância a partir do século XVI. Com a vinda da Corte para o palácio da Ribeira, a procissão passou então a sair da Capela Real, elevada a Patriarcal, como vimos, na época joanina.

As ruas por onde passava eram completamente transformadas, mantendo-se limpas, cobertas de flores, com colchas e outros panejamentos nas janelas e, além disso, eram cobertas com toldos, que deviam ser lavados antes de se colocarem e ser bem esticados². Na célebre procissão de 1719, os toldos eram decorados com ouro e seda e deles pendiam vinte e quatro medalhas douradas, com tafetás carmesins e franjas de ouro, presas com galões, também de ouro³. Estes toldos eram seguros por mastros.

As ruas eram decoradas de acordo com a sua importância. Assim, nesse mesmo ano decoravam a Rua Nova "cento e quarenta e nove columnas e pedestaes de marmore...Todas estas columnas se cobriam de sedas lavradas, lós preciosos e télas brilhantes guarnecidas de passamanes de ouro e galões de prata, e nas traves que sobre as mesmas columnas sustentavam as faces exteriores das casas, se ornaram com sanefas e panos bordados..."⁴.

Construíam-se diversas architecturas efémeras, desde os altares em que havia missas ou apenas o Santíssimo repousava, aos arcos de triunfo, palcos para a representação de comédias, pantominas e danças e palanques e estrados para a assistência.

Os arcos de triunfo eram normalmente da responsabilidade dos mesteres, mas também podiam ser da responsabilidade de um particular. Por exemplo, em 1719, o Cardeal da Cunha "armou um soberbo arco que servia de entrada à rua da Bitesga⁵.

Além disso, podiam surgir outras construções efémeras, como a que foi feita no Terreiro do Paço, igualmente em 1719, que tinha sessenta e uma colunas, catorze pilares, quatro fachadas, decorada com cinquenta e duas medalhas, pirâmides, painéis pintados, cortinas, tecidos e pinturas⁶. Estas construções eram feitas com grande rapidez e, embora o rei tomasse várias disposições relativamente à festa, era o Senado que arcava com as despesas, que por vezes quase o arruinavam⁷.

A festa era acompanhada por luminárias e fogo de artifício e pelo som dos sinos de todos os conventos e igrejas que alegremente repicavam, a que se acrescentavam salvas de artilharia das naus que estavam no Tejo, dos batalhões dos regimentos e das fortalezas da barra⁸.

Sendo uma manifestação de carácter essencialmente religioso, esta procissão assumiu significado político, na medida em que o rei nela participa, activamente, já que, à porta da Patriarcal, ele e os infantes, assim como o presidente do Senado da Câmara pegavam nas varas do pátio, da mão do Cardeal Patriarca, e à porta do pátio então entregavam-nas a oito cavaleiros que iam sendo revezados.

D. João V procurou ainda - e certamente de acordo com o seu objectivo de fazer de todas as manifestações religiosas formas de homenagear também o carácter absoluto do poder real - retirar da procissão do Corpo de Deus tudo o que a ligava ao imaginário popular, como tourinhas, gigantes, mouros, os carros dos tanoeiros e hortelões e a

serpente e o dragão, tradicionalmente presentes. Em compensação deu-lhe mais pompa e fausto, pelas construções efémeras e outros aspectos que a tornavam um espectáculo, em que o povo já não participava, mas a que assistia, com a seriedade que uma cerimónia simultaneamente religiosa e oficial impunha.

Em 1729, as festas de Corpo de Deus, celebradas em Braga, prolongaram-se por vários dias e mereceram também a publicação de um opúsculo, em saborosa linguagem barroca, da autoria do Padre José Leite da Costa. Além da costumada procissão, houve repiques, luminárias, danças e representações⁹.

Também em Braga, em 1733, foram notáveis as festas do Triunfo Eucarístico, em honra do Santíssimo Sacramento, igualmente registadas em opúsculo impresso.

De início, realizou-se a costumada procissão a que se seguiu um tríduo festivo. As igrejas foram iluminadas, destacando-se a fachada da Sé. Ao longo dos três dias, houve música, sermões, bailes e fogo de artifício. De salientar, o Baile do Triunfo, representado em dois carros, em que David alcançou Golias. Também cinco carros alegóricos ilustravam um passo da Sagrada Escritura.¹⁰ Nesta festa mais uma vez se nota a fusão de festejos profanos com motivações de ordem religiosa.

Também no ano de 1733, a paróquia de S. Miguel de Barreiros, situada em Couto de Leça (Maia), realizou uma procissão comemorativa de indulgências, em honra de Nossa

Senhora do Bom Despacho. O relato desta procissão deve-se ao padre Luis de Oliveira Alvim, abade de S. Miguel de Barreiros, entre 1729 e 1746.

Segundo nos diz o mesmo abade, para a festa, "a Igrã ricamente se armou e se compozerão perfeitam.^{te} os Altares de Damascos".

Para além da procissão realizou-se uma novena, "descarregandosse em todos os noves dias varias roqueyras de fogo...".

A procissão constava de "nove bem vistosos e compostos andores, era hum o do Principe e glorioso Archanjo S. Miguel ... todo cuberto de milania br.^{ca} em q. bem luzia a prata e sobresahia a franja de ouro q. em vasos dourados o compunhão...

...Era outro o do Glorioso S. Roque todo de clarão encarnado em q. bem brilhavaõ os ramos de ouro q. em cima delle se dibuxavaõ, e outros de flores q. nos cantos o ornavaõ...".

"O outro era o de N. S^{ra} do Bom Despacho q. deo o Reverendo Vicente Gramaxo cavallr.^o profeço da Ordem de Xpto. Juiz da Confrã da d.^{ta} S. ^{ra} o qual era todo de talha preciosa dourada, e nella tinha emgastadas varias pedras como esmeraldas, rubins e outras mais vistosas q. ornavão aq.^{lle} trono de ouro, com prodigiosos e ricos ramos de flores e em vasos dourados...".

Para além dos andores, iam dois anjos, lançando flores de salvas de prata, mais três figuras, representando

Roma, Barreiros e a Fama, "cada hua montada em seu cavalo bizarramente emfeitados, e custosam.^{te} agisados, e as figuras ricam.^{te} vestidas e embuçadas à trágica com bellos cortes de ssedas de ouro, e prata...".

O percurso da procissão seguiu pelos lugares de Barreiros, Souto, Viso, Estrada, Brandinhais, Barroco, Outeiro, Recamunde e Jarissa, "em cujos sittios assim o R.^{do} Juiz, e B.^{do} da Grã, às suas portas, e mais freguezes se esmeraraõ com todo o capricho a guarnecer oito bem feitos arcos, e a fazer outros oito perfeitos altares com prodigiosas Imagens de Crucifixos, e outras q. sahiraõ dos d.^{as} sittios a festejar e a ver a Maria Srã q. por elles passava, nos quais se não viaõ montes mas sim vistosas ruas de bellos lançois de custo, Drogas Damascos, primaveras, bandr.^{as} e outras admiraveis alfayas tudo alcatifado de varios cheyros...".

A procissão era acompanhada de mais de sessenta insígnias, entre guiões, estandartes e cruces. Os acompanhantes são minuciosamente referidos.

No sábado seguinte, celebraram-se exéquias pelos irmãos defuntos, com a presença de dois irmãos eclesiásticos para cantar o Evangelho e Epístola e outros dois "pã assistir com dois Theribulos de prata cada hu de cada p:e da essia asseada e q. se fes bem composta assim de cera como de ramos de prata, e franja abaixo da Capella mor com seu pano de veludo...". Assina o relato, datado de 27 de Julho de 1733, o pároco Luis de Oliveira Alvim¹¹.

Para além do fogo de artifício, das ruas atapetadas de flores e das janelas enfeitadas de damascos e bandeiras, esta procissão implicou todo um conjunto de adereços efémeros, desde a armação dos altares no interior da igreja aos andores, e, sobretudo, aos arcos e altares erguidos nos lugares por onde a procissão passou.

Para as exéquias celebradas no sábado a seguir à procissão, foi ainda montada uma eça, no interior da igreja.

As gazetas também nos transmitem algumas informações sobre festejos deste tipo. Foram notáveis, segundo a «Gazeta de Lisboa» de 10 de Julho de 1738, os festejos em honra de Santo António, realizados em Bragança, a que acorreu "grande parte da Nobreza da Provincia de Traz os Montes". No dia 14, houve uma procissão de triunfo, que saiu da igreja de Santa Maria, com seis figuras a cavalo, "gravissimamente vestidas à tragica", dois carros triunfais com música, dezoito danças, doze andores com imagens devotas, sendo a última a do santo. As festas prolongaram-se por catorze dias, durante os quais houve sermões - parte religiosa da festa - muitas comédias e muito fogo de artifício - parte profana, sem dúvida a mais importante.¹²

A mesma fusão entre sagrado e profano se encontra noutro ponto do país, a cidade de Portalegre, onde, de acordo com o «Mercúrio Histórico de Lisboa» de 25 de Setembro de 1745, se tinham comemorado ao longo de três dias, as celebrações em honra de Nossa Senhora da Anunciada,

também com um lado profano, que compreendeu comédias, touros e encamisadas, culminando os festejos religiosos com uma procissão de vinte e duas figuras a cavalo, mais de trinta de pé e muitos andores¹³.

Uma procissão que se realizava em todo o país e anualmente se repetia, como vimos anteriormente, era a de Corpo de Deus, que consoante a sua importância, ou oportunidade, podia ou não ser objecto de notícia. É este o caso da procissão que se realizou em Braga em Agosto de 1749, e que saiu da igreja de S. Vitor, percorrendo as ruas costumadas, com três bailes de triunfo, danças e seis andores. A véspera do acontecimento tinha ficado assinalada por uma sessão de fogo de artifício, no Campo de Santana, para o que se tinham construído dois castelos de madeira, que arderam ao mesmo tempo¹⁴.

Era mais uma vez a arquitectura efémera ligada à pirotecnia, um dos efeitos mais originais da integração das artes no período barroco.

Também nas zonas de colonização portuguesa se realizaram festas, que agora se começam a inventariar e a publicar. Uma das regiões em que as festas revestiram especial importância, foi o Brasil, onde era sobretudo a Igreja a entidade que as promovia.

As festas organizadas na Capitania de S. Paulo no século XVIII, foram objecto de estudos recentes¹⁵.

Havia festas religiosas que se repetiam anualmente, como as do Anjo Custódio (terceiro domingo de Julho), de Santa Isabel ou da Visitação (2 de Julho), de S. Jorge, de S. Sebastião (20 de Janeiro), de S. Francisco de Bórgia (esta depois do Terramoto), da Bula da Santa Cruzada, do Patrocínio de Nossa Senhora (também depois do Terramoto) e do Corpo de Deus, que se destacava pelo brilho e pompa dos trajes. Além destas, havia ainda as festas em honra dos santos padroeiros das diferentes cidades.

Estas procissão eram acompanhadas de divertimentos populares, nomeadamente de máscaras, usadas em danças, entremeses e alardes, as quais deviam ser objecto de autorização prévia das autoridades da capitania¹⁶.

Antes das festas, o Capitão General ou a Câmara local determinavam que os habitantes caiassem as fachadas das casas, limpassem as ruas e até as pavimentassem, iluminassem as casas à noite. Estas luminárias eram bem modestas, pois se limitavam a pequenos pratos ou tijelas de barro, com cera ou azeite e uma torcida de algodão, que eram colocados às janelas¹⁷.

Tal como na metrópole, as festas eram acompanhadas por salvas de artilharia e fogos de artifício, e de música, que acompanhava as missas cantadas.¹⁸

As procissões nunca alcançavam a riqueza e pompa que tinham na metrópole e, em particular na cidade de S. Paulo, eram bastante modestas.

No entanto, a de Corpo de Deus, já contava com uma série de figuras, sobretudo na "cavalgada de S. Jorge": aí um cavaleiro chamado "casaca de Ferro" envergava uma armadura de papelão pintado e levava uma bandeirola vermelha com uma cruz branca ao centro; seguiam-no dois cavaleiros negros, envergando calções amarelos, coletes vermelhos, capas agaloadas da mesma cor e chapéus com plumas na cabeça. Um tocava clarim e outro tangia dois timbales. Seguiam-se os cavalos de estado e, finalmente, vinha S. Jorge, um guerreiro de cara redonda com bigodes retorcidos e olhos arregalados, vestindo arnês de ferro (em madeira pintada), capa de veludo carmesim com galões, chapéu de pluma branca e lança em riste¹⁹.

Além das festas obrigatórias já referidas, podiam ainda referir-se as procissões de Cinzas, do Senhor dos Passos e do Enterro. Esta era a que apresentava igualmente uma encenação teatral, vestindo-se os que carregavam o caixão com as cabeças enfeitadas de amictos, e sendo acompanhados pelas Três Marias, vestidas de acordo e cantando, além de um batalhão trajando como legionários romanos e precedidos de um centurião²⁰.

Festejavam-se também os santos populares de Junho, com fogueiras, danças e comidas, assim como a festa das Onze mil Virgens, que assumia carácter essencialmente profano²¹.

A mais célebre procissão realizada no Brasil colonial foi talvez a da trasladação do Santíssimo Sacramento da igreja do Rosário para a de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica (Ouro Preto), em 1733. Esta foi objecto de um relato intitulado *Triunfo Eucarístico*, publicado em Lisboa, em 1734.

A festa foi anunciada ao povo por várias máscaras desde fins de Abril até 3 de Maio. Nos dias que se seguiram houve danças e máscaras durante o dia e música à noite, espectáculos que duraram até 24 de Maio, dia da trasladação do Santíssimo.

Por ordem do Senado da Câmara, os moradores da cidade colaboraram com seis dias de luminárias.

A procissão foi aberta com um desfile representando a «dança dos turcos e cristãos», num total de trinta e duas figuras, vestidas de soldados, comandadas por um imperador e um alferes, conduzidos em dois carros "de excelente pintura" dentro dos quais vários músicos tocavam os seus instrumentos. Seguia-se a «dança dos romeiros» e outra em que dois carros imitavam a luta de um cavaleiro com uma serpente. No desfile, participavam ainda «os quatro ventos», que seguiam a cavalo, «os sete planetas», que rodeavam Vénus "em um carro triunfante do feitio de uma concha", ninfas, estrelas, etc., todos se destacando pelo luxo da sua

indumentária. Outras figuras alegóricas eram a Fama, que declamava poemas, a figura alegórica do bairro de Ouro Preto, onde estava situada a nova igreja; e também um alemão, vestido "à castelhana", que tocava clarim e os negros tocando charamelas.

A este cortejo profano, seguia-se o religioso, constituído pelas Irmandades: a do Santíssimo Sacramento, a dos Pardos da capela de S. José, a da Senhora do Rosário dos Pretos, a de Santo António de Lisboa, a das Almas e S. Miguel, a da Senhora do Rosário conhecida como Terço dos Brancos, a da Senhora do Pilar e a da Senhora da Conceição. Depois vinha um conde, toda a nobreza militar e literária da Vila mais o Senado.

A festa foi completada por fogos de artifício, "três dias de cavalhadas, três dias de comédias de noite e três touradas de tarde".

Nestes festejos, houve necessidade de construções efémeras: assim para as cavalhadas e corridas de touros construiu-se um curro, e para a representação teatral ergueu-se um tablado junto da igreja. As comédias foram «El secreto a voces», «El principe prodigiosos» e «El amo criado».

O governador ofereceu banquetes "a todas as pessoas nobres, e de distinção, seculares e eclesiásticos" e nas casas onde ele se instalou ouviram-se serenatas "de boas músicas e bem vestidas figuras".

Esta feste diferiu de todas as outras que se realizaram no Brasil colonial não propriamente pela diversidade de manifestações, mas pela sua riqueza e espectacularidade²².

Todos os autores que estudaram a festa, nomeadamente na capitania de S. Paulo e em Minas, que desta se separou em 1720, acentuaram que, nestas festas, participavam todos os grupos sociais e elas eram da responsabilidade da Câmara local e do Governo da Capitania, sendo obrigatória a assistência às procissões e o seu não cumprimento implicava multas e até prisão. Esta coacção é uma forma de imposição dos poderes temporal e espiritual, abrangendo todos os grupos sociais.

No entanto, no caso particular das festas das confrarias de negros, que se congregaram no culto a Nossa Senhora do Rosário, estas foram uma forma de dignificação dos escravos como pessoas humanas, garantindo-lhes o enterramento, e ao mesmo tempo, permitindo a sobrevivência de rituais pagãos africanos que eram incorporados nas celebrações cristãs²³.

NOTAS:

- ¹J. F. M. M., Noticia da Trasladaçam dos ossos do glorioso S. Joam Marcos, Bispo de Attina, apostolo de Celtiberia, Lisboa Occidental, Na Officina de Pascoal da Sylva, MDCCXVIII (B. N. Lxã HG 5912 P)
- ²E. Freire de Oliveira, Elementos para a História do Município de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1888-1911, vol. XI, pp. 589-590
- ³Inácio Barbosa Machado, Historia Critico Chronologica da Instituição da Festa, Procissam, e Officio do Corpo Santissimo de Cristo, Lisboa, 1759
- ⁴Idem, ibidem, p. 164
- ⁵Idem, p. 164
- ⁶Idem, p. 159
- ⁷Helena Pinto Janeiro, "A Procissão do Corpo de Deus na Lisboa Barroca - O Espaço e o Poder" in Arqueologia do Estado, 1ªs Jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, Séculos XIII-XVIII, Lisboa, História & Crítica, 1988, pp. 731-732
- ⁸Idem, ibidem, p. 730
- ⁹Padre José Leite da Costa, Dezempenho festivo ou triumphal aparato com que os illustres Bracharenses, pelas ruas da Augusta Braga, tirarão a publico o Eucharistico Manná da Ley de Graça, Epilogo de maravilhas saboroso sustento de Angelicos Espiritos, & soberano corpo de Christo sacramentado, Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Anno de 1729 (B.N. Lxã, R. 17131 P.; HG 1969 P.)
- ¹⁰Prologetica Noticia do Eucharistico Triunfo com que a Augusta Braga se desempenha para mayor veneração do Ss. Sacramento, Coimbra, Na Officina de Antonio Simoens Ferreyra, Anno de 1733 (B.N. Lxã R. 22127⁶ P.)
- ¹¹Luis de Oliveira Alvim, Memoria que duma Procissão feita no anno de 1733 deixou..., Com razões e notas do P.^e Ernesto Domingues da Silva, Gaia, Sociedade Editorial Pátria, 1935
- ¹²Gazeta de Lisboa de 10 de Julho de 1738
- ¹³Mercurio Historico de Lisboa de 25 de Setembro de 1745 - "Alem-Tejo, Portalegre, 15 de Setembro: As festas de N. Senhora da Anunciada se celebrarão nesta cidade em 3 dias continuos no principio deste mez com comedias, touros, e encamizadas, e no fim com huma magnifica procissam composta de 22 figuras de cavalo, trinta e tantas de pé ricamente ornadas e muytos andores...".
- ¹⁴Mercurio Historico de Lisboa, "Sabbado, 16 de Agosto de 1749 - Braga, 7 de Agosto: No Domingo 3 do corrente celebraram os confrades do s^{mo} Sacramento da Parroquial Igreja de S. Vitor a festa do Corpo de Deos com huma

(12 vol.)
solemne, e magestoza procissam de tarde pelas ruas costumadas desta cidade composta de 3 bayles de triumpho, algumas danças e 6 andores primorozam.^{te} adornados. Na vespera à noyte tinha havido hum vistozo fogo no Campo de S. Anna, em que se achavam dous castellos fabricados de madeyra pintados, e todos guarneccidos de fogo artificial de varias invençoens, ardendo ambos ao mesmo tepo..."

¹⁵Hercília Mara Facuri Coelho Lambert, "Festa Política: a face visível do poder" e Cecília Maria Westphalen e Altiya Pilatti Balhana, "Festas na Capitania de S. Paulo, 1710-1822", Comunicações apresentadas no VIII Congresso Internacional A Festa, Lisboa, 18 a 22 de Novembro de 1992, vol. I, pp. 77-90 e pp. 95-114

¹⁶Cecilia Maria Westphalen e Altiya Pilatti Balhana, op. cit., p. 100

¹⁷Idem, ibidem, p. 102

¹⁸Idem, ibidem, pp. 102-103

¹⁹Dulce Pamplona Guimarães, "A Festa do Colonizado: aspectos das Comemorações brasileiras do século XVIII" in A Festa, op. cit. pp. 148-149

²⁰Idem, ibidem, p. 149

²¹Idem, ibidem, pp. 149-152

²²Dulce M. Pamplona Guimarães, "A Festa do colonizado: aspectos das Comemorações Brasileiras do Século XVIII", pp. 148-150 e Maria Beatriz Nizza da Silva, "O sagrado e o profano nas Festas do Brasil Colonial", pp.159-161 in A Festa, op. cit.

²³Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta, "O Escravo nas Praças: A Festa Religiosa das Confrarias do Brasil no século XVIII" in A Festa, op. cit., pp. 121-141

